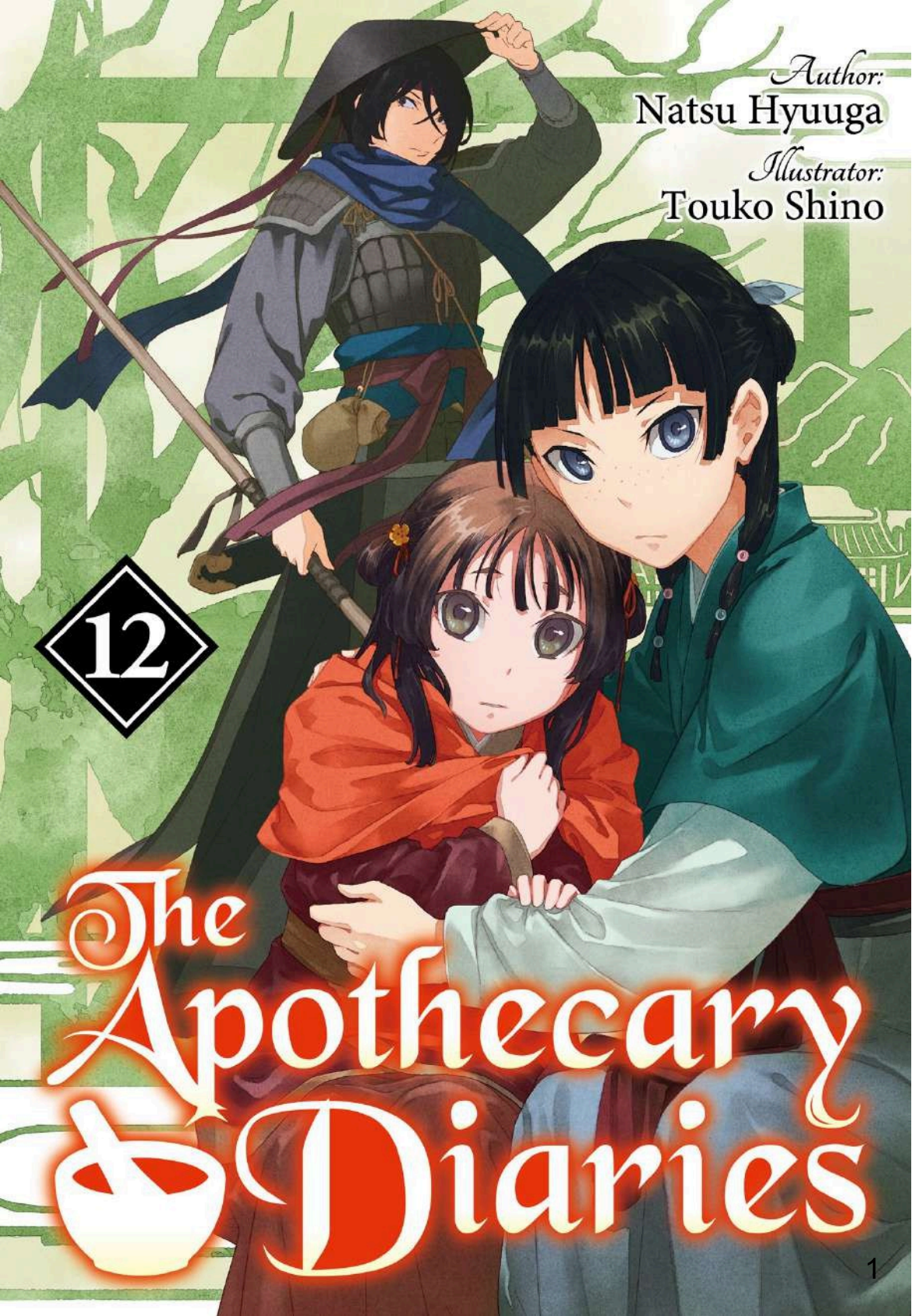

Author:
Natsu Hyuuga
Illustrator:
Touko Shino
12
The Apothecary Diaries

# Índice

Capa
Ilustrações Coloridas Perfis de Personagens
Introdução
Prólogo
Capítulo 1: O Príncipe da Casa Principal
Capítulo 2: A Estufa e a Capela
Capítulo 3: Os Filhos de Gyoku-ou
Capítulo 4: A Esposa Protegida
Capítulo 5: Terceiro Filho, Segundo Filho, Filho Mais Velho
Capítulo 6: A Vinícola
Capítulo 7: A Herança
Capítulo 8: Junjie
Capítulo 9: A Garota Estrangeira
Capítulo 10: Paciente de Emergência, Situação de Emergência
Capítulo 11: A Cidade da Pousada do Sul
Capítulo 12: O Reino do Povo Ri
Capítulo 13: O Biaoshi
Capítulo 14: Disfarce
Capítulo 15: Prioridades
Capítulo 16: O Mentiroso

Capítulo 17: Uma Cidade de Fé
Capítulo 18: O Esconderijo dos Bandidos
Capítulo 19: A Vila dos Bandidos (Parte Um)
Capítulo 20: A Vila dos Bandidos (Parte Dois)
Capítulo 21: Servindo o Jantar

Capítulo 22: Como as Coisas Acabaram
Capítulo 23: O Caminho para Casa
Capítulo 24: Uma Besta Ferida
Capítulo 25: O Pequeno Pardal Feio
Capítulo 26: Homem e Mulher
Capítulo 27: Mestre e Aluno
Capítulo 28: Sono Profundo
Capítulo 29: O Compromisso
Capítulo 30: Crescimento
Epílogo
Bônus Notas do Tradutor Sobre os Direitos Autorais

Perfis de Personagens

Maomao

Anteriormente uma boticária no distrito de prazeres. Depois de uma temporada no palácio traseiro e depois na corte imperial, ela agora se encontra como assistente dos médicos na capital ocidental. Ela é completamente obcecada por remédios e venenos, mas não consegue colocar as mãos em muitos deles em sua localização atual. Ela tenta cuidar de sua própria posição, mesmo quando os eventos a levam junto. Vinte anos de idade.

Jinshi

O irmão mais novo do Imperador. Ele é um jovem tão bonito quanto uma ninfa celestial. Com Gyoku-ou morto, o perigo se reuniu ao seu redor. Rikuson em particular impõe muito trabalho a ele, e Jinshi está ansioso para se vingar dele algum dia. Ele não tem uma opinião muito alta de si mesmo, mas tem tudo o que precisa para ser um excelente político em um mundo pacífico. Nome verdadeiro: Ka Zuigetsu. Vinte e um anos de idade.

Basen

Filho de Gaoshun e assistente de Jinshi. Ele não sente dor tão intensamente quanto a maioria das pessoas, o que lhe dá limites físicos muito maiores do que a maioria. Desde que chegou à capital ocidental, ele frequentemente trabalha com seu pai, mas como raramente vê seus pais juntos, a

experiência pode deixá-lo um pouco nervoso.
Guardião do pato Jofu. Vinte e um anos.

Chue
Esposa do filho de Gaoshun, Baryou. Um enigma envolto em um enigma envolto em um palhaço, ela geralmente anda no ritmo de seu próprio tambor. Ela é a dama de companhia de Jinshi, mas parece que ela pode servir a outro mestre.

Lihaku
Um soldado. Ele acompanha Maomao à capital ocidental como seu guarda-costas. Ele é um cara amigável, como um grande vira-lata, mas não poupa crueldade quando algo tem

que ser feito.

Irmão de Lahan
Irmão mais velho do filho adotivo de Lakan, Lahan. Ele é realmente uma pessoa muito capaz, mas como não percebe isso, ele sempre parece levar a pior. Tem-se a sensação de que estamos prestes a descobrir seu nome verdadeiro.

O Quack Doctor
Um eunuco. Ele costumava servir no palácio traseiro, mas não é particularmente habilidoso e tem se virado principalmente com a sorte. Uma coisa em que ele é bom é em apaziguar as pessoas ao seu redor. Ele é a arma anti-La-clan definitiva.

Gaoshun
Pai de Basen, um soldado bem constituído e antigo guarda de Jinshi. Ele acompanha Jinshi à capital ocidental como seu guarda, junto com sua esposa Taomei, então eles estão frequentemente juntos — algo que parece incomodar seus dois filhos.

Lakan
Pai biológico de Maomao e sobrinho de Luomen. Essa aberração com monóculo adora Maomao, mas tudo parece sair pela culatra para ele. Ele é um zero ou um herói a qualquer momento, mas se você tentar usá-lo e estragar tudo, não há como dizer o que ele pode fazer.

Rikuson
Antes ajudante de Lakan, ele agora serve na capital ocidental. Ele tem memória fotográfica para rostos de pessoas. Na verdade, ele é um sobrevivente do clã Yi, que de outra forma foi exterminado, e secretamente exigiu vingança por sua família. Concluir o trabalho de sua vida parece tê-lo ajudado a relaxar, e agora ele passa seu tempo atormentando o irmão mais novo do Imperador.

Gyokuen
Pai da Imperatriz Gyokuyou. Oficialmente o líder da capital ocidental, mas quando sua filha ascendeu ao trono, ele se mudou para a capital real. Ele deixou Gyoku-ou como governador interino da capital ocidental, mas enviou Rikuson para atuar como seu ajudante.

Gyoku-ou

Filho mais velho de Gyokuen e meio-irmão da Imperatriz Gyokuyou. Com seu pai fora, ele liderou a capital ocidental. Ele teve um tremendo apoio lá, mas ignorou Jinshi. Sua tendência de deixar sua xenofobia se misturar em sua política levou ao seu assassinato.

Suiren
A dama de companhia de Jinshi e ex-ama de leite. Pelo bem de Jinshi, ela vai para a capital ocidental, apesar da idade.

Baryou
Filho de Gaoshun e irmão mais velho de Basen. Ele rapidamente desenvolve uma doença estomacal quando confrontado com outro ser humano. Se dá bem com o pato.

Vice-ministro Lu
Segundo em comando no Conselho de Ritos. Ele acompanha Jinshi para a capital ocidental. Tio do colega de Maomao, Yao.

Jofu
Um pato branco comum com uma mancha escura no bico. Ela começou a vida como um ovo chocado por Lishu, mas desde o momento em que viu Basen, eles se tornaram inseparáveis
—tão inseparáveis que ela até veio com ele para a capital ocidental. Jofu sabe como se dar bem no mundo e pode encontrar comida em qualquer lugar

que esteja.

Imperatriz Gyokuyou
A esposa legal do imperador e uma beldade exótica com cabelos ruivos e olhos verdes. Ela é da capital ocidental, mas tem sentimentos complicados sobre seu meio-irmão. Vinte e dois anos.

Dahai
Terceiro filho de Gyokuen. Ele é responsável pelo transporte marítimo na capital ocidental.

Shikyou
Filho mais velho de Gyoku-ou. Vinte e cinco anos.

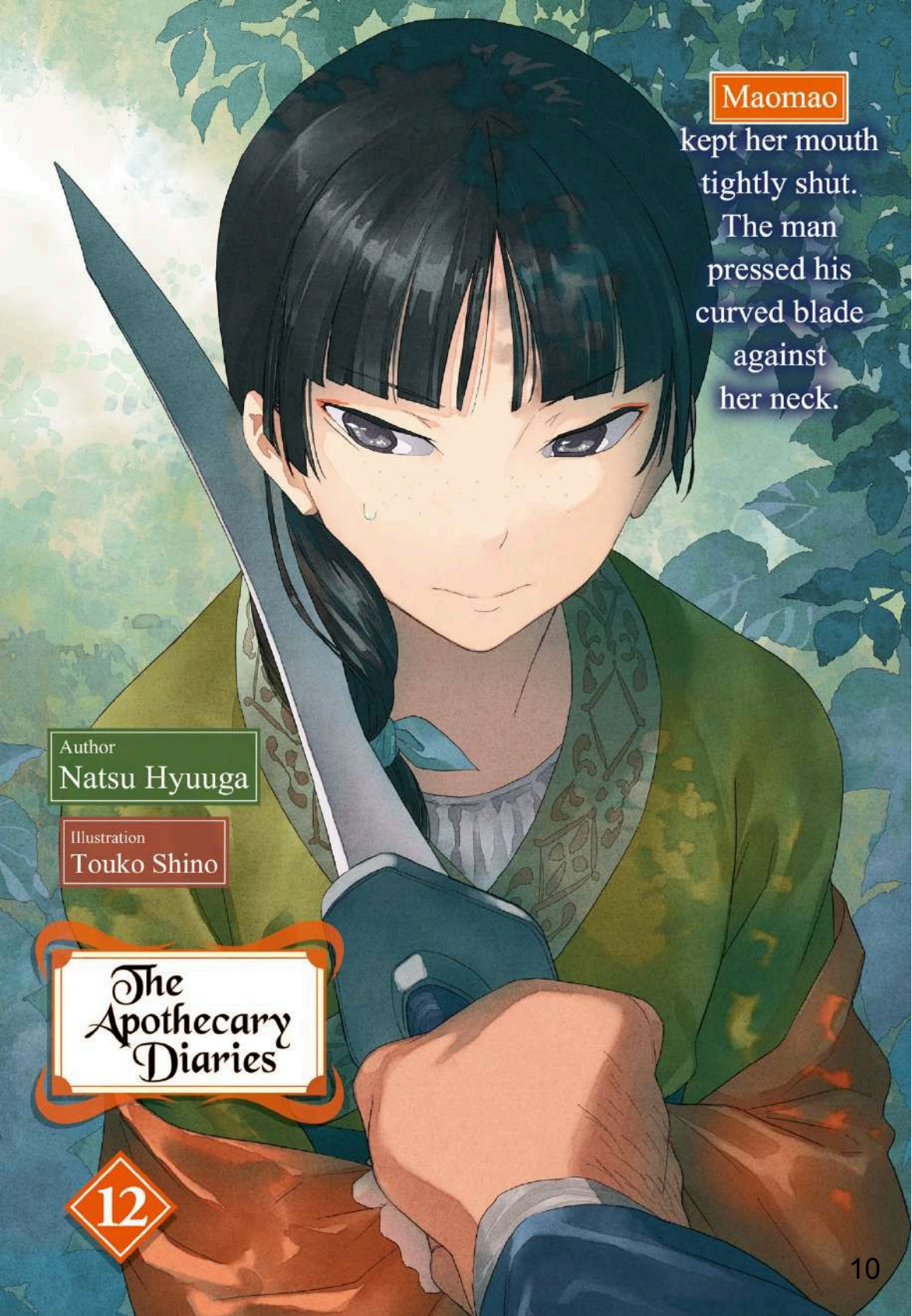
Yinxing
Filha mais velha de Gyoku-ou. Vinte e quatro anos.

Feilong
Segundo filho de Gyoku-ou. Algo como um burocrata congênito. Vinte e três anos.

Hulan
Terceiro filho de Gyoku-ou. Muito humilde. Dezoito anos.

Xiaohong
Filha de Yinxing; neta de Gyoku-ou. Seu hábito de comer o próprio cabelo levou a um bloqueio intestinal, que Maomao e Tianyu resolveram realizando uma cirurgia.

Gyokujun
Filho de Shikyou e Neto de Gyoku-ou. Um verdadeiro pirralho.

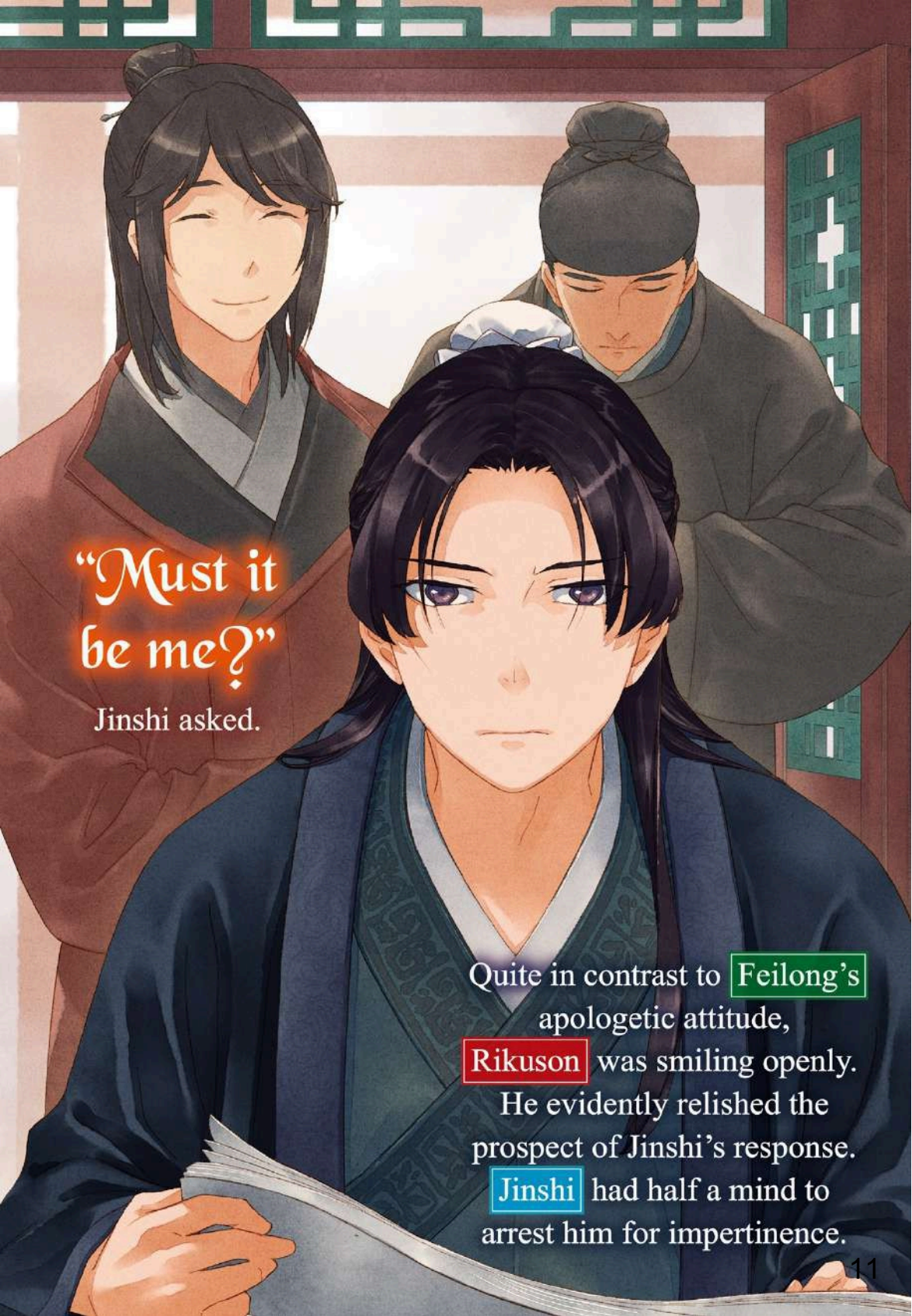


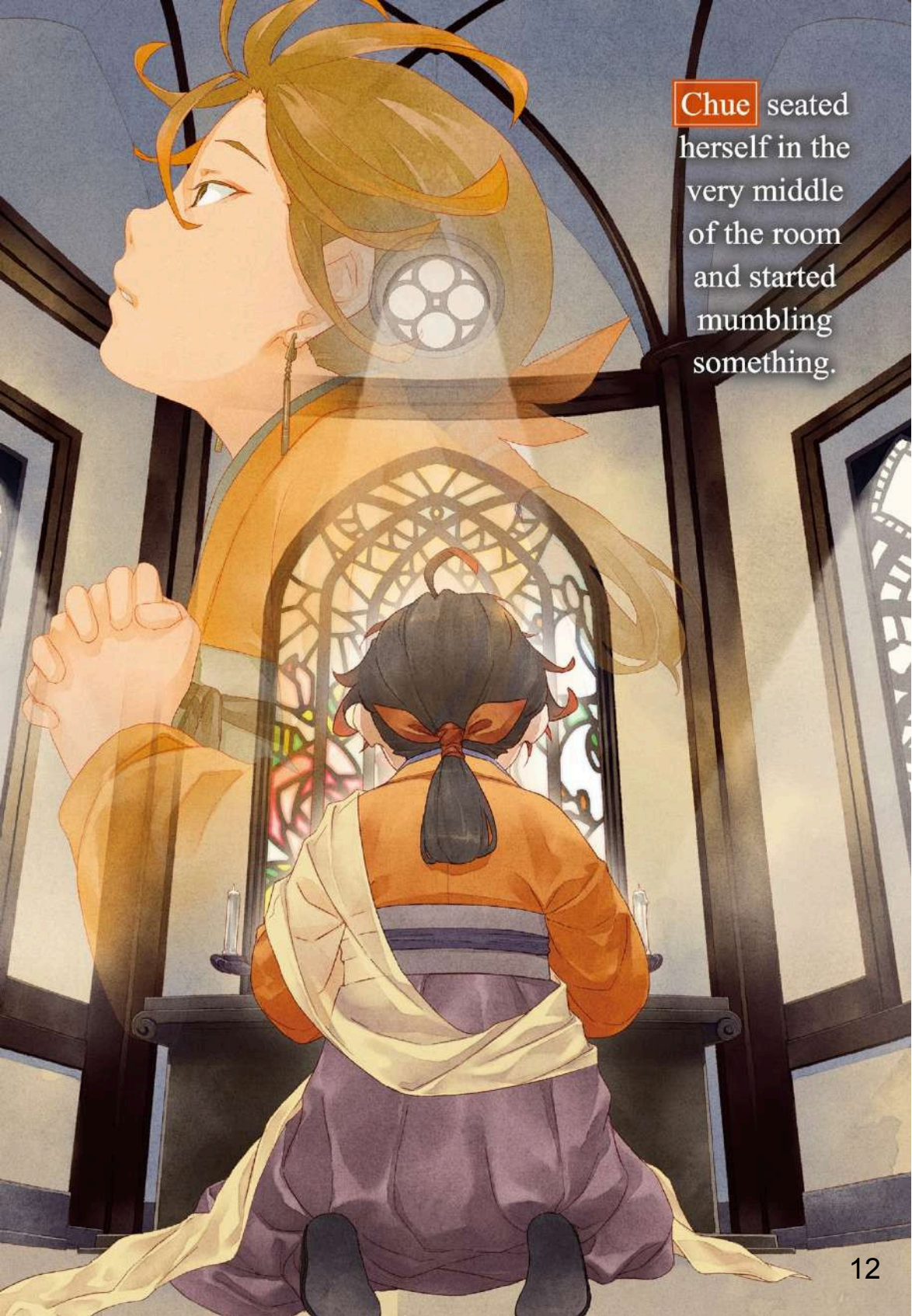

Author
Natsu Hyuuga

Illustration
Touko Shino

# The Apothecary Diaries

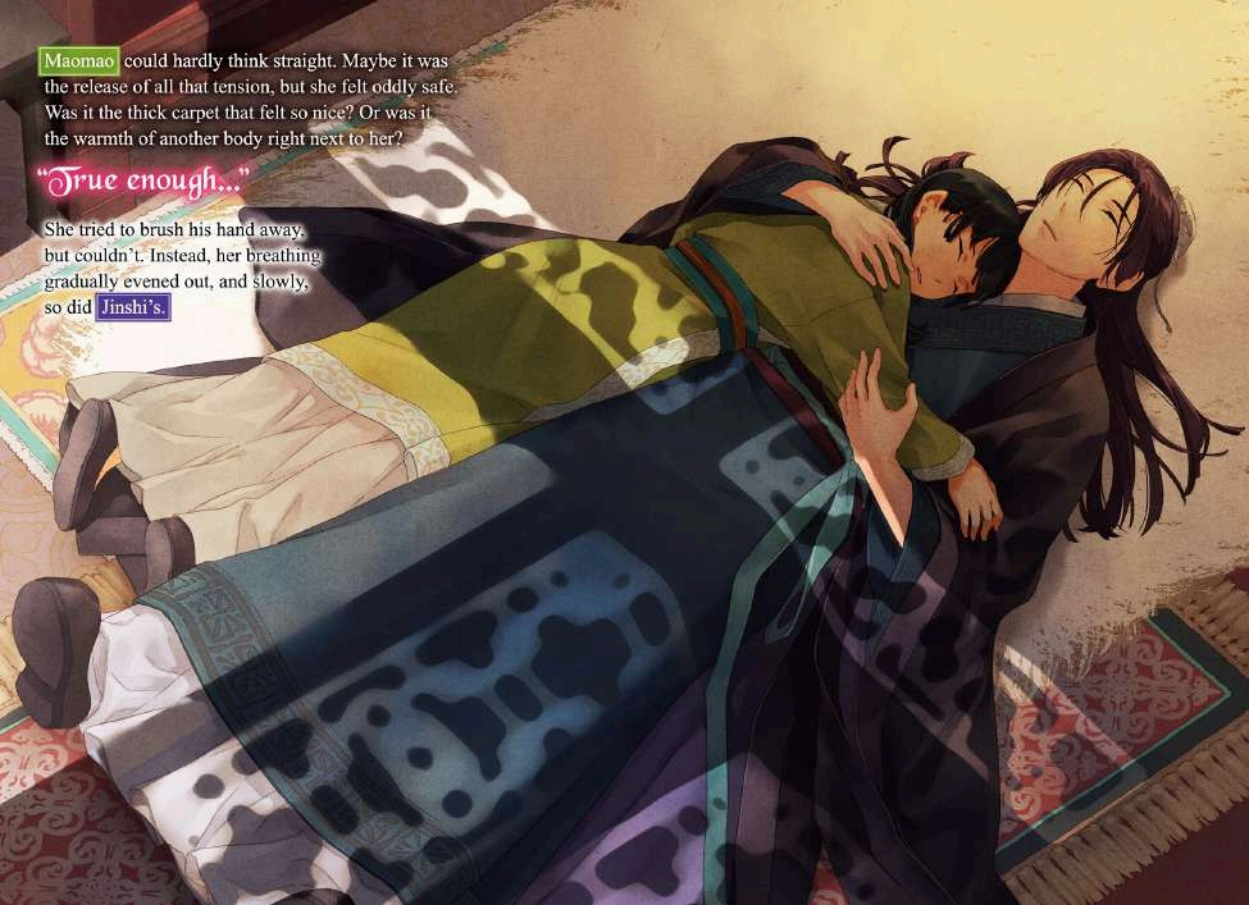
12


"Must it be me?"
Jinshi asked.
Quite in contrast to Feilong's apologetic attitude, Rikuson was smiling openly. He evidently relished the prospect of Jinshi's response. Jinshi had half a mind to arrest him for impertinence.


Chue seated herself in the very middle of the room and started mumbling something.

Baryou
didn't know.
All he knew
was that there
was nothing
he could do.
He brushed
her undamaged
hand, the
left one.
The fingers
were cold.
"Mmr..."

The little monster was pulling Xiaohong's hair.
"Gyokujun!
What in the world are you doing?!"


Maomao could hardly think straight. Maybe it was the release of all that tension, but she felt oddly safe. Was it the thick carpet that felt so nice? Or was it the warmth of another body right next to her?
"True enough..."
She tried to brush his hand away, but couldn't. Instead, her breathing gradually evened out, and slowly, so did Jinshi's.

The Apothecary Diaries

# Introduction

## The Truth About Chue

Maomao and the others find themselves dragged into domestic strife in the western capital, whether they like it or not. They've been asked to prepare Gyoku-ou's three sons to succeed him, but Shikyou's son Gyokujun takes a dislike to the visitors from the royal capital and starts making himself a nuisance.

Who will succeed to the leadership of the western capital? Amid the pondering and bargaining, Maomao finds herself confronted with new problems: the discord among Gyoku-ou's grandchildren, a case of food poisoning at a distillery, and a young woman from a foreign land with a mysterious illness.

The greatest mystery of all, though, might be Chue, whose actions are even harder to fathom than usual. What is she really after? Chue's true face is about to be revealed...but will Maomao survive to go home to the royal capital? And is it finally time for her to clarify her relationship with Jinshi?

# Prólogo

Como ela queria valer alguma coisa.

Como ela queria ser preciosa e insubstituível para alguém, do jeito que ela e sua mãe tinham sido para seu pai.

Sua mãe tinha desaparecido. Ela pensou que tinha sido banhada com carinho por ser uma criança — mas isso acabou sendo uma ilusão, apenas um estratagema para ganhar um momento de tranquilidade.

Ela e seu pai tinham estimado sua mãe como um membro inestimável de sua família — quando para sua mãe eles tinham sido apenas ferramentas, intercambiáveis, substituíveis.

Por excesso de confiança em sua mãe, seu pai tinha desaparecido. Provavelmente morto em algum lugar onde nunca seria encontrado.

Sem seu pai, que a tinha estimado como uma pérola em sua palma, ela realmente não tinha valor.

O que ela deveria fazer?

Se ela não tinha valor, então ela também era inútil. Ela não sabia o que deveria fazer.

Então ela foi procurar sua mãe.

Ela poderia ser útil. Ela seria útil. Esse pensamento a possuía enquanto ela procurava...

Esse pensamento e um desejo. A esperança

de que pudesse haver um lugar para alguém tão inútil quanto ela.

# Capítulo 1: O Príncipe da Casa Principal

Já se passaram dez dias desde a morte de Gyoku-ou. Sua morte deixou os figurões muito ocupados. O trabalho de Maomao, no entanto, não mudou muito. Ela ainda fazia remédios, ainda examinava os doentes e feridos e dava esses remédios a eles.

Especializar-se torna algumas coisas mais fáceis, ela pensou. Você só precisa fazer um tipo de trabalho.

Havia um pouco mais desse trabalho a ser feito, mas era tudo de um tipo familiar.

Uma vez que você estava em uma posição de liderança, isso não era mais verdade. Você tinha que ficar de olho no trabalho dos subordinados que você mesmo talvez não entendesse completamente. Quando surgiam problemas, decisões rápidas eram esperadas — mas você também não podia dar respostas simplistas. Não é de se admirar que oficiais diligentes começassem a desmoronar física e mentalmente.

Tudo isso para dizer que Jinshi estava exausto e fraco, como sempre, mas ele estava fazendo seu trabalho.

Aqui eu pensei que ele tinha aprendido a recuar

um pouco.
Mesmo durante os exames regulares, Maomao (que acompanhava o médico charlatão) viu oficiais carregando mais papelada para o escritório de Jinshi. Ela estava ficando bem cansada disso.
"Acho que já chega por hoje", disse Gaoshun, rejeitando um burocrata que tinha vindo com mais papéis. Ele também parecia cansado. Ele encontrou os olhos de Maomao e abaixou a cabeça, inexpressivo. Isso o fez parecer muito sombrio — mas a impressão foi minada pelo pato, Jofu, que estava ao lado dele, puxando seu manto na esperança de conseguir um pouco de comida.
Acho que me lembro dele alimentando um gato no palácio traseiro.
Aparentemente, ele agora prestava o mesmo serviço para o pato.
"O Príncipe da Lua está realmente bem?", perguntou o médico charlatão, observando o burocrata sair com seus papéis. Ele não parecia tão tenso com Gaoshun, talvez porque se conhecessem desde o palácio traseiro.
"Ele certamente está cansado, mas tenho esperança de que ele logo recupere sua energia." Gaoshun olhou diretamente para Maomao enquanto a conduzia para dentro do quarto.

Se tudo corresse como de costume, o médico charlatão seria dispensado após um exame superficial, o que deixaria apenas Maomao.
"Tudo bem, mocinha. Deixo o resto em suas mãos!" O médico charlatão partiu e Maomao, basicamente negociando com ele, foi para o quarto de Jinshi.
Caramba...
Jinshi estava deitado de pernas abertas na cama. Aparentemente, ele havia usado todas as suas graças sociais durante sua interação com o charlatão. Ele não parecia ter forças para fazer mais nada hoje — mas uma distinta sensação de irritação pairava ao seu redor.
"Rikuson", ele estava murmurando. "Eu nunca perdoarei Rikuson..." O homem alegre deve ter imposto ainda mais trabalho a Jinshi. "Você parece cansado, senhor."
"Estou cansado."
"Vou ser rápido, então. Deixe-me ver seu ferimento."
Jinshi não disse nada, mas sentou-se parecendo uma criança fazendo beicinho. Ele tirou a parte de cima do manto e desfez as bandagens. Realmente não há mais necessidade delas.
As bandagens agora eram mais para esconder o ferimento do que para ajudar a curá-lo. Uma nova pele estava crescendo sobre a pele velha e chamuscada, formando uma flor vermelha brilhante. Teria sido lindo se não tivesse sido

inscrito em carne humana — especialmente no flanco de alguém que deveria ser muito importante.
Elas também ajudarão a manter seus órgãos dentro se ele for esfaqueado na lateral.
Maomao percebeu que ele realmente não precisava da pomada, mas aplicou mesmo assim só para evitar que as coisas secassem.
Então ela enrolou bandagens novas ao redor do local. Ela disse a ele repetidamente para fazer isso sozinho, mas ele sempre quis que ela fizesse.
"Pronto. Tudo pronto."
"Esta bandagem não está um pouco torcida?"
"Não, senhor, não está."
"Está. Acho que você deveria tirar e refazer."
Então ele ia reclamar da técnica de bandagem dela, não é?
Quando ele fazia coisas assim, geralmente significava que havia algo mais sobre o qual ele queria falar.
Maomao sentiu que problemas estavam chegando. Ela tentou se virar e sair da sala, mas Gaoshun lançou um olhar tão triste que ela voltou.
"Qual é o problema?", ela perguntou.

"Engraçado você perguntar", Jinshi respondeu.
Parecia que essa história seria longa. Maomao pensou que descansar faria mais pela sua

saúde, mas talvez sua mente estivesse em pior estado do que seu corpo no momento.
Muitas pessoas diferentes vieram visitar Jinshi; ele teve que lidar com todas elas enquanto examinava suas pilhas de papelada.
Ultimamente, houve visitas particularmente frequentes de um sujeito mais alto da capital real e dos meio-irmãos de Gyoku-ou.
Daquele superior, o Vice-Ministro Lu, Maomao sabia apenas uma coisinha, como que ele estava no Conselho de Ritos — e, para sua surpresa, ele era tio de seu colega Yao. Chue mencionou isso a ela de passagem uma vez.
Então ele é o tio famoso.
Esse tio estava supostamente decidido a casar Yao. Maomao pensou que o vice-ministro tinha dado a ela um olhar engraçado uma vez quando eles passaram um pelo outro — talvez ele não gostasse que ela fosse colega de Yao.
"Aquele Vice-Ministro Lu faz um estorvo, não é?", disse Maomao. Ela se sentou e estava tomando um gole de vinho de uva — o exame de Jinshi havia terminado e agora ela só ia ouvi-lo reclamar. Certamente ninguém a culparia por exigir uma taxa modesta.
"Ele exige! Ele continua dizendo que deveríamos nos apressar e voltar para a capital." "Sim, vamos fazer isso. Imediatamente", disse Maomao seriamente. Por todos os direitos, não havia

nenhuma razão para eles ficarem aqui.
"Você acha que poderíamos fazer isso tão cedo?"
Foi Jinshi quem ficou resolutamente preso na capital ocidental. Ele não podia ir para casa com tudo ainda em desordem. Ele era do tipo que sentia que tinha que ver as coisas até o amargo fim, às vezes em seu próprio detrimento. Provavelmente foi por isso que Rikuson conseguiu impor tanto trabalho a ele. Pessoas com um forte senso de responsabilidade logo ficam doentes de coração.
Maomao sabia: só porque você era uma boa pessoa não significa que coisas boas aconteceriam com você.
"Você pensaria que haveria muitas pessoas na capital ocidental que poderiam substituir o Mestre Gyoku-ou. E o Mestre Gyokuen ainda está vivo também. O Mestre Gyoku-ou era filho dele — ele não disse nada a você?"
Honestamente, Maomao esperaria que o homem ficasse perturbado quando soubesse que seu filho havia morrido em sua ausência. Mas Gyokuen, ao que parecia, estava alegando que sua idade tornava impossível para ele retornar à capital ocidental.
De qualquer forma, não tenho certeza se sua volta aqui não pioraria as coisas.
Se Gyokuen retornasse à capital ocidental, seria

a capital imperial.

que se viu em apuros a seguir. A Imperatriz Gyokuyou era agora a esposa oficial de Sua Majestade, mas havia muitos que se ressentiam de sua linhagem. O novo Príncipe Herdeiro, seu filho, havia herdado os cabelos ruivos e os olhos verdes de sua mãe. Maomao o conheceu quando ele era jovem e o pigmento ainda era claro, e conforme ele envelhecia as cores ficavam mais fortes. Não era difícil imaginá-lo encontrando problemas por causa de seu cabelo e olhos não-lineses.

Então havia aqueles que zombavam da Província de I-sei como um remanso rural.

A Consorte Lihua também teve um filho, nascido apenas alguns meses depois do Príncipe Herdeiro, e muitas pessoas estariam dispostas a trocar um pelo outro se algo acontecesse.

Sim, sim. Política é uma dor no pescoço.

Maomao mastigou uma sachima para acompanhar seu vinho. Uma guloseima à base de trigo que se distingue por sua maciez, era um pouco grosseira para servir como lanche de Jinshi, mas mais do que luxuosa o suficiente quando o suprimento de comida ainda estava instável.

“Sir Gyokuen gostaria que a linhagem de Sir Gyoku-ou continuasse governando aqui. Ele disse isso em sua carta. Embora eu pudesse ter preferido que ele tivesse sido gentil o suficiente para me dar um nome.”

Isso explicaria por que nenhum dos meio-irmãos de Gyoku-ou estava disposto a

assumir o papel. Provavelmente era o mesmo assunto que os levava continuamente a visitar Jinshi.

“Ahem. O segundo e o terceiro filhos do Mestre Gyokuen vêm muito aqui, não é?

Não poderíamos realmente deixar as coisas para eles? Presumi que era sobre isso que vocês estavam falando juntos.”

Maomao ainda não tinha ouvido o nome do segundo filho, mas o terceiro filho se chamava Dahai. Ele era um homem bem constituído, na casa dos trinta e poucos anos, responsável pelos portos da Província de I-sei. Ele era, de fato, um dos visitantes que tinham vindo ao anexo naquele mesmo dia.

"O senhor Dahai está aqui porque tinha um pedido meu." "É algo irritante?"

A julgar pelo olhar petulante de Jinshi, não parecia nada bom. "Ele perguntou se eu poderia considerar transferir minha base de operações."

"Sua base de operações, senhor?" Maomao inclinou a cabeça, sem saber o que isso significava.

"Ah, não é nada demais. Ele apenas sugeriu que eu me mudasse do anexo para a casa principal."

"Entendo, senhor."

"Nada demais, certo?"

"Acredito que foi isso que você acabou de

dizer, Mestre Jinshi."

Alguém poderia andar do anexo para a casa principal em um piscar de olhos, assobiando uma música o tempo todo.

"A casa principal fica bem ao lado do escritório administrativo. O que tornaria mais fácil para eles aumentarem sua carga de trabalho — é disso que se trata?"

"Presume-se."

“E realmente levantaria algumas bandeiras vermelhas se eles tentassem fazer você ir diretamente para o escritório administrativo, então eles estão te mudando em etapas, te acostumando com a ideia.”

“O que eu sou, um gato selvagem que eles adotaram?” Jinshi parecia exausto. Talvez a exaustão o tivesse feito abandonar qualquer pretensão. “Se eu estiver muito disposto a me mudar, acho que a chance de voltar para casa só vai ficar mais distante.” Coisa engraçada de se dizer, quando foi ele quem se recusou a ir embora.

Era um dilema: por um lado, eles queriam que Jinshi voltasse para a região central; por outro, eles queriam que ele ficasse aqui na capital ocidental.

“Você não poderia simplesmente se recusar a mudar sua ‘base’, senhor?”

“Acredite em mim, eu gostaria. Mas você sabe o que eles dizem sobre o irmão mais novo do Imperador na capital ocidental atualmente?”

Maomao não poupou palavras. “Eles gritam e desmaiam sobre sua beleza, mas, ao mesmo tempo, alguns teóricos da conspiração afirmam que você planejou o assassinato do Mestre Gyoku-ou.”

“Mm.”

“Você planejou?”

“Não!”

Imaginado.

Jinshi não parecia particularmente adepto de esquemas dissimulados como assassinato. Sim, ele estava mais do que disposto a usar suas artimanhas para conseguir o que queria no palácio traseiro quando estava se passando por eunuco, mas recentemente ele se tornou muito mais reservado. Maomao quase pensou que estava regredindo.

“Isso faz com que as pessoas afirmem que eu vim para a capital ocidental apenas para tomá-la.”

“Por que vir para este lugar árido quando você poderia lucrar muito mais com as coisas na capital real? Você poderia comprar grãos, vendê-los a um preço alto e arrancar o dinheiro deles.”

“Você parece positivamente brutal.”

“Foi ideia da Srta. Chue.” Chue era meio tagarela e adorava usar Maomao como desculpa para fugir do trabalho. “De qualquer forma, se você for para a

casa principal, não vai parecer ainda mais que está decidido a conquistar?”

“Os irmãos e filhos do senhor Gyoku-ou estão na casa principal. A sugestão é que a segurança seria melhor servida se todos estivessem em um só lugar, em vez de dividir os guardas entre a casa principal e o anexo.”

“Você não tem medo de alguém tentar esfaqueá-lo para se vingar do irmão ou pai?”

“Gosto de pensar que isso não aconteceria”, disse Jinshi depois de um momento. “Sério, se alguém estivesse se sentindo tão emocionado sobre isso, eu já teria esperado ver pelo menos um assassino.”

O trajeto até o escritório administrativo certamente seria muito mais fácil da casa principal. Maomao se perguntou se ela e o resto da comitiva de Jinshi iriam com ele.

Não que eu realmente gostaria de.

Ela conseguia imaginar um velhote estranho por ali, e isso a preocupava.

Ela tinha certeza de que o estrategista esquisito estava hospedado lá. Portanto, Maomao estava investido em manter o status quo.

"Não consigo me livrar da sensação de que a mudança não teria muitos benefícios tangíveis para você, Mestre Jinshi. Seria um problema simplesmente recusá-los? Você parece estranhamente inseguro sobre o que fazer."

"Eu entendo o que você está dizendo, mas acho que tenho que encontrá-los no meio do caminho, ou não chegaremos a lugar nenhum."

Aí está.

Jinshi era muito direto, muito honesto, e às vezes isso lhe custava caro. Maomao tinha um certo respeito por essa parte de sua personalidade, mas isso podia ser irritante.

Ele deveria simplesmente bater o pé com eles!

Ela estava prestes a dizer isso quando Jinshi acrescentou: "Ahh, e a casa principal também tem essa coisa."

"Que coisa?" Ela inclinou a cabeça. Ela não tinha ideia do que era essa coisa. "A estufa. Você não viu da última vez que viemos?"

"Uma e-e-estufa?!" Maomao não conseguia evitar que seus olhos brilhassem. Ela tinha visto cactos plantados ao redor do terreno quando eles vieram no ano passado — época em que ficaram na casa principal — mas ela não tinha ouvido falar de nenhuma estufa.

"Eles disseram que se eu me mudasse para a casa principal, eu poderia usar a estufa para cultivar ervas." Jinshi olhou para Maomao e então sorriu abertamente. "Mas eu imagino que você ficaria feliz em ficar no anexo, Maomao?"

"O-O que você quer dizer, Mestre Jinshi? Não tema! Eu certamente

seguiria você até a casa principal!"

Ela bateu no peito para dar ênfase, tão forte que começou a tossir.

A mudança para a casa principal logo começou. O médico charlatão viria com eles, não que isso mudaria muita coisa.

Houve, no entanto, pelo menos uma pessoa que decidiu ficar para trás. O irmão de Lahan os surpreendeu. "Uma estufa está fora do meu campo de especialização. Não é como se vocês estivessem longe. Acho que vou ficar aqui", disse ele. Em sua cabeça havia um pato e ao lado dele uma cabra.

"Ah. Imaginei que um fazendeiro profissional como você, irmão de Lahan, aproveitaria a chance de cultivar coisas", disse Maomao.

"Quem é um 'profissional'?! Olha, não é que eu não consiga fazer isso. É que tenho que me concentrar em coisas que se enquadram no escopo das minhas responsabilidades. Tudo o que realmente faço é imitar as coisas que aprendi."

Maomao achava que era terrivelmente profissional saber — e ser claro sobre — o que você podia e não podia fazer, mas ela guardou isso para si mesma. Certamente era melhor do que alguém que fingia possuir conhecimento que não tinha.

"Minha especialidade são grãos", disse o irmão de Lahan. "Você sabe muito mais sobre ervas do que eu."

"Acho que sim."

Ele disse especialidade! Maomao observou, mas fingiu não ter ouvido.

Que legal da parte dela.

“De qualquer forma, como eu disse, ainda estarei por perto. Se algo acontecer, me ligue.” “Obrigada, eu ligo.” Maomao curvou-se para o irmão de Lahan. Ela suspeitava que

faria muitas visitas a ele, quer ele a encorajasse ou não.

A casa principal era substancialmente maior que o anexo, e o consultório médico que Maomao e os outros foram apresentados também era maior.

Deve ser o lugar que o Dr. Li foi confiado.

De todo o pessoal médico enviado da capital, o Dr. Li era o mais sério e mais intimidador. E desde o último encontro, Maomao havia adicionado o mais pessimista a esse catálogo.

Parece que ele ainda está na clínica da cidade.

As prateleiras aqui estavam organizadas de forma organizada, tornando-as fáceis de usar, embora a maioria dos remédios tivesse sido levada para a clínica. Também havia camas e cadeiras, bem arrumadas. O grupo de Maomao não trouxe muito equipamento, então parecia que isso não demoraria muito.

"Devo ajudá-la a limpar seu quarto, senhorita?", perguntou o charlatão, e por algum motivo seus olhos estavam brilhando. Ele estava segurando uma cortina bordada.

"Não, eu posso cuidar de mim mesmo. Você

pode limpar seu próprio quarto, por favor." Ela não passaria outra noite em uma câmara horrível e cheia de babados.

Ela estava até pensando que talvez da próxima vez que estivessem com falta de bandagens, ela poderia rasgar aquela cortina para obter material.

Um soldado bem constituído se aproximou. "Ei, jovem?" "Algo errado, Mestre Lihaku?"

"Preciso usar o banheiro. Você se importa se eu deixá-la aqui?" "Não acho que seja um problema."

Lihaku era mais diligente do que parecia. Havia outro guarda ainda parado do lado de fora do novo consultório médico, então Maomao imaginou que não haveria problema.

"Desculpe. Não tive a chance de me aliviar no meu intervalo." "Não, está tudo bem."

Os soldados tinham intervalos, sim, mas um turno longo podia fazê-los ficar de pé por meio dia de cada vez. Os burocratas ocasionalmente zombavam que devia ser bom ter tanto tempo livre, mas o trabalho era exigente à sua maneira.

Lihaku disse algumas palavras ao outro guarda, então foi procurar o banheiro. Eles não conheciam o caminho daquele lugar, e parecia que levaria alguns minutos. Maomao se ocupou trazendo equipamentos e descarregando o resto da carga.

"Pronto! Tudo pronto."

Ela estava apenas se espreguiçando quando ouviu um grito de lá fora. "Uau!" Era o médico charlatão.

Maomao saiu, imaginando o que tinha acontecido, para encontrar o charlatão caído do lado de fora do escritório, esfregando a canela. Havia também um garoto segurando uma espada de treinamento de madeira. O guarda estava de olho em Maomao, aparentemente excluindo o médico charlatão.

"Eu! Julguei vocês! Seus insetos intrusos!"

O garoto devia ter oito ou nove anos. Ele estava vestido com roupas finas e seu cabelo estava cuidadosamente penteado. Essas coisas pareciam marcá-lo como descendente de uma boa família, mas isso não importava muito agora.

Maomao se agachou perto do charlatão e olhou para sua canela. Com uma daquelas espadas de treinamento de madeira, até uma criança pequena poderia causar um hematoma feio. Ela olhou feio para o garoto. "O que você pensa que está fazendo?!”

Ele nem sequer se encolheu diante do tom de voz alto dela; na verdade, ele deu um passo à frente em uma demonstração de força. "Eu! Dei punição! Ao criminoso!"

Quem é um criminoso?

Maomao estava apenas caminhando em direção à criança para dar-lhe um bom soco na cabeça quando uma criada em pânico correu e o agarrou. "Jovem mestre, você não deve!" Ela começou a se curvar furiosamente para Maomao. "Sinto muito! Sinto muito mesmo!"

Maomao cerrou o punho e olhou com raiva para a criança travessa.

"Ei, me solte! Vou massacrar todos eles!", gritou a criança. "Não, jovem mestre, você não pode fazer isso aqui! Você não pode fazer isso. Sinto muito mesmo."

Com a cabeça ainda abaixada, a criada arrastou o menino para longe.

Maomao não teve escolha a não ser deixar o punho relaxar. Ela estava feliz que o servo tivesse saído rapidamente. Criança ou não, ela realmente estava prestes a dar um tapa nele.

Sem piedade para crianças que andavam por aí batendo nas pessoas com espadas.
"Minhas desculpas!", disse o guarda, com o rosto branco. Ele seria culpado por deixar o charlatão se machucar depois que Lihaku lhe confiou esse trabalho.
"Não preciso de mais desculpas. Ajude-me a levar o médico mestre para dentro."
Maomao tocou a canela do charlatão. "Ai! Dói!", ele gritou, realmente um tanto exageradamente dramático. O osso não estava quebrado, mas ele provavelmente não andaria para lugar nenhum por alguns dias.
A julgar pela roupa e pelo servo cuidando dele...
Parecia seguro assumir que o garoto era parente de Gyokuen.
Eles mal tinham chegado aqui, e Maomao já tinha a sensação de que não haveria nada além de problemas.

Maomao pressionou um pano úmido contra a perna do charlatão. Infelizmente, a canela

machucada inchou substancialmente no dia seguinte.

"Deve melhorar em dois ou três dias", disse Maomao. Na opinião dela, o charlatão poderia muito bem passar esse tempo descansando em seu quarto. Mas ele insistiu em trabalhar, e ela não poderia expulsá-lo de seu próprio consultório médico.
Eu realmente não acho que seria um grande problema se ele não estivesse aqui, ela pensou, mas ela não era cruel o suficiente para dizer isso em voz alta.

"Urrgh, dói..."
"Sinto muito, senhorita", disse Lihaku, abaixando a cabeça. O garoto aproveitou um breve momento em que Lihaku não estava lá. Um único e fugaz lapso de atenção do guarda. Talvez tenha sido em parte porque o intruso era apenas uma criança — mas o fato é que esse garoto escapou do escrutínio do guarda e conseguiu machucar

o charlatão.
É porque eles estão realmente me protegendo, não é? Maomao pensou.
Externamente, os soldados foram designados para os médicos, e então, em princípio, eles deveriam estar protegendo o médico charlatão. Mas o soldado restante estava realmente observando Maomao.
Os soldados não deram especificamente a Maomao nenhum tratamento especial — provavelmente um toque de consideração da parte de Jinshi. Mas parecia haver um entendimento tácito de quem ela realmente era. Por mais que eu odeie que as pessoas pensem em mim como a filha daquele esquisito.
Portanto, contanto que os guardas não mencionassem isso, Maomao estava feliz em atuar como uma assistente médica comum. Era tudo o que ela era, e nada mais.
E ainda assim, ela não queria que o médico charlatão fosse colocado em perigo por causa disso. Parecia que o guarda ontem ainda não

estava acostumado a proteger VIPs. Essa foi uma das razões pelas quais Lihaku parecia tão apologético sobre precisar ir ao banheiro. Ele era o único designado permanentemente para o consultório médico, enquanto os outros guardas entravam em rodízio — e havia muitos rostos novos ultimamente.

"Toc toc! Chegando!" Chue entrou, fingindo bater na porta do consultório médico. "Pobre senhor Quack! Vim visitá-lo em seu leito de doente!" Ela estava segurando algumas uvas, uma fruta comum na capital ocidental.

"Oh, senhorita Chue, que gentileza sua."

Uau, espere aí. Ele realmente não se importava que ela o chamasse de "quack" como se não fosse nada?

"Senhorita Maomao! Você gostaria de saber qual foi o canalha que atacou o senhor Quack ontem?"

"Quem? Se foi alguém desta propriedade, presumo que tenha sido um dos netos ou bisnetos do Mestre Gyokuen."

"Bingo! Era o filho mais velho do Mestre

Gyoku-ou.”
Eu poderia ter adivinhado.
Maomao tinha ouvido que Gyoku-ou tinha quase idade suficiente para ser o pai da Imperatriz Gyokuyou, então não era tão surpreendente se ele tivesse um neto da idade do garoto que atacou o charlatão.
"Dizem que o nome dele é Gyokujun!" Chue desenhou um caractere no ar com o dedo. Aparentemente, a família tinha uma queda por dar nomes de pássaros aos filhos: como o -ou de Gyoku-ou significava "rouxinol", jun significava "falcão". Chue continuou: "Além disso, o jovem Gyokujun deseja se desculpar e está do lado de fora do consultório médico com sua mãe agora. O que você gostaria de fazer?"
"Você poderia ter começado com isso."

Maomao olhou para o médico charlatão. Em vez de realmente dizer sim, ele sorriu. "Ele ainda é apenas uma criança, afinal. Se ele sabe que fez algo errado e quer se desculpar, então são águas passadas!"

Nossa. Cara legal...
Maomao não tinha tanta certeza, mas o médico charlatão era a vítima aqui, então eles faria o que ele disse.
"Entre", disse Maomao enquanto abria a porta do escritório, embora não parecesse muito feliz com isso.
Gyokujun estava ali, não parecendo mais satisfeito do que Maomao. Uma mulher estava ao lado dele, com um olhar tímido no rosto.
"Não posso me desculpar o suficiente pelo que meu filho fez", disse ela, curvando-se profundamente.
Ela pressionou a parte de trás da cabeça de seu pirralho, tentando fazê-lo se curvar também, mas ele disse: "P-Pare! Não vou pedir desculpas!"
"Você se desculpa agora mesmo!"
"Nuh-uh! De jeito nenhum!" Gyokujun choramingou.
Agora sua mãe estava com raiva. Ela levantou a mão bem alto e, quase no mesmo momento em que ouviram o tapa, Gyokujun caiu no

chão.
Um tapa aberto não deixaria uma marca duradoura, mas com certeza soou dramático. Maomao duvidava que o menino estivesse realmente ferido, mas ele ainda era fisicamente pequeno o suficiente para que seu corpo provavelmente não conseguisse absorver o golpe.
"Eu disse, desculpe-se!" Sua mãe parecia que ia explodir em lágrimas. Talvez o estresse de criar filhos estivesse borbulhando na superfície.
Gyokujun fungou e apertou os lábios, tentando não chorar. "Eu... eu sinto muito", ele disse, embora obviamente não quisesse dizer isso. Ele mostrou todos os sinais de que faria isso de novo se tivesse a chance, mas o médico charlatão estava observando sua mãe ansiosamente.
"Já chega, por favor, está tudo bem. Por favor, não se curve para mim."
A mãe de Gyokujun, no entanto, apenas se curvou novamente, insistindo: "Eu sinto muito, muito mesmo!" Gyokujun já estava fora de sua

reverência e franzindo a testa para o charlatão. Sinais de uma lição aprendida: nada, Maomao observou.

Quando mãe e filho foram embora, Maomao foi atingido por uma onda de exaustão. “Você acha que ele está bem? Que tapa ela deu nele”, disse o charlatão

muito preocupado com uma criança que não demonstrou arrependimento algum.

“Ah, todo pai dá uma boa pancada no filho de vez em quando, amigo. A maioria dos homens consegue se lembrar de fazer exercícios de espada até ficarem inconscientes de tanto gritar”, disse Lihaku.

“Exatamente. Não foi nada demais. Ele só teve sorte que ela não usou o punho fechado”,

Chue acrescentou.

“Uma palma aberta não é um grande problema. Embora seja um problema se houver um ferimento em algum lugar que não possa ser visto. O plexo solar é um bom compromisso — dói, mas não aparece”, ofereceu Maomao.

“Em que tipo de lar vocês três foram criados?”, perguntou o charlatão, recuando um pouco. Ele era um eunuco, mas originalmente vinha de uma boa família e provavelmente nunca havia sofrido “a punição do punho de ferro” nas mãos de seus pais.

Ainda assim, não era que Maomao não entendesse a preocupação do charlatão. “A mãe do menino parecia meio frenética. Acho que uma pessoa pode ter muitos problemas por machucar o médico pessoal do irmão mais novo Imperial.”

Por mais problemas que alguém pudesse ter, a mãe parecia preocupada com algo mais.

“A Srta. Chue deve explicar isso?” Chue disse, fazendo uma pose com o dedo apontado para o teto.

“Você sabe? Houve um motivo?” o charlatão disse, imediatamente curioso. Lihaku parecia querer saber também. Maomao teve que admitir que estava curiosa, mas fingiu desinteresse, como se fosse apenas ouvir se todos os outros quisessem saber.

"O Mestre Gyoku-ou faleceu, e a capital ocidental está toda agitada sobre quem será o próximo líder aqui. Todos os nomes que você pode

imaginar foram sugeridos, dos outros filhos do Mestre Gyokuen ao Senhor Rikuson da capital real, até mesmo o próprio Príncipe da Lua!"

"Sim, eu ouvi tudo isso", disse Maomao. Principalmente de um Jinshi reclamando.

"A única pessoa cujo chapéu não foi jogado no ringue é a única pessoa que você esperaria que fosse a primeira da fila — você sabia disso?"

Lihaku disse lentamente: "Normalmente, você esperaria que o filho do Mestre Gyoku-ou o sucedesse. É assim que funciona, mesmo na família Imperial, certo?"

Ele estava certo, de fato.

"Exatamente. Mas! Aquele filho foi mantido completamente fora da política durante toda a sua vida, sob a alegação de que ele não precisaria se envolver até mais tarde. Ele foi descartado com base na ignorância, ou assim diz a história. Mas isso não parece estranho?"

"Sim, parece. Você pensaria que ele teria estudado um pouco mais", disse o médico charlatão.

"Com o que eu disse até agora, eu esperaria que a Srta. Maomao pelo menos fosse capaz

de ver onde isso vai dar. Na realidade, o filho mais velho do Mestre Gyoku-ou é—da-dada-daaaah!—um preguiçoso e devasso vagabundo!" Chue acenou com as mãos entusiasticamente e produziu uma chuva de

confetes. “Ele recebeu a educação que você esperaria de um sucessor pretendido, mas então ele jogou tudo fora.”

“‘Jogou tudo fora’ como?”

“Ele teve... vamos chamar de uma fase rebelde tardia. Naquela época, porém, ele já era casado com a mulher que seus pais escolheram para ele, e até tinha um filho. Mas ele roubou um cavalo e fugiu! Você pensaria que ele era uma criança pequena!”

Maomao pensou em quão desconfortável a mãe parecia antes. “Então seus próprios parentes não o estão tratando como o herdeiro aparente, e as pessoas estão

até sugerindo pessoas sem parentesco para serem o próximo líder. Ele deve ser muito ruim”, disse Lihaku, cruzando os braços.

“Ah, muito ruim! Este filho mais velho tem cerca de vinte e cinco anos. Ele abandonou sua casa há vários anos, deixando sua esposa e filho, e... bem, digamos que ele tem feito muita coisa.”

Isso pode explicar a maldade da mãe, Maomao admitiu. Sem dúvida, seus parentes a culparam por “não ficar de olho no marido”.

“Tipo o quê?”, perguntou Maomao.

“O penúltimo filho do Mestre Gyokuen, seu sétimo, também tem vinte e cinco anos, e os dois não se dão bem. Eles brigam o tempo todo. Uma vez, houve uma coisa toda quando eles decidiram por um duelo com armas de gume de verdade. Os

dois são tão bons que ninguém conseguiu pará-los. Oh, foi terrível!”

Hmm, hmm!

“Então ele começou a fabricar seu próprio licor, ‘pegando emprestado’ garrafas de uma destilaria próxima, enchendo-as com seu luar e vendendo-as. Isso prejudicou a reputação da destilaria. Vale a pena notar que o lugar era administrado pela terceira filha de Gyokuen.”

Hmm?

“Além disso, Srta. Maomao, você se lembra de como fomos atacados por bandidos quando fomos para aquela vila agrícola? Aparentemente ele também estava conectado com aquele incidente.”

Hmmmm?!

Maomao levantou a mão para Chue parar. “O que parece ser o problema, Srta. Maomao?”

“Estou surpreso que o Mestre Gyoku-ou não o tenha renegado.”

“Ser o filho mais velho provavelmente ajudou a protegê-lo um pouco. E o Mestre Gyoku-ou tem algumas preocupações estranhas, então ele nunca deu ao seu segundo ou terceiro

filhos nenhuma educação em política. De qualquer forma, o filho mais velho era um jovem bem-comportado e capaz até que ele enlouqueceu, então talvez o Mestre Gyoku-ou pensasse que ele voltaria eventualmente. O filho é um cara poderoso e um líder — ouvi dizer que quando ele

foi atacado pelo chefe de uma gangue de bandidos conhecida em toda a província de I-sei, ele foi buscar o cara de volta."

Chue mordiscou um twist de massa frita que ela tinha conseguido em algum lugar. Ela os distribuiu para o médico charlatão e Lihaku também, e eles também estavam comendo.

Se vingando de um bandido, hein? Bem o tipo de imagem de "herói" que Gyoku-ou tanto prezava.

"Como para os irmãos mais novos do Mestre Gyoku-ou, eles estão todos muito ocupados com negócios para liderar a capital ocidental. Mas não podemos deixar o trabalho para seu filho mais velho. O Senhor Rikuson e o Príncipe da Lua provavelmente foram apresentados para ganhar algum tempo. O segundo e o terceiro filhos do Mestre Gyoku-ou são caras inteligentes. Podemos ganhar tempo suficiente para que eles aprendam sobre política. Acho que planos estão sendo feitos para que o filho mais velho seja deserdado antes disso. Com o Mestre Gyoku-ou morto, ele perdeu sua proteção."

"Você realmente sabe muito, Srta. Chue," o médico charlatão disse admiradamente — embora essas parecessem coisas que ela provavelmente não deveria saber.

Esses eram os filhos de Gyokuen: resistência e teimosia eram garantidas. Eles estavam usando o irmão mais novo do Imperador para ganhar tempo.

“Isso explica por que a mãe daquele garoto parecia tão preocupada,” disse Maomao. Casar com o filho mais velho de uma família não significava muito se esse filho fosse expulso da linhagem familiar. E se seu próprio filho machucasse o médico do irmão mais novo Imperial, bem, isso seria o suficiente para fazer o sangue gelar.

“À luz de tudo isso, parece provável que o segundo ou terceiro filho seja designado para servir sob o Príncipe da Lua por um tempo, e o outro será designado para o Senhor Rikuson. Se um deles provar ser um aluno especialmente rápido, isso significa que poderemos voltar para a região central o mais rápido possível. E falando em voltar, é melhor a Senhorita Chue voltar ao trabalho.”

Ela se levantou como se para sinalizar que a conversa havia acabado; ela já tinha terminado seu lanche, de qualquer forma.

Maomao levantou a mão. “Senhorita Chue? Pergunta.” “Sim, Senhorita Maomao? O que foi?”

Maomao lembrou que agora estavam estacionados na casa principal. “Esse filho inútil e vagabundo vem para a casa principal?”

“Não com muita frequência, mas acho que ele passa para ver a família de vez em quando.

É bem possível que você esbarre nele.” Chue deu uma piscadela larga.

Por favor... Não azarar.

Maomao previu muitas dificuldades em seu futuro. Ela fez a melhor coisa que pôde: balançou a cabeça e tentou esquecer.

# Capítulo 2: A Estufa e a Capela

Quando Maomao arrumou seu novo quarto, ela foi ver a estufa dos rumores.

"Oh! Meu! Puxa!" ela exclamou, seus olhos brilhando, enquanto observava a instalação. Era um prédio de tijolos e madeira, partes do teto e paredes feitas de vidro transparente para que a luz do sol pudesse entrar. Lá dentro, eles estavam cultivando suculentas exóticas e até pepinos. Pepinos eram um vegetal que você podia colher dos campos no verão, uma maneira fácil de conseguir um pouco de água, mas na capital ocidental eles eram tratados como bens raros e valiosos.

"É difícil cultivar pepinos no oeste, então eles são considerados um sinal de riqueza. Por esse motivo, frequentemente servimos pepinos frescos quando temos visitantes do oeste. Eles também são os favoritos do Mestre Gyokuen;

ele gosta de comê-los entre fatias finas de pão."
Essa explicação estava sendo oferecida pelo jardineiro que administrava a estufa. Ele até preparou gentilmente um pouco de pão e manteiga para uma degustação, e parecia pronto para preparar algo para eles experimentarem ali mesmo.
No entanto...
"Senhorita Maomao, você está começando a dançar!"
"É, senhorita, relaxa. Tem gente olhando!"
Chue e Lihaku olharam para ela, vagamente preocupados.
"Ei, eu sei disso!", disse Maomao, mesmo enquanto puxava uma tesoura do meio das dobras de suas vestes. "Pepinos!", ela cantou. "Folhas de pepino! Caules de pepino!"
No momento em que ela pegou um dos vegetais pelo caule, no entanto, o jardineiro colocou a mão firmemente em seu ombro.
"Perdoe-me, mas o que, posso perguntar, você acha que está fazendo?" Uma veia pulsou em

sua testa.
"Eu só pensei, a temporada de pepino está quase acabando. Você não vai precisar deles por muito mais tempo."
Só ia ficar mais frio. Com ou sem estufa, Maomao suspeitava que logo seria impossível cultivar pepinos.
"Eles ainda podem ser colhidos." O aperto do jardineiro ficou mais firme.
"As folhas e os caules, para não falar da fruta em si, é claro, são todos

ingredientes medicinais em potencial, mas serão inúteis se murcharem primeiro. Se eu não pegá-los agora, quando terei a chance?" Maomao disse, encontrando o olhar do jardineiro e se recusando a recuar. Eles se viram presos em uma disputa de olhares.
"Isso é para comida", disse o jardineiro, com os olhos esbugalhados.
"A capital ocidental está enfrentando uma crise sem precedentes. Os remédios estão em falta

desesperadamente. Você não acha que deveria ajudar?"

A essa altura, eles estavam usando substitutos para muitos remédios. Não era hora de cultivar vegetais apenas para satisfazer as inclinações culinárias de alguém.

"Foi-me dado entender que você recebeu permissão para usar a estufa. Tenho que me perguntar, no entanto, se eles também lhe disseram que você poderia fazer o que quisesse com as plantas que já estão aqui."

"Esses pepinos estão a caminho do fim, e eles dificilmente terão qualquer valor nutricional, de qualquer forma. Você não acha que a coisa óbvia seria usá-los como ingredientes medicinais?"

Maomao e o jardineiro continuaram seu impasse.

Após um breve impasse, Chue chegou com o superior do jardineiro. O chefe deu ao jardineiro o resumo, mas o homem se recusou a capitular.

“Eu não acho que as coisas aqui sejam bem o que eles disseram ao Príncipe da Lua,” Chue observou.
“Eu acho que esse chefe é do tipo que evita contar ao seu povo qualquer notícia ruim para dar uma boa fachada para os dignitários de fora da cidade,” respondeu o surpreendentemente perceptivo Lihaku, habilmente lendo a situação.
Ele estava absolutamente certo, e o jardineiro era a vítima infeliz. Aqui estava um homem que até mandou fazer pão para que eles pudessem experimentar os produtos de sua amada estufa. Maomao teve que admitir que se sentiu um pouco mal por ele, mas não foi isso que lhes disseram.
Por que ele acha que eu vim para a casa principal?

No final, foi decidido que Maomao usaria apenas um terço da estufa. Os pepinos que logo estariam fora de temporada iriam para ela, no entanto. Com muitos olhares magoados para Maomao, o jardineiro, à beira das lágrimas, começou a fazer uma placa de Somente Pessoal Autorizado para mantê-la longe de suas suculentas.

"Que tipo de remédio você pode fazer com isso?" Lihaku perguntou enquanto ajudava Maomao a reunir os pepinos e colher suas folhas e caules.

"Eles são muito comuns em antipiréticos. Eles também são eficazes contra intoxicação alimentar e estimulam a micção. Eles podem ser usados para induzir vômito também."

"Espere, quando você precisaria induzir vômito?"

"Quando você tomou mais do que a quantidade necessária de veneno, por exemplo."

"Isso não é algo que as pessoas normalmente fazem!" Lihaku sorriu genialmente, mesmo enquanto fazia a piada afiada. Era uma de suas virtudes que ele não se irritava facilmente, mas se Maomao pudesse ter tudo o que quisesse, ela poderia ter desejado que ele tivesse a rapidez de raciocínio particular que o irmão de Lahan possuía.

Ela e os outros coletaram os vegetais, as folhas,

os caules e até as videiras. Então eles arrancaram as plantas nuas de pepino pela raiz, deixando apenas terra vazia para trás. O jardineiro olhou para Maomao como se ela tivesse matado seus pais, mas ela não lhe deu atenção.

Em algum lugar ao longo da linha, o pato, um pato perfeitamente comum como você pode ver em qualquer lugar, chegou e começou a bicar os insetos que emergiam da terra recém-revolvida.

"O que você vai plantar agora que tem um terreno para trabalhar?" Lihaku perguntou.

"Boa pergunta. Eu estava pensando que talvez eu começasse plantando todo tipo de semente que eu tivesse em mãos. Eu não sei o que vai crescer na estufa, então talvez eu possa começar vendo o que pega."

"Todo tipo de semente? Tem espaço para isso?"

Maomao fez uma pausa. “Talvez se a gente rasgar aquele outro canteiro de pepinos também.”

Parecia que faíscas voariam mais uma vez entre ela e o jardineiro. Duas pessoas que se recusam a ceder um centímetro estão sempre longe do caminho da paz.

“Senhorita Maomao, senhorita Maomao!” “Qual o problema, senhorita Chue?”

Chue parecia ter visto algo. Ela estava pressionada contra a parede de vidro e espiando para fora..“Há uma capela ali! Se importa se eu der uma olhada?” “Uma capela?”

Chue apontou, e Maomao viu um edifício no distinto estilo ocidental.

Havia muitos semelhantes espalhados pela capital ocidental; a maioria deles parecia ter funções religiosas.

Não é bem como o que estávamos antes, no entanto.

Havia um edifício parecido com uma capela na visita deles no ano passado, mas este era diferente. Curiosa, Maomao seguiu Chue.

Ela tinha ouvido falar que capelas eram algo como santuários. Certamente tem a mesma atmosfera sombria, ela pensou quando entraram. Era um espaço hexagonal simples, uma única sala. No entanto, a luz entrava pelas janelas, que eram adornadas com quadros feitos de vidro colorido, salpicando o piso simples com belas cores. Isso realmente deixou Maomao com uma sensação indescritível de admiração.

Chue sentou-se bem no meio da sala e começou a resmungar algo. Maomao sentou-se ao lado dela. Ela realmente não sabia o que estava acontecendo, mas ficou quieta até Chue terminar de falar. Lihaku esperou do lado de fora; a capela estaria um pouco lotada com todos os três lá dentro.

"Ufa..." Depois de um momento, Chue olhou para cima. Vindo dela, tudo isso era um pouco estranho.

"Senhorita Chue, o que você estava fazendo lá?" Maomao perguntou.

"Eu estava usando uma língua antiga de outro país para perguntar: 'Ó Senhor, você nos vê?'"

"Não entendi. O que isso significa?"

"É uma linha do texto sagrado de uma religião estrangeira. Você sabe, há muitos crentes muito piedosos na capital ocidental. Se você puder trabalhar em uma linha das escrituras aqui ou ali enquanto estiver conversando, isso pode fazer maravilhas para o seu negócio!"

Chue pegou alguns utensílios de escrita das dobras de seu manto e anotou algo. "Aqui, Srta. Maomao. Parece que você vai morar aqui por um futuro próximo, então é melhor aprender." No papel, ela havia escrito as palavras que estava falando, soletradas foneticamente para que Maomao pudesse lê-las.

"Eu realmente não acho que preciso." Maomao não poderia se importar menos com esse assunto e não tinha interesse em aprender essas palavras.

"Não, não. Acho que você deveria!" Chue não recuou; ela agarrou os ombros de Maomao e olhou-a diretamente nos olhos. Ela não estava deixando o boticário

com muita escolha. "Aqui vamos nós! Um! Dois! Ó Senhor, Você está aí, Senhor?" "Ó S— Lard, você está aí, Lard?"

“Hmm. Você parece um bebê balbuciante.” Maomao pensou que tinha dito as palavras exatamente do jeito que Chue as havia escrito, mas aparentemente havia algo errado com sua pronúncia. “Vamos tentar de novo!”

“Não vamos e digamos que fizemos.”

“Vamos! Esta é a oportunidade perfeita.” Chue estava se mostrando extraordinariamente teimosa.

Quando elas repetiram a frase várias vezes e a dicção de Maomao começou a melhorar, Chue finalmente a deixou ir. Enquanto isso, ela ensinou a Maomao o gesto correto de oração, embora Maomao duvidasse do quanto isso lhe faria bem.

Quando saíram da capela, pegaram Lihaku bocejando. Entediada, provavelmente.

“Vou te dar uma prova surpresa sobre isso na próxima vez que passarmos por aqui,” Chue avisou Maomao.

“Sim, ok,” Maomao disse. Até onde ela sabia, não haveria uma próxima vez. “Vamos voltar por enquanto e comer alguma coisa, Srta. Chue.” Ela estava confiante de que o assunto comida distrairia a atendente sempre faminta.

Chue gostava de fazer suas refeições com Maomao para evitar sua sogra, e Maomao antecipou uma concordância rápida.

“Boa ideia. O senhor Quack também deve estar morrendo de fome. A propósito, como ele está cuidando das necessidades do banheiro?” Chue

não demonstrou vergonha na pergunta.

“Eu o levo ao banheiro sempre que estou lá”, disse Lihaku, que podia carregar o quack nos braços.

“Ele deve ficar bem. Deixei uma comadre para ele. É para uso feminino, então acho que deve funcionar para ele”, respondeu Maomao, tão despreocupado quanto Chue. O quack era um eunuco, então não tinha a característica distintiva da maioria dos homens.

“Nossa, de repente me sinto mal pelo velho. Vamos voltar, hein?” Lihaku disse, acelerando o passo. Ele realmente parecia estranhamente preocupado.

# Capítulo 3: Os Filhos de Gyoku-ou

Quando Maomao e os outros voltaram ao consultório médico, ouviram vozes falando lá dentro.

Há algum paciente aqui? Maomao se perguntou. Se o médico charlatão os estava examinando, então era melhor ela entrar e trocar com ele, rápido. Ela abriu a porta.

"Olá, estamos de volta", ela disse.

"Oh, olá, mocinha! Bem-vindos de volta, todos."

O médico estava conversando com um jovem que Maomao não reconheceu.

Quem é esse?

Ele provavelmente era mais jovem que Maomao, um homem pequeno com olhos gentis. Seu rosto era atraente o suficiente, mas talvez não parecesse muito na capital ocidental, onde havia homens musculosos de sobra.

"Este é um paciente?" Maomao perguntou.

"Oh, não. Ele é um visitante. Ele veio para dizer um olá educado", o charlatão respondeu, sua perna machucada apoiada em uma cadeira.

"Você deve perdoar a intrusão," o jovem de constituição pequena disse, dando a ela um sorriso despreocupado. "E você deve me perdoar por não ter me apresentado antes. Meu nome é You Hulan, e eu estarei servindo o Príncipe da Lua."

“Ah, entendo. Eu sou Maomao.” Ela respondeu à sua reverência educada com uma profunda reverência.

“Você,” hein? Esse era um nome que ela parecia estar ouvindo muito ultimamente. “Este jovem, veja bem, ele deveria servir o Príncipe da Lua,” o

charlatão ofereceu. “Ele é filho do Mestre Gyoku-ou.”

“De fato. Eu ainda sou muito jovem; peço sua indulgência comigo.”

Filho de Gyoku-ou? Maomao inclinou a cabeça, perplexa. Ele parecia o oposto polar de seu pai. Onde estava a semelhança?

Chue poupou o garoto apenas um breve aceno de cabeça. Talvez ela já o conhecesse. “O filho honrado do Mestre Gyoku-ou, você disse?” ela disse.

“Sim, senhora, seu terceiro e mais novo. Nunca imaginei que teria a honra de servir o Príncipe da Lua.” Hulan estava radiante.

Maomao tinha ouvido que Jinshi e Rikuson teriam cada um dos filhos de Gyoku-

ou designados para ajudá-los — um ficaria com o segundo filho, o outro com o terceiro. Este jovem, no entanto, não era bem o que ela esperava, e ela ficou um pouco surpresa.

Eu apenas imaginei que ele seria mais... cheio de si.

Este era o filho do homem que tentou usar Jinshi como um peão? À primeira vista, de qualquer forma, ele parecia perfeitamente humilde. Ele estava tomando chá com o médico charlatão — um eunuco — e não hesitou em agir educadamente com Maomao. Ele não era nada como ela teria imaginado. Certamente não era a tempestade furiosa de um homem que poderia ter sido sugerida pelo nome Hulan, que significava "tigre e lobo".

"Meu irmão mais velho está servindo ao Mestre Rikuson. Espero que você olhe com gentileza para cada um de nós."

Se o segundo filho tivesse sido designado para Rikuson, e o terceiro para Jinshi, talvez fosse em deferência às suas respectivas idades.

Eu não ficaria surpreso se o segundo filho fosse mais velho que Jinshi. E quando você tinha que dar ordens a alguém, as coisas ficavam mais fáceis se eles fossem mais novos que você.

"Eu vim para mais do que apenas cumprimentos hoje. Também estou aqui para oferecer minhas desculpas," disse Hulan.

"Pelo quê?"

"Meu sobrinho feriu o mestre médico, e eu lamento profundamente por isso. Ele ainda é jovem, e como o primeiro neto do meu pai, ele foi bastante mimado. Eu aceitarei qualquer punição em seu nome, mas por favor olhe generosamente para meu sobrinho."

Quem diabos é esse cara?

Ele certamente não parecia filho de Gyoku-ou. Ele tinha a atitude deferente de alguém que já havia passado décadas como um amortecedor entre um superior e seus subordinados.

"Hulan foi gentil o suficiente para trazer lanches e vinho. E é tão difícil conseguir lanches hoje em dia! Não posso agradecê-lo o suficiente", disse o médico charlatão. Ele levantou uma cesta de pãezinhos cozidos no vapor. Havia duas garrafas de vinho ao lado.

Bem, agora!

"Este é um vinho de uva especial da capital ocidental, embora eu tema não saber se será do seu gosto. Na esperança de encontrar algo que você goste, trouxe duas variedades — uma mais alcoólica e uma menos."

Que excelente escolha de presente. Maomao sentiu vontade de se agarrar às garrafas de vinho, mas resistiu.

"Agora, então. Se me derem licença, preciso voltar ao trabalho", disse Hulan. "Oh, por favor, fique mais um momento, Hulan. Você ainda é jovem, e a juventude

deve ter tempo para relaxar", disse o charlatão, que agora havia adotado um ar de total informalidade com o jovem.

"Temo que não consegui. Meus tios e tias me disseram para estudar diligentemente aos pés do

Príncipe da Lua. Vou me esforçar o máximo que puder para alcançar todos os outros e, enquanto isso, espero que você me veja com bons olhos."

Hulan fez outra reverência elaborada e saiu do escritório.

"Devo dizer que não vejo nenhum lobo nele", observou Maomao. O tigre e o lobo do nome de Hulan sugeriam alguém ganancioso e violento; era um nome forte, sim, mas não muito bom.

"É. Ele parece mais um vira-lata leal", acrescentou Lihaku, e Maomao concordou completamente com ele.

Depois que Hulan saiu, o charlatão contou a eles sobre os filhos de Gyoku-ou.

"Dizem que o Mestre Gyoku-ou teve quatro filhos. O jovem Hulan é o mais novo deles."

Maomao e os outros não perderam tempo em transformar o presente de Hulan de pãezinhos cozidos no vapor em seu lanche.

Tenho que ter certeza de que não há nada neles, pensou Maomao, seu velho hábito de verificar se havia veneno aparecendo na comida. Estavam cheios de carne, e ela estava perfeitamente feliz em fazer seu almoço para eles. Ela só lamentava não poder tomar vinho com eles — mas ela estava de serviço, afinal.

"O mais velho tem vinte e cinco anos, e o resto das crianças nasceram em anos sucessivos — exceto Hulan; ele é um pouco mais novo. Cerca de

dezoito. Não é mesmo, Srta. Chue?" o charlatão perguntou enquanto servia chá em algumas xícaras.

"Ah, sim, muito certo. Os filhos do Mestre Gyoku-ou vão: filho mais velho, filha mais velha, segundo filho e então o terceiro filho fechando a retaguarda com dezoito anos de idade."

Chue estava servindo um pouco de sopa que ela havia reaquecido. Maomao pegou uma tigela e passou para Lihaku, que ficou um pouco afastado do médico charlatão. O charlatão preparou o chá sem se levantar, enquanto Lihaku estava tão vigilante como sempre. Depois de passar mais de seis meses na companhia um do outro, cada um sabia seu papel.

"Essa é uma coleção estranha. Por acaso eles têm mães diferentes?" Maomao perguntou, sentando-se em uma cadeira e abrindo um pãozinho. O recheio derramou, carne, cogumelos e brotos de bambu.

"De jeito nenhum. Ao contrário de seu pai, o Mestre Gyoku-ou só tinha uma esposa."

"Huh! Isso é bem diferente do Mestre Gyokuen," o charlatão disse, parecendo surpreso. Não era incomum que homens em Li tivessem mais de uma esposa, mas onze eram o suficiente para fazer de Gyokuen o assunto da conversa. Até o Imperador só tinha esposas suficientes para contar em uma mão. Sim, havia duas mil consortes

e damas no palácio dos fundos, mas entre considerações de origem familiar e recursos, elas não eram necessariamente todas as pessoas que Sua Majestade poderia facilmente levar para a cama.

Lihaku falou. “Sabe, eu ouvi um boato. Sobre a esposa do Mestre Gyoku-ou.” Seus ouvidos e boca estavam participando da conversa, mas seus olhos continuaram a escanear a área fora do consultório médico.

“Que tipo de boato?” Maomao, tendo estudado cuidadosamente o pão, agora o colocou na boca. Os temperos eram característicos da região central, e ela ficou surpresa ao perceber que isso a deixou um pouco nostálgica.

“Ouvi dizer que ela sempre teve um bom senso para os negócios, que ela costumava ser uma verdadeira empreendedora. Após o nascimento do segundo filho, ela embarcou em um navio mercante estrangeiro para um empreendimento comercial, exceto que ele se envolveu em um naufrágio. Infelizmente para ela, as coisas não estavam muito boas no país onde ela acabou, e ela teve que ficar lá por vários anos.”

“Essa é uma história e tanto. Eu esperaria ver mais de alguém assim, no entanto”, disse Maomao. Até agora, ela não tinha visto a esposa de Gyoku-ou nem uma vez. Ela presumiu que isso significava que ela era apenas uma mulher casta e reservada que passava o tempo apoiando o marido,

mas parecia estranho que Maomao não tivesse visto nem mesmo seu rosto desde a morte de Gyoku-ou.

Chue pegou a história. “Ela voltou anos depois, mas dizem que ela não era a mesma mulher. Ela se tornou alguém que apoiava o marido nas sombras, onde ninguém a via. Tenho certeza de que muita coisa aconteceu com ela naquelas terras agrícolas.” Quando Maomao olhou de perto, viu que o prato de Chue, e somente o dela, tinha um pãozinho extra. Ela teria que tomar cuidado com ela.

“Você acha que isso contribuiu para o Mestre Gyoku-ou odiar tanto os estrangeiros?” Maomao perguntou.

“Quem pode dizer? Com certeza nunca saberemos agora.” Chue não parecia muito interessado, mastigando alegremente um pãozinho cozido no vapor.

Lihaku também havia retornado à sua comida, aparentemente tendo compartilhado tudo o que sabia sobre a esposa. Maomao também não tinha nenhuma pergunta complementar para falar.

“Sabe, aquela garota que você examinou não era neta do Mestre Gyoku-ou?” o charlatão perguntou.

“Isso mesmo. A filha da filha mais velha dele.”

A menina desenvolveu um bloqueio intestinal por causa do hábito de comer o próprio cabelo.

Tianyu fez a cirurgia, mas Maomao cuidou dela depois disso. Os pontos já tinham saído limpos.

"Deve ter doído muito, ter o estômago aberto. Como está o ferimento?

Está tudo bem agora?", perguntou o charlatão, com a testa franzida em preocupação genuína.

Dá para perceber que estava lá, pensou Maomao. Ela odiava admitir, mas Tianyu era uma excelente cirurgiã. Talvez você tivesse que ser um pouco louca para ser tão boa; o céu, dizia o ditado, não dava dois presentes para uma pessoa.

"Sim, está muito melhor", disse Maomao. "Eu a visito periodicamente para verificar o progresso da cicatriz, mas é só isso. Na verdade, vou amanhã."

O tratamento estava indo bem. Ela desejou que um certo nobre com abdômen escaldante fosse um paciente tão bom.

"Oh? Isso é bom, isso é bom. Fico feliz em ouvir isso." O charlatão pareceu aliviado; Maomao, porém, achou que deveria se preocupar mais com sua própria perna.

# Capítulo 4: A Esposa Protegida

No dia seguinte, Maomao foi ver a neta de Gyoku-ou, assim como ela havia dito ao médico charlatão que faria.

Qual era o nome dela mesmo?

Maomao, como estabelecemos, não era muito boa em lembrar nomes de pessoas. Mas ela se virava bem, então estava tudo bem, certo?

Como sempre, Lihaku e Chue estavam com ela. E mais uma pessoa... "Oh, por favor, não se importe comigo."

Por algum motivo, o terceiro filho de Gyoku-ou, Hulan, também estava lá.

"Eu só pensei em ir junto. Gosto de ver minha irmã mais velha e minha sobrinha de vez em quando."

Nossa, e eu aqui pensando que sua honra estava servindo ao Príncipe da Lua.

"Tem certeza de que não precisa trabalhar?", ela perguntou, tomando cuidado para não deixar seu ceticismo transparecer em seu rosto.

"Você não precisa se preocupar, isso também serve como trabalho. Achei que seria uma boa oportunidade de perguntar alguns detalhes sobre o trabalho que meu pai estava fazendo."

“Você vai bater um papo com sua irmã?” Isso não soou como trabalho para Maomao. Ela lançou um olhar interrogativo para ele.

“Não, minha mãe. Ela mora com minha irmã; ela diz que há muita comoção na casa principal para ela.”

Ah, a tão discutida mãe.

Então ela se retirou do “palco principal”, mas ainda estava apoiando Gyoku-ou no fundo. Faria sentido, então, perguntar a ela sobre seus negócios.

Na entrada da casa, eles foram recebidos pela jovem paciente e sua mãe, bem como uma mulher com mais de quarenta anos.

Essa é a mãe de Hulan? Maomao se perguntou. Ela visitou esta casa várias vezes, mas esta foi a primeira vez que a viu. Talvez ela estivesse lá esperando, não por Maomao e sua banda, mas por Hulan. Acho que vou chamá-la de Mãe de Hu por enquanto.

Ela não sabia se Hulan iria apresentá-las, mas se o fizesse, saber o quão raramente ela provavelmente encontraria essa mulher deixou Maomao sem muita vontade de lembrar seu nome. Na mesma linha, ela apelidou

a irmã mais velha de Hulan de "Irmã de Hu". Ela realmente se parecia com a mãe de Hu, como se poderia esperar de uma mãe e filha, mas a mãe de Hu possuía uma beleza que poderia tornar uma

pessoa possessiva. Sem dúvida, ela tinha sido uma mulher popular em seus anos mais jovens.

"Mãe, irmã", disse Hulan, curvando-se profundamente para cada uma delas. "Já faz muito tempo."

"Sim. Muito tempo mesmo", disse a mãe de Hu, e então olhou para Maomao e os outros e lentamente abaixou a cabeça.

Suas feições se assemelhavam às da irmã de Hu, mas ela tinha uma qualidade retraída e uma calma nos olhos. Fisicamente, seus olhos eram mais baixos do que os da filha, mas ela exalava uma beleza única.

“Hulan, acho que já é o suficiente como saudação quando temos visitas.” Ela se virou para Maomao e seu grupo. “Vocês devem aceitar minhas desculpas pela falta de consideração do meu filho.”

Aparentemente foi daí que Hulan tirou sua modéstia. Sua voz era tão reservada quanto sua aparência.

“De jeito nenhum,” Maomao disse, então olhou para a neta. “Se me permite, talvez eu possa examinar a cicatriz da paciente agora?”

“Sim, por favor, cuide bem de Xiaohong.”

A garota fez sua melhor reverência. Xiaohong, “pequena vermelha,” era presumivelmente um apelido, mas Maomao nunca tinha ouvido seu nome verdadeiro.

Ela parecia bem diferente agora de como era antes; seu cabelo, antes escuro, agora estava quase todo claro e uniformemente aparado. As raízes eram de um castanho claro que beirava o dourado, enquanto as pontas ainda eram pretas, dando a impressão de um pincel que havia sido mergulhado em tinta.

“Tudo bem, vejo você mais tarde,” disse Hulan. Ele e sua mãe fariam sua própria conferência enquanto Maomao fazia seu exame.

Maomao e os outros entraram na sala onde ela sempre fazia seus exames.

Bem, talvez "exame" fosse uma palavra forte. Na maioria das vezes, ela apenas inspecionava a cicatriz e aplicava um pouco de pomada na esperança de que não ficasse muito visível a longo prazo.

Não havia empregados na casa. A cicatriz em seu abdômen pode não ter sido muito óbvia, mas a família não queria que fosse de conhecimento público que a menina havia passado por uma cirurgia. Se a cicatriz desaparecesse mais ou menos completamente quando ela crescesse, seria o melhor dos mundos.

“Terminei por hoje. Se você achar que precisa de mais pomada, por favor, não hesite em vir ao consultório médico e eu prepararei um pouco. Mas coisas comuns

do mercado também seriam boas.”

“Muito obrigada”, disse a irmã de Hu, curvando-se profundamente.

Embora não fosse realmente esse tipo de visita, ela colocou chá e lanches em uma mesa. Os olhos de Chue brilharam como se dissessem Vamos dar uma mordida antes de ir para casa.

"Hulan ainda não voltou, de qualquer forma. Por que não pegamos leve?"

"Não acho que haja nenhuma necessidade especial de esperarmos o Mestre Hulan ir embora", disse Maomao. O que elas eram, um bando de adolescentes que tinham que fazer tudo em grupo? Elas tinham Lihaku lá como guarda-costas; seria ótimo.

"Senhorita Maomao, você está dizendo à pobre e faminta Srta. Chue para passar direto por essas guloseimas lindas e deliciosas e não comê-las?"

"Vá em frente e coma, Srta. Chue."

"Uau! Eu sabia que você era uma das boas, Srta. Maomao. Eu poderia te beijar!" Ela foi até Maomao com os lábios franzidos, mas Maomao a empurrou para longe. "Aww, não seja assim!", disse Chue.

“Uh-huh,” Maomao disse, e colocou um copo de leite chá na frente de Chue. Chue prontamente misturou um pouco de mel e colocou uma guloseima assada no rosto. Era um biscoito com uvas secas e nozes; cheirava intensamente a

manteiga. Talvez houvesse gérmen de trigo ali, porque a cor era pálida, mas seria muito nutritivo. Certamente era o suficiente para passar por uma indulgência luxuosa com ingredientes tão difíceis de encontrar.

Maomao mordiscou um dos biscoitos. Quanto a Lihaku, ele tinha seus deveres de guarda para pensar; ele apenas olhava atentamente para as guloseimas de aparência suntuosa. Sim, ele estava fazendo seu trabalho, mas Maomao ainda se sentia um pouco mal por ele.

"Ahem, com licença?" Maomao disse à irmã de Hu. "Sim? O que é?"

"Seria possível levar alguns desses biscoitos de volta conosco?" Uma lembrança para o médico charlatão.

Maomao se preocupou que talvez ela estivesse fora da linha, mas a irmã de Hu sorriu levemente e assentiu. Ela não parecia mais nervosa como quando se conheceram; na verdade, ela parecia muito controlada. "Muito bem", ela disse. "Vou pegar um pouco para você agora mesmo."

Quando ela estava prestes a sair da sala, Xiaohong puxou sua manga. "Eu posso pegar." Xiaohong saiu, parecendo feliz — ela, assim como sua mãe, parecia estar se sentindo muito melhor do que antes.

Chue observou a mãe e a criança com um sorriso enquanto mastigava seu lanche. Talvez ela

estivesse silenciosamente desejando que trouxessem muitas e muitas guloseimas para elas.

"Imagino que a dona da casa esteja hospedada com você", disse Maomao. Se não houvesse nada para falar, ela teria ficado em silêncio, mas como tinha um assunto para abordar, ela o fez. A irmã de Hu foi gentil o suficiente para dar essas guloseimas a elas; Maomao queria retribuí-la tentando ser pelo menos um pouco sociável.

"Sim, é verdade. Ela sente que há muita comoção na casa principal, então ela mora aqui. Embora ela também esteja preocupada com Xiaohong."

Estava falando da própria mãe da irmã de Hu, mas de alguma forma ela não parecia totalmente feliz.

Talvez as duas não se deem bem? Maomao se perguntou — e foi quando elas ouviram o "Eek!" do lado de fora.

A irmã de Hu pulou e saiu correndo da sala, Maomao e as outras seguindo logo atrás.

O grito veio de Xiaohong, que estava no jardim da mansão com alguém puxando seu cabelo. Ou seja...

Aquela pirralha detestável?!

O monstrinho, Gyoku-sei-lá-o-que-for, estava puxando o cabelo de Xiaohong. Sua cuidadora estava por perto, mas ela apenas olhou

apreensivamente e não deu sinal de tentar impedi-lo.

“Gyokujun! O que diabos você está fazendo?!” A irmã de Hu correu para separar Xiaohong e o pequeno monstro — er, Gyokujun. Ela ficou protetoramente na frente de sua filha e olhou para seu sobrinho.

Gyokujun, enquanto isso, jogou para o lado alguns fios soltos do cabelo de Xiaohong que tinham se enrolado em seus dedos. "O que eu estava fazendo? Eu só estava tentando ajudá-la a se livrar daquele cabelo imundo." Ele não parecia se sentir nem um pouco culpado. Em sua mão esquerda, ele segurava uma bola de lama que estava se preparando para esmagar no cabelo de Xiaohong.

"Não é imundo!" Xiaohong fungou.

A irmã de Hu parecia um pouco desconfortável, embora estivesse defendendo sua própria filha. "Xiaohong não é imundo", ela disse. "Ela é sua prima."

"Prima? Mas o cabelo dela, parece o cabelo de uma estrangeira!"

"É assim que parece. Há muitas pessoas na capital ocidental com cabelos claros — você sabe disso." A irmã de Hu estava agindo muito calmamente com seu sobrinho de menos de dez anos, mas era óbvio que ela estava se esforçando para se controlar.

"Mas tia, você costumava atirar pedras em forasteiros quando os via! Meu pai me disse isso." Gyokujun estava carrancudo.

Xiaohong estudou a expressão de sua mãe; a irmã de Hu parecia ainda mais desconfortável do que antes.

Ahh. Ela se lembrava, Maomao percebeu. Gyokujun estava fazendo coisas que a irmã de Hu já havia feito.

Você não pode mudar o passado, então isso só faz você se sentir mais e mais culpado.

"Não, não!"

Gyokujun escolheu aquele momento para soltar seu bolo de lama.

Mas ele nunca saiu de sua mão. "Tudo bem, chega de brincadeiras." Chue parou seu pequeno punho frio.

Quando ela...

Chue ficou atrás de Gyokujun em um piscar de olhos. "Ei! O que você pensa que está fazendo?!"

“Ora, ora. Água é um recurso precioso aqui. Pense em como seria difícil lavar se alguém se sujasse com algo assim.” Chue sorriu agradavelmente enquanto esmagava a mão de Gyokujun, com bola de lama e tudo. Deve ter doído, porque quando ela finalmente o soltou, seu rosto se contorceu e ele esfregou a mão.

“O que você pensa que está fazendo? Você sabe

quem eu sou?!" Gyokujun exigiu, lágrimas ameaçando se formar em seus olhos.

"Eu certamente sei. Você é bisneto do Mestre Gyokuen, neto do Mestre Gyoku-ou, filho mais velho do Mestre Shikyou, o honorável Mestre Gyokujun."

"Bem, se você sabe de tudo isso, então—"

"No entanto!" Chue continuou. "Dizem que o cabelo de uma mulher é sua própria vida. Não sei se isso é exatamente verdade, mas posso garantir que agir dessa forma não o tornará popular com as mulheres por um segundo!"

Chue olhou para o cabelo vítima, Xiaohong, que estava escondida atrás da mãe com lágrimas nos olhos e fungando.

Lihaku manteve uma distância respeitosa; como guarda-costas, ele não podia se afastar muito de Maomao e dos outros, mas não mostrou nenhum sinal de intervenção. Ele parecia considerar isso apenas uma briga entre duas crianças. Maomao adotou a mesma tática; Chue estava lidando com isso, e ela não iria se unir contra uma criança. Dito isso, Gyokujun ainda não parecia ter aprendido nada com esse momento, e a impressão de Maomao sobre ele como uma pequena fera só aumentou.

"Huh, tudo bem. Eu não me importo com o cabelo idiota dela. Mas você sabia que eles estavam tingindo esse tempo todo? Isso prova que

ela é uma forasteira. Ela é uma forasteira changeling que está aqui para machucar nossa família."

"Changeling?" Maomao inclinou a cabeça. Ela não pretendia entrar na conversa, mas era uma palavra tão desconhecida que ela abriu a boca.

bantes que ela pudesse se conter.

"Um changeling é uma criança nascida de fadas ou algo parecido e então trocada por uma criança humana", Chue explicou prestativamente.

"Só de olhar para ela! Dá para perceber", disse Gyokujun. "Os pais dela têm cabelo preto. Mas o dela é... assim! Qualquer um pode ver que há algo errado com ela.

Dizem que ela é minha prima, mas isso é mentira!"

Então um changeling é como um "filho do diabo"? O termo se referia a uma criança que não se parecia com os pais; como a expressão sugeria, era considerado um mau presságio.

De qualquer forma, havia algo que Maomao se sentia obrigado a corrigir. "Dois pais com cabelo preto ainda podem ter um filho com uma cor de cabelo diferente, sabe. É como alguns gatos podem ser pretos e brancos enquanto seus irmãos são listrados, mesmo que sejam da mesma ninhada."

Maomao pensou que estava dizendo de uma forma que uma criança pudesse entender, mas o pequeno monstro chamado Gyokujun não estava nem remotamente ouvindo. Maomao olhou para a dama de companhia que deveria estar observando-o, desejando que ela fizesse algo, mas a mulher apenas desviou o olhar.

Ele não aprendeu nada desde que feriu o médico charlatão.

Ela pensou que uma boa pancada seria a maneira mais rápida de dar uma lição, mas quando olhou para trás novamente, encontrou Chue falando com o garoto.

"Mestre Gyokujun", disse Chue. "Você é muito importante?" Ela exibiu seu sorriso indolente de sempre e bateu palmas algumas vezes para tirar a lama delas.

"É melhor você acreditar que sim! Pois eu sou Gyokujun!" "Sim, eu sei. Então, por que você é importante?"

"Porque eu sou o filho mais velho do filho mais velho desta casa. Um dia eu liderarei a capital ocidental."

"Então você é importante porque é filho do Mestre Shikyou?" “É isso mesmo!” Gyokujun estufou o peito.

Nada como tomar emprestada a autoridade do papai.

Era uma das principais razões pelas quais a irmã de Hu não conseguia ter uma mão mais firme com Gyokujun.

Maomao olhou para a cabeça de Xiaohong enquanto ela se agarrava à mãe. A mulher deve ter ouvido o aviso de Maomao para parar de tingir o cabelo da menina, porque havia uma boa extensão de cor clara ali agora. Mas havia manchas de sangue nas raízes; deve ter sido uma boa atração. Maomao sentiu qualquer simpatia possível por Gyokujun murchar e morrer.

“Tudo bem, próxima pergunta,” Maomao disse, substituindo Chue. “Por que

Mestre Shikyou é importante?” Chue deu um passo para trás, permitindo que ela liderasse a conversa.

“É porque ele é filho do vovô...”

“Ah, entendi, entendi.” Os lábios de Maomao se torceram. “Mesmo que o Mestre Gyoku-ou tenha ido embora agora?” Nesse ponto, ela estava sorrindo abertamente.

Não era uma maneira muito legal de colocar o assunto para uma criança. Ela estava usando as palavras como uma lâmina para eviscerá-lo.

O rosto de Gyokujun ficou branco. O que quer que o governo central pudesse ou não ter pensado sobre Gyoku-ou, havia muitos que o amavam e admiravam na capital ocidental, e falar de sua morte aqui talvez não fosse a atitude mais inteligente.

Maomao sabia que era mesquinho e cruel, mas estava determinada a não sentir nenhum remorso. A mãe de Xiaohong não podia dizer nada, então ela diria.

"O Mestre Shikyou ainda está por aí, eu acho. Mas ouvi dizer que ele vive bastante à vontade. Você ainda acredita que ele acabará liderando a capital ocidental? Ou você está dizendo que é o instrumento apropriado para governar este lugar?" Novamente, uma maneira dura de falar com uma

criança que ainda não tinha dez anos — mas ela queria que ele colocasse isso na cabeça. "Você mesmo é importante?", ela perguntou.

Se ninguém tivesse disciplinado um pirralho detestável como esse a vida inteira, ele nunca cresceria para se tornar um político decente. Se ele continuasse sem aprender nada, presumindo que sua linhagem o colocaria na mesma posição que seu pai, ele acabaria ficando profundamente decepcionado.

Gyokujun empalideceu diante dos olhos dela. Talvez ele estivesse começando a entender, à sua maneira infantil. Ele podia ser descendente do filho e do neto do homem indiscutivelmente mais poderoso da capital ocidental, mas mesmo os protetores mais poderosos poderiam morrer a qualquer momento — e uma criança sem protetor acabaria como uma marionete na melhor das hipóteses, banida na pior.

"M-Meu pai nunca morreria!" Gyokujun exclamou.

"Ninguém sabe quando vai morrer; é isso que significa ser humano.

Agora, você não se importa se eu tratar da cabeça de Lady Xiaohong, não é?"

Maomao pegou Xiaohong pela mão, pretendendo levá-la de volta para o quarto, mas uma voz clara e autoritária disse: "Espere um minuto!" Maomao se virou e encontrou uma mulher de meia-idade parada ali — a mãe de Hu.

"Vovó!" Gyokujun gritou e abraçou sua avó, agarrando-se a ela.

Hulan também estava lá, logo atrás dela. "Essas pessoas! Essas pessoas, elas disseram as piores coisas!" Gyokujun disse, agarrando sua avó com suas mãos enlameadas.

Não havia nenhum traço do espertinho de momentos antes; agora ele era todo doce

neto.

Hulan sorriu ironicamente para as palhaçadas de seu sobrinho, então juntou as mãos em um gesto de desculpas a Maomao e os outros.

Quanto à mãe de Hu, ela olhou para Gyokujun, depois para Maomao, então deixou seu olhar vagar sobre a irmã de Hu e Xiaohong antes de finalmente se fixar em Chue matiz. “Houve uma grande comoção aqui fora. O que está acontecendo?” ela perguntou, sua voz gentil para apaziguar seu neto.

“Eles disseram... Eles disseram que o pai vai morrer!” Gyokujun gritou.

Garoto idiota. Distorcendo o que disseram para que não parecesse que era culpa dele.

O rosto da mãe de Hu escureceu, e ela lançou um olhar para Hulan para ver seu rosto.

Hulan não disse uma palavra, mas estava claro em sua expressão que ele não pretendia servir como aliado de seu sobrinho.

“Gyokujun. Isso é verdade?” a mãe de Hu perguntou. “Claro que é!”

“Sério?” “S-Sim...”

“Eu estava observando o tempo todo, sabia?”

Com essa observação de sua avó, a expressão de Gyokujun mudou novamente. Ele se virou para seu tio, Hulan, mas o jovem não fez nenhum movimento para ajudá-lo.

O garoto é um mestre em mudanças rápidas, hein? O garoto ainda não tinha desenvolvido a força de personalidade do tio.

"O que você estava fazendo com Xiaohong? Por que suas mãos estão todas enlameadas?" "Uh, foi tudo um... um mal-entendido..." Gyokujun começou a gaguejar

em uma desculpa, mas se eles tivessem visto a coisa toda, não havia realmente sentido. Ao mesmo tempo, porém, Maomao começou a suar também.

Alguns segundos depois, a mãe de Hu deu um suspiro exasperado. "Gyokujun, volte para o seu quarto. Leve-o, por favor", ela disse à dama de companhia. O atendente o levou embora, embora ele não tenha deixado de colocar a língua para fora por cima do ombro enquanto ia.

"Você deve perdoar essa grosseria na frente de nossos visitantes", disse a mãe de Hu, curvando-se para Maomao e Lihaku por sua vez. Ela parecia entender que seu neto era um pouco grosseiro. Maomao estava preocupada que ela pudesse levar

um pedaço da mente da mulher por trazer à tona a morte de Gyoku-ou, mas a mãe de Hu não disse nada sobre isso.

Em vez disso, ela se virou para a irmã de Hu e Xiaohong. "Xiaohong, vocês poderiam vir aqui por um momento?"

Xiaohong deixou seu esconderijo atrás da irmã de Hu e foi até sua avó. A mãe de Hu começou a passar um pente no cabelo de Xiaohong. "Não parece tão ruim. Vou dar uma conversa séria com Gyokujun mais tarde."

"Mãe!", disse a irmã de Hu, indignada. "Sim?"

"É isso? Você sabe o quão cruel Gyokujun pode ser com Xiaohong — então por que você o trouxe aqui?"

Ela o trouxe?

Normalmente, Gyokujun estaria na casa principal. Maomao conseguia ver por que a irmã de Hu não queria que sua mãe trouxesse deliberadamente seu sobrinho aqui quando ambas sabiam o que ele faria com sua filha.

“As coisas não estão fáceis para Gyokujun na casa principal, sabia? Gostaria que você entendesse isso.”

“Entenda isso!”

“A mãe dele não pode protegê-lo sozinha. O que mais podemos fazer?”

O que é isso sobre a mãe dele? Ela não pode protegê-lo?

A mãe dele, presumivelmente, era a mulher que tinha vindo se desculpar por Gyokujun ter ferido o charlatão outro dia. A que tentou forçar a cabeça de Gyokujun a abaixar, chorando o tempo todo. Ouvia-se muito falar do filho mais velho sem importância de Gyoku-ou, mas não se ouvia falar tanto sobre sua noiva.

“Não é hora. Ainda temos visitas”, disse a mãe de Hu.

Não é hora? Maomao entendeu o que ela estava dizendo, mas não gostou muito do jeito que ela disse. A irmã de Hu mordeu o lábio e olhou feio para a mãe de Hu.

A mãe de Hu simplesmente foi embora como se nada tivesse acontecido. Hulan seguiu, curvando-se para eles enquanto ia. A irmã de Hu tinha um sorriso desconfortável no rosto; apesar de tudo o que tinha acontecido, ela parecia querer fingir ser corajosa para Maomao e seus companheiros.

"Sinto muito que você tenha visto isso. Vamos voltar?", ela perguntou. Estava claro o quanto de esforço ela estava despendendo.

"U-Um..." Xiaohong fungou e puxou a saia de Maomao. "Por favor, não fale mal do vovô."

Gyoku-ou não era apenas avô de Gyokujun — ele era de Xiaohong também.

Depois de um segundo, Maomao disse: "Você está certa. Sinto muito." Ela teve que admitir que estava errada dessa vez, e pedir desculpas era a

coisa certa a fazer.

## Capítulo 5: Terceiro Filho, Segundo Filho, Filho Mais Velho

O trabalho de Hulan frequentemente o colocava na órbita de Maomao e seus companheiros.

"Sinto muito, mas talvez eu possa pedir para você arranjar uma carruagem para mim?" ele perguntou a um servo em um corredor da casa principal. Os servos pareciam acostumados com o comportamento humilde de Hulan; aparentemente não era apenas um ato que ele fazia para Jinshi.

"Você acha que ele é realmente filho do Mestre Gyoku-ou?" Lihaku perguntou, apertando os olhos enquanto observava Hulan andar pelo corredor. O soldado corpulento tinha uma enxada na mão e estava trabalhando em um campo. Não era mais apenas o anexo; eles tinham recebido permissão para transformar o jardim da casa principal em campos agrícolas também, e o irmão de Lahan não perdeu tempo começando o cultivo. Lihaku ajudou, alegando que apenas ficar parado como guarda o faria amolecer e esse trabalho dobrava como exercício.

Então havia o jardineiro da casa principal, observando o campo se formar com lágrimas nos olhos. O jardineiro da estufa estava dando um tapinha simpático no ombro dele. Maomao não era mais o único inimigo dos jardineiros.

"Muitas crianças não são nada parecidas com seus pais", disse Maomao. Ela estava secando fatias de pepino no sol. O jardineiro da estufa estava olhando especialmente duro para ela, mas ela conseguiu não notar.

Com Gyoku-ou fora, a face política da capital ocidental havia mudado substancialmente. Com Jinshi agora assumindo um papel mais público, o movimento em direção à expansão militar era muito mais lento, e o foco principal da atenção havia se tornado como estabilizar o suprimento de alimentos.

Os odiados gafanhotos atacaram a capital ocidental repetidamente nos últimos meses. Os humanos, no entanto, podem se acostumar com quase tudo e, conforme os episódios aconteciam, eles aprenderam a conviver com os insetos.

Eles estão ficando dormentes, pensou Maomao. Ainda assim, sempre que via um gafanhoto, ela tentava matá-lo, e parecia que as pessoas estavam tentando arar as áreas onde os gafanhotos pareciam propensos a botar ovos. Houve até uma sugestão de que as planícies deveriam ser incendiadas enquanto as larvas ainda eram jovens e não podiam voar, mas, ao contrário da capital real, havia pouca chuva aqui e não

como saber até onde o fogo poderia se espalhar. Foi considerado muito perigoso.

Em vez disso, uma simples batalha de atrito

prosseguiu. O cultivo dos campos continuou, completo com "aração de outono". Nos últimos meses, vários comerciantes faliram, e a prioridade foi dada à contratação deles.

Eu me pergunto o quanto podemos realmente colher antes do inverno.

Essa seria a verdadeira questão, Maomao suspeitou. Ela tocou em cada uma das fatias de pepino, pegando as que estavam secas. Foi quando ela viu alguém correndo pelo corredor da mansão.

"Lady Maomao!" Era Hulan. Maomao sempre se sentiu estranha sendo tratada com tanto respeito. "E Mestre Lihaku. Você deve me perdoar."

"Oh, você é Mestre Hulan, não é? Você não precisa usar um título de respeito comigo; Sou apenas um guarda-costas. Na verdade, isso torna as coisas um pouco estranhas."

Ah, Lihaku, sempre dizendo exatamente o que Maomao gostaria de dizer.

"De jeito nenhum. Ainda não sou muito mais do que um gofer glorificado, e sei muito pouco sobre política. Sei muito pouco sobre qualquer coisa, na verdade. Enquanto isso, ouvi dizer que Lady Maomao, uma mulher, já serviu como assistente médica por alguns anos. E você, Mestre Lihaku, presumo que esteja aqui a pedido pessoal do Príncipe da Lua. Vocês dois certamente são dignos de respeito, e nunca seria rude com você. Acima de tudo, eu mesmo não sou nada mais do

que um lacaio, nem mesmo um oficial por direito próprio. Não posso fazer nada além de mostrar cortesia; por favor, entenda."

Hulan estava praticamente bufando com certeza, e seus olhos estavam realmente brilhando; se isso fosse uma atuação, ele estava fazendo um ótimo trabalho.

Vai dar muito trabalho fazê-lo parar, pensou Maomao, então decidiu conviver com isso.

"Tudo bem, Mestre Hulan. Precisa de algo de nós?", perguntou ela. "Sim, senhora. Trouxe um artigo do Príncipe da Lua. Pretendo dar o

mesmo ao Dr. You e ao Dr. Li. Ele busca a opinião daqueles que fazem tratamento médico aqui. Poderia ser gentil de dar uma olhada nisso?"

Ele passou a Maomao uma folha de pergaminho, que ela abriu e inspecionou. O texto estava escrito a caneta — o equivalente ocidental de um pincel — mas não era a caligrafia de Jinshi. Claramente tinha sido escrito por alguém acostumado a manusear uma caneta, presumivelmente alguém do oeste. Talvez Hulan o tivesse escrito ele mesmo.

Era uma lista de sintomas.

Inchaço, sangramento, anemia, diarreia, vômito...

"Esses são sintomas observados em áreas onde não há médicos ou

boticários. O Príncipe da Lua percebe que você

pode não ser capaz de tratar essas coisas de longe, mas se houver maneiras de preveni-las ou lidar com elas, ele pede que você as escreva com o máximo de detalhes possível."

Não era incomum que não houvesse médicos ou boticários no país. Quando as pessoas nessas áreas ficavam doentes, elas tratavam seus problemas com remédios populares e, em casos especialmente sérios, o sofredor podia ir a um curandeiro popular para ter e orações diziam, mas isso era o máximo que as pessoas podiam fazer.

Não havia tratamento médico adequado disponível.

"Você deve dar instruções o mais específicas possível. Além disso, os recursos são limitados, então o Príncipe da Lua ficaria grato se você sugerisse possíveis substitutos. O que quer que se procure na Província de I-sei hoje em dia, pode-se presumir que estará em falta."

Isso era verdade, Maomao concordou. Mas eles estavam pedindo mais do que ela poderia simplesmente anotar aqui e devolver a ele. "Vou providenciar para que o médico mestre pegue isso. Podemos ter um tempinho para trabalhar nisso? Acho que ele deve terminar esta noite." Ela se ateve ao pretexto de que o médico charlatão preencheria o papel. "Só precisamos dar ao Príncipe da Lua, sim?"

"Não, vou passar aqui de novo esta noite para pegar."

“Eu realmente não acho que você precise se preocupar com isso...” Ela sugeriu que poderia dar a Chue quando ela inevitavelmente passasse por aqui.

“Não, eu gostaria de ver por mim mesma”, disse Hulan firmemente. “Para ser bem honesta, essa foi minha sugestão, então eu gostaria de ter certeza.”

“Entendo.”

Raciocínio rápido. Maomao ficou impressionada. Ela poderia saber que uma esposa renomada por suas próprias capacidades criaria um filho adequado para ser o ajudante de alguém. Mas não mais do que um ajudante.

“Além disso, se me permite perguntar, há algo com que se deve ter cuidado em regiões onde não há pessoal médico oficial?” Hulan perguntou.

“Essa é uma grande questão”, respondeu Maomao, cruzando os braços e pensando. “Lugares sem médicos tendem a ser dominados pela superstição.

Às vezes, os curandeiros populares consideram o pessoal médico um incômodo e realmente os expulsam.”

Maomao imaginou alguém que havia experimentado isso em primeira mão: Kokuyou, o homem com o rosto meio enfaixado.

“Além disso, quando o corpo está enfraquecido, pode haver surtos de doenças transmissíveis. Fique de olho na saúde de qualquer

funcionário próximo a essas áreas para garantir que eles não estejam carregando uma doença involuntariamente."

"Entendido", disse Hulan.

Maomao tinha mais algumas ideias, mas ela poderia escrevê-las em detalhes mais tarde. "Tudo bem. Agradeço por você ter dedicado seu tempo", disse Hulan, e com outra

curvatura, ele saiu.

"Rapaz, eles realmente não se parecem", disse Lihaku. "Nem um pouco", concordou Maomao.

Então o terceiro filho de Gyoku-ou, Hulan, não se parecia com seu pai. E o segundo filho? Ele também era diferente, à sua maneira.

Com sua roupa meticulosa, o segundo filho, Feilong, parecia um burocrata em cada centímetro. Ao contrário de Hulan, sua presença podia ser um tanto imponente. Se alguma coisa, ele mais se parecia com a filha mais velha de Gyoku-ou nesse aspecto.

A casa principal e o escritório administrativo ficavam um ao lado do outro; havia até um corredor conectando os dois. Então, embora Feilong passasse a maior parte do tempo no prédio administrativo, Maomao o via de vez em quando.

Feilong foi oficialmente designado para Rikuson, mas ele frequentemente vinha para levar papéis para Jinshi. Talvez tenha sido um pouco de

gentileza da parte de Rikuson, dando a Feilong a chance de ver e ser visto por um membro da família imperial. Ou talvez ele só quisesse impor tanto trabalho a Jinshi. Maomao não sabia.

"Eu trouxe alguns papéis, senhor", disse Feilong, aparecendo durante um dos exames.

Maomao puxou o médico charlatão de volta para que ele não atrapalhasse. Mesmo enquanto cumprimentava Jinshi educadamente, Feilong deu os papéis ao assistente de Jinshi, Basen. A pilha foi separada em três partes por divisórias.

"A divisória vermelha é um novo negócio, a azul são itens que merecem reconsideração e a amarela significa propostas rejeitadas anteriormente que foram revisadas."

Huh, nada mal.

Feilong era um homem bastante capaz por si só. Embora fosse educado e correto, não havia calor nele. Isso também o diferenciava de seu pai. Talvez Gyoku-ou tivesse se preocupado principalmente com seu filho mais velho porque os outros dois tinham caído mais longe da árvore.

Eles parecem semelhantes o suficiente, mas é a atitude. Feilong e Hulan eram ambos perfeitamente competentes, mas tinham o ar distinto de burocratas. Isso era muito bom, já que estavam treinando para serem ajudantes no momento, mas imaginar qualquer um deles finalmente montando na capital ocidental como seu líder — bem, isso fazia

alguém balançar a cabeça. Jinshi parecia estar planejando ir para casa o mais rápido possível assim que sua instrução política terminasse, mas não sei.

Nesse ritmo, parecia que eles poderiam ficar aqui por muitos anos.

Falando dos filhos de Gyoku-ou, o mais velho apareceu surpreendentemente rápido. Maomao ouviu o grito de alegria de Gyokujun do lado de fora de sua janela. "Pai! Pai,

Pai!"

Ela olhou para fora e viu pai e filho no jardim — ou talvez devêssemos dizer o antigo jardim, já que metade dele havia sido convertida em terras agrícolas.

Então esse era o homem a quem o pirralho — er, Gyokujun — era tão apegado. Ele tinha cabelos desgrenhados o suficiente para deixar um leão orgulhoso, e membros bronzeados e robustos. Em volta dos quadris, ele usava a pele de um veado que ele provavelmente havia matado.

Uau, eles se parecem muito.

O recém-chegado parecia exatamente como Gyoku-ou se alguém tivesse voltado no tempo para seus dias de juventude. A dama de companhia com Gyokujun parecia positivamente ansiosa. A mãe do garoto não estava em lugar nenhum. Maomao foi levada a entender que tinha sido um

casamento político; talvez marido e mulher não se dessem muito bem.

A melhor coisa que posso fazer é ficar fora disso, ela pensou — mas ela estava pelo menos interessada o suficiente para dar uma olhada pela janela. O charlatão e Lihaku sentiam o mesmo; eles se juntaram a ela.

"Esse é meu garoto! Você foi bom? Claro que foi. Aqui está um presente!" O homem deu a Gyokujun um saco pesado. Animado, o garoto olhou para dentro — mas no momento em que o fez, ele começou a chorar.

O que tem lá dentro? Maomao se perguntou.

Ela logo descobriu, pois caiu da bolsa uma cabeça de veado. Sim, talvez isso fosse um pouco estimulante demais para um presente de criança.

"Ha ha ha!" o filho mais velho riu. "Diga olá para o jantar de hoje à noite!"

"N-nós vamos comer isso?!" Gyokujun exclamou através das lágrimas e ranho. Quando parecia que estava se controlando, ele começou a chorar novamente.

"Desculpe! Sinto muito. Vamos, não chore. Ei, parece que muita coisa aconteceu enquanto eu estava fora. O que está acontecendo?"

Gyokujun sussurrou no ouvido do pai e apontou para o consultório médico. Seu atendente empalideceu.

Estou com um mau pressentimento sobre isso.

E ela estava certa: o filho mais velho logo

apareceu no consultório médico.

"Podemos ajudá-lo?" Lihaku perguntou, ficando bem no caminho do homem. Ele geralmente era tão afável, mas naquele momento ele tinha colocado seu melhor olhar de soldado.

"Meu filho me contou tudo sobre você. Ele disse que os visitantes da região central realmente estão se esforçando. Pensei em vir cumprimentá-los pessoalmente."

Gyokujun, escondido na sombra do pai, mostrou a língua para eles.

Aquele merdinha!

Maomao fez uma careta para ele; se ela já se perguntou se ele poderia ter aprendido a lição, certamente não se perguntou agora. O charlatão se enfiou em um canto do escritório, abertamente aterrorizado.

"Peço sinceras desculpas se parecemos estar jogando nosso peso por aí", Lihaku começou. "No entanto, aquele enxame de insetos devastou a capital ocidental, e estamos tateando tentando encontrar algo, qualquer coisa, para ajudar a melhorar as coisas. Ou você prefere que os visitantes não façam nada para ajudar, mas apenas fiquem parados, comam sua comida e assistam?"

Lihaku tinha uns bons 190 centímetros de altura, talvez até um pouco mais. Ele tinha cerca de seis centímetros a mais que o filho de Gyoku-ou, embora o outro homem ainda fosse

bem corpulento. Não é de se espantar que um eunuco diminuto como o médico charlatão estivesse com medo.

Quanto a Maomao, ela estava olhando ao redor e ponderando, esperando uma oportunidade para dar um jeito naquele merdinha.

Se as coisas ficarem físicas aqui, isso só vai desperdiçar os poucos remédios e suprimentos que temos.

Ela lançou um olhar para Lihaku, implorando que se eles fossem começar a dar socos, que fizessem isso lá fora.

"Hah! Vocês, figurões do governo, são outra coisa, sabia? Até eu sei que tenho que tomar cuidado com a minha boca perto dos verdadeiros nobres — mas agora até os lacaios deles acham que podem me pressionar? Como eu vou manter minha cabeça erguida? Hein?"

"Certamente você está brincando, senhor. Eu sou apenas um soldado — um subordinado, como você diz. Tudo o que faço é seguir minhas ordens. Agora, este é o consultório médico. Se você ainda quiser conversar, talvez possamos fazer isso lá fora?"

Perfeito! Bom trabalho, pensou Maomao. Mais do que tudo, ela queria evitar que o consultório médico acabasse em ruínas. Lihaku entendeu isso e estava tentando levar o encontro para fora. Se o filho decidisse brigar com ele, bem, Lihaku provavelmente conseguiria se segurar pelo menos

por um tempo. Tempo suficiente para Maomao correr e chamar alguém.

Eu acho que o resultado ideal é que eles não briguem, ela pensou, mas a

situação parecia prestes a explodir a qualquer momento. Lihaku entende sua posição. Ele era um guarda-costas, e se o filho mais velho decidisse se tornar violento, ele responderia da mesma forma para proteger Maomao e o charlatão. Mas ele entenderia que não poderia dar o primeiro soco.

Quanto ao merdinha que foi a causa da disputa...

Ele está tremendo!

Gyokujun estava agarrado à sua dama de companhia. Infelizmente para ele, ele não podia ir atrás do médico charlatão como tinha feito antes — havia dois guardas além de Lihaku parados ali.

Se ele começar alguma coisa, aqueles guardas vão transformá-lo em um saco de pancadas.

O pensamento mal lhe passou pela cabeça, no entanto, quando alguém veio correndo.

"Shikyou! Irmão!"

Era Hulan. O nome do filho mais velho, Shikyou, era na verdade outra palavra para "coruja" e, como o próprio nome de Hulan, as conotações não eram muito positivas.

Outra coisa de repente atingiu Maomao: seu nome não inclui Gyoku? "Irmão, o que você está fazendo?", perguntou Hulan.

"O que parece que estou fazendo? Ouvi dizer que nossos visitantes são grandes demais para suas calças! Que eles tratam os membros de nossa casa como seus servos!"

Servos, hein?

Verdade, o segundo e o terceiro filhos de Gyoku-ou se tornaram ajudantes e, de uma certa perspectiva, pode parecer que eles estavam colocado em usos servis. Talvez não fosse só o merdinha Gyokujun; talvez alguns dos verdadeiros servos da casa tivessem suas queixas com as pessoas que tinham vindo da capital real.

"Por favor, irmão, certifique-se de ouvir todos os lados antes de fazer algo precipitado.

Tem certeza de que não está apenas engolindo o que Gyokujun diz no atacado?" "Ora, eu estava aqui tentando descobrir a verdade, e eles me pediram para sair!"

Uau, ei, uh-uh!

O filho obviamente estava procurando uma briga desde o momento em que a conversa começou. Até Lihaku parecia inseguro sobre como responder.

"O irmão Feilong e eu estamos aprendendo com o Príncipe da Lua a nosso próprio pedido", disse Hulan.

"Sério?"

"Além disso, foi Jun quem foi ofensivo com nossos visitantes."

"Hoh..." De repente, o olhar de Shikyou pousou

em seu filho. Gyokujun tentou se tornar

menor, chorando mais uma vez.

Maomao aproveitou a chance e deu um passo à frente. “Ele feriu o honrado médico aqui. O pobre homem ficou vários dias sem conseguir andar.”

“É verdade, Gyokujun?” Shikyou estava dando ao garoto um olhar realmente duro agora. “Eu... eu só...”

“Não estou interessado em desculpas,” Shikyou disse, sua voz como o rosnado baixo de uma fera. Em seu canto da sala, o médico charlatão começou a tremer.

Gyokujun simplesmente assentiu.

Shikyou coçou a nuca, exasperado, e então pegou o presente para seu filho e o trouxe.

“Aqui.”

O saco com a cabeça de veado caiu aos pés de Lihaku, derramando seu conteúdo.

Os olhos vidrados do veado olhavam vagamente para o céu.

“Sinto muito pelo desrespeito do meu filho. Aceite isso como uma retribuição, se você for gentil.”

Com isso, Shikyou foi embora.

Acho que havia algo sobre ele nessas histórias, pensou Maomao.

A palavra que lhe veio à mente foi rufião.

"Sinto muito. Parece que meu irmão causou muitos problemas", disse Hulan. "Não se desculpe.

Você salvou nossas peles", disse Maomao agradecida.

O médico charlatão saiu hesitante de seu canto, olhando ao redor como se quisesse ter certeza de que tudo estava bem.

"Quando ele perceber que seu próprio pai nem o apoiará, espero que Gyokujun comece a se comportar um pouco melhor", disse Hulan.

"Só espero que sim", respondeu Maomao. Até onde ela sabia, o garoto não mostrava sinais de ter aprendido nada com suas recentes provações. Ela suspeitava fortemente que ele tentaria algo novamente. Então ela olhou para o saco fedorento e perguntou: "A propósito, como você vai comer essa coisa?" Ela estava feliz o suficiente por tê-lo, ela supôs, mas como um ingrediente, ela não tinha certeza do que fazer com ele.

"Hmm. Às vezes, as pessoas os cozinham para fazer caldo de sopa, ou fervem os cérebros e os comem. Algumas pessoas também removem cuidadosamente a pele e fazem uma decoração com ela, se tiverem gosto por esse tipo de coisa."

Infelizmente para eles, não tinham onde exibir uma cabeça de veado. "Os cérebros, hein? Tenho que admitir, estou curiosa."

Um ingrediente desconhecido? Ela tinha que experimentar!

"Você comeria os cérebros deles?!" o charlatão exclamou, olhando para ela incrédulo.

“Podemos muito bem. Esta cabeça é nossa agora.”

“Não tenho certeza se quero... algum cérebro...” O médico charlatão recuou. “Só um gostinho para mim,” Lihaku disse, não parecendo muito ansioso também.

Maomao olhou para a cabeça de olhos vidrados e desejou que Shikyou tivesse pelo menos dado a eles os chifres também. O chifre de veludo poderia ser transformado em um excelente tônico energético.

# Capítulo 6: A Vinícola

Dez dias depois de se mudarem para a casa principal, Chue fez uma visita a Maomao no consultório médico.

"Senhorita Maomao, senhorita Maomao!"

"Senhorita Chue, senhorita Chue, o que foi? Você parece ainda mais feliz do que o normal hoje."

Maomao estava usando uma tesoura para cortar um pano grande — um lençol velho que logo viraria um novo curativo.

"Ah, estou! Na verdade, nos deram permissão para sair!" "Que sorte a nossa."

"Sim, então aqui vai um enigma: qual razão pode estar por trás de uma pessoa ter permissão para sair, você acha?"

Maomao largou a tesoura e enrolou o lençol picado enquanto pensava. "É algo médico? Talvez eles estejam com falta de pessoal na clínica da cidade e precisem de ajuda? Ou talvez precisem melhorar o valor nutricional da comida que estão distribuindo ou tentar conseguir água potável de melhor qualidade?"

Se Chue estava vindo para Maomao sobre isso, parecia provável que envolvesse algo relacionado à saúde.

"Oh, tão perto! A Srta. Chue não entende muito bem, mas o Príncipe da Lua descreve isso como 'nosso primeiro caso em um tempo.'"

"Ah. Sim, ok."

Se isso estava vindo de Jinshi — bem, já fazia um tempo. Ele não tinha fim para tais negócios para ela no palácio dos fundos. Rapaz, isso a levou de volta.

"O que exatamente ele quer? Devo ir para os aposentos do Príncipe da Lua?" "Acredito que um guia chegará em breve para ajudar com isso." Chue olhou

para fora assim que Hulan se apressou.

"Lady Maomao", ele disse. "Por favor, perdoe a intrusão."

"Sim, sim", disse Chue, parado na porta e respondendo por Maomao. "Qual parece ser o problema, minha querida Hulan?"

"Vim a negócios do Príncipe da Lua. Vejo que a Srta. Chue já lhe trouxe a mensagem."

“Sim, de fato, eu tenho, e eu te agradeceria se não roubasse meu emprego!”

Talvez ela quisesse não roubar sua chance de relaxar, pensou Maomao, traduzindo automaticamente as palavras de Chue conforme as ouvia.

“Eu nunca faria isso. Essa não é minha intenção nem um pouco. O quanto ela te

explicou?”

“Nós não chegamos ao cerne da situação,” Chue se ofereceu.

“Entendo. O assunto é urgente, então talvez eu possa explicar no caminho? A carruagem já está esperando.”

Isso não era um bom sinal, principalmente porque uma vez que estivessem a caminho, Maomao ficaria presa mesmo que fosse algo que ela desejasse ter recusado.

“Eu te agradeceria se não roubasse o emprego da Srta. Chue, minha querida Hulan,” disse Maomao.

Ainda assim... Se essa tarefa viesse direto de Jinshi, ela acabaria fazendo de qualquer maneira. Ela poderia muito bem desistir.

“Tudo bem, tudo bem,” ela disse. Lihaku deve tê-los ouvido, porque ele já estava se preparando para sair.

"Pegue seu equipamento médico e venha comigo", disse Hulan.

"Tenha uma boa viagem! Tenha cuidado!", disse o charlatão. Ele não parecia prestes a ir com eles, então os outros dois guarda-costas ficaram no consultório médico. Isso deve ser o suficiente para mantê-lo seguro.

"Claro. Certo. Lá vou eu", disse Maomao, então ela colocou algumas ferramentas em uma bolsa e saiu do consultório.

A carruagem os levou para um prédio a nordeste da capital ocidental. Na viagem, Maomao foi informada de que havia algumas pessoas doentes lá, e que ela seria apreciada se pudesse examiná-las, mas quando elas chegaram...

"Eu sei o que é isso", disse Maomao sem fôlego.

"Você parecia tão desinteressado até um momento atrás", disse Hulan, mistificado. "A jovem gosta de sua bebida", disse Lihaku com afetuosa

exasperação.

"Hee hee hee! O que você acha? Não é um lugar ruim, hein?" disse Chue, estufando o peito como se de alguma forma fosse responsável por isso.

O cheiro de álcool e vinho de uva já estava enchendo suas narinas enquanto se aproximavam do prédio. Se isso não era uma terra dos sonhos, então o que era?

Eles estavam em uma vinícola! Maomao tinha provado o melhor vinho da capital ocidental várias vezes. Talvez o que Hulan trouxe outro dia fosse daqui.

"Senhorita? Você está, uh, babando", disse Lihaku, cutucando Maomao com o cotovelo.

Ela rapidamente limpou a boca.

"Senhorita Maomao, vamos pegar algumas garrafas de lembrança antes de irmos para casa!" "Parece bom para mim, Srta. Chue."

"Eu gosto da ideia, mas alguém será capaz de impedir vocês dois quando começarem?" Lihaku gemeu. Ele realmente era um substituto necessário quando o irmão de Lahan não estava por perto para brincar.

"Algumas garrafas, acho que podemos dar um jeito. Minha tia administra o lugar, sabe", disse Hulan. Boas notícias!

"Sua tia? Quer dizer..."

"A irmã mais nova do meu pai", explicou Hulan.

"Essa seria a terceira filha do Mestre Gyokuen", acrescentou Chue.

"Er... Aquela para quem o filho mais velho do Mestre Gyoku-ou causou tantos problemas?" Maomao perguntou, lembrando-se do que lhe disseram — como Shikyou, o rato, vendeu vinho falso com o nome desta vinícola, corroendo sua reputação.

"Sim, temo que sim. Mas não se preocupe. A tia pode ser dura com meu irmão mais velho Shikyou, mas ela é relativamente doce comigo." Hulan sorriu sem jeito. "Ah, é ela."

Maomao seguiu o olhar de Hulan e viu uma mulher que, embora bonita, a fazia pensar em um predador. A aura que ela projetava lembrava a de

Taomei, mas essa mulher usava mais maquiagem e sua roupa era menos reservada. Ela parecia mais jovem g, talvez com quase trinta anos, mas Maomao esperaria que a terceira filha de Gyokuen fosse um pouco mais velha do que isso.

"Sei que minha tia parece jovem, mas ela está com quase trinta anos, então, por favor, tomem cuidado com o que dizem e fazem", Hulan os aconselhou.

"Tudo bem, obrigada", disse Maomao, grata por ele esclarecer exatamente o que ela estava pensando.

"Este é o boticário que você arranjou?", perguntou a terceira filha, dando a Maomao um olhar avaliador.

"Sou eu. Meu nome é Maomao, senhora."

"Ouvi dizer que o médico mestre não pôde vir por causa de uma lesão, e que você está aqui em nome dele. Será que você vai ser o suficiente?"

No momento, eles ainda estavam dizendo que o médico charlatão estava se recuperando de sua perna machucada. Na verdade, ele estava melhor, mas a desculpa parecia provável que continuasse funcionando para eles por um tempo ainda. O próprio charlatão não estava ansioso para sair por aí, de qualquer forma.

"Claro que não sou um médico mestre, mas farei tudo o que estiver ao meu alcance. Disseram-me que você tem várias pessoas doentes

aqui. Posso examiná-las?", perguntou Maomao.

"Sim, tudo bem. Venha por aqui." Sem outra palavra, a terceira filha começou a andar, e Maomao a seguiu, igualmente silenciosa.

A terceira filha levou Maomao para uma espécie de área de descanso. Havia várias camas — o lugar parecia servir também como sala de cochilo. Cinco pessoas estavam deitadas ali, todas pálidas e magras. Cada uma segurava um balde no qual ocasionalmente vomitavam.

"Tudo parecia bem esta manhã, mas ao meio-dia, elas estavam assim. Eu as isolei por medo de que pudesse ser algo contagioso."

"Uma decisão sábia, senhora." Maomao vestiu um avental e cobriu a boca com um lenço.

"O que você quer que eu faça?" Chue falou lentamente.

“Você poderia me trazer água potável, sal e açúcar? Vou dar uma olhada nessas pessoas e acho que elas vão precisar de hidratação. Se você não conseguir tudo isso, uma sopa rala seria o suficiente.”

“Te peguei!” Chue disse e saiu trotando.

“Eu vou ajudar a Srta. Chue,” Hulan disse, seguindo-a. “E eu vou ficar de guarda na porta aqui,” disse Lihaku.

“Obrigada, Mestre Lihaku. Eu te ligo se

precisar de alguma coisa.”

Se o que quer que isso fosse se tornasse transmissível, não seria bom que todos se amontoassem na sala juntos. Lihaku pareceu entender isso.

“Desculpe, mas eu vou esperar aqui também,” a terceira filha disse, observando de uma distância segura.

Pode parecer frio, mas essa é a jogada inteligente, pensou Maomao. A mulher era aparentemente a irmã mais nova de Gyoku-ou, mas ela não agia como ele. Se havia uma coisa que não faltava na família You, eram personalidades distintas.

Maomao entrou na sala, começando seus exames com o paciente que parecia estar em pior estado. Dos cinco, o que parecia estar sofrendo mais era um indivíduo idoso de cabelos brancos.

Sintomas: vômitos, e todo o corpo parece quente. A cabeça parece doer...

Ela inspecionou os olhos e a língua da pessoa e tomou seu pulso. Eles estavam apáticos e não muito coerentes, então Maomao tentou falar com um dos pacientes que estava comparativamente melhor.

"Você poderia me descrever seus sintomas?"

"Sim... Eu me sinto péssima. Minha cabeça está latejando, fico tão tonta toda vez que tento me levantar, e a náusea simplesmente não passa."

"Náuseas? Alguma dor de estômago ou diarreia?"

"N... Não. Não, nenhuma. Eu só me sinto enjoada."

Isso pode significar...

Maomao olhou ao redor da sala. Todos estavam apresentando aproximadamente os mesmos sintomas: alguns deles ocasionalmente vomitavam em seus baldes, mas ninguém correu para o banheiro.

"Mais uma pergunta", disse Maomao. Então ela perguntou a mesma coisa aos outros pacientes. Com base no depoimento deles, ela conseguiu deduzir a causa do problema.

Bem, bem...

Maomao soltou um longo suspiro e saiu da sala.

"Como foi? Você aprendeu alguma coisa?" perguntou a terceira filha, mantendo distância por medo de infecção.

"Não há necessidade de se preocupar com a disseminação da doença", respondeu Maomao.
"Não? O que está causando isso, então?"

"Todas essas cinco pessoas eram provadores de vinho. O mais velho bebeu mais do que o resto, ao que parece."

"Não me diga... Meu vinho não está envenenado, está?!"

Maomao balançou a cabeça. "Não. É só uma ressaca. Ou... bem, talvez seja um pouco cedo para chamar assim. Talvez devêssemos chamar de um caso cruel de embriaguez."

Maomao tirou o lenço e o avental.

“Embriaguez? Impossível! Nenhum ajudante de vinícola ficaria bêbado com um pequeno teste de sabor! Eles teriam que engolir bebidas destiladas para começar a sentir!”

“Vocês fazem bebidas destiladas?” Maomao perguntou, seus olhos brilhando.

“Fazem, mas estão atualmente em processo de fermentação. Não é mesmo, tia?” Hulan interrompeu. Ele estava carregando uma panela grande.

“Senhorita Maomao! Trouxemos sopa que sobrou de ontem e um pouco de suco.” Chue, enquanto isso, tinha um recipiente de cerâmica cheio de suco de frutas.

“Obrigada.” Maomao abriu a tampa da panela de Hulan, pegou a concha e mexeu o conteúdo.

“Vamos ver aqui...” O equilíbrio de sal e água era quase perfeito, enquanto os ingredientes da sopa incluíam vegetais, cogumelos e carne. t. “Isso é de ontem? Todos os pacientes comeram?”

“Sim, acho que sim. Mas várias outras pessoas também comeram, então não acho que a sopa seja o problema. Eu também comi um pouco e estou bem.”

Mesmo assim, Maomao olhou bem para a sopa. Ela pescou alguns ingredientes com a concha, pegou-os com um par de hashis e os inspecionou. “E ninguém se sentiu mal ontem?”, ela perguntou.

“Acho que não.”

“Nesse caso, você poderia ligar para alguém que comeu esta sopa ontem?”

“Tudo bem. Me dê um momento.” A terceira filha chamou um servo, que logo trouxe várias pessoas para Maomao.

“Gostaria de lhe fazer algumas perguntas. Primeiro, você poderia me dizer em detalhes o que comeu e bebeu nos últimos dias?”

Os funcionários da vinícola que foram trazidos até ela ficaram intrigados com o pedido, mas lhe contaram. Um deles estava um pouco pálido, então Maomao o questionou atentamente.

A terceira filha pareceu menos do que satisfeita ao descobrir que um de seus funcionários estava escondendo uma doença. "Por que você não disse nada?", ela exigiu.

O homem apenas disse: "Sinto muito..." Parecia que ele estava pensando que se faltasse ao trabalho, receberia menos.

"Por favor, não esconda coisas assim de mim! Você sabe que esconder um problema só piora a situação!"

Enquanto a terceira filha estava ocupada

repreendendo seu funcionário, Maomao repassou a lista de comida novamente.

"Eu sabia", ela disse.

"Sabia o quê?" A terceira filha olhou para ela, perplexa.

"Isso não é uma doença e não é veneno. Todo mundo está realmente de ressaca." "O que te dá tanta certeza?"

"Essa sopa foi preparada aqui no local?" "Certamente foi!" Chue gorjeou.

"E todos que sofrem dessa condição tomaram a sopa, sim?"

"Sim, como eu acredito que eu te disse. A produção de vinho requer atenção constante, então as pessoas se revezam para dormir aqui. Aquela sopa foi o jantar da noite passada. Mas obviamente não deixou todo mundo desanimado. Eu mesma comi!"

Maomao pescou os ingredientes novamente. "Você vê este cogumelo seco?

Eles provavelmente foram colocados aqui para fazer o caldo."

"Cogumelos? Não vemos muitos deles por aqui." Agora a terceira filha estava genuinamente confusa. Na província de I-sei, era comum usar carne ou ossos para fazer caldo, ou talvez peixe nas áreas costeiras.

"Não sei tudo sobre todos os tipos de cogumelos, é claro. Mas suspeito fortemente que

essa seja a causa do vômito", disse Maomao.

"Mas por quê? Eu mesma comi aquela sopa e me sinto bem."

"Acho que este cogumelo inclui um componente que, na verdade, torna as pessoas

incapazes de segurar o álcool." Maomao já tinha ouvido falar de casos como esse mais de uma vez.

"Um cogumelo pode fazer isso? Sério?" Hulan perguntou, surpreso.

"Sim, pode. Ele interfere na capacidade do corpo de metabolizar o álcool."

Os cogumelos, de fato, guardavam muitas surpresas. Havia tantos tipos, e muitos deles eram tóxicos quando comidos crus. Além disso, em muitos casos, o efeito tóxico era retardado, com início em qualquer lugar de várias horas a vários dias após o consumo, então as pessoas às vezes comiam cogumelos sem perceber que estavam ingerindo venenos de ação lenta.

"Qualquer pessoa que tenha bebido álcool dentro de vários dias após comer este cogumelo, mesmo o mais forte dos bebedores, vai ficar muito, muito bêbado, ou pelo menos foi o que me disseram." Ela teve que evitar sua linguagem porque isso era, afinal, apenas algo que ela tinha ouvido. Ela não queria ser tão irresponsável a ponto de dizer algo com certeza do qual ela não

tinha certeza. “Admito que nunca consumi este cogumelo. Falo apenas por ouvir dizer e não sei pessoalmente se ele realmente faz o que eles afirmam. Como tal, gostaria de ter certeza.”

Com isso, ela mergulhou a concha na sopa, pegou alguns cogumelos e os colocou na boca.

"Você tem vinho?", ela perguntou. "Vinho?"

"Sim. De preferência algo seco, por favor."

Ela pensou ter sentido a terceira filha lhe dando um olhar particularmente duro, mas decidiu ignorar. A outra mulher chamou um servo para trazer uma bebida, e o homem logo apareceu com uma jarra de vinho.

"Tudo bem, aqui vou eu. Eee gole." Maomao mostrou a língua. "É um sabor muito redondo. Há apenas uma pitada de doçura frutada sobrando, mas apenas o suficiente para dar um toque agradável..."

Ela comeu outro cogumelo para acompanhar sua bebida. Então ela tomou outra taça de vinho. E outra.

"Er... Agora ela está apenas bebendo, certo?" Hulan perguntou a Lihaku.

"Ela gosta de vinho. Mas ela gosta de veneno tanto quanto. Aquela garota bebe como um peixe. Acho que nem eu conseguiria beber mais que ela."

Ele não tinha realmente respondido à pergunta de Hulan.

Eu posso ouvir você, sabia?

Deixe-o falar. O vinho era tão bom que ela não conseguia parar de beber. Ela sentiu seu corpo ficando mais quente, seu humor ficando mais brilhante.

Opa, cuidado.

Ela observou suas mãos e viu que elas estavam vermelhas brilhantes. O calor se espalhando por seu corpo começou a ficar desconfortavelmente quente, e então ela se lançou instável. Aquela agradável sensação de flutuação se intensificou até que sua cabeça começou a girar.

"Uau! Ei, senhorita!" Lihaku a segurou. Ele parecia tão distante longe. “Olá, Sra. Maomao! Com licença!” Maomao registrou Chue flexionando os

dedos — e então os enfiando na boca de Maomao. “Bluuurgghhh!”

Houve um suspiro coletivo de consternação.

Chue ofereceu a Maomao um pouco de suco de fruta para amenizar o gosto amargo em sua boca. Ela lentamente começou a sentir como se seu corpo estivesse voltando à terra. Tonta, ela levantou a cabeça. “Eu geralmente bebo muito, mas... Bem, você vê.”

A terceira filha e Hulan olharam horrorizadas para Maomao, que estava coberta de vômito.

“Seus funcionários devem se recuperar da ressaca em breve.” Maomao limpou o vômito dos

lábios, ainda se sentindo instável.

"S-Sim, tudo bem. Mas posso te perguntar uma coisa?" A terceira filha começou a adotar um tom mais educado com Maomao. Não parecia ser uma expressão de respeito, mas sim uma forma de manter distância verbalmente.

"Sim?"

"Havia algum motivo para você ter que comer a sopa só para provar seu ponto?"

"Sim, claro," disse Maomao. "O que poderia ser?" "Ah, você sabe."

Era a desculpa perfeita para beber um pouco de vinho, obviamente!

Até Maomao sabia que não podia dizer isso em voz alta. Ela se contentou com um sorriso agradável.

# Capítulo 7: A Herança

Maomao estava sofrendo de uma dor de cabeça latejante.

Isto... É isto!

Ela estava sentindo aquela coisa lendária chamada ressaca. Ela não tinha certeza se contava como ressaca se não tivesse durado um dia inteiro, mas ter dor de cabeça depois de parar de beber era um dos sintomas principais, não era?

Fazer barulho na carruagem só a fez se sentir ainda pior. Não era agradável, e ainda assim...

"Ahh! Isto é algo novo!"

Maomao estava completamente comovida por sentir algo que nunca sentira antes. Parecia um pouco como ser mordida por uma cobra altamente venenosa. E havia uma erva venenosa que ela havia comido uma vez que lhe deu náuseas assim — qual era mesmo? Ela estava gostando de procurar na memória.

"Você não parece estar muito melhor, Srta. Maomao. Você tende a ser uma bêbada feliz?" Chue perguntou.

"Só sobrou um pouquinho em mim que não apareceu. Uma bêbada feliz? Ha ha ha! Ah, se sobrar algum desses cogumelos, me dê. Eu gostaria de aproveitar isso um pouco mais."

“Até a Srta. Chue vai se cansar disso”, ela disse. “De qualquer forma, vou ver sobre esses cogumelos.”

Maomao não sabia ao certo o quão poderosos os “cogumelos bêbados” realmente eram, mas ela tinha ouvido falar que mesmo um dia inteiro depois de comê-los, o álcool ainda poderia ter um efeito descomunal sobre você. Não era como se você nunca mais pudesse beber, mas era melhor ficar longe por um tempo.

Uma pena, na verdade, já que eles ganharam um pouco de vinho de lembrança.

“Hmm, a Srta. Chue se sentiria mal tendo que fazer você vomitar de novo. Eu me pergunto se sobrou alguma coisa para sair além de sucos estomacais.”

“Está tudo bem. Estou me sentindo muito melhor. Por favor, pare de flexionar os dedos e tentar enfiá-los na minha boca. Diga, você não tem nada para escrever, tem?”

Chue ofereceu seu pergaminho e um instrumento de escrita. Ela não tinha um pincel, só uma caneta, então era difícil de usar. A tinta se espalhava por todo lugar enquanto

Maomao tentava escrever com o instrumento desajeitado. Na carruagem saltitante, sua caligrafia parecia quase tão instável quanto seu estômago.

"O que é isso?" Chue perguntou, espiando por

cima do ombro.

"Aqui. Anotei o cogumelo que acho que estava naquela sopa, junto com a quantidade de álcool. Esse é o tipo de efeito que observei em vários intervalos de tempo ao ingeri-lo. Estou pensando em continuar a fazer novas entradas a cada trinta minutos. Então, por favor, me dê o resto dos cogumelos."

Você tinha que ter certeza de repetir as coisas importantes.

"Você parece estar se divertindo muito para alguém que parece tão pálida, Srta. Maomao."

“É, você quase me faz pensar em Sir Lahan”, disse Lihaku. Que pessoa estranha de se pensar. Uma expressão sombria tomou conta do rosto pálido de Maomao, e ela sentiu que estava ficando um pouco menos bêbada.
“Por favor, não mencione nomes tão desagradáveis. Espere... Você o conhece, Mestre Lihaku?”
Maomao considerou o assunto. Mesmo que Lihaku e Lahan se conhecessem, ela tinha um jeito de não se lembrar de coisas que não lhe interessavam pessoalmente.
“Bem, eu sou — quer dizer, não diretamente, mas você sabe — eu tecnicamente sirvo para aquele velhote. Às vezes tenho que ir ao escritório dele, e nós nos esbarramos de vez em quando. Além disso, ele é muito... distinto. Você não o esquece.”
“Huh.” Maomao, profundamente desinteressada, começou a limpar seus utensílios de escrita.
“Além disso, antes de partirmos para a capital ocidental, ele disse: ‘Cuide da minha irmãzinha para mim’, e me deu alguns lanches.”
“Ele é um completo estranho.” “Ah. Certo. Eu quase esqueci.”
Lihaku pode não ser muito de gracejos, mas era fácil trabalhar com ele.
“Então, voltando aos cogumelos, a questão é por que uma vinícola teria cogumelos que deixam você super bêbado, certo?”

“Sim, mas os cogumelos não eram os únicos ingredientes. Havia muitas coisas naquela sopa.” Maomao inclinou a cabeça. “Cogumelos crescem na capital ocidental?” Eles tendiam a preferir ambientes quentes e úmidos. O ar seco da região ocidental não parecia muito agradável para eles.

“Acho que você poderia cultivá-los, mas provavelmente não muitos”, disse Chue.

Maomao concordou. Ela imaginou os cogumelos que estavam na sopa. Os cogumelos que induzem à embriaguez com os quais Maomao estava familiarizada eram frequentemente encontrados em florestas de pinheiros — ela duvidava que pudessem ser encontrados entre as planícies gramadas da província de I-sei.

"Será que isso significa que eles vieram com o carregamento da região central", disse Chue.

"Hmm... Acho que é nisso que funcionaria?"

Maomao fez um som pensativo. Era muito legal para ser coincidência. Parecia claramente que alguém havia incluído deliberadamente aqueles cogumelos para causar uma epidemia de embriaguez na vinícola. Mas qual seria o motivo?

Não adianta pensar em coisas que eu não posso saber.

Ela deveria escolher outra coisa para encerrar primeiro. Essa habilidade de mudar de marcha

sem pensar duas vezes era uma das virtudes de Maomao.

Quando a carruagem chegou de volta à casa principal, Maomao estava se sentindo substancialmente mais sóbria.
Acho que é melhor eu me reportar a Jinshi.
Ela planejou contar a ele exatamente o que tinha acontecido, como sempre fazia. Ela presumiu que ele pediria sua opinião sobre quem era o culpado, mas isso era algo que ela simplesmente não sabia.
Maomao e os outros foram para o escritório de Jinshi como de costume, mas quando chegaram lá, encontraram apenas Suiren.
“O Mestre Jinshi não está aqui?” Maomao perguntou. Eram apenas ela, Suiren, Chue e Lihaku na sala, e ela usou o nome “Jinshi” sem realmente pensar sobre isso.
“Eu esperaria vê-lo de volta a qualquer momento. Ele foi chamado para lidar com a questão da herança do Mestre Gyoku-ou.”
“Mas isso não envolve o Mestre Jinshi, envolve?”
“Eles queriam que uma terceira pessoa estivesse presente. Quando ele soube que eles estavam planejando convocar o Mestre Lakan, ele percebeu que era melhor se voluntariar.” Suiren suspirou.
“Por que eles o escolheriam, de todas as pessoas? O Mestre Rikuson seria mais

adequado para a tarefa.” Maomao estava abertamente exasperado.

“Temo não poder dizer com certeza, mas parece que eles não queriam que alguém com uma longa história na capital ocidental se metesse no meio disso.” Naquele momento, eles ouviram passos no corredor. “Ah, acho que ele voltou.”
Jinshi entrou na sala e os observou de relance.
“Maomao, você está aqui?”, ele perguntou.
Gaoshun e Basen, pai e filho, entraram atrás dele.
“Vim lhe contar sobre a vinícola, senhor,” Maomao disse com uma reverência. “Ótimo. Podemos começar logo.” Jinshi afrouxou o colarinho e sentou-se no
sofá. Suiren começou a fazer chá.
Maomao, enquanto isso, contou a Jinshi o que tinha acontecido em sua excursão.
“Em outras palavras, alguém colocou deliberadamente os cogumelos venenosos na sopa?”, Jinshi perguntou.
“Acho que é bem provável. Vale lembrar que o cogumelo não é venenoso se você não beber álcool com ele. E não tem havido realmente nenhum lugar para tomar uma bebida decente na capital ocidental nos últimos meses, então, para mim, o fato de os cogumelos terem aparecido na vinícola parece premeditado.”
“Premeditado? Você acha que foi uma tentativa

deliberada de homicídio?" "Infelizmente, senhor, não é esse tipo de veneno. Pode deixá-lo terrivelmente

bêbado, mas não vai matá-lo."
Jinshi tomou um gole de chá. Maomao também tinha sido oferecida, mas de alguma forma não parecia ser o momento de se sentar, e ela permaneceu de pé. Chue e Lihaku também estavam de pé, então, contanto que Jinshi não a ordenasse que se sentasse, ela não faria isso. Honestamente, porém, ela desejava poder — ela ainda estava se sentindo um pouco tonta.
"O que foi, então? A ideia de alguém de uma brincadeira?" Jinshi perguntou.
"Se for, é o tipo de brincadeira que um espírito de raposa selvagem faria. Nós não gostaríamos. um desses correndo por aí."
"Você está certo. Vou começar vendo quem distribuiu as provisões de socorro." "Obrigado, senhor."
Jinshi também fez um gesto para ela se sentar, então finalmente Maomao conseguiu fazê-lo. Ela havia terminado de dar seu relatório, mas agora ele parecia querer outra coisa. Normalmente seria para ela examinar sua cicatriz, mas hoje ele parecia ter algo diferente em mente.
Maomao olhou ao redor novamente e descobriu que Lihaku havia se posicionado na sala ao lado, talvez presumindo que eles ficariam

conversando por um tempo. Chue também não estava lá; talvez Suiren tivesse imposto alguma tarefa menor a ela.
“Fui convocado para lidar com um assunto envolvendo o Mestre Gyoku-ou,” Jinshi disse.
“Parece ter se arrastado, senhor.”
“De fato. Os filhos do Mestre Gyoku-ou foram criados de maneiras distintamente diferentes, como você pode perceber observando seus netos.”
Era óbvio, por exemplo, pelo relacionamento entre o merdinha Gyokujun e Xiaohong.
"O segundo e o terceiro filhos querem que você aumente a parte deles na herança?" Maomao perguntou.
"Curiosamente, não. Eles queriam que eu convencesse o filho mais velho a aceitar sua parte, que ele tem recusado."
Agora Maomao realmente inclinou a cabeça. O movimento pareceu um pouco abrupto — talvez ainda houvesse um pouco de álcool em seu sistema. "Senhor? Receio não entender. O filho mais velho está dizendo que não quer a herança?"
Ela pensou em Shikyou carregando a cabeça decapitada de um veado em uma bolsa. A propósito, ela mandou cozinhar o cérebro do veado e depois salgar em vinagre. O gosto era decente.
"Ele diz que está desistindo de tudo."
"Mesmo que o Mestre Gyokuen ainda esteja

vivo, tenho que pensar que a herança do Mestre

Gyoku-ou chega a uma quantia substancial."
“É exatamente por isso que ele diz que não quer. Ouvi dizer que ele era meio idiota, mas isso...”
Idiota — era uma palavra que você não ouvia todo dia. Maomao pensou que era meio que ser um cabeça-dura.
“Ele deveria aceitar o que vier para ele”, ela disse.
“Há algumas coisas que uma pessoa pode não querer receber.” Jinshi soou estranhamente... simpático à situação do homem.
Ah...
Maomao lembrou que ela estava falando com outra pessoa com sua própria maneira única de pensar. Ele queria se livrar de certos emaranhados próprios.
“Então o filho mais velho não quer a herança. A filha mais velha quer, mas não é capaz de fazer o trabalho que vem junto com ela. O segundo filho quer que o mais velho receba a herança, como Sir Gyoku-ou estipulou enquanto estava vivo; o terceiro filho acha que tudo seria mais fácil se o segundo filho herdasse.”
Isso cobria praticamente todo o espectro de opiniões possíveis. Não é de se espantar que não tenham conseguido chegar a um acordo.
"O trabalho que vem junto com a herança —

isso significa que o herdeiro teria que assumir a capital ocidental?"
"Sim, é isso. Não ajuda que a família não pense bem do filho mais velho. Dahai tentou interceder, mas as discussões não deram em nada."
Dahai — Maomao parecia se lembrar que era o terceiro filho de Gyokuen.
"Parece muito complicado, senhor." Ela estava tentando fazer Jinshi se sentir melhor, mas pessoalmente ela não queria fazer parte disso. Ela ouviria educadamente sobre a herança, faria alguns comentários evasivos e sairia graciosamente quando chegasse o momento certo.
"Espere... Você está apenas fazendo comentários evasivos para não falar sobre isso, não é?"
"Deixe o pensamento, senhor."
Jinshi estava ficando melhor em ler as sutilezas da expressão de Maomao. "Sua palidez está incomumente boa hoje também."
"Ah, você acha?"
Ela vomitou a maior parte do álcool, mas ainda estava com uma boa onda, e isso não lhe escapou.
Maomao sabia que teria outro sermão se Jinshi descobrisse que ela estava "experimentando" novamente, então decidiu mudar de assunto.
"Senhor, ouvi

A esposa do Mestre Gyoku-ou era sua assistente pessoal. Ela não deveria fazer parte dessas discussões?"
As mulheres podem não ter muitos direitos, mas certamente a esposa de um homem deve ter alguma palavra a dizer?
"A esposa do Senhor Gyoku-ou não gosta de nenhum tipo de atenção. Ela apenas ficou sentada lá o tempo todo, sem dar nenhuma opinião."
Eu poderia ter adivinhado.
Isso corresponderia ao que Maomao ouviu de Chue. Os homens Linese amavam mulheres quietas e recatadas, mas nessa situação significava que não havia ninguém para cuidar desse assunto.
"Parece que há uma razão específica pela qual ela prefere evitar os holofotes", disse Jinshi.
“Sim, a Srta. Chue mencionou isso para mim.”
Essa seria a história de ela estar em um país estrangeiro por vários anos.
“Entendo. Para ela, até mesmo ser vista por sua própria família é demais, e me disseram que ela havia determinado não dizer nada sobre a questão da herança.”
“Nem mesmo para sua própria família?”
Ela não parecia tão misantrópica, pensou Maomao.
“Então você ouviu que essa mulher era originalmente filha de uma próspera família de comerciantes na região central, e que ela

começou a ajudar nos negócios quando veio para a capital ocidental para se casar." "Er... Mais ou menos." Essa foi a primeira vez que Maomao ouviu falar do local de nascimento da mulher, mas isso explicaria por que ela tinha as características faciais de alguém da região central.

"Ela sofreu um naufrágio, seu destino era desconhecido, até que vários anos depois ela milagrosamente retornou à capital ocidental. A situação estava além do seu controle, é claro, mas isso não impediu algumas pessoas de espalharem rumores desagradáveis sobre a mulher que havia deixado sua casa por anos a fio."

"Ahh. Sim, eu entendo."

Uma mulher, sozinha em uma terra estrangeira? Uma mulher bonita, ainda por cima? Claro que haveria especulações grosseiras sobre como ela havia sobrevivido.

A vida da esposa até então poderia facilmente encher um livro.

"Tenho certeza de que ela passou por muita coisa. Foi depois dessas experiências que ela começou a evitar ser vista em público. Acho até possível que o ódio de Sir Gyoku-ou por estrangeiros tenha algo a ver com o que aconteceu com sua esposa."

Maomao assentiu sinceramente, mas em particular ela esperava poder fazer uma pausa

logo. Seu estômago tinha sido esvaziado de todo o seu conteúdo junto com o álcool, e ela queria colocar um pouco de comida nele.
"Tudo bem, bem, acho que está na hora de eu ir", ela disse. Ela se levantou e fez menção de sair do quarto, mas tropeçou imediatamente.
"Ei." Jinshi a mantinha de pé com um aperto firme em seu pulso. "O que deu em você? Você não parece muito firme."
"Oh, nossa, eu pareço?" Maomao estava começando a soar um pouco embriagada.
"Pensei em pedir para você examinar minha cicatriz enquanto estivesse aqui, mas acho que algo está acontecendo." Ele olhou para ela, desconfiado.
"Oh, senhor. É sua imaginação! E essa cicatriz não precisa mais que eu a examine."
"Preciso que você veja sua responsabilidade até o fim. E se a ferida começar a infeccionar?"
"Não vai fazer isso! Eu nem examino mais a cicatriz na barriga daquela garotinha, e ela é muito mais jovem e menor que você, Mestre Jinshi!"
"Bem, ela é ela e eu sou eu."
Sem querer, Maomao fez uma careta para Jinshi. Seu rosto realmente se iluminou, como se dissesse Sim, é isso!
"Se me der licença, senhor," Maomao disse — mas sua tentativa de sair decisivamente foi frustrada por um barulho particularmente embaraçoso vindo de seu estômago. Ele havia,

reiteramos, perdido todas as suas posses anteriores junto com o álcool e agora estava completamente vazio.
Como se tivesse sido projetado especificamente para atormentar Maomao e seu estômago ansioso, um cheiro maravilhoso invadiu a sala.
“Curiosa sobre o jantar?” Jinshi perguntou com um sorriso quando viu seu rosto. “Não posso dizer que não estou curiosa.”
“Não? Oh, Suiren, o que está sendo servido hoje?” Jinshi chamou para a sala ao lado.
A posição social de Jinshi era tal que, normalmente, ele teria sido servido praticamente mais do que uma pessoa poderia comer. O fato de que ele poderia até perguntar o que estava sendo servido implicava que, atualmente, até mesmo o irmão mais novo do Imperador recebia apenas o jantar suficiente para realmente terminar.
Ele está sendo frugal.
Suiren apareceu com uma bandeja, sorrindo. "Hoje à noite temos frango cozido no vapor com vegetais frios e carne de porco Dongpo", ela disse.
Ok, não é exatamente frugal.
Maomao engoliu em seco para não babar.

"Você gostaria de um pouco?" Jinshi perguntou.
Levou apenas um segundo para ela responder: "Se você estiver oferecendo, senhor!" Ela

sentiu muita pena do charlatão no consultório médico, mas a carne sempre levava a melhor sobre ela. Ela estava um pouco preocupada que Taomei ou alguém pudesse olhar de soslaio para ela jantando com Jinshi — seus status sociais eram muito distantes — mas foi assim que aconteceu.

Suiren colocou a carne de porco entre algumas fatias de pão e a trouxe. O que Maomao deveria fazer?

No mínimo, ela perguntou: "Você tem certeza de que está tudo bem para mim comer a mesma comida que o Príncipe da Lua?"

"Oh, não vejo por que não. Se você estiver preocupada, podemos sempre dizer que você estava verificando se há veneno."

Então ela tinha a permissão de Suiren. Havia até uma cadeira para que Maomao pudesse comer.

"Tudo bem!" Maomao cerrou o punho — mas ela não pôde deixar de notar que algo sobre a refeição estava diferente do normal. "Com licença?", ela perguntou a Suiren cuidadosamente.

"Sim? Está tudo bem?"

"O Príncipe da Lua não costuma servir um pouco de vinho antes das refeições?" Era uma maneira indireta de perguntar onde diabos estava sua bebida.

"Oh, Srta. Maomao, você não deve! Lembre-me quem era que estava vomitando

suas tripas há poucos minutos?" Chue disse.
Quão desnecessário da parte dela.
"Espere, do que você está falando?" Jinshi perguntou. "Ah, só o mau hábito da Srta. Maomao."
Então Chue descreveu para Jinshi, em detalhes, precisamente o que Maomao tinha trabalhado tanto para não ser muito específico.
"E essa é a história!" ela concluiu.
"Hmm, de fato", disse Jinshi, que tinha ouvido atentamente o tempo todo.
Então ele deu a Maomao um olhar avassalador.
Maldita seja, Srta. Chue!
Nem preciso dizer que não havia vinho disponível.

# Capítulo 8: Junjie

Depois de mais de seis meses na capital ocidental, havia um grupo bastante estável de servos ligados a Maomao e aos outros.

"Lady Maomao, trouxe os materiais que você pediu." Um garoto, ainda não velho o suficiente para sua cerimônia de maioridade, apareceu no consultório médico. Ele era velho demais para pensar nele como uma criança, mas jovem demais para pensar nele como um homem.

Maomao tinha ouvido falar que ele tinha treze anos, mas ainda era um bom punho mais baixo que ela. Independentemente de seu tamanho, porém, ele era educado e dedicado. Ele fazia principalmente tarefas servis para Maomao e os outros ocupantes do consultório médico. Eles o valorizavam muito, porque ele era educado e ouvia bem.

"Obrigada", ela disse. Ela começou a separar os

materiais que ele havia trazido para ela e ia lhe entregar algumas frutas secas em vez de uma gorjeta, mas ele disse—

"Obrigada, mas não posso aceitar isso. Estou recebendo um salário."

Nossa, ele é tão maduro! Em sua admiração pelo jovem, Maomao não conseguiu deixar de pensar no pirralho da Casa Verdigris na capital. Chou-u tinha quase a mesma idade que esse garoto, mas ele poderia aprender uma coisa ou duas com a atitude do garoto. Infelizmente, mudar uma personalidade não era tão fácil.

Já faz um tempo. Talvez eu devesse escrever para ele.

Maomao não teve muito tempo para pensar sobre isso, porque alguém gritou de fora do escritório:

"Heeey! Tem alguém aí?"

"Sim", respondeu Maomao. Ela olhou para fora, imaginando quem poderia ser, para encontrar o irmão de Lahan. Ele colocou uma cesta que estava carregando. "Oh, olá. Bem-vindo de volta."

Maomao foi até ele.

O irmão de Lahan estava muito ocupado. Ele estava indo aqui, ali e em todos os lugares para as áreas ao redor da capital ocidental, montando campos agrícolas e voltando novamente. Ele pode negar, mas o Irmão de Lahan estava fazendo mais e tomando mais iniciativa do que qualquer um para arar a terra.
Maomao olhou para a cesta e encontrou algumas batatas-doces de aparência triste. "Estas dificilmente são batatas. São apenas raízes." O Irmão de Lahan parecia
desanimado.

"Não se preocupe, podemos comê-las... se for preciso", disse Maomao. Eles poderiam

cozinhá-las no vapor e consumi-las com a casca ainda. Elas eram tão insignificantes que cozinhariam bem e rápido.
"Pelo menos conseguimos colher uma quantidade razoável delas." O Irmão de Lahan jogou uma batata branca para ela.

"Talvez as batatas brancas se deem melhor neste clima."
"Provavelmente. A colheita teria sido melhor sem aqueles gafanhotos, mas, bem, aqui estamos."
Era melhor não contar seus ovos antes de chocarem. O Irmão de Lahan tinha uma ruga profunda na testa; talvez ele estivesse contemplando a dura realidade da situação.
"Você não parece muito feliz", observou Maomao.
O irmão de Lahan estava segurando uma das batatas e estudando-a com uma expressão sombria.
"Olhe para ela. É minúscula. Acho que não removemos os brotos ou fertilizamos o suficiente quando ela estava crescendo."
Maomao nunca tinha ouvido falar de remoção de brotos antes, mas ela imaginou que fosse algo como abate.
"Não adianta colher um monte de batatas quando elas são desse tamanho", resmungou o irmão de Lahan.
"Ahh. É com isso que você está preocupado?"
Maomao viu o que o irmão de Lahan estava

tentando dizer.
"Mas por que é um problema tão grande se as batatas são pequenas?" perguntou o criado. "Se houver o suficiente delas, não importa o quão grandes elas sejam, certo?" Então ele não estava apenas dedicado, mas curioso também.
O irmão de Lahan mostrou ao menino a batata que estava segurando. "Você vê como essa batata parece um pouco verde?"
“Agora que você mencionou, sim, é um pouco esverdeado.” “Essa parte verde é venenosa.”
“Venenosa?!” O garoto piscou. “M-Mas você deveria poder comer batatas, certo? É para isso que as cultivamos.”
“Sim, é comestível. Basta descascar a casca e não há problema algum. Mas esses brotos também são venenosos, então você tem que cortá-los quando estiver cozinhando. Uma batata tão pequena não está muito madura e há muitas manchas verdes na casca.”
“Se você comer acidentalmente a coisa verde, verá que é muito amarga e lhe dá uma sensação de

formigamento", Maomao se ofereceu. Sem dizer uma palavra, o irmão de Lahan colocou uma faca na testa dela. A mensagem parecia ser: O que você está comendo? Ela sempre foi instruída a ter cuidado especial com intoxicação alimentar

ao lidar com pratos de batata.
"Contanto que seja preparado corretamente, você ficará bem. Nem mesmo uma dor de estômago. Então não se preocupe. Mas se você sentir alguma sensação estranha enquanto estiver comendo uma batata, pare imediatamente, ouviu?"
"Sim, senhor."
Enquanto o irmão de Lahan estava ocupado instruindo o jovem servo sobre a segurança das batatas, Maomao olhou mais de perto para as batatas-doces.
"Não quero me precipitar, mas eu poderia cozinhar as batatas-doces no vapor agora?" ela perguntou. O médico charlatão logo iria querer um lanche.
"Hmm... Vamos esperar por elas. Elas não estão no seu melhor logo depois de serem colhidas. Elas

ficarão mais doces se as deixarmos descansar por algumas semanas."
"Mesmo... aquelas com raiz como essas?"
"Você quer que elas tenham o melhor sabor possível, não é? Mesmo que não seja muito."
Maomao teve que concordar com ele.
"H-- Hum," o garoto disse, hesitantemente dando um passo à frente. "Sim? O quê?"
"Bem, senhor e senhora... Eu sei que é um pouco tarde, mas talvez eu possa me apresentar?" Ele era um jovem humilde o suficiente para querer cumprimentá-los adequadamente.
"Apresentar-se? Sim, boa ideia. Essa é uma boa atitude!" Os olhos do irmão de Lahan estavam brilhando, como se ele tivesse visto uma oportunidade única na vida. Ele poderia, finalmente, ter aqui uma chance de oferecer seu nome?
"Obrigado, senhor. Eu me chamo Junjie. Disseram-me que é um nome muito comum, então espero que seja fácil para você lembrar."
Maomao já tinha ouvido antes, mas ela sempre

esquecia — hoje ela decidiu que tentaria lembrar.
“J... Junjie, você disse?” O irmão de Lahan estava franzindo a testa. Por algum motivo, o nome do jovem parecia incomodá-lo.
“E qual era o seu sobrenome, de novo?” Maomao perguntou ao jovem — ahem, Junjie — como se dissesse Claro que me lembrei do seu nome.
“Senhora. É Kan. Outro nome bem comum — na verdade, acredito que o compartilho com o honrado estrategista que atualmente reside aqui.” O jovem — ahem, Junjie — parecia um tanto relutante.
O irmão de Lahan, enquanto isso, tremia como um homem atingido por um raio. “Kan? Sim, esse é o mesmo nome do nosso estrategista, e é bem comum.
Não que eu seja de falar!” Lihaku tinha entrado em algum momento e agora se juntava à conversa. Ele deve ter ajudado o irmão de Lahan, porque ele estava

segurando uma cesta de batatas brancas.

“Sim, um nome bem típico mesmo. Acho que conheço três Kans diferentes”, disse o médico charlatão, que viu a cesta e parecia estar pensando se ela poderia ser usada para algum tipo de lanche.
“Sim, senhores”, disse o jovem — Junjie!. “Minha única preocupação é que possa haver alguma pessoa honrada aqui que compartilhe meu nome. No último lugar em que trabalhei, eu tinha o mesmo nome de outra pessoa, e ele decidiu que não gostava. Devo dizer que estou um pouco preocupado.”
O irmão de Lahan teve um espasmo novamente. Ele estava tão pálido como se tivesse visto um fantasma. “Huh! Alguns caras têm um verdadeiro pau na bunda sobre esse tipo de coisa, não é eles? Então o que você fez sobre isso?” Lihaku perguntou, colocando a cesta de batatas no chão.
“Como sou o filho mais velho, pedi às pessoas que me chamassem de Haku’un.” Isso era haku, que significa “filho mais velho”, e un, que significa “nuvem”. “Isso parece inócuo como apelidos.”

“É, é! Junjie é um nome tão comum, e quando eu descobrisse seria um problema...”
O irmão de Lahan tinha uma expressão tão mortalmente sombria que era difícil colocar em palavras. Ele estava pálido e suando profusamente; Maomao se perguntou se ele estava se sentindo mal.
“Ah, mas se mais alguém aqui já tem meu nome, por favor, esqueça que é meu. Não me importo se vocês simplesmente me chamarem do que quiserem.” Junjie sorriu para eles, mas estava claro que ele tinha passado por muita coisa.
O irmão de Lahan ficou ali com o rosto franzido, parecendo querer dizer algo. Já fazia algum tempo que ele estava em silêncio, apenas reagindo fisicamente.
“Estou muito feliz simplesmente por poder trabalhar aqui. Todos são tão gentis, e não há muitos lugares onde você pode receber um salário fixo neste momento difícil. Se tudo o que eu tiver que fazer para ficar aqui for mudar meu nome, não há problema algum. De qualquer forma, me chame

de qualquer coisa.”
Junjie bateu no peito. Como o filho mais velho — não tão velho, mas ainda assim — ele faria o que fosse preciso para sustentar sua família.
"Meu Deus, mas a vida tem sido dura com você, não é? Bem, não se preocupe. Não há pessoas desagradáveis aqui que vão lhe dizer para mudar seu nome. Vamos lá, que tal um lanche?"
O charlatão ofereceu a ele um mochi de artemísia, recheado com bastante artemísia. "Oh, não, senhor, eu não poderia..."

"Por favor, eu insisto! Você tem que comer se quiser crescer grande e forte!"
Junjie tentou recusar educadamente, mas o charlatão acabou se mostrando um homem difícil de recusar. Foi Junjie quem cedeu primeiro.
"Muito obrigado, senhor. A-Ahem, não estou com muita fome no momento, então talvez eu possa levar isso para casa para meus irmãos mais novos?"
"Oh! Irmãos! Bem, você deve levar bastante,

então!"
Doutor charlatão! Nosso suprimento de comida não é ilimitado, sabia! Maomao pensou. No entanto, ninguém mais parecia inclinado a impedi-lo, então ela não fez um grande alarido sobre isso.
Tendo passado por uma extensa mistura de expressões diferentes, o Irmão de Lahan agora estava simplesmente olhando para o chão.
"Qual é o problema, Irmão de Lahan? Você pegou um resfriado?" Maomao perguntou. Ele era indiscutivelmente um dos que mais trabalharam desde que chegaram à capital ocidental. Não faria bem a ninguém se ele desmaiasse.
"Oh, senhor! Por favor, me perdoe. Que rude da minha parte me apresentar sem perguntar seu nome", disse Junjie. "Qual é seu nome, senhor?"
Lá estavam elas — as palavras que o Irmão de Lahan esperou seis meses para ouvir. Todos se viraram para ele com expectativa. Finalmente! Depois de um longo momento, ele falou. E ele disse... "Irmão de Lahan."

"Er... Está tudo bem?"
O slogan dele não deveria ser "Não me chame de irmão de Lahan!"? "Meu nome é... irmão de Lahan!" O irmão de Lahan disse, e então ele girou no seu calcanhar e saiu pisando duro.

"Então ele é... Irmão do Mestre Lahan?" Junjie estava tão confuso quanto qualquer um deles, mas eles ouviram direto da fonte.
Enquanto ele se afastava, o Irmão de Lahan nunca pareceu mais melancólico.

# Capítulo 9: A Garota Estrangeira

No final das contas, a disputa sobre a herança de Gyoku-ou permaneceu em um impasse.

Maomao, por sua vez, continuou trabalhando como sempre. Não havia razão para ela meter o nariz na discussão pessoal de um bando de estranhos.

Hulan apareceu no consultório médico novamente. Desta vez, ele disse: "Há um paciente que deseja ser atendido por uma mulher, se estiver tudo bem."

Ele é como o Jinshi do Palácio Traseiro.

Hulan parecia passar muito tempo enviando mensagens para outras pessoas, mas não parecia se importar.

"A paciente é uma mulher?", perguntou Maomao.

"Sim, filha de uma boa família. Você deve nos perdoar; médicas, ou mulheres que tenham algo parecido com qualificações médicas, são extremamente raras na capital ocidental."

Não muito diferente da vez com Xiaohong.

Maomao olhou para o jovem, tão humilde apesar de seu nascimento relativamente alto. Era verdade; mesmo quando as mulheres se envolviam

com medicina, raramente era como algo mais do que boticárias ou talvez parteiras. Mesmo na capital real, Maomao nunca tinha visto uma médica de verdade.

"Quais são os sintomas?", ela perguntou.

"Uma dor de cabeça que não passa. Ela tentou os remédios usuais, mas nada ajuda. Por isso a conversa mudou para que ela fosse vista por um médico de verdade."

"Então você quer que eu faça uma visita domiciliar?"

Hulan sorriu como se achasse que ela nunca pediria. "Ajudaria muito.

Vou informar o Príncipe da Lua sobre isso."

"Isso não é ordem dele?" Maomao ficou surpresa. Ela tinha certeza de que isso vinha diretamente de Jinshi.

"Não, este é um pedido pessoal meu. Um conhecido perguntou se eu conhecia alguma médica."

"Tudo bem. No que me diz respeito, se o Príncipe da Lua aprovar, então eu irei.

Mas se ele não aprovar, então não posso ajudar você." "Eu certamente entendo."

Hulan saiu do consultório médico. Maomao o observou ir embora.

"O que está acontecendo, senhorita?" Lihaku perguntou, observando também.

"Nada. Diga-me, o que você acha do terceiro filho do Mestre Gyoku-ou?" "Huh... Bem, depende do que você quer dizer com isso, eu acho."

"Algo sobre ele simplesmente... me incomoda."

Ela não conseguia dar um nome a isso; apenas a incomodava. Algo sobre ele parecia estranho.

"É mesmo? Talvez seja porque ele é muito parecido com você, senhorita. Gosta de repelir e tudo mais."

"T-Tanto parecido com ele? O que eu sou parecido com ele?" Maomao perguntou. Ela não desgostava ativamente de Hulan. Ela apenas achou seu comportamento um pouco estranho.

"Vamos lá. E o jeito que você casualmente avalia as pessoas o tempo todo?"

Lihaku pode parecer um grande vira-lata, mas ele não apenas abanava o rabo e concordava com tudo o que todos diziam. Ele não era um burocrata, mas era perspicaz.

"Eu... avalio as pessoas?"

"Você está me olhando como se eu fosse um shar-pei agora."

Maomao não disse nada. Um shar-pei era um grande cão de briga. Ela ficou quase pasma com a perspicácia da observação de Lihaku.

"O jeito que ela faz isso, é igualzinho a Lahan", disse o irmão de Lahan. Por que ele estava ali? Ele estava tomando chá com o médico charlatão. Chá

de erva-de-peixe, pelo cheiro. Era uma erva de crescimento rápido com usos medicinais, mas era difícil de cultivar em um clima seco, e o irmão de Lahan desistiu da tentativa.

"Irmão de Lahan, há certas coisas que você simplesmente não diz a uma pessoa", bufou Maomao. Enquanto isso, ela começou a juntar seus instrumentos médicos. Ela suspeitava que Jinshi concordaria com o pedido de Hulan. “Você está insinuando que eu me comporto como Lahan?”

“Absolutamente.” “Cada pequeno tique.”

Por algum motivo, Lihaku e o irmão de Lahan responderam afirmativamente. Só o charlatão parecia incerto. “Eu não tenho tanta certeza.” Normalmente ele não ajudava em nada, mas naquele momento ele provou ser um tônico bem-vindo.

“Aí está de novo. Você estava avaliando o velho doutor aqui, não estava?” “Céus, não.” Maomao tentou se fazer de boba, mas o comentário de Lihaku pesou

estranhamente em seu coração.

Eu estava realmente julgando ele?

Embora Hulan se referisse a ela como “Lady Maomao”, sua fala real nunca foi mais do que apenas educada. Não era diferente de como Maomao usava superficialmente

linguagem educada com Jinshi.

Se a intenção de Hulan, no entanto, era menosprezá-la em particular, ele tinha uma maneira terrivelmente descoordenada de fazer isso. Maomao não achava que ele era tão estúpido.

Se alguma coisa, eu acho que talvez ele estivesse testando minha humanidade porque ele descobriu quem eu realmente sou.

Por mais que Maomao desesperadamente não quisesse reconhecer, ela era a filha do estrategista esquisito e de uma cortesã. Se Hulan tivesse descoberto esse fato, isso explicaria sua atitude em relação a ela. Maomao, a filha de uma das pessoas mais importantes de sua nação, o puniria por sua insolência? Ou ela manteria sua fachada de plebeia e deixaria para lá?

Ou talvez o teste fosse de natureza ainda mais fundamental do que isso: se ela notaria que ele a estava menosprezando pelas costas, ou se importaria.

Maomao enfiou o último de seus instrumentos em sua bolsa. Ela não gostou de ser obrigada a bancar a boba.

Como se fosse uma deixa, Chue apareceu um pouco depois. "Permissão concedida pelo Príncipe da Lua!" ela falou lentamente. Ela tinha suas coisas com ela, claramente ansiosa para ir ut. “Há uma carruagem esperando lá fora — vamos! Vamos!”

“Eu aprecio isso”, disse Hulan. Aparentemente ele também viria, porque estava usando uma capa para se proteger da poeira.

“Para onde exatamente estamos indo?”, perguntou Maomao.

“É uma viagem e tanto. Se eu mencionasse a cidade postal perto do porto, você saberia o que eu quis dizer?”

Então ele não ia dizer exatamente — parecia que ele estava testando-a.

Eu vejo o que é isso.

Maomao se lembrou de algo que Jinshi havia dito, sobre todos os estrangeiros que não podiam ir para casa por causa dos insetos que estavam reunidos em um só lugar.

O terceiro filho de Gyokuen, Dahai, havia planejado trazê-los todos para aquela cidade postal.

Uma estrangeira que não pode ir para casa e filha de uma boa casa.

Maomao estava tendo um péssimo pressentimento sobre isso, mas, como sempre, ela tentou agir como se tudo estivesse bem.

Não que isso geralmente me faça bem.

Mesmo assim, ela fingiu ignorância, subindo na carruagem como se não tivesse notado quase nada.

Eles saltaram na carruagem por umas boas duas

horas. Era muito mais perto, na verdade, do que a vila agrícola para onde tinham ido. Agora, além dos

cheiros de terra seca e grama, o vento trouxe o aroma úmido da maré.

Chue estava lá e, como sempre, Lihaku tinha vindo como guarda-costas. Isso era muito bom, mas a carruagem tinha um terceiro ocupante: uma cesta misteriosa e enorme. Estava equipada para que Chue pudesse carregá-la cuidadosamente nas costas.

"O que é isso?", perguntou Maomao.

"É meu marido", disse Chue, mas sua resposta soou estranhamente estudada.

E também não fazia muito sentido.

"Hum... Seu marido, Srta. Chue? Você estaria se referindo ao Mestre Baryou?"

"Sim! Achei que ele poderia ser de alguma ajuda nesta viagem."

Maomao não tinha certeza de qual padrão de "ajuda" Chue estava seguindo, mas esperava saber o que estava fazendo. Pior ainda, ela não estava convencida de que a cesta era grande o suficiente para um homem adulto. Se ele estava lá, ele deve ter sido enrolado em uma bola. Ela teve um desejo passageiro de espiar, mas não queria acidentalmente superestimular Baryou e fazê-lo desmaiar, então ela reprimiu sua curiosidade.

A carruagem foi para o sul da capital ocidental, pela mesma estrada que eles pegaram quando chegaram. As carruagens devem ter viajado com frequência, porque era realmente pavimentada. Provavelmente para evitar a formação de sulcos, o que eventualmente aconteceria em terra nua, mesmo aqui onde não chovia muito.

"Lá, você pode ver", disse Hulan, espiando-os do banco do motorista.

"É algo e tanto", disse Maomao, e ela quis dizer isso. Ela esperava um pontinho de cidade, mas havia facilmente vários milhares de edifícios lá. Era um lugar tão brilhante que ela sentiu pena de estar apenas de passagem.

Havia uma nítida sensação de que o lugar provavelmente era mais vibrante à noite, graças a todos os marinheiros que ele entretinha. Este não era apenas um lugar para fazer compras e comer; também cheirava a um distrito de prazer. Pode não parecer muito com o que Maomao conhecia, mas era inconfundivelmente familiar e a deixou um pouco com saudades de casa. Ela se perguntou como suas "irmãs mais velhas" estavam. Não havia necessidade de se perguntar sobre a velha senhora, que certamente estava viva e bem.

Infelizmente para Maomao, elas estavam de fato apenas de passagem por aquela área. Em tempos normais, as ruas poderiam estar repletas de barracas vendendo presentes e souvenirs, mas

como estava agora, apenas alguns lugares vendendo provisões modestas e necessidades diárias pontilhavam a estrada, como uma boca cheia de dentes faltando. De vez em quando, ela via um lugar vendendo joias ou produtos de luxo que estava aberto, mas eles estavam inevitavelmente vazios.

Ela também viu cortesãs se inclinando preguiçosamente para fora das janelas; conforme a carruagem passava, seus olhos se iluminavam, tentando espiar se havia clientes em potencial lá dentro. Ela viu dançarinas praticando, equilibrando tigelas de chá com leite na cabeça e tentando não derramar uma gota.

A carruagem chegou chacoalhando na pousada mais proeminente da cidade, localizada em seu melhor terreno, e parou. O prédio era feito de pedra, o telhado de telhas, a porta pintada de um vermelho vivo, tudo de uma forma que evocava a região central.

"Aqui estamos, meu querido marido! Você pode sair agora."

Baryou deslizou para fora da cesta. Maomao não sabia como ele tinha conseguido, mas ele realmente estava lá. Ela pensou que ele poderia suspeitar do que viu quando saiu, mas ele estava surpreendentemente calmo.

Não, espere...

"Os olhos dele estão fechados?" Maomao perguntou.

"Sim! Eliminar a entrada visual ajuda a reduzir o estresse." “Ah, vamos lá...”

Os pensamentos de Maomao saíram involuntariamente de sua boca, mas Chue e Baryou pareciam acostumados com esse arranjo. Ela o guiou habilmente enquanto caminhavam.

Por dentro, a pousada estava coberta com um carpete tão exuberante que parecia errado pisar nele com sapatos de rua.

“Por aqui, por favor”, disse um dos funcionários da pousada. Com o cuidado de alguém que sempre teve que viver frugalmente, Maomao fez questão de tirar a poeira dos sapatos antes de pisar no carpete.

Todos os servos abaixaram a cabeça. Muitos pareciam distintamente estrangeiros.

Eles estavam próprio andar de cima, para o maior cômodo no terceiro andar. Um homem de cabelos dourados, na casa dos quarenta, estava parado diante da porta. Sua pele e cor de cabelo, junto com suas feições profundamente esculpidas, tornavam fácil adivinhar que ele também era de outra terra. Talvez Shaoh, pensou Maomao, embora seu tom de pele o fizesse parecer um pouco mais ao norte.

"Desculpe-me." Uma mulher, também com aparência estrangeira, se aproximou e começou a

revistar Maomao, verificando se havia algo perigoso. "O que é isso?", ela perguntou.

"Medicamento herbal, senhora. Trata dores de estômago." "E isso?"

"Bálsamo, senhora. Trata queimaduras." "E isso?"

"Um curativo, senhora. É para o tratamento de ferimentos."

Isso continuou por algum tempo. Maomao teve sorte de ter decidido não

enfiar suas agulhas ou tesouras em suas vestes. Elas estavam em sua bolsa.

Chue seria a próxima a ser revistada. Maomao se perguntou se demoraria ainda mais do que para ela, mas acabou num piscar de olhos. Maomao achou o sorriso triunfante que Chue lhe deu estranhamente irritante.

Lihaku não teria escrúpulos sobre alguém revistá-lo, mas Maomao não tinha tanta certeza sobre Baryou. Para sua surpresa, porém, ele não vacilou. Não, espere. Ele desmaiou em pé.

Temos mesmo certeza de que ele deveria estar aqui? Maomao estava ficando cada vez mais ansiosa, mas finalmente eles foram autorizados a entrar no quarto.

O enorme quarto estava cheio de móveis de aparência exótica, sem mencionar uma enorme cama com dossel. Ao lado da cama estava uma

mulher de meia-idade com uma saia de estilo estrangeiro. Ela era magra e tinha cabelos pretos, e havia um tom de verde em seus olhos.

Apenas Maomao se aproximou dela; Chue ficou cerca de cinco passos para trás, enquanto Lihaku e Baryou se posicionaram perto da parede perto da porta.

"Obrigada por terem vindo. A jovem senhora, ela..." a mulher começou, e além de uma reverência educada, começou a explicar diretamente a condição da paciente. Ela parecia querer que Maomao conduzisse o exame antes de qualquer frivolidade como apresentações.

"Se me permite, então." Maomao puxou a cortina da cama para encontrar uma jovem mulher com um rosto anguloso e bochechas salpicadas de sardas. Maomao sentiu um carinho incomum por isso. A jovem tinha cabelos platinados e olhos azuis; ela parecia ter doze ou treze anos, mas, por outro lado, os estrangeiros geralmente pareciam muito mais velhos do que os lineses. Talvez fosse seguro presumir que ela era um pouco mais jovem do que aparentava.

Então isso a tornaria cerca de dez anos? Talvez até mais jovem do que isso?

Eles disseram a Maomao que ela estava sofrendo de dor de cabeça, mas ela parecia notavelmente envolvida.

"Gostaria de verificar sua condição. Posso

tocar em você?” Maomao perguntou.
“Não-você-não-pode” foi tudo o que a garota disse.

Maomao deu à mulher de meia-idade uma inclinação de cabeça questionadora.

"Ela quer dizer que você deve conduzir o exame sem contato físico com a jovem", disse a mulher, que, diferentemente de sua jovem patroa, falava fluentemente Linese.

"Se-você-for-uma-verdadeira-ótima-médica-você-consegue-fazer", acrescentou a garota.

Ok, espere. Não foi para isso que me inscrevi.

Por que ela estava aqui, então? Ela sentiu como se a garota estivesse zombando dela.

Maomao olhou para a jovem paciente, imaginando como ela conseguiria cumprir essa exigência patentemente irracional de fazer um exame médico inteiro sem tocá-la.

"Quão perto seria aceitável, então?", ela perguntou.

A garota inclinou a cabeça, aparentemente sem entender o que Maomao havia dito. Sua assistente sussurrou em seu ouvido.

"A jovem patroa permitirá que você a examine a uma distância de sessenta centímetros."

Sessenta centímetros?! Ela poderia fazer muitos exames dali!

"Tudo bem", disse Maomao. “Quanta roupa a

jovem patroa está disposta a tirar?" Ela suspeitava que a resposta não era um pedaço, mas valia a pena perguntar.

"Se ela puder ficar de calcinha, e se os homens saírem do quarto, isso seria aceitável."

Hein?

Ela estava disposta a fazer tudo isso?

Além de tudo, conduzir um exame de uma paciente que não falava realmente sua língua apresentava problemas próprios. A cabeça dela está latejando, latejando ou doendo? Maomao poderia perguntar, mas estava convencida de que não obteria uma resposta.

Para ser justa, mesmo ser capaz de falar algumas palavras em linese era uma conquista respeitável — só não era o suficiente para realmente se fazer entender.

"Nesse caso, por favor, permita-me perguntar sobre os sintomas dela."

Chue se posicionou ao lado de Maomao, pincel na mão e pronta para escrever, simplesmente exalando a confiança de uma mulher que conseguia fazer as coisas. Ela estava pronta para fazer algumas anotações.

"Quando ela sentiu essa dor pela primeira vez?"

"Começou há cerca de dez dias. Ela parecia bastante indisposta antes disso, mas presumimos que era por causa do estilo de vida pouco habitual

que ela tem vivido nos últimos meses. Estou envergonhada de admitir que ignoramos a possibilidade de uma doença real", explicou a atendente.

"Que tipo de dor é essa?"

"Uma dor surda, ela diz. No entanto, às vezes se torna tão intensa que ela cai de joelhos."

Se era tão ruim a ponto de fazê-la cair de joelhos, isso parecia um problema sério. Mas algo incomodava Maomao.

"Ela tem feito exercícios suficientes nos últimos meses?" onths?"

"Eu diria que sim. Eu até diria que ela está comendo demais." A

mulher olhou para a menina e pareceu um pouco exasperada. A criança estava deitada placidamente na cama no momento, mas aparentemente ela poderia ser bem fogosa.

"Como está o apetite dela?"

"Apetite? Bem, na verdade, ela começou a comer menos há cerca de dois meses, mas também atribuímos isso ao ambiente desconhecido. Nos últimos dias, porém, ela quase não comeu nada e só consegue comer alimentos líquidos."

"Então os sintomas incluem dor de cabeça e perda severa de apetite?" "Isso mesmo."

Ahh. Isso está começando a fazer sentido.

Ela não queria ser tocada ou examinada de

perto, mas estava disposta a tirar as roupas. Maomao achava que sabia o que poderia explicar todas essas coisas — mas ela ainda não tinha evidências suficientes para dizer com certeza.

"Senhorita Chue."

"Sim, Srta. Maomao? Como posso ajudar?"

"Você pode pegar isso para mim?" Maomao fez uma lista dos itens que precisava no papel de memorando.

"Estou indo!" Chue abaixou a cabeça e saiu apressada da sala. "Vamos preparar um remédio. Por favor, seja paciente", disse Maomao. "Você... Você realmente descobriu só com isso?" a atendente perguntou,

olhando para Maomao com desconfiança. E bem que ela poderia: a jovem não havia tirado a roupa nem deixado Maomao tocá-la. Era fácil pensar que Maomao estava soprando fumaça.

"Se essa poção funcionar, confirmará meu diagnóstico. Ou também não tenho permissão para administrar remédios?"

"Claro que pode."

"Há algum alimento que não faça bem para a jovem?"

"Nada em particular, eu acho. Contanto que o remédio não seja insuportavelmente amargo, deve ficar tudo bem."

Bem, isso pelo menos foi reconfortante.

Chue voltou trotando para a sala. "Obrigada

por esperar!" Ela levantou um copo. Ele tinha um cheiro doce de frutas cítricas e mel, e o copo estava transpirando.

Maomao transferiu a bebida para outro copo e tomou um gole. "Isso é só para demonstrar que não é venenoso", ela disse.

"Posso experimentar também?", perguntou a atendente. Maomao deu a ela. Ela tomou um gole e disse: "Isso é remédio? Tem um gosto... bom. É tão fresco e refrescante."

"Sim, senhora. Se você tiver a gentileza de pedir para a jovem beber." "Tudo bem."

A atendente levou o copo para a jovem, que piscou, mas tomou um gole hesitante. Ela franziu os lábios e bebeu lentamente um pouco de cada vez. Finalmente ela parou de beber, seu rosto todo franzido.

"Qual é o problema? Por favor, beba tudo", disse Maomao.

A atendente sussurrou algo para a garota, mas Maomao não conseguiu entender o que era. Mas ela não precisava; ela tinha a prova de que precisava.

"Então eu não posso tocar ou me aproximar dela, mas você pode?", ela perguntou à atendente. "Acho que o problema está na boca da jovem. Um dente de trás, eu suspeito. Você poderia

gentilmente verificar para mim?"

"Um-um dente de trás?" A atendente tentou olhar, mas a garota fechou a boca rapidamente.

"Talvez você pudesse cutucá-la na bochecha", sugeriu Maomao.

A atendente tentou. Maomao quase achou o momento engraçado; isso a lembrou de Yao e En'en, na capital.

Quando a atendente pressionou a bochecha esquerda da garota, ela estremeceu visivelmente.

Eu pensei que sim.

"A fonte da dor de cabeça dela é um dente podre", anunciou Maomao.

Uma indisposição menor de vários meses antes, piorando rapidamente nos últimos dez dias. Provavelmente, um dente levemente infectado havia sido deixado até que o buraco ficasse grande demais. No começo, ele simplesmente ardia, fazendo com que a menina comesse um pouco menos avidamente. Ela começaria a mastigar no lado direito da boca, para evitar o dente ruim. Isso forçaria seu ombro e pescoço, causando dores de cabeça.

A menina queria esconder o dente ruim, mas não conseguia esconder o quão mal estava se sentindo. Então ela disfarçou relatando apenas a dor de cabeça; enquanto isso, suas estipulações impossíveis presumivelmente tinham a intenção de evitar ter que tratar o dente podre.

A atendente estava olhando para a jovem como se tivesse algumas palavras escolhidas que gostaria de poder compartilhar com ela — talvez em sua língua nativa. Mas como Maomao e os outros estavam presentes, ela se conteve.

Eles precisavam fazer algo sobre aquele dente, no entanto, e como tal, a atendente abandonou sua dignidade em favor da conveniência. Ela começou uma luta de wrestling distintamente pouco feminina com a menina, que provou ser exatamente a incendiária que soava.

“Posso ter permissão para tocar a jovem e examinar o interior de sua boca?”, perguntou Maomao.

“S-Sim, por favor, vá em frente”, disse o atendente, mantendo a “jovem”

firmemente na mão, apesar do aperto que a garota tinha em seu cabelo. A atendente parecia completamente diferente do que era no início.

A jovem, dominada, não teve escolha a não ser abrir a boca.

“Caramba! Está completamente preto. Isso deve ser extremamente doloroso”, disse Maomao. Isso seria muito mais do que um pouco de formigamento quando ela bebia água fria. Encher o dente com ervas medicinais era uma maneira de tratar esse problema, mas para um dente assim longe, parecia improvável que ajudasse.

"Você pode tratá-lo?", perguntou o atendente.

"Puxar seria mais rápido", Maomao informou. "É um dente de leite; não deve causar problemas fazer isso." Ela não sabia o quanto a garota conseguia entender, mas congelou com a boca ainda aberta.

"Tudo bem. Se você for gentil."

A garota não parecia saber muito mais do que o conhecimento superficial de Linese que havia falado no início, então ela não acompanhou bem a conversa. Ela entendeu, no entanto, que estava em perigo iminente e começou a se debater com tanta força que o guarda do lado de fora teve que ser chamado para ajudar a segurá-la.

Ela aguentava ser um pouco feminina! Estava ficando tão ruim que Maomao estava pensando em chamar Lihaku para ajudar também.

Depois que Maomao teve certeza de que eles seguraram a boca da garota aberta para que ela não tivesse nenhum dedo arrancado, ela enfiou os dedos.

"Ah, está solto. Isso vai sair imediatamente."

"O que você gostaria de fazer para um anestésico?" Chue perguntou. "Senhorita Maomao?"

"Um anestésico dificilmente faria diferença. Não vai demorar muito. Ela só terá que ser gentil o suficiente para aguentar." A garota era saudável o suficiente para exigir dois adultos adultos para

segurá-la; ela ficaria bem.

Mesmo Maomao não tinha embalado fórceps para arrancar os dentes, então ela pediu que trouxessem alguns.

"Tudo bem. Isso não vai ser agradável, mas vai acabar em um segundo."

Toda a atitude de deferência para com a jovem amante havia evaporado. O atendente, em particular, parecia furioso porque a garota havia mantido a dor de dente em segredo dela, e estava decidido a resolver o problema.

A menina estava imobilizada, com a boca aberta; ela não poderia ter gritado se quisesse.

Eu realmente sinto muito por isso, Maomao disse mentalmente à menina — e então ela agarrou o dente podre com o fórceps e puxou. A menina puxou para trás quase

com a mesma força, mas ficou surpresa ao descobrir que o dente saiu imediatamente.

"Lá vamos nós. Vou colocar um remédio ali." Maomao passou algo para estancar o sangramento, então deu à menina um curativo amassado para morder. "Quando o sangramento parar, jogue o curativo fora", ela disse. "Se não parar, faça-a morder outro curativo e espere até que pare. A jovem senhora deve evitar qualquer atividade vigorosa. Eu também aconselharia a tomar cuidado com o vinho — mas acho que ela é um

pouco jovem para isso de qualquer maneira."

Ela também deu a eles alguns analgésicos, embora não achasse que seriam necessários.

O atendente e o guarda pareciam desgrenhados, enquanto a jovem olhava para o buraco aberto em seu dente de leite.

A julgar por quantos dentes adultos ela tem, eu diria que ela tem cerca de dez anos.

Maomao deu a eles o remédio e uma folha de instruções escrita, então se preparou para ir para casa.

“Incrível! Eu sabia que estava certo em perguntar a vocês”, disse Hulan. Maomao praticamente podia vê-lo esfregando as mãos obsequiosamente. “Quando me disseram para encontrar uma médica, eu não sabia o que fazer!”

“Sim, deve ser difícil na capital ocidental”, respondeu Maomao. À luz do que ela havia descoberto, ela suspeitou que foi a jovem que havia solicitado a médica — algo que ela presumiu que eles não seriam capazes de encontrar em lugar nenhum por aqui. Mais uma estratégia para esconder seu dente ruim.

Esses pirralhos. Problemas sem fim.

Com o trabalho concluído com sucesso, Maomao estava de volta ao consultório médico.

“Ótimo! "É isso para nós", disse Chue, trotando para longe com sua cesta Baryou nas costas.

"Você sabe, por que ele estava lá?" Lihaku

ponderou.

"Me procure", respondeu Maomao, que ainda estava preocupado que a cesta parecesse bem apertada. Bem, nada a fazer além de voltar ao trabalho.

○●○

"Idade — doze, treze. Possivelmente um pouco mais jovem. Cabelo platinado, olhos azuis." "O que você acha? Lembra de alguma coisa?" Chue perguntou ao marido em sua cesta. "Um. Só um. Mas..."

"Mas o quê?"

"Essa pessoa é um menino."

"Hoh, hoh!" Chue imaginou a menina com o dente podre. Sim, nessa idade, o gênero de uma criança ainda podia ser escondido. "Se fosse um menino, quem seria?"

"Há uma nação que faz parte de Hokuaren, o reino do povo Ri. Acredito que o quarto filho de sua família real corresponde a essa idade e descrição. Reconheci algumas das palavras que a "jovem amante" usou enquanto a seguravam — eram juramentos na língua Ri."

Havia uma tendência em Li de agrupar todos os países de Hokuaren, ao norte, e vê-los como uma entidade única, mas na verdade era o nome de uma coleção de nações diferentes.

Havia também uma tendência das pessoas

pensarem no marido de Chue como nada além de fraco, mas ele não era de forma alguma incompetente.

O trabalho de Baryou era olhar cada pedaço de papel que chegava ao Príncipe da Lua e entender até mesmo as coisas que escapavam ao próprio Príncipe.

“Agora, por que alguém tão importante ficaria na capital ocidental em vez de voltar para seu país? Ooh, é como um pequeno mistério!”

“Só rezo para que não seja realmente ele. Meu estômago dói.” Depois disso, não houve mais sons da cesta, um s se dissesse Por favor, não fale mais. Então Chue retornou silenciosamente para o quarto deles. Ela teria que fazer algo gostoso e fácil para o estômago para o jantar.

## Capítulo 10: Paciente de Emergência, Situação de Emergência

O outono avançava, e a colheita acontecia na cúspide do inverno. Muitas plantas deixam suas sementes pouco antes do inverno; mesmo na capital, era considerada a temporada de colheita de arroz.

Isso tornou a época muito movimentada para os fazendeiros — mas eles não eram os únicos. "Senhorita Maomao, senhorita Maomao, você poderia nos ajudar com isso?"

Chue apareceu no quarto de Maomao e deixou cair uma pilha de papéis em sua mesa com um baque. Eles acabaram sendo registros de rendimentos de colheita.

"Senhorita Chue, senhorita Chue, por que você está trazendo isso para mim?"

"Boa pergunta! É por ordem do Príncipe da Lua. Ele disse: 'Não há ninguém que seja bom com números? Simplesmente há muito disso', então peguei alguns deles. Seria muito conveniente se o irmão do irmão de Lahan estivesse aqui, mas ele não está, então você terá que servir."

Irmão do irmão de Lahan. Isso daria certo para Lahan.

Dizer piadas tão elaboradas parecia muito

trabalhoso, então Maomao deixou para lá. "Então você veio até mim", ela disse. "Você sabe que eu tenho outro trabalho a fazer, certo?"

"Você quer dizer cultivar suas ervas? Ou você quer dizer misturar os remédios e prensá-los em pequenas bolas? Há um milhão de pessoas que poderiam fazer isso, Srta. Maomao. Contanto que não haja nada que só você possa fazer — costurar feridas, tratar doenças de origem desconhecida, talvez cirurgia — então eu não acho que você tenha que trabalhar tanto."

"Não tenho certeza se isso justifica despejar o trabalho dos burocratas em mim."

"Não há mais ninguém que possa fazer isso. Você tem que ajudar!" Chue falou lentamente. "Quando se trata de trabalho aritmético, você tem que ter uma certa confiança na pessoa a quem você confia, não é?"

"E você? Quero dizer, confiar em mim para fazer isso?"

"Sim, sim. Estes são todos papéis de tamanho decente necessário que eu acho que devem ficar bem para você."

"Você poderia, por favor, não chamar a necessidade de... tamanho decente?"

"Er, por que não?" Chue inclinou a cabeça, confusa. Mas então ela disse, "Eu acho que

pode ser bem interessante compará-los com os números da colheita do ano passado."

Baque. Ela depositou outra pilha de papéis.

"Quer dizer que você quer que eu compare os números deste ano com os do ano passado e descubra o quão curta estamos na colheita."

"Eu amo como você é sempre tão rápida na assimilação, Srta. Maomao!" Chue mostrou a língua brincando. "Eu vou em frente e dou instruções para todos lá fora."

"Você parece mais ocupada do que o normal, Srta. Chue." Em circunstâncias normais, ela teria incomodado o médico charlatão até que ele trouxesse chá e doces.

"Oh, a Srta. Chue está sempre ocupada! Eu estou mais ocupada do que o normal hoje, pois temos muitos visitantes importantes. Ok, tchau!"

Com isso, ela saiu trotando da sala; Maomao podia ouvir seus passos característicos recuando pelo corredor.

"Muitos visitantes importantes, hein?"

Agora que Maomao pensou sobre isso, as coisas pareciam um pouco mais animadas do que o normal. Jinshi até chamou Lihaku para sair, então hoje eles tinham apenas sua guarda rotativa. Um segundo guarda foi adicionado para o charlatão, e supostamente não havia nada com que se preocupar. Aquele garoto, Gyokujun

ou o que quer que seja, ocasionalmente olhava para o consultório médico, mas ele não parecia inclinado a começar nada.

Não sou contra trabalho administrativo, mas não gosto disso, pensou Maomao. De qualquer forma, esses visitantes importantes não eram da conta dela. Ela iria em frente e faria o trabalho que lhe foi dado.

Ela olhou para a pilha de papéis e colocou a cabeça entre as mãos. Maomao só queria brincar com ervas medicinais — por que eles tinham que ir e ficar com falta de pessoal?

A coisa mais óbvia era a escassez catastrófica na colheita de trigo. As batatas do irmão de Lahan eram apenas uma gota naquele oceano em particular; eles teriam que descobrir como sobreviver apenas com os estoques de emergência e quaisquer provisões que pudessem ser enviadas a eles.

"Acha que podemos distribuir cerca de oitenta por cento disso? Hrm... Eu simplesmente não entendo", Maomao murmurou para si mesma.

Um provérbio dizia que se deve comer até a saciedade, nunca até a plenitude. Mas pedir àqueles que estavam acostumados a ficar cheios para deixar seus estômagos parcialmente vazios era convidar o descontentamento. Enquanto isso, quando os suprimentos não eram

confiáveis, se algumas pessoas comessem até ficarem cheias, outras teriam que passar ainda mais fome do que o normal para compensar a diferença. Os pobres e seus semelhantes talvez conseguissem encher apenas metade de seus estômagos; eles eram os primeiros a morrer de fome se não houvesse comida suficiente

para todos.

Se dezenas de milhares de mentes pudessem ser levadas a pensar como uma, elas quase certamente teriam sobrevivido com oitenta por cento da quantidade normal de comida. Mas isso não era possível; era apenas a natureza humana.

Não, não, pare.

Ela não conseguia começar a ter empatia com números. Deixar-se ficar deprimida com isso não faria bem a ninguém; apenas a tornaria menos eficiente em fazer seu trabalho.

Ela estava nisso há cerca de uma hora, murmurando pensativamente para si mesma o tempo todo, quando notou alguém espiando em seu quarto.

"Posso ajudar?" Ela perguntou. Ela se virou para encontrar uma jovem mulher — a neta de Gyoku-ou, Xiaohong.

Maomao lançou-lhe um olhar duro. Ela sabia o que era um toque suave ch o charlatão estava

com crianças; ele provavelmente a deixaria entrar no escritório.

Xiaohong deu um pequeno pulo e recuou. Bem, Maomao não queria que ela tivesse medo dela. Ela tentou sorrir, mas não deve ter ido muito bem, porque a garota recuou ainda mais.

"Ahem," Maomao disse. "Receio que não podemos ter pessoas parando no consultório médico quando não têm nada a fazer aqui. Além disso, este é meu quarto pessoal..."

Isso foi o mais conciliador que Maomao conseguiu ser.

"Há... um paciente," a criança disse. "Você pode olhar?" Maomao teve que se esforçar para ouvi-la.

"Um paciente? Onde está essa pessoa?"

"Lá... Ali." Xiaohong apenas apontou. "Vou precisar que você faça mais do que apontar."

"Por favor, ajude-o. Tio Shikyou, ele está morrendo." Xiaohong estava lutando para não chorar. Ela era muito mansa para que isso fosse uma encenação; ela parecia estar falando sério.

Maomao se perguntou o que fazer. Isso não lhe pareceu uma brincadeira infantil. Se Shikyou, o filho mais velho de Gyoku-ou, estivesse mesmo à beira da morte, Maomao não poderia simplesmente ignorá-lo. Mas então, alguém tão importante quanto Shikyou obviamente já teria um médico o atendendo.

"Diga-me uma coisa. Por que você veio até mim? Há muitos outros médicos, certo?"

A confusão dos dias imediatamente após o enxame já havia se resolvido há muito tempo. Por mais repreensível que seu comportamento pudesse ser, não havia como um médico se recusar a ver o filho do falecido governador. E Maomao

não conseguia imaginar nenhuma razão para que uma atendente fosse necessária neste caso.

Acima de tudo, porém, ela se perguntou por que foi Xiaohong quem veio chamá-la.

"Tio... Tio disse que se um médico o vir... ele será morto." "Morto?"

Agora, isso chamou sua atenção.

Ela saiu do quarto. O charlatão estava tomando chá; muito solitário bebendo sozinho, ele deu um pouco para o guarda também e o induziu a se sentar. O outro guarda permaneceu parado do lado de fora da porta do escritório; Lihaku, é claro, não estava lá.

A janela do lado leste está aberta, Maomao observou. Isso estava no ponto cego do guarda, e o charlatão não teria notado se estivesse olhando diretamente para ela. A criança parecia ter se esgueirado para o quarto de Maomao. Seu único obstáculo real seria o guarda tomando chá com o charlatão, mas se ela conseguisse passar

por ele, estaria em casa livre.

Maomao olhou de volta para os papéis em sua mesa. Não acho que uma criança consiga entender nada deles, ela pensou, mas só por precaução, ela os juntou e colocou em uma caixa de correio, que colocou em uma gaveta da mesa.

"Tudo bem", ela disse, virando-se para Xiaohong. "Você disse que ele seria morto. O que quer dizer?"

A garota não disse nada, mas estava claramente evitando encontrar o olhar de Maomao. Ela tinha ido ao boticário porque não havia outros médicos em quem pudessem confiar, mas, à sua maneira infantil, ela estava tentando decidir o quanto era seguro dizer.

Francamente, Maomao estava começando a torcer para que isso fosse apenas uma brincadeira. Porque se fosse real...

Maomao na verdade sabia muito pouco sobre Shikyou. Politicamente falando, ela nem entendia qual era seu status exato, ou se ele era amigável ou hostil ao governo central. Pelo que Chue havia dito, parecia que era melhor não ter muito a ver com ele.

Resumindo, a coisa mais inteligente para Maomao fazer naquele momento era...

Ignorar a balbuciação do garoto e apenas fazer meu maldito trabalho.

Ou assim alguém poderia pensar.

No entanto, ao mesmo tempo, ela temia imaginar a situação na capital ocidental se Shikyou morresse tão logo após Gyoku-ou.

E então há outro problema. Ou seja, que Maomao não conseguiria dormir à noite se soubesse que deixou um homem morrer sem nem mesmo tentar ajudá-lo. Sabendo que ele é inútil, ele provavelmente choramingaria e tentaria fazê-la deixá-lo ir embora sem pagar pelo tratamento. Ela poderia simplesmente ir embora então.

Tudo bem, o que eu faço? Maomao se preocupou e se perguntou. Havia três possibilidades principais.

Uma: o que Xiaohong estava dizendo a ela era falso ou um erro, e ela estava convocando Maomao por algum outro motivo.

Dois: o que Xiaohong estava dizendo a ela era verdade; houve uma tentativa de matar Shikyou, e sem mais ninguém a quem recorrer, Maomao era a palha em que Xiaohong se agarrou.

Três: o que Xiaohong estava dizendo a ela era verdade; houve uma tentativa de matar Shikyou, e não havia mais ninguém a quem recorrer. No entanto...

Sempre há a chance de que fosse o governo

central que o queria morto.

Normalmente, ela relataria algo assim para Jinshi, mas neste caso ela não tinha o luxo desse tipo de tempo.

"Hrmm..."

Xiaohong observou Maomao, seus olhos cheios de lágrimas. Por que ele usaria essa garota como mensageira? Se Gyokujun tivesse aparecido com o mesmo pedido, Maomao teria rido dele para fora do escritório.

Droga!

Depois de toda a sua preocupação e questionamento, Maomao deu um suspiro. "Tudo bem", ela disse. "Mostre-me onde ele está."

Maomao cedeu ao pedido de Xiaohong, mas enquanto ela ia, ela deixou algo em sua mesa: uma figura de madeira de uma coruja mascarada que Chue havia esculpido em um momento livre.

Por favor, não seja a terceira possibilidade, ela pensou.

Ela colocou o mínimo de instrumentos médicos em uma bolsa e desceu as escadas. Xiaohong sairia furtivamente pela janela.

“Oh, que legal ver você aqui. Pensei que você passaria o dia todo enclausurado no seu quarto”, disse o médico charlatão. O guarda que tomava chá com ele também a estudou.

“Só preciso mudar de ares. Vou dar uma olhada nas ervas na estufa”, ela disse.

“Parece legal.” O charlatão continuou a preparar mais chá, com pouca ou

nada suspeita. A conversa deve dar tempo de sobra para Xiaohong voltar para fora.

“O Mestre Lihaku ainda não voltou?”, perguntou Maomao.

“Não, ele está emprestado ao Príncipe da Lua. Eles precisavam de alguém bom e forte para protegê-lo. Nosso amigo deveria estar cuidando de pessoas mais importantes, de qualquer forma.” O charlatão parecia considerar Lihaku principalmente como seu companheiro de chá.

Maomao curvou-se educadamente para o guarda na porta. "Estou indo para a estufa. Por favor, cuide bem do médico mestre enquanto eu estiver fora." Parecendo o mais indiferente que pôde, ela saiu do consultório médico e pegou uma cesta, como se realmente fosse verificar as ervas.

Então, e se realmente foi o governo central que tentou tirar Shikyou?

Havia todas as possibilidades — mas, pelo menos, ela presumiu que não tinha sido ideia de Jinshi. Se ela tivesse pensado por um minuto que ele estava por trás disso, ela nunca teria

deixado uma pista tão óbvia quanto a coruja em sua mesa. Jinshi manteve a paz apesar da zombaria implacável de Gyoku-ou. Shikyou provavelmente não era nada mais do que um pequeno patife fofo para ele.

Xiaohong espiou por trás de uma árvore. "Por aqui."

Maomao se juntou a Xiaohong e deixou a garota assumir a liderança. Burocratas a negócios, assim como servos e servas ao redor da propriedade, olhavam para eles enquanto passavam, mas ninguém parecia se interessar muito. Eles tinham que tomar cuidado para não parecerem muito furtivos; eles pareceriam mais como se pertencessem ali se, bem, agissem como se pertencessem ali.

Isso é ruim para o meu coração.

Xiaohong seguiu em direção à porta que levava da casa principal em direção ao escritório administrativo. Maomao pensou que poderia abri-la e entrar, mas então ela desviou para um lado. "Por aqui", ela disse novamente.

Eles seguiram a cerca que cercava o escritório administrativo e a casa principal até chegarem a uma área arborizada. As árvores eram excepcionalmente grandes para a capital ocidental, mas pareciam ser menos para exibição e mais para bloquear o vento. Maomao reconheceu a espécie, mas não se lembrava do

nome dela — o que sugeria que não era tóxica nem tinha propriedades medicinais.

"Por aqui!"

Quase escondida entre as árvores havia uma pequena porta, tão coberta de trepadeiras que não era óbvia à primeira vista.

Uma passagem escondida?

Maomao estava começando a ter a sensação de que, o que quer que estivesse acontecendo, Xiaohong não estava inventando. A porta tinha um mecanismo de travamento inteligente, e a garota levou um momento para usar a chave para abri-la.

Como ela sabe sobre essa coisa?

Maomao teria presumido que uma passagem oculta como essa teria sido mantida em segredo de todos, exceto da linhagem direta da família; até mesmo parentes teriam sido mantidos no escuro. Sim, Xiaohong era neta de Gyoku-ou, mas as linhagens familiares subsidiárias eram vistas como menos importantes.

Maomao se espremeu pela porta e se viu em uma passagem longa e estreita. Havia uma cerca de cada lado e, acima, um dossel de galhos de árvores.

"Xiaohong..."

Havia um homem lá, seu rosto sem sangue e pálido — Shikyou. Outra criança já estava com

ele — o pirralho atrevido Gyokujun, que estava uma bagunça chorosa.

Maomao foi direto para Shikyou. Seu abdômen estava coberto de sangue. “Q...Quem é esse?” Shikyou conseguiu dizer.

“O médico,” disse Xiaohong.

Shikyou lançou um olhar para Maomao, avaliando e procurando ao mesmo tempo.

“Um médico! Se você é um médico, então ajude meu pai! Faça-o melhorar!” Gyokujun exigiu, fungando ruidosamente.

“Fale baixo. Não grite,” Shikyou disse, firme com seu filho apesar de sua condição.

Gyokujun olhou para ele, de olhos arregalados, e respondeu “Sim, senhor,” em voz baixa.

Gyokujun estava na linhagem familiar direta, pelo que valia a pena, e ele provavelmente tinha sido informado sobre a passagem secreta. O garoto, que nunca demonstrou muita compreensão de sua própria posição, provavelmente pensou nela como nada mais do que uma base secreta para brincar, e deve ter mostrado para Xiaohong apenas para impressioná-la.

“Posso dar uma olhada em seu ferimento?” Maomao perguntou.

“Você? Alguém como você vai me examinar?” disse Shikyou, que parecia estar no

controle apesar de todo o sangue. Talvez o ferimento não fosse tão ruim assim, afinal — ou talvez ele estivesse se fazendo de corajoso. Uma coisa era certa: o sangue em sua camisa estava se expandindo constantemente.

"Eu particularmente não me importo se eu te examinar ou não, mas se não pararmos o sangramento logo, acho que você vai morrer de perda de sangue."

Shikyou parou para pensar. Era tarde demais para mandar Xiaohong encontrar outro

médico. Era uma questão em aberto se seu filho ou sua sobrinha conseguiriam localizar um dos adultos e convencê-los a ir com eles. Gyokujun, em particular, poderia simplesmente trazer o charlatão.

Se o ferimento não fosse tão grave, Shikyou poderia se dar ao luxo de expulsar Maomao — mas se fosse tão sério quanto parecia, ela era sua única esperança de tratamento.

O que farei se o ferimento não for grave?

Ocorreu a ela que ele poderia tentar matá-la na hora para calá-la. Se isso acontecesse, então — com desculpas a Xiaohong — ela teria que usar a garotinha como refém. Shikyou poderia parecer um rufião, mas até ele, Maomao esperava, hesitaria em machucar a sobrinha que

o ajudou. Hmm, ou talvez seu filho Gyokujun fosse o melhor escudo...

Depois de um longo momento, Shikyou disse: "Tudo bem", e mostrou a ela sua barriga encharcada de sangue.

Olhe para isso!

Esse era um ferimento penetrante, se Maomao já tinha visto um. A carne do seu lado tinha sido rasgada. Não é de se espantar que ele estivesse sangrando tanto.

"Urgh..." Gyokujun murmurou, e Shikyou colocou uma mão sobre a boca do garoto antes que ele pudesse fazer outro barulho. Em vez disso, Gyokujun desmaiou completamente.

Xiaohong cobriu a boca e desviou o olhar, mas pelo menos ela entendeu que não podia gritar.

Aparentemente, esse homem Shikyou era muito bom em fingir coragem. "Uma flecha envenenada?", perguntou Maomao depois de um momento.
Shikyou bufou. "Descobriu isso, não é?"
"Parece que você pensou rápido. Quanto tempo demorou para conseguir retirá-la?"
Shikyou tinha sido atingido por uma flecha envenenada e a arrancou sozinho. Só de imaginar isso, Maomao ficou um pouco tonto.
"Nem dez segundos."
"Houve alguma dor? Formigamento ou dormência?"
"Se você esperar até sentir a dormência, já é tarde demais!"
Então ele sabe algo sobre venenos.
Se houvesse dormência, isso sugeriria a possibilidade distinta de acônito, um veneno poderoso que poderia causar a morte em menos de um minuto.
"Onde você foi atacado?", perguntou Maomao.
"Você precisa saber disso?"
Se ele tivesse sido baleado na passagem secreta

do escritório administrativo, então o atirador provavelmente teria atirado do próprio prédio administrativo ou da casa principal. E por que ele enviou Xiaohong para chamar Maomao, em vez de procurar ajuda de alguém próximo?
Talvez porque ele não soubesse o que um adulto enviado para chamar um médico poderia fazer. Até mesmo enviar uma garota tão jovem tinha sido uma verdadeira aposta.
Devo interpretar isso como uma briga de família?
Se sim, então não foi o governo central que tentou matar Shikyou, mas um de seus irmãos. Havia muitas pessoas que se beneficiariam em termos de sucessão e herança com o filho mais velho fora de cena. Xiaohong pode gostar bastante de Shikyou, mas até mesmo a própria mãe da garota era uma suspeita em potencial aqui.
Maomao pediu que Shikyou se deitasse de lado e tirou um lenço de seu manto. Gyokujun ainda estava inconsciente, então ela o deixou onde estava.

“Imagino que isso tenha sido um dardo, não uma flecha propriamente dita?” Maomao perguntou enquanto pressionava o pano no abdômen de Shikyou e esperava o sangramento parar.
“O que te faz dizer isso?”
“Você o arrancou antes que houvesse qualquer dor ou dormência, o que significa que você teve razão imediata para pensar que ele poderia estar envenenado. E a arma era uma zarabatana, não uma flecha, porque usar um arco e flecha no terreno da propriedade é difícil, não é?”
Quando o ferimento finalmente parou de sangrar, Maomao pegou sua agulha e

linha. Apenas o músculo e a carne tinham sido rasgados; os órgãos internos estavam ilesos. Melhor costurar imediatamente, mesmo que as suturas fossem um pouco ásperas.
“Onde está o dardo?”
Shikyou entregou a Maomao algo embrulhado em um pano. Ela viu pedaços descoloridos de

carne — e uma cabeça de agulha. Ela poderia investigar que tipo de veneno era mais tarde.
“Isso vai doer. Apenas fique comigo. "Lá vai", ela disse, e então começou a costurar. Fiel à sua forma, o rosto de Shikyou se contorceu, mas ele não gritou.
Xiaohong estava olhando resolutamente para longe da cena. "Pronto. Isso deve resolver."
Quando ela terminou de costurar, Maomao estava coberta de sangue. Ela tinha vindo aqui secretamente, mas se ela voltasse assim, todos saberiam que ela estava tratando alguém por alguma coisa.
Eu sabia que deveria ter ignorado a coisa toda, pensou Maomao, começando a se sentir irritada. Ela apertou um cinto de pano em volta do abdômen de Shikyou. Ele gemeu alto, mas ele teria que viver com isso.
Isso cuida do tratamento de emergência. Ainda havia um problema, no entanto — se Shikyou deixasse os limites da passagem secreta agora, seria impossível saber quem era um amigo e quem era um inimigo.

Gyokujun ainda estava desmaiado, e Shikyou estava tonto pela perda de sangue. No momento, Maomao decidiu dar uma olhada no dardo: uma agulha longa, fina e em forma de cone.

Não dá para saber que tipo de veneno é. Você não saberia só de olhar, é claro. Ela sempre podia furar o dedo e ver o que acontecia — isso lhe diria muito —, mas não era hora de conduzir experimentos humanos. Talvez ela pudesse pegar um rato que passasse ou algo assim e dar uma facada rápida.

O verdadeiro problema era que sua intervenção desleixada não era o suficiente; ela não podia simplesmente deixar Shikyou ali.

A questão é: como podemos movê-lo sem sermos vistos?

Maomao ainda estava preocupada com a questão quando ouviu um farfalhar no mato. Ela se virou na direção do som, assustada.

Um rosto apareceu por entre as árvores. "O que você está fazendo aí?", o dono falou lentamente. "Oh, meu Deus! Isso parece muito

interessante mesmo."
Maomao só conhecia uma pessoa que falava assim. Chue subiu na cerca e olhou para ela.
“Hoh, hoh! Então foi para lá que você foi.”
“Como... você encontrou esse lugar?” Maomao olhou ao redor. Ela não achava

que ela estava falando tão alto, mas talvez sua voz tivesse sido ouvida além da passagem.
“Oh, por favor. Você, Srta. Maomao? Deixar seu trabalho para mudar de ares? Eu não acreditei nem por um segundo. Eu especialmente não acreditei que você deixaria uma papelada tão importante para trás.” Chue esfregou a figura da coruja entre os dedos.
“Ouvi dizer que o Querido Irmão Shikyou estava visitando a casa principal, mas não vi nem um fio de cabelo de ninguém nas últimas duas horas. E há algo no ar na casa e no escritório. Algo estranho.”
Ela estava assustadoramente afiada. Como Chue se mostrou tão capaz? Também foi ousado da parte dela se referir ao “Querido

Irmão Shikyou” quando ele estava bem ali, turvo com perda de sangue ou não.
“Você parece um horror, Srta. Maomao! Teremos que preparar um banho para você.”
“Prefiro que você cuide do paciente e dessas crianças.” Ela indicou
Xiaohong e o inconsciente Gyokujun.
“Sim, sim.” Chue pulou e desceu da cerca. No mesmo momento, a porta escondida se abriu e vários homens passaram. Eles começaram a tentar pegar Shikyou e as crianças.
“Vamos, Srta. Maomao, por aqui, por favor. Aqui está uma blusa que você pode usar.” Chue colocou seu próprio xale sobre os ombros de Maomao. (“Todo aquele sangue atrairia muita atenção!”) Ela parecia estar com seu jeito de sempre, desleixada, e ainda assim...
Há algo acontecendo aqui. Algo incomodava Maomao. Não algo grande — apenas a sensação de que Chue estava indo um pouco mais rápido do que o normal. Ela parecia estar se ocupando em proteger Maomao, mas quem realmente precisava de atenção agora? Não era

o ferido Shikyou?
“O que há de errado?” Chue perguntou. “Por que você parou?”
“Senhorita Chue,” Maomao disse e olhou para trás. Dois dos homens tinham erguido Shikyou entre eles. Um alarme estava soando em sua cabeça.
Eu absolutamente não deveria dizer isso.
Ela deveria ir embora, tomar banho e fingir que não viu nada disso.
Essa seria a jogada inteligente.
Mas ainda há a chance de que tenha sido o governo central que tentou matá-lo. E eu não acho que Jinshi estava por trás disso.
Lentamente, Maomao abriu a boca. “Senhorita Chue,” ela disse novamente.
“Sim, senhorita Maomao? O que foi?” Chue estava sorrindo, como sempre fazia.
“Para onde estão levando o Mestre Shikyou?”
Houve uma pausa. Então Chue disse, “Heh heh! Senhorita Maomao.” Ela bateu

a mão no ombro de Maomao. “Você é tão

difícil de lidar, sabia? Às vezes você é inteligente demais para o seu próprio bem.” Os olhos de Chue pareciam um pouco mais arregalados do que o normal, e eles não estavam sorrindo.

# Capítulo 11: A Cidade da Pousada do Sul

*Imagino onde estou, pensou Maomao. Ela estava sentada olhando para uma vela em uma suíte de dois cômodos onde Chue a havia deixado cerca de meio dia antes. Xiaohong dormia na cama que ficava ao lado dela, enquanto Shikyou e Gyokujun estavam no quarto ao lado.*

*Havia mais do que apenas uma maneira de entrar na passagem secreta entre a casa principal e o escritório administrativo; havia uma saída também. Maomao fez exatamente o que Chue disse a ela enquanto os guiava para fora do túnel, depois disso Chue vendou Maomao, a empurrou para dentro de uma carruagem e a trouxe aqui — onde quer que fosse.*

*"Só seja legal e não crie problemas", Chue pediu, depois disso ela foi para algum lugar e ainda não havia retornado. No destino deles, no entanto, Maomao encontrou uma muda de*

*roupa pronta para ela e também recebeu comida. O tratamento deles foi, no geral, razoavelmente educado.*

*Gostaria de poder dizer que esta foi a primeira vez que isso aconteceu.*

*Enquanto pensava em outra ocasião de sequestro, Maomao bebeu um pouco de vinho de uva altamente ácido que lhes deram em vez de água. Chue conhecia bem seus gostos. Havia até carne seca e peixe para acompanhar a bebida.*

*Havia também um balde junto com bandagens, analgésicos, anti-infecciosos e muito mais. Dado que Shikyou estava na sala ao lado, isso parecia ser um comando implícito para tratá-lo. Chue havia confiscado o dardo envenenado, então Maomao não poderia investigá-lo no momento.*

*Maomao nem sequer teve coragem de tentar fugir. Eles achavam que ela nunca deixaria uma pessoa ferida? Chue parecia ter coberto todas as bases e até parecia saber exatamente o que Maomao estava pensando, então fugir*

*provavelmente não seria produtivo, mesmo que ela quisesse tentar.*

*O que eles querem conosco? Maomao se perguntou enquanto olhava para Xiaohong. A garota os seguiu, embora hesitante. Ela parecia quieta e calma, mas seus olhos estavam vermelhos e inchados. Ela provavelmente estava chorando, mas o mais silenciosamente que podia.*

*Gyokujun também chorou, mas não silenciosamente. No momento em que recuperou a consciência, ele começou uma algazarra terrível chorando e soluçando. Então ele*

*caiu no sono, mas os ouvidos de Maomao ainda doíam com o uivo.*

*Sério, a única coisa que ela podia fazer era começar a beber a sério, mas ela foi tomada pelo impulso de tirar um momento e tentar organizar o que sabia.*

*Primeiro, ela colocaria entre parênteses a questão da motivação de Chue. Havia simplesmente muitas possibilidades; ela só se confundiria. Se ela fosse tentar obter a história de alguém, ela deveria começar com Shikyou na sala ao lado — mas infelizmente, ele desenvolveu febre devido ao ferimento e estava fora de si no momento. Ela teria que esperar até que ele se sentisse melhor.*

*Vamos começar com uma pergunta simples: Onde estou?*

*Agora que as crianças estavam dormindo e as coisas estavam um pouco mais silenciosas, Maomao aproveitou a oportunidade para fechar os olhos. O quarto estava fechado, mas ela ainda conseguia ouvir sons de fora. Uma mistura de vozes falando.*

*Estamos em uma cidade. Então uma coisa que podemos dizer é que não estamos em um barraco isolado no meio do nada.*

*Há quanto tempo ela estava naquela carruagem? Não muito tempo, ela pensou, mas também não foi uma viagem curta. Mais do que*

*tempo suficiente para sair bem da capital ocidental. Supondo que eles não tivessem tomado alguma rota indireta apenas para confundi-la (o que era duplamente improvável, já que seus captores pareciam ter outras coisas em mente), parecia seguro concluir que eles tinham ido para uma das cidades vizinhas.*

*O objetivo deles provavelmente era sequestrar Shikyou. Se eles o quisessem morto, ela presumiu que eles não teriam deixado bandagens e remédios para ela. Se alguma coisa, isso sugeria um desejo de proteger Shikyou.*

*Então, a Srta. Chue e Shikyou se conhecem? Eles são... parceiros? Ou pelo menos duas pessoas que querem a mesma coisa?*

*E por que eles arrastaram Maomao junto? Eles não se importaram se ela percebeu que eles estavam em conluio?*

*Tudo bem, tem mais alguma coisa? Alguma outra pista?*

*Além dos suprimentos médicos e da comida,*

*havia um livro antigo. Ele tinha um desenho que ela mal reconheceu.*

*Mas eu já o vi em algum lugar antes. Onde? Ela fez um som pensativo e o abriu. Parecia um livro didático escrito em Linese. Continha instruções morais e os ensinamentos de grandes pessoas.*

*Isso é algum tipo de escritura?*

*Então o livro continha ensinamentos religiosos — e essa descoberta levou Maomao a perceber onde ela tinha visto o desenho na capa. Era muito parecido com aquele*

*na capela onde Chue lhe ensinou uma oração em uma língua estrangeira e estranha. Este livro pertencia a Chue, então?*

*Talvez não. A Srta. Chue parece ser a pessoa menos religiosa que eu consigo*

*pensar.*

*Ela tinha mais probabilidade de comer as oferendas de comida direto do altar.*

*Maomao folheou o livro. Curiosamente, ele estava escrito em várias*

*línguas. Linese foi o primeiro, mas mais atrás ela viu uma língua dos confins ocidentais, junto com outros caracteres que ela nem reconhecia.*

*"Ó Senhor, Você nos vê, Senhor?"*

*Maomao recitou as palavras que Chue a forçou a memorizar.* A própria Chue aprendeu com este livro?

Não parece muito relevante agora.

Maomao colocou o livro de lado e pegou um pouco de peixe seco. Ela tostou sobre a vela e deu uma grande mordida.

Uma vela é uma espécie de indulgência. Claro, se fosse uma lanterna de óleo de peixe, eu provavelmente estaria sufocando com o fedor... Hm?

Maomao parou e escutou os sons lá fora. Ela se concentrou na cacofonia de conversas, desesperada para escolher um único assunto de conversa, qualquer coisa, mas não conseguiu. O que só fazia sentido.

Porque... não é Linese?

Havia estrangeiros lá fora.

Maomao deu uma grande fungada. Ela não tinha muita certeza, mas achou que sentiu um toque de sal.

Uma cidade perto da capital ocidental onde havia estrangeiros e sal no ar...

“Esta deve ser a cidade-pousada do sul”, ela disse.

"Exatamente", disse uma voz atrás de Maomao, assustando-a. Ela se virou e encontrou Shikyou parado ali, com a mão pressionada ao lado do corpo. Então ele estava acordado. Todo o seu torso estava encharcado de suor.

A cidade-pousada ao sul — era onde Maomao tinha vindo para tratar da jovem com o dente podre. Era povoada por muitos estrangeiros que ainda não podiam voltar para casa.

A cor de Shikyou melhorou muito. O bruto de um homem se aproximou e ficou diante de Maomao, então pegou a garrafa de vinho.

"Não beba isso", ela aconselhou. "Estou com sede."

"Seu sangramento finalmente parou. Você quer que comece de novo?"

O álcool estimulou a circulação sanguínea.

Shikyou largou a garrafa, completamente irritado, e em vez disso bebeu do pote de barro com água em um canto da sala. Ele engoliu tudo, limpou algumas gotas da boca e olhou para Maomao. “Penso pela sua expressão que você gostaria que eu explicasse como sei onde estamos.”

“Se você for gentil.” Shikyou mal estava consciente quando eles foram trazidos para cá; ele deveria ter ainda menos certeza da localização deles do que Maomao. Como ele poderia ter tanta certeza de que ela estava certa? “Você e a Srta. Chue concordaram de antemão que era para lá que vocês viriam?”

“Chue e eu queremos a mesma coisa.” “Então vocês são conspiradores?” Maldita seja, Srta. Chue!

Maomao tinha certeza de que ela estava escondendo algo — mas ela nunca imaginou que fosse uma conexão com Shikyou. Pelo menos isso explicaria por que ela queria que Maomao cuidasse dele.

“E o que é essa coisa que vocês dois querem?” “Paz para a Província de I-sei.”

Sinto cheiro de besteira, Maomao pensou — embora fosse exatamente o tipo de coisa que Chue diria com uma piada na voz.

“Aspiração interessante vinda de alguém que parece tão desesperado para não governar esta mesma província.”

“Você não ouviu que todo mundo tem um trabalho em que é melhor? Coloque a pessoa certa na posição certa; é isso que faz as coisas correrem bem.”

Essa era a maneira de Shikyou dizer que ele acreditava não ter capacidade para governar a província de I-sei.

Não que eu não consiga entender por que ele pensaria isso. O que ela não conseguia ver era... “Por que você me arrastou junto?”

“Eh. Não cabe a mim dizer. Você mesma deveria perguntar a Chue.” Shikyou tomou

outro gole de água e colocou a concha de lado. Ele deu um tapinha em Gyokujun onde ele estava deitado na cama, e em Xiaohong também. “Eu fiz um péssimo trabalho para essas crianças”, ele disse. “Yinxing deve estar louca agora.”

Yinxing. Pelo jeito que ele disse o nome, Maomao supôs que ela era a mãe de Xiaohong — isso a tornaria a irmã mais nova de Shikyou.

“E a mãe de Gyokujun?”

“Ela ficará surpresa, mas não fará cena. Exatamente o tipo de noiva que eles estavam procurando.”

Maomao tentou imaginar a mãe de Gyokujun em sua mente, mas ela só conseguiu

invocar a imagem mais nebulosa; a mulher parecia pouco mais que uma silhueta.

Essa é uma maneira de falar sobre uma

mulher que acabou passando por tanta coisa. Talvez o casamento tenha sido uma disputa política, mas Maomao ainda se sentiu um pouco mal pela mulher ouvir Shikyou falar dela daquele jeito.

Quando Shikyou se certificou de que seu filho e sobrinha estavam seguros, ele começou a vasculhar as prateleiras. Talvez estivesse com fome. Ele encontrou um pão achatado e enfiou na boca. Ele parecia bem enérgico para um homem cujo abdômen havia sido rasgado. Talvez estivesse agindo por um instinto profundo de repor o sangue que havia perdido. O homem fazia jus ao seu nome; ele era como um animal selvagem.

“Acho que eles também vão fazer um alvoroço sobre o meu desaparecimento”, disse Maomao.

Já fazia mais de meio dia desde que ela disse que iria para a estufa para tomar um ar. Chue sabia que perturbação resultaria do desaparecimento repentino de Maomao, mas ela a trouxe mesmo assim. Por quê?

“É uma pena. Mas não é minha culpa.” Shikyou sumariamente negou toda a responsabilidade e continuou virando o lugar de cabeça para baixo. Ele foi recompensado com queijo e mais carne seca das prateleiras.

Então Shikyou e a Srta. Chue tinham alguma conexão. Isso sugeria que não foi o governo central que atacou Shikyou, mas algum outro poder. Se o ataque tivesse vindo da casa principal ou do escritório administrativo, as chances de que fosse alguém de dentro pareciam altas.

E novamente, Chue tinha trouxe Maomao junto com eles...

Era para esconder sua conexão com Shikyou?

Não, não. Essa explicação parecia tão próxima, e ainda assim tão distante. Ela sentiu que havia outra razão. Adicione o fato de que Shikyou aparentemente sabia que esta era a cidade postal, e...

Shikyou e a Srta. Chue originalmente

deveriam se encontrar aqui?

Foi por isso que Chue parecia tão ocupada? Talvez ela tenha jogado toda aquela papelada em Maomao para impedi-la de vagar por aí. No entanto, este dificilmente era o lugar mais fácil para Chue e Shikyou se encontrarem. Então por que aqui?

Ele estava planejando originalmente encontrar outra pessoa? E ele foi atacado antes que pudesse encontrá-los? Quem quer que o tenha atacado, talvez estivesse tentando impedi-lo de chegar a quem ele deveria ver.

Alguém que ele deveria encontrar aqui em uma cidade cheia de estrangeiros. A resposta praticamente apareceu por conta própria.

Shikyou observou Maomao ponderando. “Parece que você é tão esperta quanto esperaria que a filha do Grande Comandante Kan fosse”, ele disse.

“Aquele velhote é um completo estranho para mim.”

“Ha ha ha! Acho que as mulheres jovens se opõem aos pais em todas as famílias.” Shikyou riu alegremente e deu uma mordida na carne. “Como eu disse, você parece uma garota inteligente. Se você descobriu que esta é a cidade-estalajadeira, então provavelmente também pode adivinhar o que estou aqui para fazer.”

“Receio que não. Aliás, você acha que eu poderia ir para casa logo?” Maomao estava muito interessada em ir embora antes que as coisas saíssem ainda mais do controle. Ela não queria que isso se transformasse em outra coisa do “clã Shi”.

Jinshi já está com as mãos ocupadas de qualquer maneira!

“Não se preocupe; ninguém vai te machucar. De qualquer forma, espere até Chue voltar. Não vai demorar muito.”

Shikyou começou a comer vorazmente, sem se incomodar com a presença de Maomao.

No berço, os olhos de Xiaohong se abriram. "Tio...tio?" "Opa, eu te acordei? Desculpa, querida."

"Você se machucou! Você está bem?"

"Estou bem. Estou melhor agora. Graças a você, estou bem. Hah! E Gyokujun estava com muito medo de mover um músculo. Bem, você mostrou a ele!"

"Hee hee!"

Shikyou deu um tapinha no cabelo claro de Xiaohong. "Podemos não ver sua mãe por um tempo, mas você estará com seu tio, e isso vai ficar bem, não é?"

Xiaohong pensou sobre isso por um segundo, então assentiu. "Sim!" Ela parecia gostar muito de Shikyou. Ao mesmo tempo, Maomao pensou ter visto outra razão pela qual Gyokujun atormentava Xiaohong. Quem não ficaria com ciúmes se seu amado e quase ausente pai gostasse mais de seu primo?

Shikyou tostou levemente um pouco de queijo e colocou em um pouco de pão, então deu para Xiaohong. Ela pareceu hesitante no começo, mas seu tio tinha dado a ela, afinal, então ela começou a dar pequenas mordidas.

"Tudo bem, justo", disse Maomao. "Quando a Srta. Chue deve chegar aqui?"

"Dentro de alguns dias. Não vai demorar mais do que isso para que tudo o que você está imaginando acabe. Mas durante esse tempo, você não pode sair."

"É uma pena que eu não tenha nada para fazer aqui."

"Não é como se estivéssemos planejando ter você. Estou supondo que você falou quando deveria ter ficado de boca fechada."

Maomao não respondeu imediatamente a isso. Sim... Sim, ela tinha. Se ela tivesse fingido não saber de nada, Chue a teria deixado caminhar placidamente de volta para o consultório médico?

Na verdade, não tenho certeza.

Uma coisa parecia cada vez mais certa, no entanto: Chue estava agindo com muita liberdade. Ah, ela sempre demonstrou autonomia, mas ela era a esposa de Baryou, então Maomao sempre presumiu que ela estava agindo mais ou menos sob as ordens de Jinshi. Mas ela nunca teria trazido Maomao até esta cidade se ela o estivesse servindo diretamente.

Quem quer que seja seu chefe, não é ele.

E havia outra coisa.

Há uma grande chance de que seus motivos e os de Jinshi não sejam os mesmos.

Tudo bem. Se Chue e Shikyou queriam a mesma coisa, isso significava que Chue estava do lado de I-sei?

No que eu deveria acreditar agora?

Maomao deu um suspiro e abriu o livro sagrado desgastado. Ela simplesmente abriu na página que dizia Ó Senhor, Você nos vê?

# Capítulo 12: O Reino do Povo Ri

Vamos voltar um pouco no tempo.

"Há alguém que anseia por uma audiência com você, Príncipe da Lua."

A raiz de todo o mal — não, espere, seu nome era Rikuson — apareceu no escritório de Jinshi. O segundo filho de Gyoku-ou, Feilong, estava com ele.

"Desejo-lhe saudações, Príncipe da Lua, e imploro para expressar minha alegria irrestrita em vê-lo bem hoje."

Isso estava indo além do obsequioso, Jinshi pensou. Qual era a grande ideia?

Antes, esse homem o irritava; recentemente, ele se tornou positivamente irritante. E o próprio Rikuson parecia perfeitamente ciente desse fato. Ele pode até ter feito isso de propósito.

No entanto, ele também era capaz de fazer um excelente trabalho, então Jinshi não tinha intenção de tratá-lo com desdém. Se ele deixasse suas emoções tomarem conta dele agora, isso só significaria mais trabalho para ele a longo prazo. Ele teve a nítida impressão de que Rikuson poderia até gostar se Jinshi o expulsasse de sua posição.

"O que você precisa?" Jinshi perguntou. "É

algo que não pode ser transmitido por mais papelada sua?"

"Achei que seria melhor apresentar esse assunto pessoalmente, senhor." Rikuson olhou incisivamente ao redor da sala.

"Deixe-nos por um momento", Jinshi disse aos guardas e burocratas com eles. Basen também estava lá, assim como Baryou atrás de sua cortina, mas isso não deveria ser um problema. Gaoshun estava de guarda no turno da noite e atualmente dormindo um pouco. "Se você acha que isso vai demorar muito, sinta-se à vontade para se sentar."

"Minha gratidão por sua consideração não tem limites." Rikuson se sentou no sofá; Feilong também se sentou, mas pelo menos teve a boa graça de parecer relutante.

Rikuson já havia servido ao estrategista esquisito, e Jinshi detectou um pouco do antigo chefe do homem em sua audácia. Ao lado de Jinshi, Basen franziu a testa ligeiramente, mas não disse nada. Ele ainda tinha mais a crescer como guarda-costas de Jinshi, mas havia amadurecido muito em comparação a como costumava ser. Exceto pelo pato parado ao lado dele; isso teria que mudar.

"Uma pessoa de uma terra estrangeira deseja conhecê-lo, Príncipe da Lua", Rikuson

disse.

"Quem?" Jinshi perguntou bruscamente. Normalmente, ele esperaria ouvir sobre tal assunto antes de Rikuson, não por meio dele. Havia apenas algumas maneiras de um estrangeiro entrar neste país. Se eles tivessem vindo pelo mar ou estivessem presos na cidade postal, Dahai teria falado com ele.

"Alguém do reino Ri." "O reino Ri?"

Jinshi desenrolou seu mapa mental. Ri era um dos países ao norte — logo ao norte da província de I-sei, na verdade. Fazia parte da federação chamada Hokuaren.

Hokuaren era composta por várias nações, mas, falando de forma prática, era um único país grande com vários estados satélites menores.

O reino do povo Ri fazia fronteira com Li, então servia como um tampão ao norte com Hokuaren. Qualquer um tolo o suficiente para começar uma briga com Li acabaria gastando uma quantidade excessiva de recursos nacionais para fazer isso. Ao mesmo tempo, no entanto, os Ri eram ameaçados por nações da federação que buscavam expandir seu território, então Li estava sempre tendo que reforçar suas tropas.

O povo Ri parecia ter tirado uma palha curta, e Jinshi simpatizava com isso, mas, ao mesmo tempo, eles não eram uma nação excepcionalmente amigável. As duas terras mantinham relações cordiais; isso era tudo. Li às

vezes importava artesanatos Ri via Shaoh, e às vezes os Ri enviavam um emissário especial em nome da diplomacia.

"Quem pediu para você interceder neste assunto?" Jinshi perguntou, continuando a não medir palavras. Considerando como Rikuson vinha se comportando ultimamente, parecia provável que fosse mais rápido do que rodeios.

Foi nesse ponto, no entanto, que Feilong falou. "Talvez eu possa responder a essa pergunta, senhor?" Ele pode ter sido filho de Gyoku-ou, mas, ao contrário de seu pai, ele parecia frágil.

"Você pode."

Feilong curvou-se profundamente. "O emissário do reino dos Ri foi apresentado a nós por meio de uma apresentação do meu tio — o segundo filho do meu avô Gyokuen."

Feilong sabia muito bem que ele tinha vários tios e, em vez de dar um nome, ele simplesmente se referiu ao "segundo filho". Jinshi sabia os nomes dos homens, mas, reconhecidamente, os números eram mais fáceis de seguir.

"O homem encarregado do transporte terrestre, sim?" Jinshi perguntou.

"Sim, senhor. O segundo filho supervisiona o transporte por terra, o terceiro filho, o transporte por mar."

Ao contrário de Dahai, Jinshi não teve muito

contato com o segundo filho. Não é de se espantar que ele pudesse entrar em contato com Jinshi por meio de Feilong.

"E o que esse emissário do reino dos Ri quer comigo?" "Quanto a isso, parece que o emissário prefere lhe contar pessoalmente, senhor."

Em contraste com a atitude apologética de Feilong, Rikuson estava sorrindo abertamente. Ele evidentemente saboreou a perspectiva de como Jinshi responderia. Jinshi tinha quase a intenção de prendê-lo por impertinência.

"Devo ser eu?" Jinshi perguntou.

"Nós julgamos mais prudente envolver a pessoa mais bem colocada na capital ocidental", Rikuson disse suavemente. Jinshi jurou em particular encontrar alguma desculpa para punir ele.

“Por que vocês não lidam com isso sozinhos, Rikuson? Seu conhecimento da capital ocidental não é muito mais abundante do que o meu?”

Uma maneira simpática e indireta de dizer que ele não queria fazer isso e deixaria para eles.

O sorriso de Rikuson nunca vacilou. “Eu questiono se minha posição é alta o suficiente para tal dever.” Uma maneira simpática e indireta de dizer que ele também não queria fazer isso.

“Não é alta o suficiente? Você quer dizer que alguém tão importante seria enviado como emissário?”

“Eu acho que sim, senhor,” Rikuson respondeu — ainda sorrindo.

Sem deixar sua expressão vacilar nem um pouco, Jinshi fechou os olhos. Ele ouviu alguém batendo em uma mesa atrás da cortina. Esse era o sinal de Baryou. Ele bateu duas vezes para sim, três vezes para não. Seus dois toques agora significavam que ele achava que o que Rikuson estava dizendo era plausível.

“O que o faz dizer isso?” Jinshi perguntou.

“Acho que há várias... coisas estranhas sobre a situação recente do reino Ri. Sem dúvida você sabe do que estou falando, Príncipe da Lua; não preciso insistir no assunto.”

Mais dois toques de Baryou. Bem, isso resolveu. Jinshi se preparou. “Muito bem. Vou arranjar tempo.”

“Agradeço.” Com reverências profundas, Rikuson e Feilong saíram da sala. Quando ele não conseguia mais ouvir seus passos, Jinshi finalmente soltou um suspiro.

“Príncipe da Lua, você realmente está concordando com o pedido deles?” Basen pareceu perturbado com a ideia.

“Não é uma questão de ‘concordar’. Eu não tenho escolha — e nesse caso, é meu dever fazê-lo. E Baryou?”

“Sim, Príncipe da Lua,” veio uma voz de trás

da cortina.

"Qual é a situação atual do reino do povo Ri? Você tem alguma ideia do que eles podem estar buscando nessa discussão?"

"Duas ideias, senhor." Eles ouviram Baryou folheando alguns papéis. "A primeira é que, como Shaoh, eles podem estar buscando provisões. O reino do povo Ri é mais ao norte do que Li, e eles devem ter sofrido uma escassez de alimentos mais drástica do que nós do enxame."

Jinshi podia muito bem imaginar. Parecia estranho, no entanto, que eles se voltassem para uma nação com a qual não eram nem mesmo especialmente amigáveis para fornecer-lhes alimentos. "Qual é a outra possibilidade?", ele perguntou.

"Uma disputa de sucessão. Há rumores de que o rei do povo Ri tem sofrido com doenças nos últimos anos. Ele tem quatro filhos, mas o mais velho não é filho de sua rainha. Minha informação mais recente foi que o segundo filho estava prestes a herdar — mas, infelizmente, essa informação não é mais tão recente, e não tenho certeza de qual é o estado atual das coisas."

"Eles desejam envolver Li em sua crise de sucessão?"

"Em circunstâncias normais, concordo, isso seria extraordinariamente improvável.

No entanto..." Baryou não parecia querer dizer

o que estava pensando. “Você tem uma suspeita?” Jinshi solicitou.

“Sim, senhor. Você se lembra quando Sir Hulan pediu para emprestar um médico outro dia?”

Ele se lembrava. Ele havia concedido permissão quando soube que Maomao queria ir. Naquele exato momento, Hulan não estava lá; ele estava carregando uma mensagem. “Nós enviamos Maomao, pelo que me lembro. Algo sobre ver uma jovem mulher,”

disse Jinshi. Maomao havia examinado a neta de Gyoku-ou, Xiaohong, também. Jinshi havia presumido que isso era mais ou menos a mesma coisa.

“Sim, senhor. Acontece que aquela jovem mulher tinha uma semelhança impressionante com o quarto filho do rei Ri...”

Jinshi lançou um olhar frio para a cortina. “Isso não estava no seu relatório.”

“Eu conversei com minha esposa, Chue, e julgamos melhor não mencionar.” “Isso não era para você decidir, irmão mais velho!”

“Basen, fique quieto,” Jinshi disse antes que Basen pudesse realmente começar a gritar. “Se um homem na sua posição, Príncipe da Lua, soubesse que o quarto príncipe de

outra nação estava dentro de suas próprias fronteiras, nada de bom poderia resultar disso a longo prazo.” Pois o que o príncipe de outra nação

estava fazendo se escondendo em Li? “Há um grande abismo entre saber, não saber — e fingir não saber.”

Algo estava acontecendo envolvendo outro país, mas apenas os

subordinados de Jinshi sabiam sobre isso. O que significa que se algo desse errado, Jinshi poderia facilmente soltar Baryou e os outros.

Controlando sua raiva, Jinshi disse, “E agora eu sei. E daí?” “Considerando a objetividade de suas perguntas, decidi que seria melhor

para você fingir ignorância do que estar realmente no escuro.” Baryou nem tentou esconder.

Se o emissário de Ri estava atrás do quarto príncipe, Jinshi tinha a intenção de simplesmente entregá-lo. Essa seria quase certamente a resposta mais segura para Li

—a menos que o Ri acreditasse que Li estava dando asilo político ao príncipe, ou mesmo agindo como seu patrocinador em uma tentativa de colocá-lo como o herdeiro aparente do reino Ri. Isso seria muito perigoso, de fato. O que presumivelmente foi o motivo pelo qual Baryou decidiu não dizer nada.

Isso, no entanto, levantou uma questão.

"Se esse fosse o quarto príncipe, o Ri não poderia acreditar que quem quer que tenha feito

contato com ele em Li o trouxe aqui?"

Depois de um longo momento, Baryou disse: "Sim, senhor."

"E o assistente médico que examinou o príncipe?"

"Se foi tudo mera coincidência, então há uma negação plausível. Tomamos medidas para garantir isso."

Ele estava dizendo que não haveria dano ao assistente médico — em outras palavras, a Maomao.

"E há uma negação plausível?"

"Eu acredito que sim. Contanto que não façamos o possível para provocá-los."

"Provocá-los..." Jinshi murmurou. Infelizmente, a diplomacia oferecia muitas

oportunidades para provocação. Era muitas vezes sobre fazer um ao outro tropeçar, lutar para se colocar na posição mais vantajosa. Não era bonito, mas quando você estava perseguindo a vantagem do seu próprio país, era fácil ignorar os sentimentos da outra parte.

E quando uma família real estava envolvida, quase tudo poderia se transformar em guerra.

"Por que Hulan queria que essa pessoa fosse examinada?"

"Temo não ter ideia. Mas ele poderia ter feito inúmeras conexões dessa forma." A ignorância genuína de Baryou era aparente em sua voz.

“Príncipe da Lua,” Basen disse lentamente. Ele ficou quieto até esse momento. "O que foi, Basen?"

"Er... Eu ouvi algo, uma vez..." "O quê? O que você ouviu?"

"Alguém disse que Sir Hulan tem boas relações com seu irmão mais velho, e que ele supostamente pediu a Sir Shikyou para fazer algumas conexões estrangeiras."

"Isso é estranho. Eu pensei que Hulan estava insistindo que seu segundo irmão, Feilong, deveria ser o sucessor."

"Mas eu acho que o primeiro e o terceiro filhos são cordiais um com o outro, e frequentemente conversam."

Shikyou: o mais velho dos quatro filhos de Gyoku-ou, considerado por todos como pouco mais do que um bruto cutucador de nariz. Se ele foi quem trouxe o quarto príncipe da nação Ri para Li, então a questão de como responder se tornou mais complicada.

"Príncipe da Lua. Acho que pode ser conveniente que você se distancie de Sir Shikyou por um tempo."

"Sim, eu entendo."

Para o bem ou para o mal, a única vez que Jinshi realmente conheceu Shikyou pessoalmente até agora foi na conferência para discutir a herança

de Gyoku-ou.

"Contanto que seja outra pessoa envolvida, ainda há maneiras de contornar esse problema. Mas se você estiver conectado ao assunto, senhor, então isso não será apenas um problema da Província de I-sei — Li em si será vista como uma briga com o reino Ri."

Certamente, alguém queria evitar isso. E para esse fim, Baryou estava preparado para se tornar o rabo do lagarto.

"Shikyou..." Jinshi deu outro suspiro. Isso pesaria muito sobre ele quando conhecesse o emissário Ri.

A reunião não seria realizada nem no escritório administrativo nem na casa principal, mas no restaurante mais luxuoso da capital ocidental — a totalidade do qual havia sido alugado. Seria conduzida na presença de Feilong e seu tio, o segundo filho de Gyokuen.

O emissário Ri e seu grupo lançaram olhares avaliadores a Jinshi. Eles esconderam bem, afetando uma polidez genuína, mas Jinshi passou tempo suficiente sendo avaliado no palácio traseiro para ver através do ato.

Li era muitas vezes — muitas dezenas de vezes — mais poderoso que o reino Ri, mas o conhecimento de que os Ri tinham uma federação massiva por trás deles deu ao emissário uma grande cabeça. Além do mais, o povo Ri era, em

geral, mais musculoso e peludo que os Linese. Jinshi podia ver o desprezo nos olhos do emissário.

Por essa razão, ele fez questão de escolher alguém especialmente alto e imponente

como seu guarda-costas. Lihaku pode ter feito uma boa escolha — ele conseguia pensar rápido, e Jinshi tinha alguma confiança nele. Mas ele estava com Maomao quando ela foi ver a pessoa que poderia ter sido o quarto príncipe, então, por segurança, Jinshi decidiu deixar Lihaku esperando nos bastidores por enquanto.

Basen tinha crescido substancialmente ultimamente, mas ele ainda não tinha atingido sua altura total, e ele tinha aquele rosto de bebê sem pelos. Jinshi o instruiu a se vestir não como um soldado, mas como um dos administradores. Basen não gostou muito, mas concordou quando Jinshi disse que era para despistar a delegação Ri. Ninguém suspeitaria que um burocrata barbeado seria capaz de enfrentar uma dúzia de homens com as próprias mãos.

Rikuson se retirou da reunião, alegando que ainda tinha trabalho a fazer. Jinshi pensou que seria um bom momento para tê-lo por perto, mas pelo menos parecia que ele não queria causar problemas. Jinshi tinha a nítida sensação de que o homem tinha se tornado mais despreocupado

ultimamente.

Ele pediu a Hulan, Chue e até mesmo Baryou para não estarem presentes, já que todos estavam na viagem para ver o talvez-príncipe. Ele sentiria falta particularmente de Baryou e Chue, que com seu dom para línguas teriam sido intérpretes úteis, mas não havia como evitar.

Dada essa escassez de assessores próximos, Jinshi estava muito grato que Gaoshun estaria com ele.

Tais eram as provações da diplomacia. Se eles simplesmente ficariam ali e acusariam um ao outro de coisas, então não haveria necessidade de se preocupar com os sentimentos de um país que nem era amigo.

No entanto, Jinshi sabia que seu próprio rosto ajudaria em uma negociação. Ele foi levado para a sala e, no momento em que o emissário e seu grupo o viram, eles congelaram. Então eles olharam atentamente para a cicatriz em seu bochecha direita e suspiros de decepção.

Às vezes, as pessoas zombavam dele por sua aparência, mas parecia que o sorriso de uma ninfa celestial funcionava tão bem com estrangeiros quanto com seus compatriotas. Poderia ter sido ainda mais eficaz se ele fosse uma mulher, mas isso teria trazido seus próprios perigos, como Jinshi bem sabia. As pessoas não raramente comentavam que era uma coisa boa ele ter nascido

homem, para que o país não precisasse cair de joelhos sob sua beleza. Se o céu fosse lhe dar um presente, Jinshi pensava frequentemente, ele desejava que tivesse lhe dado algum talento real, em vez de apenas uma aparência agradável para as pessoas menosprezarem.

No entanto, por mais que sua aparência tenha tornado sua vida mais difícil, ela o ajudou com a mesma frequência. Se ele pudesse usá-la agora, então o faria.

Como emissário, o Ri havia enviado um homem que se parecia muito com um linese comum, com pele amarelada e cabelo castanho. Apenas seus pelos corporais mais grossos e nariz e olhos grandes denunciavam seu nascimento estrangeiro.

Ele foi refrescantemente direto sobre o propósito de sua visita. "Um nobre do nosso país está desaparecido. Você sabe alguma coisa sobre isso?"

O assunto era como esperado. O tom do homem parecia abrupto, mas ele estava falando por meio de um intérprete, então era difícil dizer o quão respeitoso ele estava realmente sendo. O emissário evitou mencionar a idade da pessoa e se referiu a "um nobre" em vez de um membro da família real, mas a pergunta estava alinhada com o que Jinshi havia sido informado.

"Há uma possibilidade de sequestro. Se você souber de alguma coisa, gostaríamos que nos dissesse imediatamente." Ao que tudo indica, o emissário parecia profundamente preocupado com esse nobre desaparecido, desde o franzir das sobrancelhas até o leve tremor de suas mãos. Se isso fosse uma encenação, ele estava fazendo um ótimo trabalho.

Se o estrategista esquisito estivesse aqui, ele saberia a verdade imediatamente, não importa o quão bom ator o homem pudesse ser — mas Jinshi não teve coragem de levá-lo a uma reunião diplomática. Seria como acender um cachimbo perto de um depósito de pólvora.

Jinshi teve que considerar todas as possibilidades potenciais.

"Se meu irmão mais velho causou algum tipo de problema, por favor, permita-me fazer parte desta discussão", disse Feilong com um olhar severo.

"A indiscrição do meu sobrinho também seria minha responsabilidade. Peço que faça um julgamento justo, sem nos considerar pessoalmente." Isso veio do segundo filho de Gyokuen.

Como parentes de sangue, eles estavam preparados para aceitar a punição, mas o que era "justo" neste caso era difícil de dizer. Normalmente, seria impossível fazer tal

julgamento sem melhores informações. Se as prioridades tivessem que ser escolhidas, no entanto, o que deveria vir primeiro?

Suponha por um momento que o nobre em questão fosse de fato o quarto príncipe. Se eles levassem as palavras do emissário ao pé da letra, então o príncipe havia sido sequestrado e levado para Li. Seria mais natural supor que Shikyou estava por trás disso.

Se ele estivesse envolvido no sequestro de um membro da realeza estrangeira, não haveria proteção para ele, mesmo que ele fosse filho do ex-governador. Pior, todos sabiam que ovelha negra ele era. Seria melhor não se envolver com ele, mas estar pronto para simplesmente deixá-lo de lado se houvesse algum problema.

Pode parecer frio, mas isso era diplomacia. Deixar um homem correr livre quando ele

causou conflito com outra nação ou mesmo semeou as sementes da guerra resultaria em dezenas ou centenas de vezes mais mortes do que apenas as suas.

Suponha que o emissário não estivesse dizendo a verdade, no entanto. Então a proposta era diferente.

Sem informações claras, poderia ser impossível decidir o que fazer. Jinshi teria que ordenar que Shikyou fosse colocado em observação por algum

tempo, talvez até mesmo impedido de entrar na casa principal ou no escritório administrativo.

Mesmo que estivessem se encontrando em um restaurante, as conversas acabaram sendo concluídas com quase nenhuma mordida sendo comida. O emissário e seu grupo disseram que ficariam em uma pousada por um tempo. Jinshi não sabia quanto tempo seria, mas ele teria que manter a guarda alta.

Infelizmente, é sempre em momentos como esse que os problemas acontecem.

Jinshi saiu do restaurante e subiu em sua carruagem. Ele pediu um pouco de água para lavar a refeição que mal havia comido. Basen havia afrouxado a gola de sua roupa de administrador; aparentemente ele achou isso constrangedor. Felizmente, eles não precisaram dele no final.

Alguém bateu na porta da carruagem.

"O que foi?" Basen olhou desconfiado pela janela.

"Uma mensagem, senhor", disse a pessoa do lado de fora, que lhes entregou uma carta com um simples selo de cera. Era de Baryou.

"O que diz?" Basen perguntou a Jinshi, que abriu a carta e olhou

para ela.

Ele pressionou a mão na testa. "Este é um

péssimo momento."

A carta dizia que Shikyou tinha aparecido na casa principal e insistido em

entrar, até que virou uma briga.

Por que os problemas sempre tinham que acontecer em momentos como esse? Jinshi não conseguia acreditar.

E então ele leu o resto da carta. “Mestre Jinshi, você não parece tão bem...” “Aquele idiota. Aquele idiota absoluto!”

Baryou informou-o que Shikyou havia sido ferido e fugido — e que Maomao havia ido tratá-lo.

# Capítulo 13: O Biaoshi

Maomao passou o dia seguinte tratando de Shikyou, cuidando de Xiaohong e disciplinando Gyokujun. Francamente, não havia muito mais o que fazer de qualquer maneira. Mesmo cuidar de Xiaohong realmente envolvia apenas compartilhar um pouco da comida que recebiam com ela, certificar-se de que ela escovasse os dentes depois de comerem e ajudá-la a tomar banho, embora tudo o que tivessem fosse uma toalha. Ela estava calma e surpreendentemente madura para sua idade.

Ela dificilmente poderia ser mais diferente de Gyokujun — ele era o verdadeiro encrenqueiro.

"Ei, você! Como eu vou comer esse pão? É duro como pedra!"

"Então não coma." Maomao tirou o pão do prato e colocou em uma prateleira onde não conseguiria alcançá-lo.

"V-Seu idiota! O que eu vou comer, então?!"

"Você é quem disse que não queria." Ela arrancou um pedaço do pão duro e mastigou.

"Pai! Pai! Você ouve como essa mulher fala comigo? Enforque-a!" "Eu não estou encarregado de nada, então não posso enforcar ninguém — e, além disso, é
sua culpa por não comer o que lhe deram. Olha, Xiaohong está comendo sua
comida."
Opa, isso vai sair pela culatra.
Gyokujun pensou que encontraria um aliado em seu pai, mas Shikyou disse a ele para ser mais como Xiaohong. O ressentimento só o faria intimidá-la ainda mais. Ele pode ser um merdinha irredimível, mas Maomao pensou que a situação em que foi criado tinha algo a ver com isso.
Gyokujun gastou tanta energia ficando com raiva que logo se cansou e adormeceu.
Enquanto isso, Xiaohong aproveitou o momento para se aconchegar com seu tio.
"Tio, o que isso diz?" ela perguntou. Ela abriu as velhas escrituras desgastadas e colocou o livro nos joelhos de Shikyou.

“Diz santuário”, ele respondeu. “É o lugar onde você sempre vai para prestar suas homenagens, Xiaohong.”
“E isso?”

“Ah, agora, esse aqui...”
Tio e sobrinha pareciam ter um relacionamento genuíno. Xiaohong parecia tão retraída, mas com Shikyou ela era amigável. Quanto a Shikyou, ele trabalhou duro para garantir que sua sobrinha não ficasse entediada nos confins apertados de seus pequenos quartos.
Talvez ele quisesse uma filha em vez de um filho? Maomao se perguntou. Ela não era tão grosseira a ponto de fazer a sugestão em voz alta. Em vez disso, ela puxou as cobertas sobre Gyokujun, que estava caído na cama. Sim, alguns acreditavam que uma certa quantidade de severidade era necessária para criar jovens, mas isso era apenas quando seus pais estavam lá para eles.
“Ótimo! Que tal jogarmos bolinhas de gude

agora?” “Sim!”
Eles colocaram algumas nozes e pedras no chão e as jogaram ao redor. Era um jogo simples, mas Xiaohong gostou. Se Maomao não soubesse melhor, ela poderia tê-los tomado por um pai e uma filha de verdade. Talvez se ele tratasse Gyokujun dessa forma, ela pensou.
Xiaohong não está infeliz por estar separada dos pais? Maomao se perguntou, pensando que talvez a garota fosse mais durona do que parecia.
Ela se viu pensando bastante, já que não havia muito mais o que fazer. O mesmo homem de sempre trouxe a comida deles; ele também era o guarda deles. Ele foi gentil o suficiente para dar bastante água a eles.
Quando o guarda trouxe as refeições, ele também trouxe cartas que Shikyou leu sem mostrar a Maomao, e imediatamente queimou na chama da vela.
Maomao lamentou o desperdício de papel precioso, mas o que quer que estivesse

naquelas cartas, ele obviamente não queria que ela soubesse.

Ela suspeitava fortemente que os desaparecimentos dela, de Gyokujun e de Xiaohong deixaram a casa em alvoroço, mas onde ela estava, nada parecia mudar. Qualquer comoção não conseguiu chegar à cidade postal. Se a estrategista esquisita soubesse que Maomao tinha ido embora, ela esperava que ele marchasse direto para cá e virasse o lugar de cabeça para baixo. Chue deve estar fazendo um bom trabalho para tirá-lo do caminho.

Shikyou entretinha corajosamente Gyokujun e Xiaohong até que eles se cansassem e adormecessem. Gyokujun gostava de ouvir histórias das viagens de seu pai, e Shikyou o regalava com contos de suas aventuras do mesmo jeito que outras pessoas cantavam canções de ninar. Xiaohong ouvia em silêncio.

Uma noite, quando as crianças dormiam profundamente, Shikyou se virou para Maomao. “Sei que você já juntou muitas das

peças. Você tem alguma

pergunta para mim?”
“Eu não esperaria uma resposta se eu perguntasse a você, e se você respondesse, suspeito que eu desejaria que não tivesse feito isso.”
Havia muitas coisas na vida de Maomao que ela acabou desejando não saber. Nesta ocasião, ela causou isso a si mesma por ser muito perceptiva sobre Chue.
“Tudo bem. Vou te dizer uma coisa. Vou embora daqui amanhã de manhã, e à noite, você estará liberado.”
“Notícias muito reconfortantes.”
De manhã, Shikyou iria embora, e Maomao estaria livre à noite. Presumivelmente, isso significava que qualquer que fosse o problema, seria resolvido durante o dia.
Por favor, me diga que não envolve atacar nada.
Talvez eles estivessem planejando um ataque e

tivessem isolado Maomao para que ela não pudesse contar a Jinshi sobre seus planos. Isso fazia um certo sentido...

Mas de alguma forma, não acho que seja isso que eles estão fazendo.

Se fosse, todo o A situação cheiraria mais a peixe.

"Seria melhor se eu pudesse agir por conta própria", disse Shikyou. "Se eu pedisse para você cuidar de Gyokujun e Xiaohong para mim... você faria isso?"

"Não acho que conte como pedir quando não posso recusar. Mas, embora sejamos francos, não sou muito fã de Gyokujun."

"Eles estão em suas mãos."

Maomao pretendia cuidar das crianças de qualquer forma, mas certamente ela poderia reclamar.

Shikyou, ela não conseguia deixar de pensar, não era nada parecido com seu pai Gyoku-ou. Sim, eles se pareciam na aparência, e cada um se portava com um certo heroísmo — mas esse

ar heroico era mais natural para Shikyou. Gyoku-ou não tinha nascido com isso; era algo que ele havia afetado. Para Shikyou, esse carisma vinha de dentro. Maomao podia sentir isso.

No entanto, esse homem maior que a vida estava escondendo algo, algo que ele estava disposto a esconder em um pequeno quarto em uma cidade-pousada. Maomao tinha alguma ideia do que poderia ser, mas descobrir com certeza seria imensamente perigoso, e ela sabia disso — então ela não perguntou.

Em vez disso, ela disse: "Contanto que eu seja vista em segurança de volta à capital ocidental, retornarei à casa principal com Lady Xiaohong. Então o que eu faço? Tenho certeza de que eles vão me questionar sobre isso, mas não tenho ideia do que dizer."

"Diga a eles a verdade. Diga a eles que eu estava ferido e você me tratou. Diga

que você então me acompanhou porque eu

precisava de mais cuidados. Só isso."
"E Gyokujun e Lady Xiaohong?" (Ela não estava prestes a se referir ao merdinha com um título respeitoso.)
"Só diga a eles o que for. Diga que eles vieram comigo porque são muito próximos de mim."
Isso nunca funcionaria. Maomao sabia que a mãe de Xiaohong iria dar uma bronca nela; ela precisaria pensar em uma desculpa melhor do que essa.
Não tenho tanta certeza de que isso vai funcionar com Jinshi também.
Isso estava parecendo mais e mais uma dor de cabeça a cada momento que passava. Ainda assim, se ela pudesse voltar amanhã, então isso seria o suficiente para ela. Nada a fazer além de dormir e esperar o dia seguinte chegar.

Na manhã seguinte, Maomao acordou com um farfalhar. Uma mulher e vários homens estavam ali, todos vestidos como biaoshi — isto é, mercenários cujo negócio era guardar

dinheiro, tesouros ou pessoas muito importantes.

"Você está acordado?", perguntou Shikyou. Ele estava vestido como os outros — transformado de um mero bruto em um guarda armado. Acontece que sua atitude não precisava de muito ajuste. Ele ficou ereto como uma vara, no entanto; Maomao nunca teria imaginado que havia um corte em seu abdômen.

"Seu ferimento pode abrir se você ficar muito alto", ela disse a ele.

“Tenho um curativo bem apertado em volta dele. Um pequeno sangramento não vai fazer mal nenhum, vai?”

Maomao não gostou da suposição óbvia de que ele faria algum esforço físico sério, quer ela aconselhasse ou não, mas ela havia dado sua opinião a ele. Ela não assumiu mais nenhuma responsabilidade.

Em vez disso, ela sacudiu Xiaohong e Gyokujun para acordá-los. Era melhor do que ter que lidar com eles chorando e soluçando

quando acordassem e descobrissem que Shikyou tinha ido embora.
“Huh? Para onde o papai está indo?” Gyokujun murmurou. “Talvez para trabalhar?” Xiaohong disse.
Enquanto Maomao segurava suas mãos com força, certificando-se de que não iriam a lugar nenhum, outro biaoshi, um homem, entrou e sussurrou para a mulher solitária.
A mulher se ajoelhou na frente de Maomao e disse em voz baixa e firme: “Acho que devemos nos apressar. Parece que fomos notados.”
“Notados? O que isso significa?” Maomao perguntou.

"Sinto muito", ela respondeu. "Temo que não poderemos escoltá-la até a capital ocidental."

Ah, você deve estar brincando comigo.
Maomao franziu o cenho, mas não havia tempo para reclamar. Tudo o que ela podia fazer era

seguir as instruções da senhora biaoshi.
"Traga suas roupas, por gentileza. Você e eu ficaremos juntas daqui em diante."
Depois de um segundo, Maomao assentiu — ela não tinha outra escolha. "Tudo bem."
Eles entraram em um veículo que os esperava — não uma das carroças blindadas que as biaoshi costumavam usar, mas uma carroça coberta comum. Maomao recebeu um conjunto de roupas muito finas, junto com uma roupa para Xiaohong. Ela ajudou a garota a se trocar antes de vestir suas próprias roupas novas.
"Não vamos para casa?" Gyokujun arriscou.
"Só vai demorar um pouco mais do que pensávamos. Aqui. Roupas." Maomao jogou sua roupa nova para ele.
“Você tem que me ajudar!”
“Você não consegue se vestir? Vamos!”
Gyokujun resmungou, mas vestiu a roupa com raiva. “Para onde estamos indo?” Maomao perguntou à biaoshi.
“Não tema. Aconteça o que acontecer, eu a

manterei viva.”
Isso não respondeu à pergunta dela. Se nada mais, o fato de ser apenas a senhora biaoshi na parte de trás da carroça com eles parecia ser um gesto de consideração para com Maomao e as crianças.
“Vamos tomar um caminho diferente do Mestre Shikyou. Se conseguirmos ficar escondidos, conseguiremos voltar para a capital ocidental.”
“Tudo bem.”
Eles não conseguiam ver o que estava acontecendo lá fora, por baixo da cobertura da carroça. Xiaohong se aconchegou perto de Maomao, enquanto a senhora biaoshi sentou-se de pernas cruzadas e nunca soltou a lâmina urved em sua mão.
Maomao imaginou que a mulher estivesse em algum lugar na casa dos trinta, talvez, com postura perfeita e olhar afiado. Particularmente notáveis eram sua pele bronzeada e voz clara e baixa. Mesmo considerando sua falha geral em lembrar rostos, Maomao pensou que ela teria se

lembrado dessa mulher.

No futuro previsível, ela confiaria sua vida a essa estranha.

# Capítulo 14: Disfarce

Maomao imaginou que eles estavam na carroça por quase quatro horas. Eles não estavam se movendo muito rápido, mas mesmo assim, os cavalos deviam estar ficando cansados. A carroça tinha que ser uma carga pesada, mesmo que houvesse dois animais puxando-a. Em qualquer viagem comum, certamente seria hora de deixá-los descansar. Um descanso do qual, no momento, Maomao não viu sinal.
Isso significava que poderia haver alguém os perseguindo?
"Já chegamos? Já chegamos? Estou cansaaaado!" Gyokujun resmungou. Ele estava deitado com os braços e as pernas abertos no meio da carroça.
"Uh-huh", disse Maomao, ignorando-o e olhando para fora. Foi exatamente quando a carroça parou com um barulho.
Maomao prendeu a respiração. A senhora biaoshi perguntou ao motorista: "Por que você parou?"
"Certamente podemos deixar os cavalos descansarem um pouco? Você os vê nos encarando — eles estão desesperados por uma bebida", respondeu o motorista. Maomao olhou

para fora e viu que os dois cavalos puxando o veículo pareciam estar realmente olhando feio para eles.
“Tudo bem”, disse a biaoshi. Ela entrou na parte de trás e disse a Maomao que eles descansariam na próxima vila. “Vocês três irão para a vila. Sua história de fachada é que você é uma mãe e seus filhos.”
“Por que deveríamos ter que brincar de faz de conta? Leve-me para casa! Eu ordeno!” Gyokujun disse, agitado. Ele conseguiu se vestir, o que foi ótimo e tudo, mas ele dobrou a frente do jeito errado, e Maomao teve que fazê-lo tirar e fazer direito.
“Você não poderá voltar para a capital ocidental por um tempo. Quero dizer, você poderia, mas eles te amarrariam e te jogariam na cadeia. Você quer isso?” A mulher falou educadamente, mas seus olhos diziam que ela estava dizendo a verdade absoluta.
“V-Você acha que eles poderiam fazer isso comigo?! Meu pai nunca os deixaria escapar impunes!”
“É por ordem do Mestre Shikyou.”
Gyokujun ficou em silêncio, mas seus olhos estavam cheios de lágrimas e ele esticou o lábio inferior.

Por mais que Maomao ficasse satisfeita em vê-lo se contorcer, ela estava na mesma posição

que ele. “As pessoas vão acreditar que esses dois podem ser meus filhos?”, ela perguntou com um olhar para Xiaohong e Gyokujun. Eles não só não se pareciam em nada com ela, como ela não tinha idade suficiente para ter dois filhos da idade deles.

“As mulheres geralmente têm filhos mais jovens na província de I-sei do que na região central. Se alguém disser que não se parecem com você, diga que puxaram ao pai.”

Hmm.

Eles podem ter cabelos de cores diferentes, mas Gyokujun e Xiaohong eram primos, então eles se pareciam um pouco, pelo menos.

Sem perder tempo, a senhora biaoshi pegou alguns cosméticos. “Outra coisa que as mulheres fazem aqui é usar maquiagem. Um pouco vai ajudar muito a se misturar.”

Ela começou a trabalhar com uma mão experiente; ela era uma artista e o rosto de Maomao era sua tela. A base que ela usou não era branca pura, mas tinha um tom vermelho, fazendo a pele de Maomao parecer um pouco mais com a dos locais.

“Pergunta”, disse Maomao. “Não seria realmente melhor para nós voltarmos diretamente para a capital ocidental? Não consigo imaginar que nossa volta para casa teria tanto impacto em alguma coisa.” Ela estava muito curiosa sobre o que essas pessoas

estavam tão desesperadas para esconder a ponto de confiná-la por dias a fio, mas ela não conseguia imaginar o que poderia ser — o que significava que ela também não podia contar a Jinshi o que era. Talvez Chue tivesse falado bem deles e foi por isso que eles não foram mortos para calá-los.

"Há uma razão pela qual não podemos mandá-la para casa agora, mas não é pelo bem do Mestre Shikyou. É pelo bem do Príncipe da Lua. Pelo que vale, eu sinceramente lamento que você tenha se envolvido nisso."

É para Jinshi?

Isso deixou Maomao ainda mais confusa, mas não havia nada a fazer a não ser ir junto.

Totalmente maquiada, Maomao agora parecia vários anos mais velha do que sua idade real, enquanto um trabalho cuidadoso em seus olhos e sobrancelhas lhe dava uma semelhança passageira com seus "filhos". Ela tinha que admitir — estava impressionada.

Quando chegaram à cidade, eles não apenas trocaram seus cavalos por dois novos, mas ganharam uma carroça inteiramente nova. Eles também adquiriram um segundo motorista, um homem corpulento que provavelmente também servia de guarda. Quanto à carroça, ela ostentava o brasão dos biaoshis. "É um prazer atendê-la, senhora. Jovem mestre. Minha

jovem senhora.”

“Tudo bem”, disse a senhora biaoshi. “Vou à cidade comprar o que precisamos. Você acha que pode esperar na carroça?”
Gyokujun prontamente colocou a cabeça para fora. “Eu também vou!”
Maomao o agarrou pelo pescoço. “Você definitivamente está esperando aqui.”
“Eu também vou!”
O merdinha se debateu e lutou. Quando Maomao estava pensando seriamente em amarrá-lo, o biaoshi pegou a mão dela. “Se ele é tão insistente, então eu o levo. Estaríamos muito pior se ele fugisse no momento em que eu estivesse fora de vista.”
Maomao olhou para Gyokujun e Xiaohong. Xiaohong, ela suspeitava, esperaria pacientemente na carroça — mas Gyokujun? Sim... Ele fugiria. Com certeza.
“Tudo bem. Obrigada,” ela disse, escolhendo confiar na mulher. Gyokujun lançou a ela um olhar triunfante enquanto eles saíam. Então ele se virou para o biaoshi. “"Me traga alguns lanches enquanto estamos na cidade!"
"Temo que não darei tempo."
Gyokujun pareceu chocada por ter sido rejeitada com tanta firmeza, mas esse não era o problema de Maomao. Ela teve que admitir, no entanto, que seria bem chato ficar sentada ali

na carroça.
"Xiaohong, você não precisa usar o banheiro?"
"Não. Estou bem."
"Tudo bem."
Xiaohong começou a jogar bolinhas de gude sozinha.
Sabe, isso me lembra...
"Aquele lugar onde seu tio foi ferido, é um túnel escondido, certo? Gyokujun te contou sobre isso?" Maomao estava se perguntando desde o dia do ataque.
"Nu-uh", disse Xiaohong.
"Um membro da família, então? Você normalmente não conta a ninguém sobre uma passagem como essa."
"O tio me contou."
"Seu tio? Você quer dizer Shikyou?" Xiaohong balançou a cabeça. "Tio Hulan." “Hulan?” Maomao repetiu.
“Uh-huh. Ele disse que o tio Shikyou estava em perigo e que eu deveria ajudá-lo.” “O quê?!” Maomao disse, suando.

“Felizmente Gyokujun estava lá. Ele me mostrou para onde ir.”
Espere... O que isso significa?
Por que Hulan não ajudou Shikyou pessoalmente? Por que uma criança como Xiaohong veio invocar Maomao? Quem atacou

Shikyou?
Aquele filho da...
Ela não sabia o que Hulan estava fazendo, mas sabia que ele estava metido em confusão.

# Capítulo 15: Prioridades

Não havia nada tão desagradável quanto ser obrigada a dançar a música de outra pessoa. Maomao jurou que a primeira coisa que faria quando voltasse para a capital ocidental seria obter permissão para derrotar Hulan.

Enquanto isso, sua jornada continuou, e ela ainda não tinha ideia do que fazer.

Para onde no mundo estamos indo?

Ela, Gyokujun e Xiaohong viajaram na carroça coberta com a senhora biaoshi, descansando, se movendo, descansando e passando a noite em qualquer cidade ou vila onde pudessem encontrar uma pousada.

Ao contrário da região central, tudo era planície gramada aqui, então Maomao rapidamente perdeu a noção de onde estavam; eles poderiam muito bem estar andando em círculos. Ao verificar a posição do sol de vez em quando, no entanto, ela foi capaz de deduzir que eles estavam indo em uma direção geralmente oeste.

No caminho, eles ocasionalmente prestavam reverências em templos ou paravam para comprar roupas. Maomao percebeu que uma certa quantidade de trabalho inútil era necessária se ela fosse confundida com uma dona de casa pouco sofisticada.

Os desvios também serviam para outro propósito — apaziguar as crianças infinitamente curiosas, que nunca teriam se calado de outra forma. Até Maomao ficava feliz em conferir as barracas de rua pelas quais passavam, cheias de espetinhos de carne e comidas desconhecidas. A única decepção real era que não havia tantas quanto antes; o enxame de insetos havia cobrado seu preço.
"Ugh! Não quero mais andar! Me traga um palanquim!" "Estou com fome! Quero algumas frutas!"
"Você espera que eu coma pão tão duro?"
Quantas vezes ela já tinha batido o dedo na cabeça chorona de Gyokujun? Ela sempre ouvira que meninos eram mais problemáticos do que meninas, mas agora sabia disso profundamente. Xiaohong era educada e quieta e fazia o que Maomao dizia.
Certa vez, enquanto a carroça avançava, Maomao se virou para o biaoshi e disse: "É seguro perguntar para onde estamos indo agora?"
"Se eu lhe dissesse o nome da vila, você saberia onde era?" Bem, ela tinha Maomao lá.

"Como acho que você percebeu, estamos viajando para o oeste. Sua casa fica na segunda maior cidade da província de I-sei. Seu marido é um homem de negócios, mas, graças ao

enxame, ele não tem mais negócios. Você pode não saber muito sobre o mundo, 'senhora', mas sabe que isso não pode continuar, então usou o que restava de suas economias para contratar um biaoshi e está a caminho de sua família para contar a eles que está em apuros."
A história de capa acabou sendo mais aprofundada do que Maomao esperava. "Tudo bem. Eu entendo", disse ela. Em outras palavras, o destino deles era a
segunda maior cidade da província, ou talvez em algum lugar no caminho.
“Pode não saber muito sobre o mundo.” Muito legal.
Maomao pode ter ficado ressentida com a caracterização, mas o fato é que ela nunca tinha estado a oeste da província de I-sei. Seus olhos brilharam quando ela viu a comida, as bebidas e os artesanatos estranhos. Quase não havia peixe para comer, mas havia muitas cobras à venda para compensar. Um lugar servia escorpiões vivos, mas Maomao foi impedida de comer — não era algo que uma dona de casa fora de si comeria, disseram a ela. Mas ela queria muito, muito.
No começo, Gyokujun e Xiaohong ficaram pouco à vontade separados de Shikyou, mas sendo dotados da curiosidade natural de crianças pequenas, eles ainda estavam mais do que felizes em explorar as barracas com

Maomao.
Xiaohong é muito mais bem comportada do que aquela merdinha.
Maomao esperava que ela reclamasse mais ou exigisse coisas que queria, mas ela não fez isso.
Maomao não era fã de crianças. Na verdade, ela ativamente não gostava deles. Ela era uma defensora da aplicação da "punição do punho de ferro" quando as crianças se recusavam a fazer o que lhes era dito — mas quando se tratava de Xiaohong, ela descobriu que nunca precisava considerar a possibilidade. Na verdade, ela sentia como se estivesse lidando com um adulto. Maomao não conseguia deixar de se perguntar como Xiaohong tinha sido criada.
"Sou só eu ou Xiaohong recebe toda a atenção por aqui?" Gyokujun perguntou a ela, carrancuda.
"Por que eu deveria me preocupar com você? Você se sentiria melhor se eu desse um tapinha na sua cabeça e dissesse 'Pronto, pronto'? Venha aqui — vou dar um tapinha na sua cabeça com tanta força que seu cabelo vai sair!"
"N-De jeito nenhum! Não foi isso que eu quis dizer!"
Maomao se preocupava com Gyokujun, tudo bem — como se estivesse fazendo cócegas em seus lados o mais impiedosamente que podia.

A senhora biaoshi acabou por estar certa — ninguém parecia questionar a história de que Maomao, Gyokujun e Xiaohong eram uma família. Além de mudar

o tom da pele dela, eles adicionaram algumas manchas ao redor dos olhos, bem como ela fez com suas sardas. O cabelo claro de Xiaohong deu credibilidade à história de que seu pai tinha sangue estrangeiro e explicou por que ela não se parecia com sua mãe. Quanto a Gyokujun, ele se parecia o suficiente com Xiaohong para passar por seu irmão.

"Não posso dizer que você parece muito intimidado por nada disso", disse a biaoshi enquanto comiam um dia. Eles estavam em um pequeno restaurante com nove mesas que acomodavam quatro pessoas cada. O segundo andar também servia como uma pousada, e o lugar até mesmo preparava os cavalos para eles.

"Por que eu deveria? Não é todo dia "Se você tiver a chance de ver o interior", respondeu Maomao. Eles teriam que viajar pela mesma estrada, quer ela estivesse ansiosa sobre isso ou não — melhor, então, ir com calma até que eles ficassem cara a cara com seus problemas.

Maomao mergulhou um pouco de pão em um ensopado de cordeiro e deu uma mordida. Era carnudo, mas não muito salgado. Para vegetais,

havia um punhado de vegetais de raiz e cebolinhas. A água era, em geral, preciosa demais para beber; em vez disso, havia uma grande variedade de álcool. Apesar da despesa extra, eles pediram água para Gyokujun e Xiaohong.
"Eu quero uma água de uva!" Gyokujun disse.
"Bem, não tem nenhuma."
"Mas eu quero!"
Gyokujun tinha um temperamento forte e era rápido em reclamar quando as coisas não saíam do seu jeito. Toda vez que Maomao o batia com um soco, ele começava a chorar; ela desejava que ele se apressasse e aprendesse a lição.
“Parece terrivelmente vazio por aqui”, disse Maomao, olhando ao redor do restaurante.
“Concordo”, respondeu o biaoshi.
O prédio estava silencioso. Maomao presumiu que tinha sido construído porque esta área era um nexo comercial, mas o enxame de insetos tinha impactado mais do que apenas o suprimento de alimentos — também tinha atingido o comércio, o coração econômico desta região. Isso também pode explicar por que o punhado de clientes que estavam lá parecia estar de mau humor.
Não acho que nenhum deles pareça do tipo brigão de improviso, ela pensou, embora tenha observado uma pessoa sentada em um canto tomando um pouco de álcool.

Eles estavam olhando na direção do grupo de Maomao há um tempo.
Tentando decidir quem mirar, talvez?
A mesa de Maomao tinha apenas duas mulheres e duas crianças. Sim, eles tinham o par de motoristas que também eram guarda-costas, mas eles faziam questão de não comer ao mesmo tempo. Infelizmente, um pequeno grupo de mulheres e crianças poderia muito bem

estar carregando uma placa que dizia Por favor, nos roube.
"Talvez devêssemos contratar mais biaoshi?", sugeriu Maomao. "Deve haver outro guarda em quem eu possa confiar na próxima cidade."
Ou seja, a senhora biaoshi não queria enfrentar qualquer um. Nenhuma quantidade desconhecida. Maomao teve a nítida impressão de que, mulher ou não, essa biaoshi seria uma força a ser reconhecida.
"Talvez devêssemos ter pelo menos um dos motoristas comendo conosco?" Ter um homem à mesa daria às pessoas uma impressão diferente delas.
"Muitas pessoas na província de I-sei acham inapropriado uma mulher dividir uma mesa com um homem de fora da família." Em outras palavras, isso não seria um disfarce para elas.
"Vou ter que fazer os preparativos para nossa

mudança para a próxima cidade. Vou deixar um dos guardas com você. Não saia do seu quarto."
"Entendido."
Maomao gostaria de explorar um pouco essa área, mas ela faria o que o biaoshi disse. Eles estavam muito longe da região central, e a segurança não estava garantida.
"Eu sei que é chato ficar só esperando. Leia um livro ou algo assim", disse o biaoshi.
Um livro. Claro.
O único livro que Maomao tinha com ela no momento eram as escrituras de onde ela estava confinada. Ele tinha acabado de aparecer na carroça coberta. Ela suspeitava que Xiaohong o tinha trazido.
Maomao não tinha nenhum interesse particular no texto sagrado, mas sem absolutamente nada mais para fazer, era ler um livro. Naturalmente, Gyokujun começou a intimidar Xiaohong. Tanto para ler em silêncio.

O biaoshi voltou algumas horas depois. Além de tudo o que ela tinha feito, ela também estava fazendo compras e tinha uma grande sacola com ela. Ela não parecia muito feliz, no entanto.
Maomao tinha se cansado de ler e estava brincando com Xiaohong. O melhor que conseguiram reunir foram bolinhas de gude jogadas com conchas e pedras, ou cama de gato

— jogos que passavam o tempo, mas não faziam muito mais. Gyokujun se encolheu em um canto. Talvez sua cabeça doesse por causa da pancada de Maomao.
"Não parece que você está explodindo de boas notícias", disse Maomao.
"Receio que não. O plano era encontrarmos meu camarada na próxima cidade, mas ele parece estar fora da rota comercial no momento, e não consegui nenhuma informação sobre ele." A biaoshi colocou a grande bolsa na frente de Maomao.

"Fora da rota comercial?" Maomao perguntou, abrindo a bolsa enquanto falava. Dentro, ela encontrou provisões como carne seca, peles para se proteger do frio — e ervas medicinais. Isso fez seus olhos brilharem.
"Os mercadores decidiram evitar a estrada principal; está cheia de bandidos. Já havia muitos deles, e seus números só aumentaram desde o enxame. Sem comida, sem dinheiro e muitas pessoas desempregadas. Com a estrada tão perigosa, é melhor contorná-la e seguir para a próxima cidade depois disso."
"Ah..."
Os bandidos podem estar morrendo de fome, mas se eles roubassem toda a comida de todos os comerciantes, logo não haveria mais nada para roubar — mas alguns deles não estavam

pensando tão longe.
“Mas eu pensei que havia uma agência biaoshi em que você pudesse confiar na próxima cidade?” Maomao estava sorrindo positivamente agora enquanto colocava as ervas. Toda a sua cautela se voltou para a medicina.
A outra mulher balançou a cabeça. “Eu disse que conhecia um guarda lá, não outro biaoshi.”
“Ah. Certo...”
Era verdade; ela não tinha especificou um biaoshi. Maomao cheirou as ervas diligentemente. Xiaohong a imitou, mas rapidamente pressionou uma mão no nariz e se virou — eram ervas muito pungentes.
"Sabe", disse Maomao, "estou começando a me perguntar. Já não faz tempo o suficiente para que seja seguro retornar à capital ocidental?"
"Não posso ter certeza disso agora. Minha missão é mandá-la para casa somente quando o perigo tiver passado completamente. Não posso mandá-la de volta por capricho." O biaoshi parecia muito firme. Maomao ainda não entendia exatamente por que ela estava arrastando-as por toda a criação, mas nesse ponto pelo menos Maomao sentiu que ela estava dizendo a verdade. "Infelizmente, também não tenho certeza do que fazer se não pudermos fazer contato com meu amigo na próxima cidade. Estou pensando em ir para lá

de qualquer maneira, entendendo que isso envolverá algum perigo. O que você acha?"
Maomao, agora verificando se as ervas estavam secas, gemeu. "Parece que não tenho muita escolha. Primeiro, vamos ficar sem dinheiro se continuarmos vagando pelas estradas secundárias da província de I-sei."
"Isso tira um pouco do peso dos meus ombros ouvir você dizer isso."
Das dobras de suas vestes, a biaoshi tirou um pequeno jarro: uma peça delicadamente esmaltada, pouco maior que a palma de sua mão.
"O que é isso?", perguntou Maomao. Ela colocou as ervas no chão e olhou para ele.

"Uma toxina nervosa. Não suporta muito calor, então não a deixe muito quente, por gentileza."
"Você coletou veneno de cobra sem mim? Eu teria ajudado!" Maomao pegou o jarro e deu uma sacudida suave. Ela ouviu um leve ruído. Ela só conseguia imaginar quantas cobras a mulher deve ter capturado para coletar tanto veneno. O veneno de cobra era menos estável do que os venenos minerais e perdia facilmente sua potência, principalmente quando aquecido. Maomao tinha aprendido isso em um livro — e tinha confirmado por experiência própria.
"Estou impressionada que você tenha adivinhado que era veneno de cobra. Você

ficaria surpresa com a facilidade de encontrá-lo no açougue."
Nessa área do interior, o peixe era raro; a cobra tinha gosto semelhante e era rica em nutrientes valiosos.
"Tem algum escorpião aí?", perguntou Maomao. "Algumas gotas, sim."
Maomao percebeu que o biaoshi estava falando sério. Quanto mais variedades de veneno houvesse em uma mistura, mais difícil seria inventar um antídoto.
"Leve isso também." O biaoshi entregou a ela uma agulha enrolada em um pano. A agulha estava fixada no lugar para que, enquanto o pano estivesse enrolado em volta dela, ela pudesse ser carregada com segurança. "Se alguma coisa acontecer, priorize sua própria vida."
Então, em outras palavras, não importa o que aconteça, sobreviva. É isso?
Até mesmo o biaoshi estava dizendo a ela que se ela tivesse que matar alguém para fazer isso.

# Capítulo 16: O Mentiroso

Desde que ele soube que Maomao tinha ido ver Shikyou, uma nuvem pairava sobre Jinshi enquanto ele fazia seu trabalho.

"Talvez eu possa sugerir um breve descanso, senhor?" Gaoshun estava tentando ser atencioso, mas descanso era a última coisa que Jinshi queria.

"Você acha que eu conseguiria dormir?" ele perguntou.

"Um político é alguém que consegue dormir não importa as circunstâncias."

Justo, mas Jinshi não era adulto o suficiente para que sua razão fosse capaz de dominar suas emoções. Na verdade, ele achava que estava indo muito bem em não parar de trabalhar completamente.

"No começo, eles disseram que ela voltaria em alguns dias. Mas quanto tempo já faz?"

"Dez dias, senhor."

"Por que está demorando tanto?!"

Ele sabia perfeitamente qual era o motivo; ele estava descontando sua frustração em Gaoshun.

Dez dias antes, quando Jinshi se encontrou com o emissário do reino do povo Ri, a questão do quarto príncipe do reino surgiu. Bem, não explicitamente, mas era quase certo sobre isso que

eles estavam falando.

Se alguém que estava na linha de sucessão estava em outro país — um país que nem era especificamente amigável — isso era um problema sério. Essa situação dificilmente era melhor para Li do que para o povo Ri. Eles foram os que enviaram um emissário sem ser convidado, mas qualquer coisa que acontecesse poderia muito bem ser tomada como uma provocação. Gyoku-ou, ele teria tentado forçar a barra — ele provavelmente nem teria se dignado a encontrar o emissário. Mas Jinshi fez as coisas de forma diferente. Ele queria que isso ocorresse da forma mais tranquila possível e confiava que seus subordinados queriam a mesma coisa.

Agora, no entanto, a suspeita de sequestrar o quarto príncipe havia recaído sobre uma das pessoas mais proeminentes da capital ocidental. E o dia que Shikyou escolheu para vir à casa principal foi o dia exato em que Jinshi estava se sentando para um banquete com o emissário Ri. Foi uma coisa corajosa de se fazer — e poderia até ser vista como uma tentativa intencional de interromper as negociações.

Era compreensível, então, que Baryou e os outros sob Jinshi tentassem impedir Jinshi e Shikyou de terem qualquer contato, para que Jinshi pudesse soltá-los, incluindo Shikyou, se

necessário. Pode parecer cruel, mas era o que os políticos de quem Gaoshun falava fariam.

No momento em que alguém com quem ele se importava se envolveu, ele começou a entrar em pânico. Maomao, droga, não poderia ter escolhido um momento pior para se envolver com Shikyou. Foi imediatamente depois que ele chegou à casa principal e começou a fazer uma espécie de alvoroço. Ela lhe deu tratamento médico, o que tornaria fácil considerá-la sua cúmplice. Eles podem ter sido capazes de dispensar um pouco de primeiros socorros de emergência, mas ela realmente o costurou com uma agulha e linha. Nesse ponto, ficou difícil fingir que outra pessoa havia feito o trabalho.

Quanto ao próprio Shikyou, Jinshi realmente não sabia muito sobre o homem. Ele tinha fama de ser um bruto, mas Jinshi não tinha certeza de quão verdadeiros eram os rumores. A questão em sua mente era: se ele tivesse que expulsar Shikyou, como ele protegeria Maomao? A conclusão a que chegou foi alegar que Shikyou a ameaçou e a forçou a tratá-lo. Ele a coagiu a ir com ele. Isso seria uma circunstância atenuante.

Por que, então, foi necessário deixar a casa principal?

"Se o Mestre Shikyou é inocente de irregularidades, então o culpado era alguém de dentro", disse Baryou. Alguém, alguma pessoa na

propriedade, tinha Shikyou como alvo — e até que soubessem exatamente quem, foi decidido que, para a segurança de Maomao, eles não poderiam tê-la aqui. Foi por isso que Chue a levou embora.

Chue — havia outra pessoa que eles não tinham visto nos últimos dias. Jinshi ordenou que ela protegesse Maomao. Ele esperava que ela estivesse usando todos os meios à sua disposição para fazer exatamente isso.

Quanto ao que ele poderia fazer, a prioridade era devolver o quarto príncipe ao reino Ri. Depois de ouvir que alguém que se encaixava na descrição do príncipe havia sido visto na cidade postal, Jinshi foi até lá — apenas para descobrir que a pousada onde a pessoa estava hospedada estava vazia.

Tentar rastrear o príncipe depois disso logo revelou que Jinshi não era o único no encalço do jovem. Outra força estava atrás dele. No final das contas, Jinshi não só não conseguiu entregar o príncipe ao emissário, mas os murmúrios de que Shikyou o havia sequestrado ficaram cada vez mais sombrios.

Isso foi há seis dias.

Mesmo agora, nem Shikyou nem Maomao haviam retornado à casa principal.

Jinshi sabia que, enquanto sua segurança não pudesse ser garantida aqui, eles continuariam se

movendo, procurando por algum outro porto. Agora, além de todas as suas outras tarefas, Jinshi estava preocupado em lidar com o reino Ri — e desmascarar o traidor na casa principal.

"Talvez uma lufada de ar fresco", ele disse.

“Entendido, senhor”, respondeu Gaoshun. Jinshi saiu do escritório, Gaoshun e Basen andando atrás dele. Atrás de Basen andava o pato, mas a essa altura Jinshi estava cansado de inventar coisas inteligentes para dizer sobre isso.

Jinshi se lembrou de o quão esplêndidos sempre foram os jardins da propriedade da capital ocidental de Gyokuen, mas agora mais da metade havia se transformado em campos agrícolas, com seus jardineiros com lágrimas nos olhos trabalhando o solo com suas enxadas.

Ele podia ver alguém no pavilhão ao ar livre que ocupava um dos poucos pedaços restantes do jardim. Imaginando quem poderia ser, ele apertou os olhos e conseguiu distinguir apenas dois velhos peidos.

"Ah, Sir Quack. Você encontrou uma guloseima de aparência saborosa aí."

"Hoo hoo hoo! Você tem um olho distinto, meu caro comandante. São batatas-doces da colheita deste ano, esmagadas e misturadas com manteiga e mel. O segredo é dourá-las bem."

Uma festa do chá estava em andamento, com a presença do estrategista esquisito — ou seja,

Lakan — e do bom doutor. O bom doutor, para ser perfeitamente honesto, não era tão bom em medicina, mas ele tinha jeito com as pessoas.

Um homem com uma enxada interrompeu a conversa. "Com licença, Mestre Médico! Pensei ter dito que não poderíamos usar essas batatas-doces ainda!" Era o Irmão de Lahan. Também perto do pavilhão estavam o guarda-costas do médico e o assistente de Lakan.

"Ah, desculpe. A ideia me ocorreu, e então eu simplesmente... Bem, o que você diz, meu querido Irmão de Lahan? Experimente um pouco!" O médico enfiou um pouco da guloseima de batata na boca do Irmão de Lahan.

"Mrrgh... Hmm. O sabor é bom, mas eu lhe digo, se você as deixasse amadurecer um pouco, não precisaria de açúcar ou mel. Hrm, aquela coisa que eu tinha com o licor destilado era melhor."

"Isso é verdade, mas, bem, talvez não precisemos nos preocupar. O que você acha, meu caro estrategista? Não é adorável?"

“Sim, é bom. Mas deixe o álcool de fora.”

“Ah, claro, você não segura bem sua bebida, não é? E pensar que sua filha ama tanto!”

“Agora escute aqui, doutor. Você não fez isso com o vinho de Maomao, fez?”

“Meu Deus, não! Eu pedi especialmente para a cozinha compartilhar um pouco do deles. Mas eu

não contei para a jovem, porque se ela descobrisse, ela teria bebido tudo!"

"Sim, bem... Sim. Ela pode fazer isso," o irmão de Lahan admitiu.

"Eu diria que sim. Ouvi dizer que licor destilado é perfeito para grelhar carne também, e eu adoraria experimentar... Mas para falar a verdade, estou um pouco assustado," o médico disse.

"Medo de quê?" o irmão de Lahan perguntou.

"O álcool é tão forte. Se eu colocar na carne, o fogo não vai

fwoosh! e vai para todo lugar?"

"É melhor ter certeza de que você tem um pouco de água à mão."

Durante todo o tempo em que o irmão de Lahan e o médico conversaram, Lakan mastigou o lanche, até que um pouco ficou preso na garganta. Seu ajudante correu e deu um tapa em suas costas. Ele estava obviamente acostumado com isso — Jinshi supôs que isso acontecia com alguma regularidade.

"Talvez devêssemos dar a eles algum espaço, Príncipe da Lua", sugeriu Gaoshun.

"Boa ideia", disse Jinshi. Ele conseguiu manter a ausência de Maomao em segredo de Lakan nos últimos dias. Durante o enxame, tinha sido bastante simples — Lakan tinha trabalho a fazer e isso o distraiu. Mas agora estava se mostrando

mais complicado.

Foi quando ele ouviu o estrategista perguntar: “Você não acha que já está na hora de Maomao voltar para casa?”

“Hmmm”, respondeu o médico. “Tudo o que ouvi foi que ela estava indo para a cidade portuária com a Srta. Chue para comprar remédios. Você sabe como ela lida com medicina. Aquela ida às compras pode nunca acabar!” O charlatão não questionou a história, e foi exatamente por isso que funcionou com Lakan: o médico acreditou completamente.

Lakan não era, nem de longe, um homem adequado para a vida civil comum. Ele passava metade do tempo dormindo e, quando estava acordado, geralmente estava brincando. Ele odiava olhar para papelada e não tinha ideia de como simplesmente "entrar no jogo" em situações sociais. Em uma coisa, no entanto, ninguém em Li conseguia se igualar a ele: sua capacidade de julgar o caráter. Ele conseguia avaliar a adequação de seus subordinados rapidamente, como se estivesse olhando para peças de Shogi em um tabuleiro de jogo. Talvez fosse uma extensão dessa capacidade que tornasse impossível mentir para Lakan ou tentar tirá-lo do seu caminho.

Jinshi sabia que se tivesse que confrontar o estrategista pessoalmente, o velhote

saberia em um segundo que Jinshi o estava enganando. Assim, ele se esforçou para evitá-lo o mais cuidadosamente possível.

Foi quando eles estavam voltando para o escritório que Jinshi ouviu um "Quack!" levemente ridículo. O pato que seguia atrás de Basen havia encontrado um sapo no jardim.

"Vamos, vamos!" Basen estalou e tentou agarrar o pássaro, mas hesitou por um instante. Sendo muito mais forte do que uma pessoa comum, ele provavelmente estava preocupado em esmagar o pato se o agarrasse de forma muito descuidada.

O sapo pulou para longe e o pato disparou atrás dele, batendo as asas enquanto ia — o que atraiu a atenção das pessoas no pavilhão.

"Oh! Príncipe da Lua", disse o médico mestre, suas bochechas ficando rosadas. "É o Príncipe da Lua..." O irmão de Lahan desviou o olhar, quase sem jeito.

Ele não tinha uma audiência adequada com Jinshi desde antes de partir em sua jornada cross-country ao redor da Província ei.

"O Príncipe da Lua?" exigiu Lakan. Ele não parecia muito feliz com isso. Ele se levantou do assento e foi até Jinshi.

Jinshi colocou o sorriso cortês que aperfeiçoou no palácio traseiro. Gaoshun também manteve uma cara de pôquer cuidadosa; Basen, enquanto

isso, estava ocupado perseguindo seu pato.

"Que legal te encontrar aqui", disse Lakan. "Estou tentando te encontrar há dias.

Onde você estava se escondendo?"

"Estou trabalhando no meu escritório e ocasionalmente dando uma breve volta lá fora. Você deve ter me perdido."

Ele não estava mentindo — e não estava dizendo a verdade.

Jinshi estava suando sobre o que fazer. Se o estrategista perguntasse diretamente sobre Maomao, não haveria dissimulação. Este era um homem que não pensava em nada em quebrar a parede do palácio traseiro para chegar até sua filha.

Lakan foi direto na jugular. “Diga, você não viu Maomao por aí, viu?” Não importava como Jinshi respondesse, a brincadeira acabaria.

Ele estava tentando decidir o que fazer quando o pato veio correndo entre eles.

“B-Bad Jofu! Volte aqui!”

“Basen...” Gaoshun rosnou para seu filho. Basen gritou para parar, mas o pato disparou, batendo as asas, até que ela esbarrou em alguém que vinha pelo corredor coberto.

“Caramba! De onde você veio?”

Era Hulan, carregando uma braçada de papéis e agora com uma

pegada de membrana em sua roupa.

Desta vez, o pato parou, e Basen finalmente a pegou em seus braços. “Sinto muito. Isso é resultado da minha própria negligência”, ele disse, e ele realmente quis dizer isso.

“Oh, por favor, não se preocupe”, Hulan respondeu.

“São para Rikuson?” Jinshi perguntou — uma pergunta boa e segura. Rikuson gostava de empurrar trabalho para Jinshi, mas dois podiam jogar esse jogo. Quantidades estupendas de papelada passavam de um lado para o outro entre eles — mas Jinshi não se lembrava de haver tanto hoje quanto o que Hulan estava segurando.

"Sim, senhor", disse Hulan, educado como sempre. Nada parecia fora do comum.

No entanto, Lakan ajustou seu monóculo e disse: "Ei, agora. Por que você mentiria sobre isso?"

"Mentir?" Jinshi perguntou, olhando para ele.

"Ele não vai ver Rikuson. Então, para onde você está indo?"

"Oh, céus. Tenho uma panóplia inteira de pequenas tarefas que me levam aqui, ali e em todos os lugares."

Hulan frequentemente assumia trabalhos braçais no interesse de garantir que tudo fosse feito corretamente. Naturalmente, as tarefas

poderiam levá-lo a todos os tipos de lugares.

Mas essa não parecia ser a mentira de que Lakan estava falando. "Então deixe-me perguntar a você", disse o estrategista. “Você sabe alguma coisa sobre minha filha?”

Hulan parecia confuso. “Lady Maomao? Acho que ela foi à cidade portuária para fazer compras.”

Lakan caminhou até Hulan e fez um grande gesto com a mão. Os papéis que Hulan segurava voaram para todo lado.

“M-Mestre Lakan?! O que houve?” perguntou o médico mestre, que estava aterrorizado com qualquer tipo de conflito.

“Senhor Quack. Você acha que poderia me trazer aquele álcool destilado de que você estava falando? Agora mesmo?”

“S-Sim, claro.” O médico voltou correndo para o consultório médico. “Você sabe o que estou fazendo aqui, garoto?” Lakan perguntou a Hulan.

“Receio que não. Talvez você possa me dizer, senhor?” Hulan parecia muito confuso, e ele não era o único. Jinshi e os outros também não tinham ideia do que estava acontecendo.

“Diga-me, Príncipe da Lua. Maomao foi às compras na cidade portuária?”

Jinshi não disse isso em voz alta, mas balançou a cabeça negativamente. Não adiantava negar agora.

"Então esse pequeno mentiroso sabia que

Maomao estava em outro lugar?"

"Ele não deveria estar..."

Jinshi havia contado apenas a um punhado de seus subordinados mais confiáveis sobre Maomao. Nem Basen sabia, por medo de entregar o jogo. Então, não, Hulan não deveria saber sobre a situação de Maomao. Por que ele sabia que sua resposta era falsa?

"Hulan..." Os olhos de Jinshi se estreitaram e ele fixou o olhar no jovem humilde.

Foi quando o médico mestre voltou com uma garrafa. "Mestre Lakan, eu trouxe a bebida!"

"Ora, obrigado." Lakan pegou a garrafa e tirou a rolha, mantendo o rosto virado para não ficar bêbado com os vapores. Então ele virou a garrafa de cabeça para baixo, esvaziando seu conteúdo em todos os papéis.

"Oh! Esses pobres papéis... O que você está fazendo?" perguntou o médico, que talvez fosse o único que poderia questionar Lakan tão diretamente na sua cara.

"Isto", respondeu o estrategista. Seu ajudante já estava lá, segurando uma pederneira.

Lakan pegou e bateu na direção dos papéis encharcados de álcool. Eles imediatamente se acenderam em uma grande explosão de chamas.

"Meu Deus! Os papéis do Mestre Rikuson!" Hulan exclamou.

"Esqueça os papéis dele! Quero que me diga por que sabia de algo que nunca deveria saber!" Lakan exigiu, seu rosto vermelho à luz do fogo.

"Eu não sabia de nada. Parecia estranho. Por que eles enviariam alguém tão valorizado como Lady Maomao em uma expedição de compras de dias de duração?"

"Vamos tentar uma pergunta diferente, então. Você tentou encurralar Maomao?" Desta vez, Hulan não disse nada.

"Você tentou testá-la?" Ainda assim, ele ficou em silêncio.

Jinshi viu que o interrogatório de Lakan não era não chegaria a lugar nenhum nesse ritmo. Ele estava muito fixado em uma e apenas uma coisa: Maomao. Havia uma pergunta melhor nessa situação.

"Hulan... Shikyou estava no seu caminho?"

À pergunta de Jinshi, Hulan sorriu levemente. "Sim. Ele não é adequado para ser o sucessor do nosso pai."

"Tão pouco adequado que você o mataria?"

"Parecia a maneira de evitar qualquer problema no futuro. A maneira de garantir que o trabalho sairia como planejado."

Agora foi a vez de Lakan ficar em silêncio.

"Digamos que meu irmão estava vivo. De que adiantaria se as pessoas o vissem como o

sucessor do nosso pai, Gyoku-ou?"

Jinshi estava procurando um traidor por dentro — mas ele ainda não sabia o que esse traidor estava pensando.

"O irmão Shikyou é desnecessário se a capital ocidental deve ser administrada da forma mais suave possível. Eu simplesmente procurei remover o que não precisávamos." Hulan sorriu amplamente, então tirou os sapatos abruptamente. "Meu corpo pode queimar, mas ficarei contente."

Ainda sorrindo, ele entrou na conflagração de papelada.

"O que você está fazendo?!" Basen se lançou para tirá-lo das chamas, mas Hulan se esquivou, caindo de quatro e se agarrando ao chão. Mesmo com suas roupas, seu cabelo, sua própria pele queimando, ele sorriu.

"Você deve estar louco!" O irmão de Lahan correu com um pouco de água do lago e encharcou Hulan. Gaoshun também estava em ação, dando ordens aos guardas e ao ajudante de Lakan.

Quanto ao bom doutor, ele estava desmaiado, com uma espuma de bolhas ao redor de sua boca. Lakan lançou um olhar gelado para Hulan onde ele estava agachado no chão.

"O que o levaria a fazer isso?" Jinshi perguntou. Ele ficou surpreso com o quão racional ele se encontrava ao olhar para essa criatura

incompreensível.

"Pano! Me dê um pano!" Basen gritou. Ele envolveu Hulan e o arrastou para o consultório médico. O médico não faria nenhum tratamento, então eles teriam que chamar alguém da clínica da cidade.

"Gaoshun", disse Jinshi. "Sim, senhor."

"Shikyou é inocente. Acho que pode ser vantajoso neste caso cooperar com ele para encontrar o quarto príncipe."

"Como você disser, senhor."

Gaoshun já estava se movendo. Lakan se virou para Jinshi, parecendo nada impressionado. "Hoh. Essa é sua jogada, Príncipe da Lua? É sempre possível que esse seu Shikyou esteja tramando algo."

"Nós descobriremos isso prontamente se você nos acompanhar, não é, senhor Lakan? Ou você atrasaria o resgate de sua filha simplesmente porque não gosta de mim?"

"Bem! Olha quem ganhou coragem."

"Eu tive que fazer isso. Alguém me colocou à prova."

Ele havia encontrado seu traidor. O que fazer a seguir, então? Jinshi entrou em ação - era a melhor maneira de trazer Maomao de volta.

# Capítulo 17: Uma Cidade de Fé

Maomao e seu pequeno bando seguiram para a próxima cidade como planejado. Ela logo entendeu por que deveria haver tantos bandidos aqui. Pelos padrões da região oeste, a vegetação era exuberante e as árvores abundantes. Um bosque, bosque ou floresta serviria como um excelente lugar para uma emboscada.

"A província de I-sei pode parecer toda grama e desertos, mas também há florestas", disse a senhora biaoshi enquanto apontava para fora da janela. Sua explicação foi em parte para o benefício de Maomao, mas também, Maomao suspeitava, para evitar que as crianças ficassem entediadas. Viajar de carroça não era fácil para crianças que não tinham nem dez anos. Os biaoshi, no entanto, colocaram esteiras de palha trançada para aliviar o barulho e a trepidação, e para que as crianças pudessem dormir a qualquer hora. Maomao também as apreciava; elas certamente tornavam mais fácil para seu traseiro.

"É porque estamos perto das alturas?", perguntou Maomao.

"Isso mesmo. A chuva e a neve derretida do alto correm aqui como água doce. Isso irriga as

florestas, e as florestas atraem as pessoas."

"As pessoas não cortam as florestas?" Maomao ficou surpreso que não o fizessem; na província de Shihoku, onde havia madeira excelente em abundância, as encostas das montanhas foram desnudadas, de modo que a exploração madeireira teve que ser proibida por decreto.

"Muitas dessas árvores não são realmente um bom material de construção. A maioria das pessoas coleta nozes delas ou usa a floresta como quebra-ventos."

"Bem, isso é apenas agricultura comum, não é?", perguntou Maomao. Xiaohong estava fazendo algo entre balançar a cabeça e sacudi-la; ela não parecia acompanhar bem a conversa. Gyokujun, parecendo totalmente desinteressado, se jogou nas esteiras. "Pensei que talvez houvesse algo único nessa área que a transformou em uma rota comercial."

"Há. Isso", disse o biaoshi. Ela colocou um livro na frente de Maomao: as velhas escrituras desgastadas. "Há uma igreja na próxima cidade."

Agora fazia sentido. Maomao não sabia muito sobre religião. Ela era uma pessoa prática, não inclinada a acreditar em coisas que não podia ver. Ela estava convencida de que deuses e imortais não poderiam existir. Mas ela não iria tão longe a ponto de dizer aos outros para não acreditarem neles. As pessoas precisavam de um refúgio,

algo para apoiá-las — e às vezes isso assumia a forma de uma estátua silenciosa.

Verdade seja dita, às vezes a religião até ajudava no distrito do prazer.

Maomao tinha visto mais de uma cortesã à beira da morte confortada pelo pensamento de que uma terra de paz e segurança a aguardava do outro lado.

Maomao se lembrava de como elas foram, sua crença as capacitava a sorrir apesar da agonia de seus últimos dias.

Contanto que os crentes não causem problemas para mais ninguém, é tudo o que peço.

Eles eram bem-vindos para adorar quaisquer divindades, super-humanos ou fadas que desejassem, no que dizia respeito a Maomao. Mas havia alguns que colocavam esses personagens em um propósito perverso, e muitos que eram enganados por tais esquemas. Deuses eram como remédios: eles podiam ser perigosos se usados da maneira errada.

Tanto para a perspectiva teológica de Maomao. Eles mantiveram uma vigilância vigilante na estrada para não serem atacados por bandidos, mas fizeram a passagem com segurança.

"Estaremos lá em breve", disse o biaoshi. Telhados começaram a aparecer além das árvores, junto com um prédio de pelo menos três andares

de altura.

"É a igreja?" Maomao perguntou.

"Sim." O biaoshi disse algo ao motorista, e a carroça parou.

"Hum... ainda não chegamos", disse Xiaohong, perplexa. Ela podia ver a cidade, mas eles pararam bem antes de chegarem lá.

"Vou entrar na cidade primeiro e dar uma olhada. Quero que todos vocês fiquem com a carroça", disse a biaoshi.

"É seguro?" Maomao perguntou, começando a se sentir ansiosa. "Vou deixar os dois guardas com vocês."

Não foi bem isso que eu quis dizer.

A biaoshi era uma profissional, então talvez fosse desrespeitoso de uma amadora como Maomao se preocupar com sua segurança.

"Se tudo parecer bem, eu volto para pegar vocês, então esperem aqui até eu voltar."

"E... e se vocês não voltarem?"

Xiaohong arregalou os olhos com a pergunta de Maomao e olhou para a senhora biaoshi.

"Corra você", disse a outra mulher com absoluta convicção. "Não tenha ideias tolas sobre me resgatar."

Corra... Fácil para ela dizer.

Maomao não era de forma alguma uma atleta talentosa; o melhor que ela poderia esperar

conseguir seria se esconder atrás de uma árvore em algum lugar e tentar não respirar. Ela teria que obter ajuda dos motoristas.

Ser uma biaoshi não parece uma ótima escolha de carreira, ela pensou. Sim, eles eram bem pagos, mas que salário poderia valer sua vida? E pode muito bem custar sua vida, já que os biaoshi lidavam com sua própria confiabilidade. Uma vez que aceitavam um emprego, eles tinham que ir até o fim, mesmo que se tornasse mortal.

Maomao abriu um dos sacos de ervas que ela havia comprado, esperando acalmar seus nervos. Eles estavam divididos em pequenos pacotes envoltos em pano para facilitar o uso; ela os colocou entre as dobras de suas vestes como sempre fazia. Ela ainda tinha um punhado sobrando da capital ocidental também, incluindo um pouco do mingau quartos que deixavam você violentamente bêbado, que ela havia secado. Ela planejava saboreá-los com uma bebida quando voltassem para a cidade.

Nos últimos dias, Maomao notou que sempre que estava trabalhando com suas ervas, Xiaohong não tinha nada a ver com ela. Ela dava a Maomao um olhar irritado e então começava a jogar bolinhas de gude sozinha.

Gyokujun ainda dava trabalho ao primo de vez em quando, mas não tanto quanto costumava fazer, então Maomao os deixava em paz. Ela não tinha

intenção de ficar superprotetora.

Ouviram-se duas batidas rápidas: alguém batendo na carroça.

"Sim? O que foi?" Maomao perguntou, colocando a cabeça para fora da coberta.

"Desculpe-me." Era um dos guardas, um homem barbeado de cerca de quarenta anos. Ele sempre pareceu gentil; ele próprio tinha uma filha e era especialmente gentil com Xiaohong. O outro motorista, por sua vez, era um homem mais jovem que não falava muito, mas às vezes brincava de briga com Gyokujun.

"É só uma coisinha", disse o homem gentil, "mas pensei que você gostaria disso". Ele rolou uma pinha para dentro da carroça.

"Uma pinha!" Xiaohong exclamou, seus olhos brilhando. "Haisongzi!" Maomao exclamou, olhos igualmente brilhantes.

"Quem se importa?", disse Gyokujun, o único deles a não demonstrar interesse algum.

"Você encontrou isso por aqui?", Maomao exigiu. Ela era muito mais enérgica do que qualquer uma das crianças, fazendo com que o guarda gentil desse um passo para trás.

"Er, s-sim. Tem um grande pinheiro aqui perto." "Posso ir colher mais deles?!"

"Erm... Se você prometer não sair do meu lado, então..." "Perfeito!"

Maomao saltou da carroça, e Xiaohong a seguiu.

Eles pegaram todas as pinhas que puderam encontrar. Eles estavam nisso há cerca de meia hora, e uma pequena pilha de pinhas se formou perto de Maomao. Ela não se importava com as pinhas em si, mas estava muito interessada nas nozes dentro delas. Os pinhões, chamados haisongzi ou songzi-ren na medicina herbal, eram muito ricos em nutrientes, incluindo óleos e gorduras. Torre-os suavemente e eles adquiriram uma doçura adorável.

A única desvantagem é que as nozes são tão pequenas que é difícil tirá-las, pensou Maomao, mas uma simples questão de trabalho físico não a impediria quando se tratasse de seus remédios. Xiaohong coletou as pinhas, que Maomao imediatamente começaria a descascar suas escamas. Por mais que Xiaohong parecesse gostar de coletar as pinhas, ela estava menos emocionada ao ver Maomao dissecar seus prêmios. Ela colocou um espécime particularmente bem formado com o qual estava especialmente feliz nas dobras de suas vestes.

O guarda de meia-idade ficou por perto, enquanto o outro guarda comia um pouco na carroça e ocasionalmente verificava Gyokujun, que estava dormindo atrás.

Maomao estava pensando que precisava tirar as

sementes de sua pilha de escamas de pinha quando o guarda de meia-idade puxou sua manga. "Com licença", ele disse. Ele tinha Xiaohong em seus braços.

"Qual é o problema?"

O guarda não disse nada, mas olhou para a carroça. Havia alguém lá: um homem de trinta e poucos anos.

"Eu sou um mensageiro. Disseram-me para vir e chamá-lo", disse o recém-chegado. "Sim? Tudo bem." O guarda mais jovem pulou do banco do motorista

e, com um único movimento descuidado, avançou e cortou a garganta do mensageiro.

Maomao pulou; por um segundo, ela não conseguiu entender o que tinha acontecido.

Ao lado dela, o guarda gentil tinha as mãos sobre os olhos e a boca de Xiaohong. “Para a floresta”, disse o acompanhante de Maomao, e então ele saiu correndo, embalando

Xiaohong. O guarda mais jovem pegou o Gyokujun adormecido da carroça e o carregou, enfiando um pano na boca do garoto para que ele não mordesse a língua ou gritasse. Esses homens sabiam o que estavam fazendo.

Entendo. Maomao percebeu por que o guarda atacou o suposto mensageiro. Ela se lembrou do que a senhora biaoshi disse: “Se tudo parecer bem, eu volto para te pegar, então espere aqui até eu

fazer isso.” Mas não foi o biaoshi que veio; foi alguém alegando ser um mensageiro. O que significava que

houve problemas.

Coberto de um suor desagradável, Maomao não teve escolha a não ser seguir o guarda. Eles fugiram pela floresta, parando para se esconder cada vez que ouviam passos de perseguidores atrás deles. Os grupos de perseguição nunca eram grandes, e os dois guardas lidaram com eles.

Mas quanto tempo isso poderia durar?

“Ugh, isso dói.” O guarda mais jovem sofreu um ferimento no braço; alguém entre o bando mais recente de perseguidores levou um corte.

Maomao cobriu o ferimento com algumas ervas coagulantes que tinha disponíveis e o enfaixou. Não parecia haver danos aos nervos, mas isso retardaria as reações do homem.

Mais precisamente, eles não tinham ideia de quantas pessoas mais poderiam estar atrás deles, ou se correr seria o suficiente para tirá-los dali.

Em um jogo de gato e rato, o grupo de Maomao estava em desvantagem. Eles tinham dois guardas, sim, mas também tinham duas crianças que tiveram que ser carregadas durante o voo. Repetidamente, seus perseguidores quase os pegaram.

Gyokujun estava chorando e não parecia

entender o que estava acontecendo, mas Maomao não tirou o pano da boca. A última coisa que ela queria era que ele começasse a uivar e fizesse com que todos fossem capturados. Xiaohong ficou em silêncio, mas todo o seu corpo tremia de medo. Sua respiração ficou difícil e estava claro que ela estava se aproximando do seu limite físico.

Estamos praticamente encurralados. E se Maomao, que era novato em tudo isso, percebeu isso, então os dois guardas devem estar muito bem cientes.

"Tudo bem, escute", o guarda gentil disse a Maomao, seu rosto sombrio. "Há muitos deles. Para ser honesto com você, este trabalho não vale mais o que nos pagavam. Podemos ser capazes de evitá-los um pouco mais, mas enquanto ficarmos nesta floresta, proteger vocês três será impossível."

Maomao não disse nada; ela sabia que o homem estava certo. Mesmo que eles deixassem a floresta, eles abandonaram sua carroça, junto com seus cavalos. Eles mal tinham água ou comida, e voltar para a última cidade que visitaram seria uma tarefa difícil. No entanto, eles também não podiam retornar para a carroça, e certamente não podiam entrar na nova cidade próxima.

Isso não parecia bom.

"Mais uma vez, com toda a honestidade, acho que continuar correndo seria inútil. Eu não me

tornei um biaoshi porque sou um grande lutador. Você me vê — é minha covardia que me manteve vivo!"

Maomao também conseguia entender isso. Aqueles que sabiam como fugir do perigo

eram melhores guardas do que aqueles que avançavam para o meio dele.

"O que estou dizendo é... estamos deixando vocês aqui. Falhamos em nossa missão."

Um pouco honesto demais para o seu próprio bem, esse cara. Maomao dificilmente poderia culpá-lo se ele tivesse fugido e os deixado sem explicar nada. Ela respeitava isso mais do que ele apenas fugindo.

Depois de um momento, ela suspirou. "Tudo bem", ela disse. “Só para ter certeza, acho que não adiantaria nada dizer que pagaremos a mais?”

As palavras cruzaram sua mente: Pago qualquer preço! Que clichê.

Talvez houvesse um tênue raio de esperança, uma possibilidade de que eles pudessem arranjar cavalos para algum lugar e os guardas pudessem tirar Maomao e as crianças dessa...

Mas os homens se entreolharam e balançaram a cabeça. O mais novo gesticulou para seu braço ferido. “A melhor possibilidade é que possamos capturar alguns dos cavalos selvagens que usam o bebedouro próximo. Ele e eu poderíamos

montá-los, mas você conseguiria montar um cavalo selvagem sem sela? Não acho que poderíamos montar dois em um cavalo e ainda ter esperança de escapar do inimigo. Com meu braço assim, acho que terei sorte de poder cavalgar sozinha."

Maomao ficou quieta por um momento. Agora ela realmente desejava ter aprendido a montar um cavalo.

Mas onde há vida, há esperança. Na verdade, esses dois guardas provaram ser notavelmente bondosos.

Eles não nos traíram e nos entregaram aos nossos perseguidores, nem roubaram o resto do nosso dinheiro e nos deixaram.

Eles tentaram sinceramente cumprir seu dever e, quando julgaram que isso não era possível, disseram isso a Maomao.

"Você ainda é jovem e uma mulher. Há todas as chances de eles deixarem você viva, mesmo que a capturem."

Maomao ficou quieta novamente. Viva. Claro.

Não havia como dizer o que fariam com ela. Bandidos não eram exatamente famosos por sua hospitalidade. Mas uma coisa era certa: se capturassem esses guardas, eles os matariam.

"Eu entendo. Mas você poderia levar uma pessoa com você? Uma das crianças?"

"O que você quer dizer?" perguntou o guarda

de meia-idade, já se preparando para
ir.

Maomao pegou um curativo e rasgou um pedaço. "Xiaohong, qual é o nome da sua
mãe?" “Yinxing.”

Certo, era isso. Ao contrário dos outros irmãos, Maomao refletiu, não era um nome relacionado a animais. Em vez disso, significava “estrela prateada”. Ela escreveu uma nota curta na bandagem.

“Tudo bem se eu pegar isso emprestado?” Maomao perguntou a Xiaohong, pegando seu enfeite de cabelo.

“Uh-huh.”

Maomao enrolou a bandagem em volta do enfeite de cabelo e então o deu a Gyokujun, de modo que ele tinha um pano em suas mãos e também em sua boca.

“Mmmrf!”

Gyokujun parecia querer dizer algo, mas Maomao o ignorou. “Você poderia levar só o jovem de volta para a capital ocidental?”

ela perguntou.

“Esse garoto? Sozinho?” “Sim.”

Maomao era, como eles disseram, uma mulher; Xiaohong também era, e adorável para começar. Gyokujun, no entanto, era um jovem, e não inteligente o suficiente para jogar o jogo quando

precisava. Se fossem pegos, a primeira coisa que ele provavelmente faria seria informar aos perseguidores quem era seu pai.

Não há como dizer se o nome de Shikyou funcionaria a nosso favor ou contra nós.

Ela considerou a possibilidade de que os bandidos os mantivessem vivos para pedir resgate, mas, novamente, muitas pessoas pareciam ter rancor contra Shikyou. E os reféns raramente voltavam para casa inteiros.

Maomao determinou que ter Gyokujun com eles aumentaria drasticamente suas chances de serem mortos. Ela gostaria de dar prioridade ao Xiaohong mais jovem, mas a situação a forçou a agir.

"Seria muito difícil levar apenas uma criança?" Maomao tateou nas dobras de suas vestes, procurando por algo, qualquer coisa para pagar com eles. Ela tinha algumas moedas pequenas, mas pouco mais do que troco. Isso deixou...

Argh. Isso é um desperdício. Eu odeio fazer isso.

Agonizada, ela tirou uma pequena bolsa. Dentro havia várias pérolas — imperfeitas, mas pérolas do mesmo jeito. Ela pretendia usá-las para fins medicinais, mas a situação, novamente, ditou seu destino.

"E-Essas são pérolas?" o guarda perguntou. "Sim. Eu lhe asseguro, elas são reais."

Os dois guardas engoliram em seco.

Deus, isso é um desperdício!

Havia pérolas suficientes naquela bolsa (Maomao tinha ouvido) para comprar uma pequena

casa.

Finalmente, ela tirou o maço da boca de Gyokujun.

"O que diabos você pensa que está fazendo?!" ele exigiu.

"Xiaohong e eu vamos ficar nesta floresta", ela disse a ele. "Você vai voltar para a capital ocidental com esses guardas. E você vai dar isso para a mãe de Xiaohong." Ela apontou para o enfeite de cabelo.

"O quê? Eu vou sozinha?"

"É isso! Acabou o tempo!" Maomao enfiou o pano de volta na boca de Gyokujun, então amarrou suas mãos e pés para que ele não pudesse lutar.

O guarda de meia-idade ergueu o Gyokujun se debatendo em suas costas e o prendeu com uma corda amarrada firmemente em volta dos dois, como se Gyokujun estivesse cavalgando nas costas.

"Sinto muito por isso," o guarda disse, e então ele e seu companheiro deixaram Maomao e Xiaohong na floresta. Xiaohong agarrou-se a Maomao e os observou tristemente irem embora.

Ela era inteligente o suficiente para entender que os guardas — e Gyokujun — os tinham deixado lá.

“Desculpe. Talvez eu devesse ter perguntado a você,” Maomao disse. “Este é o melhor jeito?” Xiaohong perguntou.

“Espero que sim.”

Tudo bem, então. A demora não os levaria a lugar nenhum; ação era tudo.

Maomao olhou ao redor. Ela não viu sinal de ninguém, mas seus perseguidores chegariam em breve. Muito bem — ela encontrou uma árvore grande e cavou no chão, fazendo um pequeno buraco. Eles subiram e se cobriram com folhas.

"Estamos nos escondendo?" Xiaohong perguntou. "Por enquanto, sim."

"Mas e se eles nos encontrarem?" "Não há se sobre isso."

Era apenas uma questão de tempo até que fossem avistados. Mas talvez...

Pouco tempo depois, eles ouviram passos passando. Todos que Maomao podia ver estavam armados — alguns carregavam espadas, mas alguns tinham implementos agrícolas.

Há dois resultados possíveis aqui — eles nos matam para nos calar, ou nos tomam como reféns. Maomao não sabia para que lado isso iria. Nem como eles seriam tratados se fossem pegos.

"Desculpe por isso", Maomao sussurrou para

Xiaohong. Então ela enrolou a manga de sua roupa e enfiou na boca de Xiaohong.

Um par de passos se aproximou. Maomao lançou um olhar furtivo pelo canto

do olho.

Não ele.

Ela podia sentir o coração de Xiaohong batendo forte enquanto a segurava. A garota provavelmente podia sentir o coração de Maomao disparando da mesma forma. Embora estivessem no meio do outono e o ar estivesse ficando frio, Maomao se sentia excessivamente quente. Ela quase se preocupou que o vapor subisse dela e os denunciasse.

Ele também não.

Cada vez que um bandido se aproximava, Maomao prendia a respiração, mas um por um ela os deixava passar. Seus perseguidores estavam sendo descuidados. Maomao e Xiaohong estavam acompanhados por um par de guardas até alguns minutos atrás; provavelmente, ninguém suspeitava que as duas garotas pudessem estar escondidas a um passo de distância.

Ainda não. Espere...

Maomao esperou e esperou.

Finalmente, um homem com uma lâmina curva se aproximou. Ele tinha pelos faciais e corporais grossos; o que estava em sua cabeça estava

desgrenhado, e ele tinha uma capa imunda enrolada em seus ombros. Maomao pensou que ele tinha uns cinquenta anos. Algo pendia de seu pescoço.

Este. Ele é o cara.

Maomao não sabia se eles iriam encontrar alguém que fosse uma aposta melhor, então, mesmo que ela não tivesse ideia de quem ele era ou como ele era, ela teria que tentar a sorte.

Assim que o homem estava prestes a passar por eles, Maomao se levantou. "Ei! Você é..." o homem disse.

Maomao manteve a boca bem fechada. O homem pressionou sua lâmina curva contra seu pescoço.

Fique calma. Fique calma...

Ela sentiu como se seu sangue tivesse desacelerado, mas ela abriu a boca. "Ó Senhor, Você nos vê?" ela disse. As palavras que Chue lhe ensinou das escrituras estrangeiras. Maomao teve o cuidado de enunciar claramente, decidida a não tropeçar em sua própria língua.

Então ela olhou diretamente para o homem. Você poderia até chamar isso de clarão. Seu pulso disparou e ela pensou que seus joelhos poderiam começar a tremer, mas ela não podia deixá-lo ver isso. Para vender esse blefe, ela teria que ser o mais imperiosa possível.

Houve uma pausa — mas finalmente o homem

murmurou: "Ah, vamos lá" e deixou a espada cair. Ele parecia desapontado.

Isso significa que minha aposta valeu a pena? Maomao sentiu que poderia desmaiar

na hora, mas ela tinha que continuar a agir.

"Se eles fossem descrentes, poderíamos simplesmente matá-los!" o homem resmungou.

Essa foi por pouco!

Muito, muito perto.

Maomao deu outra olhada no colar pendurado no pescoço do homem.

Era uma coisa simples, apenas um pedaço de madeira pendurado em uma tira de couro. O pedaço de madeira tinha o mesmo desenho que Maomao tinha visto no livro sagrado que ela tinha lido para passar o tempo.

O mesmo livro cujos ensinamentos eram proposto na igreja da cidade vizinha.

# Capítulo 18: O Esconderijo dos Bandidos

A "cidade da fé" estava notavelmente quieta. Havia lojas lotadas ao redor do grande edifício religioso, mas todas estavam fechadas. Em vez disso, homens imundos perambulavam pelas ruas. Eles não pareciam aldeões de forma alguma; eram obviamente bandidos.

O homem de meia-idade, tão cheio de fé que poupou Maomao e Xiaohong, agora os liderava como prisioneiros. Outros bandidos os avaliavam conforme passavam, mas rapidamente desviaram o olhar quando o homem mais velho os encarou.

Estava claro que os bandidos comandavam esta cidade. Estes não eram homens de emprego remunerado ou trabalho produtivo; eles estavam se alimentando desta cidade e, quando não houvesse mais nada para se alimentar, eles iriam para o próximo lugar.

Como gafanhotos, pensou Maomao, forçando a bile que subia em sua garganta.

Ela ficou aliviada ao descobrir que, se nada mais, seu julgamento estava correto: o homem de meia-idade era a pessoa certa para se envolver. Por um lado, ele era um crente da igreja aqui; por outro, seu status era pelo menos

um pouco seguro.
Ela adivinhou sua fé pelo colar. Quanto ao status, sua roupa lhe deu uma pista. Ele usava uma capa suja — dificilmente um item valioso, mas da perspectiva de um bandido, valioso o suficiente. A lâmina de sua arma foi cuidadosamente afiada, e até mesmo sua capa era feita de pele resistente — não algo que cairia em farrapos se ele levasse um golpe modesto de espada.
No mundo turbulento dos bandidos, a destreza física se traduzia diretamente em autoridade. Maomao imaginou que os apetrechos de um homem transmitiriam seu lugar na hierarquia da gangue.
Seus esforços lhe renderam um pescoço ensanguentado, cortesia daquela lâmina finamente afiada.
Não muito ensanguentado, então secou rapidamente, mas deixou Xiaohong angustiado, pois sempre parece que há mais sangue do que realmente há.
Tenho sorte que essa criança seja tão dócil, pensou Maomao.
Mas Xiaohong tinha o hábito de comer o próprio cabelo quando estava ansiosa.
Algumas pessoas comiam objetos estranhos quando estavam estressadas; ela provavelmente tinha uma variedade dessa condição.
"Aqui", disse o homem, levando-os para a

igreja no centro da cidade.

Como eles chamavam essa fé mesmo? Algo-algo-ismo?
Ela perguntou a Chue o nome, mas era difícil de pronunciar e Maomao não se lembrava muito bem.
Um homem de cerca de trinta anos estava reclinado no meio do salão de adoração da igreja. Era um lugar corajoso para se instalar. Ele estava sem um olho por algum tipo de ferimento — e parecia o tipo de cara que perderia um olho em uma briga. Ele estava vestido como um membro de uma das tribos estrangeiras, com uma pele de raposa sobre uma camisa sem mangas.
Os bandidos tinham se mostrado hóspedes terríveis nesta casa de oração. O homem havia colocado várias peles para se deitar, e o salão estava cheio de garrafas vazias e restos de carne. Duas mulheres aterrorizadas esperavam por perto para fazer o que o homem pedia.
"Eu trouxe mais algumas, chefe", disse o homem de meia-idade.
O chefe delas é... surpreendentemente jovem. Maomao esperava alguém mais velho. Observando o físico do homem mais jovem, no entanto, ela percebeu que talvez ele tivesse se elevado ao topo da cadeia alimentar por meio da força bruta.

"Aqueles dois?", perguntou o homem. "Sim, senhor."
Quem ele está chamando de "aqueles dois"?
"Huh. Acho que podemos passar sem o tagalong aí."
Houve um segundo antes que o homem mais velho dissesse: "Você disse que pouparia os companheiros crentes. Poderíamos pelo menos colocá-la para trabalhar na cozinha, não acha?"
Tagalong? Me poupar?
Maomao estava começando a pensar que suas suposições sobre a situação estavam um pouco erradas. Quase parecia que eles não estavam atrás de Maomao.
Mas se não eu, então...
Seu olhar se voltou para Xiaohong.
O chefe se levantou com dificuldade. Ele tinha a constituição de um urso; ele era mais alto que Xiaohong, e lágrimas saltaram dos olhos da jovem enquanto ela se escondia atrás de Maomao.
"Hmmm... Ei!", o líder gritou. "Sim?", uma das mulheres perguntou, estremecendo. "Onde está aquele cartaz de procurado?"
Devagar, hesitante, a mulher lhe entregou um pedaço de pergaminho. O chefe o desenrolou e olhou de Xiaohong para o papel e de volta.
"Parece... meio que ela? Eu acho?"
Eles têm um retrato?

O papel mostrava o rosto de uma criança e incluía uma descrição escrita das

características mais distintas do sujeito.
Maomao reconheceu a pessoa na foto. Poderia ser...?
Parecia muito com a jovem estrangeira mimada que Maomao havia tratado no outro dia.
Tudo bem, justo. Ela deu outra olhada em Xiaohong. A garota realmente tinha cabelos claros. De longe, não seria difícil confundi-la com uma estrangeira.
Seus olhos não eram azuis, mas você não notaria isso a menos que estivesse de perto.
Mas elas dificilmente têm a mesma idade!
Xiaohong tinha sete ou oito anos, na melhor das hipóteses. Ela não poderia passar por dez se tentasse, enquanto a garota com o dente ruim devia ter pelo menos doze ou treze anos.
Mas então, estrangeiros tendem a parecer mais velhos. Talvez ela tivesse realmente uns dez anos.
Não, acho que não.
Estrangeiros não contavam sua idade da mesma forma que as pessoas no país de Maomao y fez, onde todos ficavam um ano mais velhos no primeiro dia do ano. Eles contavam a partir do dia em que alguém realmente nasceu, então uma pessoa fazia "um ano de idade" exatamente um ano após seu nascimento. Por

essa lógica, alguém poderia tomar Xiaohong por dez.
Talvez alguém tenha visto Gyokujun conosco, e algumas informações sobre ele foram misturadas no relatório?
Maomao deu outra olhada na semelhança, que estava acompanhada de uma descrição.
Cabelo dourado claro, olhos azuis, cerca de dez anos...
Novamente, Xiaohong não tinha olhos azuis, então alguém poderia pensar que isso tornaria óbvio que ela era uma pessoa diferente, mas o chefe não tinha notado.
Talvez ele não saiba ler?
O pôster listava outra característica notável: pode estar disfarçado de menina. Agora Maomao entendia por que ela e Xiaohong foram capturados. "Ugh, esquece! É suposto ser um menino, não é? Bem, uma maneira de ter certeza.
Tire a roupa!"
O chefe tentou agarrar a mão de Xiaohong. Maomao se colocou entre eles.

"O que foi?", disse o homem corpulento, irritado.

Maomao engoliu em seco e mal conseguiu não recuar. Sim, ela tinha tomado a decisão certa. Esta teria sido uma situação muito, muito mais volátil com Gyokujun a tiracolo.

"Você não precisa se incomodar", disse ela. "Esta criança é uma menina. Vou ajudá-la a se despir, então, por favor, segure sua mão."

Maomao incitou Xiaohong a avançar novamente. Deveria ter sido bastante óbvio se ela era um menino ou uma menina.

"Isso vai levar apenas um segundo", sussurrou Maomao para Xiaohong, que parecia à beira das lágrimas. Então Maomao começou a enrolar sua saia. Assim que o chefe visse que ela era uma menina, ele poderia terminar com elas.

Foi naquele momento que uma das mulheres que estava atendendo o chefe deu um passo à frente. "M-Mestre Dragão de Um Olho... Por favor, deixe-me verificar a criança."

"Mm", ele resmungou. "Tudo bem. O que eu quero com uma criança pelada, afinal?"

Dragão de Um Olho — então era assim que o chefe aqui se chamava.

"Dragão de Um Olho"?

Que nome grande ele tinha ali, pensou Maomao. O tipo de apelido que um grande guerreiro teria gerações atrás.

A mulher se aproximou deles e apalpou a saia

de Xiaohong — chorando o tempo todo. “Sinto muito, querida”, ela disse. Xiaohong não disse nada.

A mulher estava tentando poupar essa pobre criança do máximo de constrangimento que podia. Quando ela confirmou que não havia nada “extra” entre as pernas de Xiaohong, ela se virou para Dragão de Um Olho com um olhar de alívio. “Ela é uma garota”, relatou a mulher.

“Huh! É ela, agora? Qual idiota me disse que deveríamos dar uma olhada na próxima carroça que passar?”

“Nosso homem de dentro na próxima cidade.”

“Tudo bem. Cem chicotadas, sem comida por três dias.”

“Sim, senhor.” O homem de meia-idade continuou seu trabalho em silêncio.

“Ugh, droga. Aqui pensei que finalmente conseguiria pegar Shikyou pelos cabelos curtos.” Dragão Caolho pisou no chão como uma criança fazendo birra. Ele era tão grande que fez o chão tremer.

Ele acabou de dizer Shikyou?

Maomao ficou na frente de Xiaohong, cobrindo-a. A garota ficou abalada ao ouvir o nome do tio — e a última coisa que Maomao queria era que Dragão Caolho percebesse que estava de posse de um dos parentes de Shikyou.

Não sei o que ele faria com ela...

O que Maomao viu naquele cartaz de procurado deixou claro que a nobre estrangeira — não, a estrangeira punk — com o dente ruim havia causado algum tipo de briga. O garoto parecia terrivelmente protegido — descobri que ele era bem importante.

Minha fuga deve ter sido para poupar Jinshi de algum tipo de problema. Seja como for, aquele garoto e seu dente eram algum tipo de chave política.

"O que devemos fazer com esse par?", o homem de meia-idade perguntou ao Dragão de Um Olho.

"O que você quiser. Eu não me importo."

O Dragão de Um Olho havia perdido todo o interesse neles — ou talvez estivesse fazendo beicinho. Seja como for, ele se enrolou em sua "cama" de pele como um urso ou um tigre se preparando para um cochilo.

"Você", o homem de meia-idade retrucou para a mulher que havia se desculpado com Xiaohong. "Você os leva. Eles são companheiros crentes."

"Sim, senhor." A mulher fez uma reverência. Do Dragão de Um Olho ela tinha medo, mas por esse homem ela parecia ter algo próximo do respeito.

"Por aqui", ela disse a Maomao e Xiaohong, e eles não tiveram escolha a não ser segui-la.

# Capítulo 19: A Vila dos Bandidos (Parte Um)

Maomao e Xiaohong foram levados para um quarto cheio de mulheres e crianças. Os sacos de dormir e travesseiros que cobriam as paredes indicavam que todos dormiam ali juntos. Um homem musculoso estava de guarda do lado de fora.

Então essa é a situação. Os cidadãos desta cidade estavam sob o domínio coletivo dos bandidos, e eles estavam mantendo as mulheres e crianças como o que equivalia a reféns. Aquele pedido de desculpas anterior — "Sinto muito, querida" — tinha sido por envolver Xiaohong? Mas então, os habitantes da cidade eram igualmente vítimas. Maomao ainda não sabia ao certo o que as palavras significavam.

O guia os levou até uma mulher rechonchuda de meia-idade que disse: "Recém-chegados? Hmm." Ela olhou Maomao e Xiaohong de cima a baixo. "Feijões, os dois. Acha que podemos usá-los? O laoshi os trouxe, não foi?"

"Sim. Eles são companheiros crentes", respondeu a outra mulher.

Aquele cara mais velho, ele é o laoshi?

Ele provavelmente era um pastor, ou pelo

menos alguém ligado à igreja. O que significaria que ele não era um dos bandidos, mas um morador desta cidade.

Em outras palavras, as pessoas aqui estão cooperando com os bandidos — ou estão sendo forçadas a isso.

Isso explicaria o pedido de desculpas da mulher. Por outro lado, Maomao realmente deveria ter sabido antes — que tipo de bandidos carregam implementos agrícolas?

A mulher gordinha olhou para Maomao. "Desculpe, garoto, mas preciso que você tire tudo o que está vestindo. São todas mulheres nesta sala, de qualquer maneira. Tire a roupa e depois troque de roupa."

"Sim, senhora", respondeu Maomao. Isso realmente não a incomodou. Ela apenas começou a tirar as roupas. A sala era, como a senhora disse, só de mulheres; e de qualquer forma, ela estava acostumada com isso das revistas corporais de rotina toda vez que entrava no palácio dos fundos.

Havia apenas um pequeno problema. "O que é isso, hein?"

“Isso é um coagulante, senhora.” “E isso?”

“Um antipirético.”

“E o que é isso?” “Trata tosse.”

A mulher de meia-idade estava ficando cada

vez mais impaciente com a montanha de pacotes de remédios de ervas que emergiam das dobras das vestes de Maomao.

"O que é isso?" ela exigiu. "Isso é... um tônico energético," Maomao respondeu.

O item em questão era a garrafa que o biaoshi havia lhe dado.

Não é um tônico energético, Maomao disse a si mesma. Veneno de cobra certamente apimentaria seu álcool.

"Quem é você?" a mulher de meia-idade perguntou.

"Uma curandeira," Maomao respondeu. Era a verdade honesta; não adiantava tentar esconder agora. Sua maquiagem estava entre os itens que haviam caído, então ela teria que julgar até onde poderia levar sua história sobre ser a mãe de Xiaohong.

"Uma curandeira, hein? E esse é seu remédio? Então, mantenha-o por perto. Melhor do que deixar que esse bando o pegue — eles simplesmente jogariam fora. Não tenho ideia do que fazer com ele, tenho certeza."

A mulher parecia fria, mas, no fundo, parecia que ela não era uma pessoa má. Claro, isso pode ser simplesmente porque ela acreditava que Maomao compartilhava sua fé.

Não sou exatamente uma descrente no sentido estrito, mas seria melhor se eles continuassem

pensando que eu acredito como eles.

"Vista outra coisa; nós lavaremos suas roupas para você. Você consegue lavar?"

"Sim, senhora. Além disso, se me perdoar por perguntar, acho que não poderíamos pegar a carga da carroça em que estávamos viajando, poderíamos?"

"Infelizmente, não. Havia algo importante lá?"

"Não, mas minha cópia muito querida das escrituras estava naquela carroça. Eu estava no meio de ensinar a garota."

Xiaohong interpretou isso como uma deixa para se agarrar firmemente a Maomao.

Ela é uma ótima atrizzinha, pensou Maomao. Talvez ela estivesse esperançosa, mas pensou que Xiaohong poderia ajudá-la a fazer isso.

Para o alívio de Maomao, a outra mulher foi sugada. "As escrituras?

Bem, isso não vai dar certo. Vou pedir ajuda à professora."

As roupas que receberam eram ásperas, mas de trama resistente. As roupas de algodão

que estavam usando teriam se destacado muito na cidade. Além disso, algodão era muito bom para uma dona de casa viajando com um biaoshi, mas para um casal de quase prisioneiros, os tecidos toscos pareciam mais adequados.

"Tudo bem, tenho coisas para fazer. Veja aquelas garotas ali sobre como você pode ajudar", disse a mulher de meia-idade.

"Entendido, senhora", disse Maomao, curvando-se educadamente.

"Agora, ouça", acrescentou a mulher. “Se você não fizer sua parte por aqui, eles vão se livrar de você sem pensar duas vezes. Se você quer sobreviver, esqueça sua vida doméstica aconchegante e trabalhe como nunca trabalhou antes. Não trate nada como abaixo de você.”

Maomao e Xiaohong assentiram energicamente. “Diga, quais eram seus nomes, de novo?” a mulher perguntou.

“Oh, uh, nomes?” Maomao disse, em pânico. Era seguro dizer a essa mulher seus nomes verdadeiros? O Dragão de Um Olho obviamente estava atrás de Shikyou, e se ele percebesse que Xiaohong era sua sobrinha — bem, o pensamento assustou Maomao. Mas, da mesma forma, se Jinshi estava no encalço de Maomao, ela não poderia deixá-lo passar por ela porque ele não sabia que ela estava lá.

Hrm...

Após um momento de consideração, ela pensou:

“Eu sou Xiongxiong, e esta é Xiaolan.” Os nomes significavam “urso-urso” e “lobinho” respectivamente, mas eles eram o melhor que ela

podia fazer em tão pouco tempo. Ela lançou um olhar para Xiaohong, cuja testa estava franzida como se ela estivesse olhando para uma lagarta.

"Xiongxiong e Xiaolan? Sério? Esses nomes não são um tanto... másculos?" uma mulher perguntou em um tom amigável. Ela era a outra mulher que estava servindo o Dragão de Um Olho quando Maomao o conheceu antes. Sua pele bronzeada a fazia parecer mais velha do que era, mas ela disse que tinha dezessete anos. Ela já tinha três filhos, o que pelo menos confirmava que não havia nada de incongruente em Maomao e Xiaohong se passarem por mãe e filho.

"Sim, são. As mulheres da minha família recebem nomes fortes para torná-las resistentes a doenças", disse Maomao. Ela achou a mentira tão fácil quanto respirar; ela conseguia até continuar descascando vegetais enquanto dizia isso. (A outra mulher decidiu que seu físico não se prestava ao trabalho físico e a colocou para trabalhar na cozinha.)

Maomao descascou os vegetais e Xiaohong os lavou. Se havia algo a seu favor naquela cidade, era que era perto de uma fonte de água, dando a eles o luxo de usar mais água do que a maioria dos lugares.

No momento, Maomao estava descascando uma batata branca comum. Ela tinha visto o

suficiente daquelas para durar a vida inteira.

“Podemos não ter nossa liberdade, mas tentem permanecer fortes. Pelo menos é melhor do que ser mortas”, disse a outra mulher, que provou ser uma boa conversadora. Enquanto trabalhavam nos vegetais, ela os contou a história da cidade. O lugar costumava ser movimentado, mas assim que o enxame chegou, as pessoas pararam de visitá-lo quase completamente. Os moradores da cidade sem ter para onde ir se juntaram aos bandidos, que assim estenderam seu poder. Pior, aquele “chefe” sem importância apareceu cerca de um mês antes e assumiu o controle da cidade. A capital ocidental enviou alguns soldados para lidar com a situação, mas eles foram massacrados. Não é de se admirar que a capital ocidental não tenha recebido nenhum relatório.

Já faz um mês?

A situação era pior do que eles pensavam.

"Nossos aldeões mais fortes tentaram revidar, mas os bandidos mataram todos eles.

Aquele palhaço que se autodenomina Dragão de Um Olho pode não ser muito inteligente, mas ele tem músculos para compensar. O laoshi foi quem sugeriu que deveríamos ir junto com ele... Ele disse que não havia chance de enfrentarmos o Dragão de Um Olho sozinhos."

O laoshi — esse seria o homem de fé que capturou Maomao e Xiaohong. Sua sugestão foi o

que os trouxe ao momento presente.

Isso não pode continuar por muito tempo.

O "laoshi" deles entendeu isso? Sem nenhuma maneira de escapar dessa situação, talvez ele só estivesse esperando viver um pouco mais.

Maomao ainda estava pensando sobre isso enquanto jogava a batata descascada em um balde. “Onde devemos jogar as cascas?”

“Não jogamos. Nós as fritamos e as usamos como ração para os últimos descrentes”, a outra mulher disse a ela com um olhar de desgosto.

“Não posso dizer que as cascas têm um gosto muito bom. Elas fazem sua língua formigar”, disse Maomao, que as provou várias vezes desde que ouviu que a casca e os brotos de uma batata eram venenosos.

“Sim, bem, é tudo o que aqueles bandidos nos deixam fazer. Tentamos fazer com que tenha um gosto um pouco melhor com isso.” A mulher mostrou a Maomao um pote cheio de uma mistura de especiarias.

“Você mal consegue comprar batatas para elas, mas dá muitas especiarias?”

Ia além de sal e pimenta — a mistura incluía canela, noz-moscada e açafrão, entre outras coisas. Todas essas especiarias também tinham propriedades medicinais, então os olhos de Maomao estavam brilhando.

“Não temos mais nada a ver com elas”,

respondeu a mulher. “Então os

homens atacaram uma caravana e trouxeram isso para nós — ótimo. Não temos como vendê-los, então eles nos disseram para usá-los como quiséssemos.”

“Que desperdício.”

“Ah, mas tem seus benefícios. Um pouco de tempero pode fazer muito para cobrir ingredientes ruins. Por exemplo, digamos que ocasionalmente colocássemos alguns vegetais podres nas refeições dos bandidos...” A mulher estava sorrindo positivamente. “Estou tão feliz que vocês acabaram sendo companheiros crentes, Xiongxiong. Se vocês fossem descrentes, oh, vocês teriam passado por momentos difíceis!”

“Como assim?” Maomao perguntou, tentando parecer o mais calma possível. “Dragão de Um Olho queria reduzir o número de aldeões pela metade. O laoshi

implorou para que ele não fizesse isso, prometeu que nos faria trabalhar para ele. Mas...” Lágrimas brotaram dos olhos da mulher. “Dragão de Um Olho disse: ‘Então vamos reduzi-los à metade da metade!’ E... E ele fez o laoshi escolher.”

Este laoshi convocou os descrentes para serem expurgados.

“E-Haviam crianças pequenas lá! Colegas de

brincadeira do meu próprio pequeno.

Todos que não poderiam ser usados para fazer trabalho físico eram...” Ela começou a soluçar.

Maomao olhou ao redor, com medo de que o homem que os guardava pensasse que eles não estavam trabalhando. “Eu entendo. Sinto muito por trazer à tona memórias tão dolorosas.”

Maomao esfregou as costas da mulher e cerrou os dentes, desejando que houvesse algo que pudesse fazer sobre este terrível Dragão de Um Olho.

Depois de alguns dias, Maomao começou a ficar a configuração do terreno. As mulheres desabafavam suas emoções conversando, o que significava que havia muito para um recém-chegado como Maomao ouvir.

O chefe podia se chamar de Dragão Caolho, mas ele parecia mais um urso, disseram as mulheres. Elas continuaram falando sobre como ele tinha músculos no lugar do cérebro e seus pés fediam — o tipo de coisa, Maomao refletiu, que todas elas poderiam ser mortas por dizer se alguém as ouvisse.

Embora Dragão Caolho pudesse não ser muito inteligente, ele tinha uma intuição afiada e mantinha os bandidos unidos por meio de sua própria força.

"O resto deles são todos peixes pequenos. Se

ele não estivesse aqui..."

Uma mulher estava fazendo arroz e conversando com Maomao, que estava descascando batatas com tudo o que podia. As cascas seriam comidas, então ela tentou pelo menos tirar os olhos.

O quarto em que Maomao e Xiaohong foram jogados era o lar de cerca de

trinta mulheres e crianças. Eles foram divididos por trabalho: a maioria das pessoas nesta sala trabalhava na cozinha, enquanto outros lavavam roupa ou limpavam. A vila já foi o lar de cerca de mil pessoas, mas na esteira do enxame de insetos, cerca de metade delas partiu para outras áreas. A maioria eram comerciantes, enquanto os que ficaram para trás eram em grande parte fazendeiros, aqueles que não tinham para onde ir e verdadeiros crentes defendendo sua igreja.

Não parece que haja tantos bandidos assim.

Talvez cinquenta, mais ou menos. Mas isso era mais do que suficiente para atacar uma vila de não combatentes. Depois que os bandidos lidaram com os soldados enviados da capital ocidental, eram todos clérigos e fazendeiros aqui.

Os fazendeiros geralmente têm boas constituição física; fisicamente são fortes. Mas eles não sabiam lutar. O irmão de Lahan era um excelente exemplo.

Considerando que os novos opressores da vila tinham recorrido a colocar os homens em tarefas semelhantes às de bandidos, os seguidores do Dragão Caolho provavelmente não eram uma força a ser reconhecida. Uma ralé, na verdade.

"Sabe", disse Maomao, sem saber se deveria fazer sua próxima pergunta, mas perguntando mesmo assim, "Dragão Caolho estava falando sobre alguém chamado Shikyou. Quem é esse?"

"Ah, ele? Aparentemente, ele é o homem que arrancou o olho daquele urso anos atrás.

Aquele bruto causou isso a si mesmo ao atacar a caravana que este Shikyou estava protegendo, mas 'o chefe' o culpa do mesmo jeito!"

Filho mais velho idiota! Maomao pensou. Ok, não foi realmente culpa de Shikyou, mas ele ainda era a razão pela qual Maomao estava nessa enrascada. Claro, alguém poderia argumentar que Maomao foi arrastada para isso quando Xiaohong veio buscá-la...

Droga, ela é fofa demais para culpar.

Maomao descobriu que tinha alguma simpatia pela garota. Ela passou tanto tempo perto de pirralhos chorões e desagradáveis que não conseguiu evitar se apaixonar por uma criança que realmente ouvia e fazia o que lhe mandavam. Ela quase conseguia acreditar que poderia realmente gostar de crianças, se todas as crianças do mundo fossem assim.

Acho que a Princesa Lingli também era fofa. Mas isso era trabalho.

De repente, ela se lembrou do Pavilhão de Jade. Ela se perguntou se todos os seus moradores estavam bem.

Sério, se ela soubesse que acabaria assim, então seria melhor ignorar Xiaohong. E pensar que foi Hulan quem a colocou nisso!

Eu sabia que não gostava daquele cara.

Ele provavelmente estava tentando encurralar Shikyou.

Me irrita.

Maomao sacudiu o punho. Ela nem largou a batata primeiro.

Enquanto sua mente girava em círculos, ela terminou de descascar as batatas. Ela colocou as cascas e os vegetais em uma tábua de corte. As batatas seriam cozidas no vapor para o prato principal, enquanto as cascas seriam picadas finamente e fritas.

Maomao pegou uma casca de batata e fez uma careta para ela.

Precisamos de coisas melhores.

Pelo que Maomao ouviu, apesar da conversa sobre expurgar um quarto da população da cidade, eles não tinham sido todos mortos. Aqueles que conseguiam eram colocados para trabalhar. Eles

eram tratados como pouco melhores do que escravos, então a comida que recebiam era realmente ruim. Apenas cascas de batata fritas com uma pitada de tempero. Enquanto isso, os bandidos recebiam carne de ovelha preciosa e manteiga.

A mulher encarregada da cozinha não gostou disso, mas não havia muito que ela pudesse fazer. Ela fez o que pôde fritando as cascas de batata depois da carne para que absorvessem um pouco do sabor.

Maomao concluiu que nunca foi costume desta aldeia discriminar pessoas apenas por acreditarem em uma fé diferente, e a decisão do laoshi havia provocado alguma dissensão e ressentimento.

Maomao ouviu uma pessoa comentar: "É horrível abandonar crianças pequenas só porque elas não acreditam no que acreditamos."

"Eu concordo", disse outra pessoa. "O laoshi não é o homem que eu pensava que ele era. Veja como ele se aconchegou naquele urso grande!"

Ao mesmo tempo, outros tinham uma visão diferente. "Nós mesmos poderíamos ter acabado mortos."

"Ele teve que fazer algum tipo de escolha. Eles o forçaram!"

"Ainda assim", disse a mulher enquanto colocava as batatas na panela, "devemos muito aos descrentes. Até essas batatas foram trazidas a nós

por um homem legal que não compartilhava de nossas crenças. ”

Um homem legal, religião diferente? Maomao pensou. Apenas um rosto flutuou em sua mente. O irmão de Lahan!

Esta deve ter sido uma das aldeias que ele visitou quando estava ensinando métodos de cultivo. Como eles adotaram batatas como alimento básico, era justo dizer que ele teve sucesso.

“Ele só ficou alguns dias, mas ele era um trabalhador esforçado! Se eu fosse dez anos mais nova, ooh, eu teria pedido a ele assim!” disse outra das

tias.

“Sim, bem, dez anos atrás você ainda era casada, não era? Ele teria sido perfeito para minha filha, no entanto. Se ele tivesse ficado mais alguns dias, eu teria dito a ela para entrar furtivamente em seu quarto uma noite!”

“Ah, sim, meu vizinho disse a mesma coisa. Diziam que ele parecia um fazendeiro, mas ele realmente veio de uma família famosa!”

“Oh, pare com suas piadas! Você viu como ele empunhava aquela enxada. Nenhum aristocrata mimado poderia fazer isso. Aquele homem vem de uma linhagem de fazendeiros, não se engane!”

Uh... Ele tecnicamente vem de uma família

militar, pensou Maomao, mas ela ouviu em silêncio.

"Eu sei o que você quer dizer. Oh, como ele lidou com aquela enxada!"

Olhe para você, "Irmão"! As mulheres te amam.

Ela se perguntou o que o Irmão de Lahan pensaria se pudesse ouvir o que ela estava ouvindo. Se ela saísse viva disso, talvez ela o trouxesse de volta aqui para conhecer algumas garotas legais. Ele poderia ser um ótimo genro para alguém aqui.

Finalmente ela se aventurou, "Com licença..." "Sim, Xiongxiong? O que é?"

Maomao não conseguia se acostumar com esse nome, embora ela mesma o tivesse escolhido. Ela desejou ter escolhido outra coisa, mas nada lhe veio à mente, então ela ficou presa com Xiongxiong. Até mesmo o normalmente impassível Xiaohong parecia pensar que era um nome idiota.

"Uma biaoshi mulher passou por aqui pouco antes de chegarmos?

Nós a contratamos como nossa guarda-costas..." Ela estava se perguntando o tempo todo.

"Hmm," uma das mulheres disse enquanto provava a comida. "Não me lembro de nenhuma confusão sobre algo assim. Mas então, eu estava

na cozinha esse tempo todo. Nem sempre sei muito sobre o que acontece lá fora."

"Eu também não tenho certeza," disse outra mulher. "Quando eles encontram um descrente, muitas vezes eles o jogam na cadeia e descobrem o que fazer com ele depois."

"Cadeia?" Maomao perguntou. Ela tinha dificuldade em acreditar que a biaoshi seria pega tão facilmente, mas, novamente, ela não poderia ter previsto essa situação. Talvez ela tivesse corrido, deixando Maomao e os outros para trás.

Maomao gemeu e começou a cortar cascas de batata.

"Eu terminei de lavar isso," disse Xiaohong, chegando com as batatas. "Você é uma trabalhadora tão boa para uma menina tão pequena", disse uma das mulheres,

dando um tapinha na cabeça de Xiaohong com a palma da mão coriácea. Xiaohong sorriu timidamente.

"Estamos tão felizes que vocês dois são do tipo trabalhador. Se não tivessem sido úteis na cozinha, teriam sido deixados para fazer outro tipo de trabalho."

"Isso é pior do que o que acontece aqui?", perguntou Maomao.

"Limpar e lavar roupa é um trabalho físico, e ser mandado para o campo não é nada melhor. Não

há trabalho fácil, mas pelo menos o serviço de cozinha é praticamente despreocupado. Só tem uma coisa com a qual você tem que ter cuidado."

"O-O que pode ser isso?"

A mulher pressionou o rosto de Maomao. "Nós nos revezamos para servir aquele urso grande, dois de cada vez. Quando for sua vez, não tente fazer nada engraçado. Uma garota pegou uma faca e tentou matá-lo quando ele não estava olhando. Mas ela..."

A mulher não terminou a frase, mas sua expressão sombria disse tudo. A garota em questão não conseguiu.

E quanto ao veneno, então? Maomao pensou.

"Ele nunca toca na comida ou bebida sem fazer as garotas experimentarem primeiro.

Para ter certeza de que não estão envenenadas."

Bah.

Maomao pegou a panela, ainda escorregadia com os sucos da carne, e jogou as cascas de batata picadas.

# Capítulo 20: A Vila dos Bandidos (Parte Dois)

"Xiongxiong, venha aqui. Você disse que é uma curandeira, não é?" disse a mulher de meia-idade que supervisionava a equipe da cozinha. Ela parecia preocupada. "Você poderia vir comigo por um momento?"

"Claro, senhora."

Maomao a seguiu até os limites da cidade, onde encontraram um homem deitado na grama seca. Sua respiração era áspera e irregular, e uma perna estava dobrada em uma direção não natural. Metade de seu rosto estava inchado de uma surra e sangue escorria de sua boca. Dentes quebrados, Maomao suspeitou. Ele também estava coberto de cortes. Ela o considerou como se não tivesse nem vinte anos — ainda era um garoto.

Maomao já estava se movendo enquanto perguntava: "O que aconteceu aqui?"

Ela elevou a perna quebrada para que ficasse mais alta que o coração do jovem.

Havia lenha para cozinhar por perto; ela pegou um pedaço e improvisou uma tala para segurar o membro. Pelo menos a fratura foi limpa. Se o osso tivesse sido quebrado, ela teria que cortar a perna para extrair os cacos.

"Ele ganhou a 'atenção especial' do Dragão de Um Olho", disse a mulher. "Isso é muita atenção."

Se havia uma "lição" aqui, parecia que tinha ido longe demais. Pela ansiedade nos olhos da mulher, Maomao imaginou que o garoto espancado era um dos moradores da cidade.

"Quando ele fica cansado de ficar deitado e se empanturrando, ele escolhe alguém para espancar. Ele chama isso de 'treinamento'. Não é o pior que já vimos — às vezes ele mata pessoas." A tia tinha um olhar distante nos olhos.

"Mata pessoas? Isso não parece o que a maioria de nós chamaria de treinamento." "Ouvi dizer que esse jovem realmente acertou um golpe. Não foi muito, pouco mais que um arranhão, mas o urso ficou tão chocado que mordeu o interior da boca —

que foi sua desculpa para espancar esse jovem até virar polpa."

Tentando ver se havia algum dente quebrado, Maomao olhou para a bagunça sangrenta da boca do menino e então inseriu um pano amassado. Ela queria que ele mordesse, já que a pressão poderia ajudar a parar o sangramento, mas ela não tinha certeza se ele estava consciente.

"Você consegue morder?" ela perguntou. O menino não disse nada, mas assentiu fracamente.

Em um esforço para parar o sangramento, ela

acabou usando todo seu precioso suprimento de puhuang.

Ela tirou a camisa do jovem e o examinou; felizmente, nada mais parecia estar quebrado. Qualquer ferimento poderia ter causado danos fatais aos seus órgãos internos.

"Isso é tudo que posso fazer com o que tenho em mãos", ela disse à outra mulher. "O que ele precisa agora é de comida nutritiva e algum descanso."

"Ele não vai conseguir isso", a mulher disse infeliz. "Qualquer um que não possa trabalhar é jogado com os descrentes. O melhor que ele pode esperar é sopa rala e cascas de batata. As pessoas lá frequentemente têm problemas de estômago. Talvez seja porque estão muito desnutridas."

Maomao suspeitou que tinha mais a ver com as cascas e brotos de batata — ela tentou remover os olhos quando estava descascando as batatas, mas mesmo assim, um pouco do veneno poderia permanecer.

Talvez eu devesse dizer algo, ela pensou, mas o único resultado de expressar suas preocupações seria que os descrentes não teriam comida alguma.

"De qualquer forma, obrigada", disse a mulher. "Vou pedir aos homens para levarem esse jovem embora. Você pode voltar."

"Sim, senhora."

"Ah, mas primeiro..." Ela gesticulou para

Maomao se aproximar.

Ela foi, curiosa sobre o que a mulher queria: era a roupa que Maomao e Xiaohong estavam usando quando chegaram. Maomao nunca sonhou que eles a veriam novamente.

"Eu remendei os pontos rasgados. Sugiro que esconda isso em algum lugar — se alguém vir, vai roubar para si, pode ter certeza."

"Muito obrigada." Maomao abaixou a cabeça e estudou as roupas.

Não me lembro de nada que precisasse de remendo.

Talvez suas roupas tenham ficado presas em algo enquanto corriam pela floresta? Sua inspeção revelou vestígios de costura nas mangas, e ela prendeu a respiração. A mulher tinha feito muito mais do que remendar; ela tinha adicionado bordados elaborados no formato de um pássaro. Na parte interna das mangas, onde você nunca encontraria se não estivesse procurando, havia um pardal delicadamente bordado.

Isso poderia significar...

O bordado acabou sendo letras delicadas disfarçadas de um

padrão elaborado. Elas estavam em uma língua estrangeira, e Maomao mal conseguia lê-las.

Jantar...serviço...criar...abertura.

Ela duvidava que essa sequência de palavras

fosse pura coincidência. Ela olhou para a mulher de meia-idade, que já havia se virado.

Pensando bem...

“Se você quer sobreviver, esqueça sua vida doméstica aconchegante.”

Na época em que a mulher disse essas palavras, Maomao não havia realmente lhe contado que ela e Xiaohong eram mãe e filho. No entanto, a mulher sabia.

Então é isso que está acontecendo, pensou Maomao. De alguma forma, ela tinha certeza disso.

O trabalho da equipe da cozinha era feito depois que eles lavavam os pratos do jantar. Isso não exigia tantas mãos, então as pessoas eram designadas para o trabalho em um cronograma rotativo. Maomao e Xiaohong, como “mãe e filha”, normalmente eram dadas en dever de lavar louça juntos. Eles trabalharam silenciosamente à luz da lua.

Maomao não era do tipo que começava conversas, na maioria das vezes, e Xiaohong era o mesmo, então quando estavam juntos, eles não conversavam muito. Hoje à noite, no entanto, Maomao falou. "Eu gostaria de pedir para você fazer uma coisa." Ela sussurrou, embora não houvesse mais ninguém por perto.

"O que foi?" Xiaohong era uma garota

inteligente; ela já parecia saber o que Maomao tinha em mente.

# Capítulo 21: Servindo o Jantar

Maomao estava preparando batatas novamente.
"Qual é o novo prato que você está propondo?", perguntou a mulher de meia-idade.
Os bandidos reclamaram das escassas quantidades de comida, então as mulheres estavam tentando pensar em maneiras de acalmar os resmungos quando Maomao levantou a mão.
"Nós cortamos batatas cozidas no vapor", ela disse. "Com casca e tudo?"
"Com casca e tudo."
Usando a panela enorme, eles fritaram a carne em óleo, depois adicionaram as batatas cortadas em quatro e temperaram tudo com vinho e pasta de soja. Muitos temperos também. E embora não tivessem muito para gastar, eles até adicionaram um pouco de mel para fazer a coisa toda brilhar.
Uau!
O cheiro por si só foi o suficiente para dar água na boca. O sabor seria perfeito para atrair os clientes a beberem mais vinho.
"Certamente parece que vai ser popular", disse

uma mulher segurando uma batata. "Mm... Só lamento que tenha que ir para aquele bando de idiotas", disse outro. “Não diga isso, tia! Se eles te pegassem, eles te espancariam até a morte!” “Você acha que eu não sei disso? Suspiro! Por que, oh, por que temos que dar constantemente
a eles nossa melhor comida?”
Maomao adoraria experimentar o prato ela mesma, mas a carne era monitorada de perto aqui: quase ninguém, exceto o Dragão de Um Olho e seus homens, conseguia alguma coisa. O resto deles poderia pegar os restos da sopa se tivessem sorte, ou talvez o que sobrasse na proverbial mesa dos bandidos.
“Tudo bem, vou fazer mais disso”, disse Maomao.
“Sim, obrigada. Teremos que cozinhar mais batatas no vapor”, disse uma das tias.
“Ah, eu cuido disso”, respondeu Maomao. Foi quando Xiaohong apareceu com uma cesta cheia de batatas médias. “Podemos usar muitas batatas menores para torná-las mais fáceis de cozinhar no vapor. Depois que estiverem cozidas no vapor, não será tão

difícil cortá-las.”
Maomao colocou as batatas em uma panela a vapor. Elas tinham que continuar quebrando ou não chegariam a tempo para o jantar.

"Escute", disse uma das mulheres enquanto Maomao fritava mais um pouco de carne. "Sei que vocês duas vão servir o Dragão de Um Olho hoje à noite. Vocês vão ficar bem?" Ela olhou para Maomao e Xiaohong. O dever de servir era igualmente para todos na equipe da cozinha, independentemente da idade. "Aquele urso geralmente se contenta com viúvas e descrentes, mas de vez em quando ele dá em cima das pobres moças que servem seu jantar. Você... Seu marido ainda está vivo, não está?" Ela estava preocupada com o que poderia acontecer com Maomao se o fora da lei a levasse. Presumivelmente, havia uma chance de que, de uma perspectiva religiosa, tal incidente fosse considerado adultério.

"Vou me cuidar", disse Maomao, concentrando-se em sua fritura. Ela não achava que poderia haver tantos malucos no mundo que iriam atrás de alguém como ela, mas não faria mal ter cuidado.

Eles levaram o jantar dos bandidos para a igreja. Todos tomavam café da manhã quando tinham vontade, mas o jantar era feito na igreja, em grupo, e servia como uma chance para todos se apresentarem.

Maomao estimou que devia haver cerca de cinquenta bandidos na cidade, mas parecia que poderia ser perto de trinta. Um número surpreendentemente pequeno.

Ela e Xiaohong sentaram-se ao lado do Dragão de Um Olho. O jantar desta noite foi a criação de batata e carne de Maomao, junto com manteiga, pão e um ensopado de cordeiro e vegetais, que incluía leite de cabra para dar corpo. Quanto ao álcool, era um leite de cavalo fermentado e exalava um cheiro muito único. Dragão de Um Olho também ganhou algo extra: um hambúrguer feito de carne de cavalo com vinagre, moída e trabalhada com pimenta e ervas aromáticas.
"Tudo bem, comam!", disse Dragão de Um Olho, e sua gangue começou a fazer exatamente isso. O prato de carne e batata recebeu ótimas críticas e foi rapidamente consumido, embora algumas pessoas que não gostaram tenham pegado uma das outras ofertas.
Ah, não seja exigente, coma logo essa porcaria! Maomao pensou, mas seus pensamentos nunca alcançariam esses saqueadores egoístas e egoístas.
"Você também come." O Dragão de Um Olho empilhou batatas, pão, manteiga, carne de cavalo crua e bastante ensopado nos pratos de Maomao e Xiaohong, despejando-os como se estivesse alimentando gado.

"Com prazer, senhor." Maomao pegou uma batata com as mãos nuas; ela nem sabia usar

hashis. A carne estava bagunçada, mas deliciosa. Deveria ser — Maomao foi quem a preparou, e ela se certificou de misturar grandes quantidades de temperos.
O Dragão de Um Olho a observou comer atentamente. Ele podia parecer que estava dando comida generosamente a ela, mas na verdade queria ver se estava envenenada. Quando Maomao terminou a comida e ainda parecia saudável e saudável, ele deu um tapinha no pote de álcool.
Maomao serviu um pouco da bebida de leite de cavalo e estava prestes a beber quando o líder dos bandidos rosnou: "Você não. Dê a ela." Ele estendeu a xícara em direção a Xiaohong.
A garota se encolheu, mas Maomao olhou para ela e assentiu. Xiaohong assentiu de volta. "Obrigada, senhor", ela disse. Então ela pegou a xícara e esvaziou o conteúdo. "Ahh!" Ela arrotou. O sabor deve ter sido mais agradável do que se poderia esperar. O vinho de leite de cavalo era fermentado, sim, mas o teor alcoólico não era muito alto; Maomao tinha ouvido falar disso na província de I-sei, véspera bebês beberam, e parecia que era verdade.
"Vou experimentar também. Só por uma questão de formalidade", disse Maomao, e então ela se serviu de uma xícara e bebeu. Realmente é leve no álcool.

Francamente, ela poderia ter feito algo um pouco mais seco.
O Dragão de Um Olho deve ter finalmente se convencido de que tudo estava seguro, porque ele começou a comer e beber. Maomao manteve o álcool fluindo, certificando-se de que sua xícara nunca estivesse vazia. A refeição parecia menos um jantar e mais um banquete bêbado, e prosseguiu lentamente. Os homens se comportaram com abandono, derramando suas bebidas, jogando pão uns nos outros, e assim por diante.
Aqui estamos tentando salvar cada pedaço de comida. Maomao olhou para a carne e as batatas espalhadas pelo chão e pensou no desperdício que era, mas ela não iria se rebaixar a comer do chão. Essas "sobras" iriam para fazer a refeição para os moradores locais.
No meio da folia, alguém se levantou de seu assento. “Tenho que cagar.” Então ele saiu da igreja.
Maomao pegou a garrafa vazia de álcool. “Vou levar outra”, ela disse.
Ela chamou Xiaohong e estava prestes a sair quando o Dragão de Um Olho a parou. “Segure aí. Não são precisos dois de vocês para pegar uma garrafa, não é?”
Maomao fez uma pausa. “Claro que não, senhor.”

Ela deu a garrafa para Xiaohong e se ocupou colocando mais comida no prato vazio do Dragão de Um Olho. A maioria dos pratos sem carne não tinha
sido tocada. Ela observou que o Dragão de Um Olho sempre mastigava o lado direito da boca, enquanto o lado esquerdo parecia ter uma úlcera.
Talvez a garrafa fosse pesada demais para Xiaohong, porque ela tropeçou e caiu.
Houve um estrondo quando a garrafa se quebrou.
“Sinto muito! Vou limpar isso agora mesmo!” ela disse.

O Dragão Caolho não estava fazendo nada além de beber desde que terminou sua carne de cavalo. Enquanto isso, os homens começaram a sair de seus assentos um por um.
"Preciso usar o banheiro." "Uh, eu também!"
O Dragão Caolho levantou uma sobrancelha.
Quase lá. Um pouco mais...
Outro homem se levantou e cobriu a boca. Sua palidez não parecia muito boa. Ele tropeçou alguns passos, apoiando-se na parede para se apoiar e finalmente caiu de joelhos.
"Hrrrghhh!"
Ele vomitou por todo lugar. Os bandidos próximos se afastaram dele, mas nenhum deles parecia muito melhor do que ele. Finalmente,

eles olharam para a comida que estavam consumindo tão avidamente momentos antes. Se tivesse acontecido com apenas um deles, poderia ter sido um caso de um bêbado azarado, mas a doença levou outro, e depois outro.

Maomao descobriu que era o alvo de um olhar muito intenso. "Você colocou alguma coisa nisso!" Dragão Caolho disse.

"Pode ser intoxicação alimentar. Não tínhamos muitos ingredientes frescos para trabalhar", disse Maomao, tentando fazer parecer que acreditava que isso era um ato de Deus. Infelizmente, isso não funcionou com Dragão Caolho. Ela quase conseguia ver vapor saindo de suas orelhas. Ela não perdeu tempo se escondendo atrás do altar.

"Sua vadia!" Dragão Caolho uivou e se levantou — apenas para cair de volta. Suas mãos tremiam. "Você colocou alguma coisa na minha comida!"

"Nós dois verificamos se havia veneno na comida."

Claro que colocamos alguma coisa nela. Agora, por que Maomao estava se sentindo bem enquanto os bandidos estavam doentes como uma matilha de cães?

Simplificando, era uma questão de quantidade consumida. Maomao não tinha comido o suficiente daquilo que estava provando para

ficar doente.

Os brotos e cascas das batatas eram tóxicos, com potencial para causar vômito e diarreia. Ela teve tempo de sobra na capital ocidental, então conduziu alguns experimentos, testando para ver o quanto era preciso para ter dor de estômago. Para a exasperação dos que estavam ao seu redor, é claro.

Toxinas de batata causavam formigamento. Normalmente, os bandidos teriam notado, mas se fosse verdade que o suprimento de comida era limitado e ocasionalmente incluía ingredientes podres, eles teriam se acostumado a tais sensações. Só para ter certeza, Maomao estava incluindo brotos de batata em suas refeições nos últimos dias.

Os brotos eram a parte mais tóxica da batata, mas cascas verdes também eram bastante potentes. Verde indicava que a batata ainda não estava madura, e deixá-la no sol só deixava as cascas mais verdes.

Essa foi a primeira coisa que Maomao pediu para Xiaohong fazer: coletar batatas pequenas e colocá-las onde recebessem bastante sol.

Ela, é claro, havia previsto que alguns dos bandidos comeriam as batatas e outros não. As pessoas com duas papilas gustativas para esfregar tinham preferido outros pratos, mas Maomao tinha colocado algo especial neles

também. Ou seja, noz-moscada moída. Eles tinham tanto daquilo que ela poderia ter começado um pequeno negócio com isso, então o suprimento não era um problema.
A noz-moscada podia ser usada por suas propriedades medicinais, mas, da mesma forma, muito dela era tóxico. Poderia induzir náuseas, cólicas e palpitações, bem como confusão severa.
E Maomao tinha incluído bastante disso no hambúrguer de carne que ela tinha feito especialmente para o Dragão de Um Olho.
"Seu pequeno imundo—!" Dragão de Um Olho tremeu e vered, mas ainda mostrou os dentes. Ele agarrou sua arma favorita, um machado. Maomao continuou se movendo em um esforço para evitar ser engolida pelo medo. O Dragão de Um Olho tentou e falhou em segui-la; ele deu alguns golpes com seu machado, mas continuou derrubando-o.
Quando Xiaohong tropeçou, Maomao esfregou óleo no cabo do machado sob o pretexto de limpá-lo. Se o Dragão de Um Olho tivesse sido esperto, ele teria um pano ou algo enrolado no cabo, mas era apenas madeira simples e muito escorregadio.
"O-O que está acontecendo? Eu nem... comi... tanto..."
Ah, mas você bebeu bastante.
Nas refeições dos últimos dias, Maomao

aprendeu que o Dragão de Um Olho era um comedor exigente com gosto por carne e bebida. Ela sabia que era improvável que ele tocasse nas batatas, e que ele era grande o suficiente para que a noz-moscada não fosse

afetá-lo por si só.
Então Maomao também havia mexido no álcool.
"A-A bebida. Tem que ser. Mas espere... a criança... Ela bebeu também, sem problemas..."
Maomao e Xiaohong estavam ambos com saúde perfeita.
Estou feliz que tenha tido o efeito pretendido.
No álcool, Maomao colocou o veneno de cobra que a senhora biaoshi lhe dera. Como foi que ela e Xiaohong escaparam ilesos dos efeitos?
Ele escolheu o momento perfeito para ter uma boca machucada.
Maomao se lembrou do que a mulher disse, que o Dragão de Um Olho mordeu o interior de sua boca e descontou no infeliz aldeão.
O veneno de cobra era um tônico de resistência. Se você o tomasse por via oral, ele seria dissolvido em seus sucos gástricos.
Maomao havia previsto a possibilidade de Xiaohong ser instruída a experimentar a bebida, e foi por isso que ela serviu o álcool de leite de cavalo em vez de algo mais forte. Ela examinou cuidadosamente o interior da boca de

Xiaohong antes de colocar esse plano em ação, certificando-se de que ela não tinha feridas ou dentes ruins. Essa foi a segunda coisa que ela pediu à garota.
Se o interior da boca de alguém estivesse ferido, era uma história diferente. O ferimento fornecia um ponto de entrada para a toxina, que não seria neutralizada, mas poderia viajar por todo o corpo. Enquanto isso, o sabor único do álcool de leite de cavalo escondia o gosto do veneno.
"Você vai pagar por isso..." Oscilando, o Dragão de Um Olho levantou a mão. "Peguem ela! Peguem a... a mulher!" ele ordenou. Ele mal conseguia pronunciar as palavras, mas ainda tinha coragem de dizer a seus homens o que fazer.
Aqueles bandidos que ainda tinham os meios se aproximaram de Maomao. Nem todos comeram sua comida envenenada, é claro, enquanto variações no tipo de corpo significavam que mesmo aqueles que comeram foram afetados de forma diferente.
Maomao, no entanto, havia planejado uma situação pior do que essa.
Eu só quero uma chance de lutar.
Ela tinha que ganhar tempo, de alguma forma. Correr, de alguma forma. Então isso poderia dar certo.
Maomao disparou entre os pilares, derrubando

um jarro de óleo enquanto caminhava. Os bandidos, já mal conseguindo se manter de pé, escorregaram e caíram. Parecia algo saído de uma rotina de comédia, mas para Maomao, era uma questão de vida ou morte.
Enquanto corria, ela conseguiu dar um grande toque ao sino da igreja. Isso deve deixar claro que era uma emergência.

Faça isso! Faça isso agora!
Mais e mais homens do Dragão de Um Olho se juntaram à perseguição, e Maomao se viu encurralada.
Eles vão me pegar! Em desespero, ela pegou um prato próximo e jogou em seus perseguidores.
Foi nesse exato momento que a porta da igreja se abriu com um estrondo.
"Q-Quem diabos é esse?", perguntou o Dragão Caolho, virando-se cambaleante em direção à porta. Ele sabia quem estava lá?
Demorou um pouco! Maomao pensou para o homem que estava ali com seus companheiros.
"Há quanto tempo, homem-urso", disse o recém-chegado.
"Eu sei... eu conheço essa voz!" O Dragão Caolho se encostou em um pilar. Quem ele viu com seu único olho restante?
"Parece que você tem aproveitado muito aqui. Se eu soubesse que você iria cair tanto, eu teria

arrancado seus dois olhos."
O homem que fez esse pronunciamento perturbador tinha um rosto que parecia nobre, mas selvagem.
"Shikyou, seu filho da puta!"
Era Shikyou, acompanhado por um grupo de biaoshi — e Maomao podia ver sua acompanhante entre eles.
"Tudo bem, vamos limpar, certo?!" Shikyou gritou. Os biaoshi levantaram as mãos em um grito de concordância.
Sério, eles poderiam ter deixado para mais tarde?!
Maomao deu um grande suspiro e caiu no chão.

# Capítulo 22: Como as Coisas Acabaram

A limpeza dos bandidos foi quase comicamente rápida. Os que usavam o banheiro se viram amarrados, enquanto os da igreja resistiram simbolicamente, mas foram subjugados e presos quase sem derramamento de sangue. Ainda assim, com tantos bandidos sofrendo de vômito e diarreia, o lugar era infernal de uma forma totalmente nova, e vamos nos abster de descrevê-lo com muitos detalhes. Maomao não queria ser a pessoa que tinha que limpar.

Ela, no entanto, se viu cara a cara com Shikyou e franziu a testa intensamente. A senhora biaoshi estava de um lado dela, enquanto Xiaohong, muito feliz por se reunir com seu tio, estava do outro. Eles tinham pegado emprestado uma das salas de reunião; guardas foram postados do lado de fora para

desencorajar qualquer espionagem.
"Acho que já é hora de você explicar o que está acontecendo", disse Maomao, sem mostrar nenhum sinal de intimidação, apesar de estar diante de um homem que pesava pelo menos o dobro do que ela.
A senhora biaoshi saiu da sala com Xiaohong, talvez um sinal de consideração.
“Acredite em mim, eu adoraria, mas talvez devêssemos começar nos reintroduzindo. O quanto você sabe sobre mim? Não se esconda; me conte tudo.”
Maomao decidiu acreditar em suas palavras.
“Você é neto do Mestre Gyokuen e filho mais velho do Mestre Gyoku-ou. Sobrinho da Imperatriz Gyokuyou. Em uma palavra, sua linhagem é perfeitamente respeitável, mas seu comportamento é tudo menos isso. Você é uma ovelha negra que não é muito favorecida na atual disputa de sucessão. Você já vendeu garrafas falsas de vinho muito exclusivo, e algumas pessoas afirmam que você tem laços

com grupos de bandidos. Enquanto estou nisso, acho que você deveria fazer um trabalho melhor criando seu próprio filho. Se você vai deixá-lo crescer assim, talvez devesse ter outro filho."
"Bem, eu disse para não se esconder." Shikyou não pareceu ofendido pelas palavras de Maomao. "Graças a você, Gyokujun retornou em segurança, embora ele estivesse bastante traumatizado por ter sido perseguido aqui e ali por bandidos."
Ele continuou: "Tudo bem, minha vez. Você é a filha do Grande Comandante Kan. Publicamente, você está aqui como uma dama da corte servindo como assistente do

consultório médico, mas na realidade você é a favorita do Príncipe da Lua, certo?" "Porque eu nasci de uma cortesã de quem o Grande Comandante Kan era próximo, ele me confundiu com sua filha, isso é tudo. Quanto ao Príncipe da Lua, eu posso

dizer apenas que ele me valoriza pela minha habilidade de verificar se há veneno em alimentos.” Você tinha que ter certeza de cortar esses mal-entendidos pela raiz. “Mm, muito bem. Vamos fingir que é verdade.”

Maomao não tinha certeza se gostava do jeito que Shikyou disse isso, mas ela escolheu ignorar. Caso contrário, eles nunca chegariam a lugar nenhum.

“Agora, como as coisas acabaram assim? Por onde eu deveria começar?” Shikyou resmungou e tamborilou os dedos na mesa. "Sei que tenho uma reputação de algum tipo de líder de gangue, mas... bem, talvez você entenderia se eu dissesse que montei uma agência biaoshi? Ou mais propriamente, comprei uma pequena agência e assumi a liderança dela."

"E as conexões com bandidos?"

"Como eu poderia ter bons termos com piratas? Aquele urso está atrás de mim desde que arranquei seu olho. Depois que montei uma loja como biaoshi, ele começou a se tornar um

incômodo em meu território. Às vezes, ele até alegava estar com minha agência! Então, tive que trabalhar sob esses rumores ridículos de que estávamos de alguma forma ligados um ao outro."

Maomao estava receosa de levar a história de Shikyou completamente ao pé da letra, mas mais ou menos condizia com o que Chue havia lhe contado.

Na verdade, são as informações de Chue que são suspeitas.

Se Maomao aceitasse exatamente o que Chue disse, havia uma contradição. Aliás, Chue falou sobre Shikyou como se ele fosse algum tipo de pária preguiçoso, mas então ela ajudou Maomao a escapar com esse mesmo homem.

Conhecendo a "Senhorita Chue", eu não duvidaria que ela tivesse usado alguma verdade habilmente massageada para me guiar. Ela estava tentando me impedir de me envolver com o "malandro", Shikyou?

Se sim, Maomao teria que ouvir a história de

Shikyou e comparar os fatos conforme os ouviu.
Ela decidiu ir direto ao ponto. "Por que alguém estava atrás da sua vida? E por que isso significava que eu tinha que deixar a capital ocidental?"
"Essa é uma história muito longa." "Eu esperava isso."
Maomao não se importava com o tamanho da história; ela só queria que ele se apressasse e contasse.
"Começou assim: não muito depois que o Príncipe da Lua chegou aqui, me pediram

para acompanhar uma caravana até a capital ocidental. Outro biaoshi o veria na primeira etapa de sua jornada, mas assim que eles deixassem o território daquele agente, eu ficaria no comando."
"Você aceitou o trabalho sabendo que a caravana era originária de um país estrangeiro?"

“Bem, eu tinha um bom palpite. E suspeito que eles me chamaram porque sabiam quem eu era. Tenho certeza de que presumiram que, mesmo que Gyoku-ou descobrisse o que eles estavam fazendo, seu filho seria capaz de amenizar as coisas. Os biaoshi estavam bem cientes de sua xenofobia, entende?”

“E você, seu filho? Você compartilhou isso?”

A imperatriz Gyokuyou foi atormentada em sua juventude pelos filhos de Gyoku-ou. O que torna esse homem tão xenófobo quanto seu pai?

Shikyou levou um momento para responder. “Sim... eu costumava. Seguindo as dicas do meu pai, eu odiava ‘forasteiros’ tanto quanto ele. Percebi, no entanto, que em um país que compartilhava tantas fronteiras com outras terras, excluir estrangeiros não beneficiaria ninguém.”

Hmmm. Maomao tomou um gole do álcool de leite de égua que eles tinham no lugar do chá. Era do suprimento não envenenado, é claro.

“No entanto, como se viu, esses visitantes não eram pessoas que deveriam ter sido deixadas em Li levianamente.”
“Eles incluíam um VIP estrangeiro?”
“Sim, embora eu não soubesse disso no início. Minhas suspeitas só tomaram forma gradualmente.”
“Como assim?”
Shikyou levantou o dedo indicador. “O fato de eles terem me perguntado sobre a presença do Príncipe da Lua na área, para começar. Depois, houve os perseguidores que apareceram logo depois que esses visitantes apareceram. Eles pareciam terrivelmente persistentes —demais para estarem atrás de um comerciante comum. Eles eram um bom problema. Além disso, o fato de haver cartazes de procurados circulando — no começo, pensei que meus novos amigos pudessem ser criminosos, mas não pareceu ser bem o caso. Finalmente, eles alegaram ser de Shaoh, mas tinham sotaques do norte.

Visitantes de Shaoh, com quem Li tem relações diplomáticas, seriam uma coisa
—mas se fossem de Hokuaren, ah, isso poderia ser um problema.”
“Hokuaren,” Maomao ecoou. Quando Shikyou mencionou os cartazes de procurados, ela se lembrou do jornal que o homem-urso havia consultado.
“Achei que eles pudessem estar conspirando para assassinar o Príncipe da Lua, mas não foi assim que eles se comportaram. Eles tinham algum outro objetivo.”

“Como o quê?”
Eles claramente saíram de seu caminho para chegar enquanto Jinshi estava lá. Por quê?
“Uma tentativa desesperada de asilo político, talvez. Talvez eles pensassem que com
o Príncipe da Lua por perto, seus perseguidores de sua própria nação teriam dificuldade para cruzar a fronteira. Continuo me perguntando se seus métodos eram engenhosos ou insanos, e

sempre dou uma resposta diferente."
Posso ver como isso seria um grande problema, pensou Maomao. Enquanto isso, o homem diante dela estava mantendo a cabeça baixa e correndo...
"O enxame nos segurou de forma terrível", disse Shikyou. "Isso gerou muito sentimento antiestrangeiro, mas felizmente conseguimos encontrar um refúgio seguro na cidade postal, graças ao meu tio Dahai. Admito, porém, que comecei a suar quando nosso querido convidado adoeceu e de repente precisou de um médico."
Maomao fez uma pausa. Um VIP... na cidade postal... quem precisava de um médico?
Isso soou muito, muito alto.
"Este VIP. Ele era uma criança, por acaso?"
"Isso mesmo."
Maomao colocou a cabeça entre as mãos. Eu sabia.
"Eu não poderia ficar na cidade portuária para sempre, mas a morte do meu pai complicou as

coisas.”

“O que mudou com a morte do Mestre Gyoku-ou?”

“Se você tivesse a escolha entre alguém que daria ouvidos simpáticos à situação de um estrangeiro e alguém que não daria, com quem você preferiria falar? Esses estrangeiros... Acho que talvez seja hora de eu dar um nome a eles. Esta criança era um membro muito importante do reino do povo Ri. Eles enviaram alguém para buscá-lo, pois as coisas estavam em grande parte mais calmas em suas terras.”

O reino do povo Ri...

Maomao tinha uma vaga sensação de que o país era parte de Hokuaren, mas ela não sabia de nada além disso.

“Eles queriam que eu falasse com o Príncipe da Lua em nome deles. O que eu estava prestes a fazer quando...” Shikyou deu um tapinha em seu lado, bem onde o dardo envenenado o atingiu. “Eles me pegaram assim que entrei na propriedade. Eu reflexivamente acabei com os

guardas perto do portão. Infelizmente, isso foi um erro.
Como eu não sabia onde o assassino estava escondido, fui até a passagem para poder me esconder por um momento e puxar o dardo."
"Foi quando Gyokujun e Xiaohong apareceram. Xiaohong foi em busca de um médico e me encontrou, e então eu tratei você", disse Maomao. Os pontos

estavam começando a se conectar. "Então você sabe quem contou às crianças sobre a passagem?"
Shikyou ficou em silêncio. Ele não queria reconhecer que tinha sido seu próprio irmão mais novo, Hulan.
"Tudo bem. Próxima pergunta. Realmente havia um ponto em me fazer fugir com você?"
"Bem, de repente eu era um criminoso, um sequestrador de um dignitário estrangeiro. Uma vez
que você me tratasse, as pessoas pensariam que

você estava envolvido, quer você gostasse ou não. Uma regra básica nas relações diplomáticas é: nunca deixe o outro cara ver algo que possa ser desvantajoso para seu próprio país.” Embora fosse uma ovelha negra, Shikyou havia aprendido as lições de um filho mais velho bem o suficiente para entender isso.
“Já que fui atacado com uma zarabatana de algum lugar dentro da propriedade, parecia mais do que provável que houvesse alguém lá dentro.
Foi o que Chue disse. Então, sim. Tenho certeza de que você está certo. Hulan estava por trás disso.” “Você acha, senhor?”
Então foi decisão de Chue tirar Maomao de lá. Maomao, que já havia feito contato com esse dignitário estrangeiro — ela pode não ter sabido na época, mas ninguém acreditaria nela se ela dissesse isso. Mais de tudo, no momento em que Chue percebesse que eles tinham sido traídos internamente, ela saberia que o traidor poderia eventualmente pegar Maomao.

“Se eu pudesse me encontrar com o dignitário estrangeiro e entregá-lo com segurança ao reino Ri, poderíamos deixar você ir. Mas é claro, primeiro tínhamos que ter certeza de que não o entregaríamos a um inimigo político. Enquanto isso, precisávamos manter você e minha sobrinha fora de vista — e nos livrar de nossos perseguidores. Sem mencionar que eu estava desesperado para avisar o Príncipe da Lua. Esse era provavelmente o maior problema de todos.”

Em outras palavras, o que ele quer dizer é que tem sido um homem ocupado.

“Naturalmente, nem tudo poderia dar certo. Nosso VIP farejou o perigo e abandonou a cidade postal. Em vez disso, ele foi para outro ponto de encontro, um lugar que havíamos combinado com antecedência, caso algo acontecesse. É por isso que tivemos que deixar você esperando por um tempo.”

“E uma das pessoas na trilha desse seu dignitário era o Dragão Caolho”, disse

Maomao.
“Esse nome é um desperdício para ele. Chame-o de homem-urso; isso é o suficiente para o gosto dele. Você sabe sobre o rancor dele contra mim. Tenho certeza de que ele ficou emocionado em assumir esse trabalho. Eu uso essa cidade o tempo todo quando estou me preparando para um trabalho. Ele provavelmente pensou que poderia me emboscar aqui.” Shikyou fez uma pausa. “Foi uma coisa terrível que eu fiz.”

Ele estava compreensivelmente chateado, sabendo que os bandidos tinham escolhido tomar conta desta cidade por causa dele. Um número considerável de pessoas morreu por causa do homem-urso.
“Mas você está aqui agora. Isso significa que você conseguiu entregar o VIP com segurança, não é?” Maomao perguntou.
“Sim. Reforços do Príncipe da Lua chegaram alguns dias atrás e ajudaram a embrulhar tudo

bem e bem. Eu queria vir atrás de você mais cedo, mas estava com medo do que o homem-urso poderia fazer se pensasse que eu estava farejando. Nunca quis usar você e Xiaohong como isca. Eu sei, eu sei. Isso soa como uma desculpa, e eu sinto muito. Mas nunca me passou pela cabeça que eles pudessem confundir Xiaohong com meu dignitário estrangeiro."

"Eu sei disso. Normalmente, acho que eles não fariam isso."

O Dragão de Um Olho — ahem, o homem-urso — só confundiu Xiaohong com o príncipe estrangeiro porque ele não sabia ler. O retrato no pôster não era colorido; os pontos mais sutis da identificação do visitante eram dados apenas em uma lista escrita. A cor do cabelo, talvez tenha sido um erro compreensível, mas errar a cor dos olhos? Só alguém que não leu a lista poderia ter feito isso.

Não é que ele não leu, mas não conseguiu.

E se a maioria dos bandidos era analfabeta, isso

significava que certas coisas poderiam passar despercebidas. Maomao olhou para a manga de seu manto. Ela havia trocado a roupa de lã para o manto que havia sido lavado. A manga era enfeitada com bordados de um pardal, um trabalho delicado que ia muito além de "remendar os rasgos". A roupa não tinha rasgos.

Uma costura tão delicada nunca poderia ter sido alcançada com alguns minutos de trabalho, então Maomao pensou que talvez o pardal estivesse lá o tempo todo, e a mulher tivesse adicionado a sequência de palavras.

Era quase como se quem tivesse feito a costura soubesse que Maomao não tinha interesse em roupas, e soubesse que ela perceberia "remendar os rasgos", como se fosse uma palavra-código. Era o tipo de coisa que alguém teria que conhecer Maomao muito bem para orquestrar. As palavras na manga eram tais que só ela entenderia, e ela faria exatamente o que eles ordenassem.

Já devia haver um colaborador nesta cidade. A mulher de meia-idade, Maomao, tinha certeza disso. Não é de se espantar que ela já soubesse que Maomao e Xiaohong supostamente seriam mãe e filho. Ela sempre pareceu suspeitamente falante para uma moradora caseira de um burgo de lugar nenhum.
"Você tinha algum modo de comunicação pré-arranjado?", ela perguntou.

"Eu simplesmente entrei furtivamente e contei a ela. Bem, com isso quero dizer que tínhamos um ponto de entrega combinado onde deixei comunicações escritas."
"Você tinha alguém que pudesse fazer isso?"
"Claro. Alguém que é muito bom nisso."
Maomao pensou por um segundo. "Seria sua lady biaoshi?" "Pode deixar."
"Não me diga. Ela é-"
Antes que Maomao pudesse fazer a pergunta, a porta se abriu.
Lá estava a lady biaoshi. Trinta e poucos anos,

galante, mas estranhamente acessível.
Maomao semicerrou os olhos e olhou a mulher da cabeça aos pés. Ela era alta e sua voz era profunda e clara. No entanto, algo incomodava Maomao. Irritou-a o suficiente para que ela se sentisse motivada a perguntar:
“Senhorita Chue?”
Parecia quase impossível, e ainda assim...
“Hee hee! Ops! Me descobriu?” A senhora biaoshi fez uma pose absolutamente boba. A imagem autoritária e controlada que ela mantinha até aquele momento se estilhaçou como vidro.
“Por favor, poupe-me de seus comportamentos estranhos quando você está vestida assim. Meu cérebro não consegue acompanhar”, disse Maomao.
Na verdade, ela estava se perguntando como alguém poderia se transformar em uma pessoa tão diferente. A altura de Chue era diferente em cerca de nove centímetros; a própria estrutura de seu corpo parecia pertencer a outra pessoa.

Seus movimentos, geralmente coroados com seus passos inconfundíveis, eram cada centímetro os de uma soldado amaldiçoado. Acima de tudo, Chue tinha sido noventa por cento cômica, deixando Maomao se perguntando quem era a biaoshi de aparência durona.

"Este é meu melhor disfarce, no qual tenho mais confiança do que em qualquer outro, e você ainda viu através dele, Srta. Maomao. Hrm. Minha pobre autoconfiança! Ela tem levado uma surra ultimamente!"

"Se isso faz você se sentir melhor, eu nunca teria percebido se não fosse por este bordado." Maomao mostrou a Chue o desenho de um pardal — um chue — bem ali em sua manga. Parecia quase uma provocação. Esta pequena dica sobre a verdadeira identidade da senhora biaoshi tinha sido como uma mensagem de Chue dizendo que ela logo viria resgatar Maomao e Xiaohong. Maomao suspeitava que Chue tinha vários colaboradores na cidade e

que eles trocavam informações por palavras-código.
“Por acaso, o homem que eles chamavam de laoshi também é um conhecido seu?” ela perguntou.

“Muito inteligente!” Chue disse.
Maomao soltou um suspiro. Não é de se espantar que Chue estivesse tão empenhada em lhe ensinar a linha das escrituras. Se ao menos ela também tivesse dito por que estava ensinando a ela! Bem, era tarde demais para reclamar agora.
“Acho que você também tem algumas coisas para explicar, Srta. Chue.” “Justo! Por onde devemos começar?”
Com isso, Chue soltou o cabelo, e o brilho penetrante em seus olhos mudou para algo mais parecido com o olhar agradável ao qual Maomao estava acostumada. Chue esfregou os dedos sobre a pele, e pequenos flocos brancos saíram — ela não tinha usado apenas

maquiagem para mudar o tom da pele; ela tinha usado uma cola especial para mudar o formato do rosto.

“Talvez você possa me dizer como você e o Mestre Shikyou são parentes”, disse Maomao, olhando de um para o outro. Chue deu um largo sorriso. Maomao continuou, "Senhorita Chue, você sempre falou do Mestre Shikyou como se ele fosse um inútil, ou pelo menos alguém de quem eu deveria manter distância."

"Isso mesmo. Eu estava falando a verdade o tempo todo, sabia!" Chue disse, o sotaque voltando à sua voz. "Você se lembra daqueles bandidos que nos atacaram, Srta. Maomao? Eles realmente trabalharam para Shikyou uma vez."

Foi quando eles foram para a vila agrícola com o irmão de Lahan. Basen deixou aqueles infratores em particular em um estado lamentável.

"No sentido de que eles estavam na agência biaoshi quando eu a comprei", disse Shikyou.

"Mas eles sempre foram rufiões. Eu expulsei todos em quem não podia confiar para proteger nossos protegidos, e aqueles que realmente não gostavam disso se tornaram bandidos em nosso território, ou se juntaram ao homem-urso."
Acho que uma agência biaoshi não pode ter pessoas não confiáveis por perto, pode?
Maomao se perguntou onde isso deixava os homens que explicaram o que estava acontecendo e a abandonaram na floresta. Sim, eles tinham rompido com o trabalho, mas aos olhos dela eles tinham sido honrados sobre isso.
"Isso de alguma forma também explica o incidente com o vinho?" Maomao perguntou.
"Oh! Er... ahem, não. Isso era algo que eu queria para meu consumo particular, mas eu não tinha nada para colocar — até que eu encontrei as garrafas vazias perfeitas.
Mas então alguém as confundiu com uma remessa e as enviou." Shikyou se remexeu inquieto. Pelo menos ele estava dizendo a

verdade, mas ele ainda tinha feito um mal à sua tia.
"Você vê como ele é! E você se pergunta por que eu pensei que você deveria manter distância, Srta. Maomao", disse Chue. Ela finalmente tirou toda a sua maquiagem biaoshi

— era realmente ela que estava ali.
"Huh! Então essa é a história." Maomao tinha a sensação de que eles ainda estavam escondendo algo, mas decidiu pegar o que pudesse por enquanto. "Ainda não sei como vocês dois estão conectados. Senhorita Chue, talvez você possa me dizer o que tem feito?"
"Certamente. Não me importo em dizer, minha vida tem sido muito difícil desde que a escoltei para longe da casa principal. Descobrindo o traidor que atacou Shikyou, explicando as coisas para o Príncipe da Lua e mantendo nosso querido charlatão fora da trilha! Mas o pior de tudo era aquele estrategista. Você sabe como eu trabalhei duro? O quão duro eu

trabalhei? Claro, então eu me encontrei com você, e o Príncipe da Lua e nosso charlatão e o mestre estrategista se tornaram problema de outra pessoa."

Ela não entrou em detalhes sobre como os manteve todos afastados, mas obviamente não foi fácil.

"Eu consegui tudo, exceto a parte do traidor, antes de me encontrar com você, e depois disso tive que mantê-la em movimento. A capital ocidental ainda era perigosa, sem mencionar que tínhamos que proteger o Príncipe da Lua de qualquer suspeita de envolvimento com o sequestro do VIP de Ri."

"Sim, eu vejo isso."

Isso também explicava por que Chue se disfarçou tão completamente que nem Maomao sabia quem ela era.

"Então eu estava ocupado entregando o VIP para o pessoal de Ri. Isso foi na próxima cidade na estrada, enquanto vocês dois esperavam aqui nesta. Eu planejei levar todos

nós de volta para a capital ocidental assim que qualquer suspeita de sequestro fosse esclarecida."

"Mas você não contava com o 'homem-urso' aqui."

"Certo! Esse foi meu maior erro de cálculo! Eu tive um mau pressentimento, mas não tinha ideia de que ele tinha se entrincheirado tão profundamente. Falando nisso, quem poderia esperar que ele confundisse o pobre Xiaohon para a dignitária estrangeira e persegui-la?!" Em um jogo de tabuleiro, havia um jogador cujos movimentos você nunca poderia prever: um amador total. E o homem-urso não era um estrategista. Sem dúvida, eles realmente não conseguiram adivinhar o que ele faria.

"Depois disso, não tive escolha a não ser repensar meus planos. Eu certamente não poderia continuar protegendo você! Em vez disso, quando tive certeza de que eles não te matariam, saí desta cidade."

"Quer dizer que quando Xiaohong e eu fizemos

contato com ‘laoshi’, você foi embora?” “Isso mesmo.”

Maomao queria cuspir algumas palavras escolhidas para ela, mas de alguma forma ela as conteve. Chue tinha seus próprios problemas para se preocupar.
“Eu só tinha explorado a situação e feito contato com alguns dos meus coconspiradores, então os piratas não sabiam sobre mim. Mas eles encontraram a carroça antes que eu voltasse, e quando tive certeza de que escapar não era uma opção, tive que tomar uma nova atitude!”
“Então você me deixou para buscar abrigo como um ‘companheiro de fé’?”
“Isso mesmo. O laoshi nunca foi de colocar a mão em um crente, e ele fará tudo e qualquer coisa para protegê-los.”
Tudo e qualquer coisa, hein?
Isso o levou a deixar os descrentes à própria sorte, mas por mais que Maomao detestasse

isso, isso salvou sua vida. Ela dificilmente estava em posição de criticar.

“Shikyou e seus amigos ainda não tinham chegado na cidade. Eu não podia me dar ao luxo de um confronto com o Homem-Urso, e não podia deixá-los saber que o dignitário Ri estava por perto. Então evitei esta cidade e fui para a próxima para avisá-los, então priorizei entregar com segurança nosso VIP. E se eu tivesse voltado sozinho? Eu não teria sido capaz de dominar tantas pessoas. Também havia razões perfeitamente boas para eu não poder pedir ajuda ao Príncipe da Lua. Embora, eventualmente, ele tenha encontrado a toupeira sozinho e começado a trabalhar com Shikyou, o que tornou tudo mais fácil! Assim que o dignitário estava de volta em segurança com seu povo, juntei-me a Shikyou e alguns agentes de sua agência biaoshi e vim para cá.”

“Foi por isso que você enviou a mensagem por meio de seu colaborador? A dica de que você estaria aqui em breve?”

“Sim, é isso mesmo. Realmente não importava se você notou e entendeu ou não, mas eu sabia que você entenderia, Srta. Maomao! E devo dizer que minha vida foi muito mais fácil do que poderia ter sido graças a você envenenando todos os bandidos. Na verdade, estou terrivelmente curiosa sobre como você conseguiu fazer isso. Quer compartilhar seus segredos?”

Maomao não ficou feliz em ter Chue elogiando-a. Envenenar pessoas não era realmente algo que um boticário deveria fazer.

“Ajudou que a maioria dos saqueadores não tem paladares muito exigentes.”

Comer as batatas contaminadas causaria formigamento. Apesar dos temperos que ela usou para cobrir a sensação, ela esperava que algumas pessoas notassem. Alguns dos bandidos tiveram sintomas mais leves do que outros, e ela suspeitou que eram aqueles que notaram o gosto das batatas e se abstiveram de comer muitas delas.

"Além das cascas e brotos de batata, tomei a liberdade de usar o veneno de cobra e um pouco de noz-moscada. Misturei um pouco de álcool extra na bebida de leite de égua, para deixá-los bêbados um pouco mais facilmente, e como ingrediente secreto, misturei alguns desses cogumelos que deixam você viciosamente bêbado."

Nem Chue nem Shikyou disseram nada. "O que há com essa aparência?"

"Senhorita Maomao, você realmente fez de tudo na sua tentativa de envenenamento."

"Bem, era minha vida em jogo."

Se fosse matar ou morrer, até Maomao escolheria o primeiro.

"Estou impressionado que você conseguiu colocar tantos venenos em um só lugar", comentou Shikyou.

"Há veneno em todo lugar, senhor. É só uma questão de saber como usá-lo."

Eles estavam saindo do assunto. Ela decidiu

trazê-los de volta ao assunto principal. "Você me responderia duas perguntas?"
"Se pudermos, claro!"
"Você disse que entregou o dignitário. Que forma isso tomou, exatamente?"
Chue sorriu para isso. "Não preocupe sua linda cabeça. O dignitário não é ninguém com quem você precisa se preocupar, Srta. Maomao."
Isso soou um pouco evasivo, mas pelo menos o "dignitário" parecia estar seguro. Ele pode ter sido um garoto egoísta com um dente podre, mas teria deixado um gosto ruim na boca de Maomao se ele tivesse encontrado um fim desagradável.
"Qual é sua segunda pergunta?" Chue perguntou.
Depois de um momento, Maomao disse: "É sobre quem atacou o Mestre Shikyou." "Oh, Srta. Maomao, acho que você já sabe."
Chue idiota, sendo tão perceptiva. Era do jeito de Maomao não falar de nada, mesmo quando ela já sabia.

Além disso, ela tinha perguntas. Por que Xiaohong veio buscá-la? Como ela sabia sobre a passagem secreta? Ela perguntou calmamente a Xiaohong como ela sabia que Shikyou estava lá. E a resposta? "Meu tio me contou."
Hulan. O humilde terceiro filho de Gyoku-ou. O único filho substancialmente mais novo entre os quatro irmãos.
Finalmente, Maomao viu que eles não chegariam a lugar nenhum se ela não dissesse.
"O que o Mestre Hulan queria com isso?"
"Boa pergunta! E a resposta é surpreendentemente simples. Foi uma disputa de sucessão direta", disse Chue. Ela fez soar quase banal, mas Shikyou ok em conflito. Chue continuou, "Ainda assim, a Srta. Chue tinha outros

motivos para vir aqui." Ela se virou para Shikyou. "Por que você está deixando esses bandidos vivos?" Ela falou lentamente como sempre fazia, mas suas palavras eram

incomumente fortes.
"Eu não sou uma autoridade civil", Shikyou retrucou. "Não é minha função enforcá-los ou cortar suas cabeças."
"Vocêuu vai se arrepender! Estamos aqui hoje porque você deixou um deles escapar com apenas um olho arrancado. Vamos arrancar essas cabeças dos ombros deles, o que você acha? Podemos fazer parecer... bem, qualquer coisa que quisermos, agora mesmo." Ela fez um movimento cortante com a mão. Um toque de palhaçada em um pronunciamento cruel.
"Eu quebrei os braços deles para que eles não possam tentar nada. Vamos entregá-los às autoridades; isso é o suficiente."
"Se você diz..." Chue inclinou a cabeça e se virou. “Não há muito que eu possa fazer se você insistir. Apenas certifique-se de estar pronto para as consequências. Não há nada mais assustador do que uma fera ferida.”
“Acredite em mim, eu sei.”
“Você acredita? Um toque suave como você

nunca se tornará um sucessor.” “Acredite em mim... eu sei,” Shikyou disse.
Chue não respondeu, mas se levantou e saiu da sala.

# Capítulo 23: O Caminho para Casa

*"A resposta é surpreendentemente simples. Foi uma disputa de sucessão direta."*

*Algo incomodou Maomao. Não podia ser tão simples quanto Chue disse. Não que isso fosse motivo para Maomao meter o nariz nas coisas. Certo, agora.*

*A maioria dos problemas que Maomao sabia havia sido resolvida, abrindo caminho para que retornassem à capital ocidental. Não havia como negar, porém, que o passeio de carroça foi terrivelmente chato. Xiaohong, que estava com ela, estava dormindo, e Chue estava no banco do motorista, deixando Maomao sem muito o que fazer, exceto olhar a paisagem que passava.*

*Talvez eu devesse aproveitar esta oportunidade para colocar meus pensamentos em ordem.*

*Ela não sabia se seria de alguma ajuda para alguém, mas ela revisou mentalmente os quatro irmãos da capital ocidental.*

*Havia o filho mais velho de Gyoku-ou, Shikyou. Ele recebeu uma educação de elite, mas não queria fazer muito com isso, e agora ele dirigia uma agência de biaoshi. Na opinião de Maomao, Shikyou poderia ter resolvido sozinho a disputa pela sucessão sem muito alarido se ao menos tivesse tido a intenção de fazê-lo. Ele não era uma pessoa tão terrível quanto os rumores diziam, mas ele poderia suportar ter um pouco mais de controle.*

*Então havia a filha mais velha — qual era o nome dela mesmo? Yinxing, certo. Ela era a mãe de Xiaohong. Ela parecia uma mulher forte, mas a vida na província de I-sei parecia estar sufocando-a. Maomao havia dado aos seus guarda-costas falecidos uma carta sobre Xiaohong; ela se perguntou se havia chegado a Yinxing.*

*Ela se sentiu mal por enviar os homens em uma*

*tarefa ocupada — quase tão mal quanto se sentiu por desistir das pérolas que havia usado para pagá-los. Talvez ela pudesse fazer Shikyou compensá-la. Como a única mulher entre os irmãos, Yinxing não estava nada feliz com a divisão da herança.*

*Feilong era o segundo filho. Um homem diligente e sério, era quase como se ele tivesse tomado seu irmão mais velho como um exemplo do que não fazer com sua vida. Maomao o encontrou algumas vezes, mas eles nunca conversaram de verdade. Se nada mais, ela não ouviu nenhum boato desagradável sobre ele.*

*Finalmente, havia o terceiro e mais novo filho, Hulan. Ele sempre pareceu um pouco desconfiado, mas eventos recentes colocaram sua duplicidade em nítido relevo.*

*Agora que Maomao pensou sobre isso, ela viu que praticamente todos os problemas que ela teve desde a morte de Gyoku-ou foram trazidos*

*a ela por este homem. Ele sempre agiu como se estivesse lá apenas para apoiar Feilong — o que pode ajudar a explicar por que ele iria atrás da vida de Shikyou.*

*A Srta. Chue chamou isso de uma simples disputa de sucessão.*

*É verdade, se não fosse nada mais do que uma briga entre o primeiro e o segundo filhos sobre quem seguiria os passos do pai, muitas das peças se encaixariam. Como apoiador do segundo filho, o mais novo tentou acabar com o mais velho. Tudo muito bem. E ainda assim... Sinto que há algo mais acontecendo aqui.*

*Chue nem sempre contava toda a verdade. Imaginando e preocupada, Maomao escreveu um nome no chão da carroça.*

*Nenhum desses quatro irmãos tem "Gyoku" em seus nomes.*

*Até onde ela podia perceber, o clã "novo Você" tinha algumas regras únicas sobre nomenclatura em sua casa. Os homens tinham nomes de animais, as mulheres*

*—de cores, talvez. Era um sistema simples e fazia um certo tipo de sentido amplo.*
*Ainda poderia se encaixar, se o filho mais velho tivesse escolhido jogar fora o nome Gyoku. Caso contrário, você não esperaria que ele tivesse um nome como Shikyou.*
*Shikyou era outro nome para a coruja, um símbolo comum de malfeitores.*
*Alguém poderia quase pensar que o filho mais velho estava tentando assumir o papel de vilão para si mesmo. Seu pai, Gyoku-ou, se via como um herói — e seu filho, quase em reação, tomou o caminho oposto. No entanto, apesar de sua encenação de vilania, na opinião de Maomao, Shikyou não conseguiu escapar de sua própria decência básica. Ele era mais heróico do que Gyoku-ou jamais fora.*
*Ele não esperou deliberadamente até que eu fosse encurralado antes de invadir Bear-Man, esperou?*
*Foi quase como o clímax de uma peça.*
*Então havia o nome do segundo filho, Feilong.*

*Era bastante comum; significava "dragão voador". Representava o desejo de que o filho voasse como um dragão ou, em termos mais prosaicos, que ele se tornasse famoso no mundo.*

*Mas e o terceiro filho?*

*Hulan, "tigre e lobo". Como Shikyou, não tinha um significado muito favorável. Parecia simbolizar ganância e crueldade.*

*Talvez esses animais não representem as mesmas coisas na província de I-sei como*

*eles representam de onde eu venho? Maomao se perguntou. Mas, não — lobos não poderiam ser considerados uma coisa muito boa em uma terra de pastores que tinham que cuidar de ovelhas e cabras.*

*Maomao colocou a cabeça para fora da janela e olhou para Chue, que estava cantarolando uma música enquanto dirigia.*

*"Senhorita Chue, Senhorita Chue!"*

*"Senhorita Maomao, Senhorita Maomao, o que*

*foi?" Chue perguntou. Ela nem olhou na direção de Maomao, e o vento tornou um pouco difícil ouvi-la.*

*"Existe algum tipo de tradição na província de I-sei de dar ao filho mais novo um nome desfavorável?"*

*"Hmmm, boa pergunta. Um costume de dar um nome ruim para que a criança não morra cedo demais? Não, acho que não!" ela falou lentamente.*

*Apesar de como agia, Chue era uma espécie de especialista. Maomao tinha ouvido rumores dessa tradição. Algumas pessoas temiam que o Céu se afeiçoasse a uma criança que fosse muito doce e deliberadamente escolhiam nomes "impuros" para desencorajar uma morte precoce. Alguns, dizia-se, até batizavam seus filhos com nomes de excrementos.*

*"Por que você pergunta?", disse Chue.*

*"Eu estava pensando em Hulan. Parece o nome de um vilão de teatro." "Ah, ele? Dizem que a esposa escolheu o nome porque ela*

*achava que ele era*
*menos adequado para ser o chefe do clã.”*
*A esposa?*
*Deve ser a avó de Xiaohong, a mulher que Maomao conheceu uma vez quando foi verificar a garota.*
*“Ela escolheu um nome bem incomum, não foi?”, disse Maomao.*

*“Ela passou todos esses anos em um país estrangeiro”, respondeu Chue. “Talvez isso tenha mexido com a ideia dela do que é normal.”*
*“Sim, você mencionou isso.”*
*Foi por isso que Hulan sozinho era muito mais novo que seus irmãos?*
*“Não acho que seja a única coisa sobre ela que ficou um pouco fora de sintonia enquanto ela estava lá. Dizem que depois que o Mestre Hulan nasceu, ela se tornou uma casca de mulher!” Ainda com o mesmo sotaque amigável.*

*“É mesmo?”*
*Maomao teve um pensamento um tanto escandaloso. E se Hulan não for filho de Gyoku-ou?*
*Se ele tivesse sido concebido naquela terra estrangeira, isso poderia explicar por que sua mãe lhe deu um nome “ruim”. Por um momento, Maomao debateu consigo mesma*

*se deveria expressar a pergunta — então decidiu que se ela fosse fazer isso, esse seria o momento.*
*“É possível, hipoteticamente, que o Mestre Hulan não seja o filho verdadeiro do Mestre Gyoku-ou?”*
*“Pffft!” Chue começou a rir, mais alto do que Maomao já tinha ouvido, embora ela não soubesse o que era tão engraçado. Chue estava sempre sorrindo, mas esta foi a primeira vez que Maomao a viu segurar os lados e gargalhar — o que ela de alguma forma conseguiu fazer enquanto ainda segurava as*

*rédeas. Isso foi uma condução e tanto.*
*"Ha ha ha! Desculpe, desculpe. Isso... Isso é uma coisa que eu posso te dizer que definitivamente*
*não é o caso."*
*"Como você pode ter tanta certeza?"*
*"Ele nasceu um ano inteiro depois que a esposa do Mestre Gyoku-ou voltou, então sabemos que ela não estava carregando a criança de algum estrangeiro. Ah, claro, se você acha que alguém entrou furtivamente na casa, pode ser uma questão diferente."*
*A ideia de Maomao deve ter realmente divertido Chue, porque ela estava sorrindo novamente ao pensar nisso. Talvez eles tivessem ideias diferentes sobre o que era engraçado. Maomao não via realmente a legitimidade de uma criança como ouro da comédia.*
*Huh. Risque uma hipótese.*
*Ela fechou a janela. Ainda havia um bom e longo trecho de pulos na carroça à sua frente.*

*Talvez ela devesse tentar dormir um pouco.*

*Levaria vários dias para voltar à capital ocidental. O grupo de viagem era muito maior do que o que estava na ida, então, em vez de ficar nas cidades, eles acamparam à noite. A maioria do grupo parecia acostumada com isso. Eles podiam montar tendas simples num piscar de olhos — talvez alguns fossem ex-nômades. Enquanto Shikyou supervisionava os procedimentos, Maomao, Xiaohong e até Chue não tinham nada para fazer além de assistir, como se fossem meros convidados.*
*"Tio, você é incrível!" Xiaohong disse, com os olhos brilhando, enquanto observava Shikyou comandar seu povo. Sentada ali bebendo uma xícara de leite de cabra aquecido, ela parecia a criança que era.*
*Acho que Xiaohong pode ter tido a pior experiência de todos nós nessa viagem, pensou Maomao. Ela quase começou a se perguntar qual era o problema, a maneira como*

*Xiaohong tinha escutado tão obedientemente durante todas as suas aventuras. Xiaohong tinha feito tudo o que Maomao tinha pedido a ela, até coisas que muitos adultos não poderiam ter feito. Maomao estava começando a pensar seriamente (embora um tanto travessamente) em levar a garota para a capital real para treiná-la como uma curandeira — uma*

*possibilidade interessante de fato.*
*"Senhorita Maomao, Senhorita Maomao, você não está tramando algo, está?" Chue perguntou. Maomao, por sua vez, tentou se fazer de boba. Aparentemente, ela não teria permissão para levar Xiaohong para casa como um cachorrinho. Em vez disso, ela disse: "Tenho que admirar suas habilidades. Nunca imaginei que a comida do acampamento fosse tão boa."*
*Havia pão perfeitamente dourado, coberto de queijo torrado no fogo. O sabor salgado do*

*queijo pegajoso era o complemento perfeito para o pão. A sopa não tinha muito, mas o caldo de osso ajudou a estimular o apetite.*
*"A Srta. Chue só queria poder oferecer porções maiores. Nenhum de nós tem comido bem ultimamente!"*
*Enquanto estava disfarçada de biaoshi, Chue comeu como uma pessoa comum. Se ela tivesse consumido suas quantidades habituais, Maomao poderia ter descoberto quem ela era antes. Na verdade, Maomao estava começando a pensar que a panóplia de comportamentos peculiares de Chue era, em parte, precisamente para que ela não fosse notada quando estava disfarçada.*
*"É difícil conseguir o suficiente para comer quando você está passando por dificuldades", disse Maomao. "E arrastando todos esses bandidos! Nós realmente temos que alimentá-los?*
*Talvez suas porções devessem ir para a Srta. Chue!"*

*"Mesmo* os criminosos ficam com fome, Srta. Chue — e não podemos deixá-los morrendo de fome antes de colocá-los na frente de um magistrado, podemos?"

"Ah, eles vão enforcá-los. Acho que seria mais fácil tirá-los do caminho." Mais uma vez, o tom alegre de Chue desmentiu a crueldade de suas palavras.

Eles provavelmente serão enforcados, não é? Os bandidos subjugaram uma cidade inteira, matando e escravizando os cidadãos. Sem mencionar que eles conspiraram para sequestrar um dignitário estrangeiro. Seria difícil escapar de tudo isso. Como tal, os soldados foram entregues às autoridades da cidade vizinha, onde seriam tratados com execuções rápidas. Bear-Man e alguns dos outros líderes, no entanto, estavam sendo levados de volta para a capital ocidental. Seus crimes eram grandes demais para serem resolvidos por autoridades locais.

"O que acontecerá com os moradores da cidade

que foram forçados a ajudar os bandidos?”, perguntou Maomao.
“Mmm. Acho que eles não são exatamente inocentes, são? Você poderia argumentar por circunstâncias atenuantes, até certo ponto, mas ainda assim...”
Acho que o “laoshi” deles vai ter um momento particularmente difícil.

Foi graças a ele que tantos moradores da cidade sobreviveram — mas para conseguir isso, ele escolheu salvar seus companheiros crentes e condenar os descrentes. Isso sem mencionar como ele se aconchegou aos bandidos para se manter vivo.
“O que acontecerá com o homem que eles chamavam de laoshi?” Maomao perguntou.
“Ele dificilmente é inocente, e mesmo que ele aceitasse sua punição e voltasse,
não haveria um lugar para ele lá. Não consigo vê-los devolvendo-o à sua posição depois que ele deixou todos aqueles descrentes para

morrer!” Chue disse.
“Entendo...”
Maomao se sentiu absolutamente desamparado. Ele fez o que tinha que fazer, é verdade, mas o coração humano não era tão facilmente apaziguado.
“Não é nada para você ficar chateada, Srta. Maomao. O laoshi fez tudo o que pôde para proteger seus companheiros crentes, e ele não vai se arrepender disso, não importa o que aconteça com ele.”
Chue soou estranhamente como se conhecesse o homem. Todos os sinais pareciam sugerir que ela já tinha estado na Província de I-sei antes.
“O ponto principal é que acho que podemos culpar Shikyou e seu jeito suave de fazer as coisas por tudo o que aconteceu. Ele deveria ter arrancado os dois olhos quando teve a chance, não ter parado em um. E dessa vez? Ele deveria ter cortado a cabeça do Homem-Urso na hora em vez de entregá-lo às autoridades.”
“Meu tio é muito legal”, disse Xiaohong, dando

a Chue um olhar um pouco desagradável. Maomao imaginou que ela pensou que Chue estava insultando Shikyou. “Eu acho que ele é definitivamente o melhor para ser o chefe do clã também!”

“Você é um grande fã do seu tio, hein?” Maomao perguntou, tomando um pouco de leite de cabra.

"Você não está errado. Seu tio é um cara legal e tem autoridade sobre os outros, então talvez ele seja um bom líder de clã", disse Chue. "Mas ele não foi feito para ser sucessor."

"Isso não é uma contradição em termos?" Maomao perguntou.

"Não. Não, não é." Chue lambeu as últimas migalhas dos dedos, claramente desejando ter mais pão, e tomou um gole de leite de cabra.

No dia seguinte, a carroça pegou uma estrada que não era a que eles tinham percorrido ao sair.

"Não é o caminho errado?" Maomao perguntou

a Chue, que não estava no banco do motorista hoje, mas sob a cobertura da carroça com Maomao. Xiaohong estava dividindo

um cavalo com seu tio. Ela deve ter se divertido; certamente oferecia vistas melhores do que a parte de trás da carroça.
"Não errado, apenas diferente. Estamos seguindo as montanhas hoje."
Maomao teria imaginado que atravessar as planícies direto seria mais rápido, mas por algum motivo eles estavam pegando uma rota tortuosa. "Por que a mudança?"
"Porque se continuarmos em frente, encontraremos um tio mais ou menos da idade de Shikyou. Eu não te contei sobre eles antes? E como eles se dão?"
Um tio mais ou menos da idade de Shikyou? Esse tinha que ser o sexto ou sétimo filho de Gyokuen. Maomao percebeu que tinha ouvido falar dele. "Você quer dizer aquele com quem ele lutou em um duelo usando espadas de

verdade?"
"É esse! O motivo de Shikyou ter aparecido mais tarde do que nós é porque ele pegou o caminho mais longo para não esbarrar nele. Já que, de certa forma, você poderia dizer que os dois são mais próximos do que qualquer um."
Ela parecia completamente séria.
Esse cara nunca para de causar problemas?
Maomao olhou ao redor. A paisagem que eles estavam atravessando não era mais planícies gramadas, mas uma espécie de deserto rochoso. Havia penhascos de cada lado. “E é por isso que estamos indo por esse caminho?”, ela perguntou.
“Na verdade, é a rota mais curta, em termos de distância. Tínhamos apenas uma carroça quando estávamos saindo, então a evitamos, mas todas as grandes caravanas usam essa estrada.”
Uma estrada que você não poderia usar se seu grupo de viagem fosse muito pequeno? Isso significava uma coisa: bandidos. Certamente

ninguém seria estúpido o suficiente para atacá-los com o número de guardas que eles tinham neste momento.

Ou pelo menos, você pensaria. Mas Maomao não conseguia se livrar de sua ansiedade.

"Acho que teria preferido a rota normal", ela disse. O terreno montanhoso não era nada divertido, já que ela tinha que suportar o constante quicando e balançando a carroça.

"Não havia algum outro desvio que poderíamos ter feito?"

"A rota norte já está coberta de neve nesta época do ano. Os cavalos ficam muito cansados, e você precisa de um lugar para acampar e bastante combustível."

Se, no julgamento ponderado de Chue, esta era a melhor escolha, então que assim seja. No entanto, Maomao pensou ter visto o menor indício de escuridão na expressão de Chue.

"Espero que saiamos daqui logo", ela disse, e olhou para fora da carroça enquanto a paisagem árida passava.

Eles faziam pausas frequentes ao longo do caminho para não cansar muito os cavalos

muito. Uma das carroças carregava ração e água para os animais, e os cavalos cavavam avidamente no balde de feno. Xiaohong tinha um punhado de algo branco; ela deve ter alimentado eles também.
“Ela está dando sal grosso para os cavalos”, observou Maomao. “Certo! Essas pobres criaturas suam muito”, disse Chue.

Parecia um desperdício, mas provavelmente era necessário. Ela tinha ouvido falar que havia até mesmo veados enormes que viviam bem ao norte que gostavam de beber urina humana.
"Hmm." Chue fez uma careta engraçada enquanto preparava a comida. "O que há de errado?"
"Nada. Só temos muitos motivos para ficarmos ansiosos por aqui, e eu não consigo me acalmar", ela disse, empunhando habilmente

uma pequena faca para cortar um pouco de carne seca. Se até mesmo a sempre otimista Chue estivesse abertamente preocupada, eles poderiam estar em apuros. Observando, Maomao sentiu um medo sem nome, mas inegável, se apoderar dela. "Senhorita Chue... Tem certeza de que deve dizer coisas assim na minha frente?"

Chue arregalou os olhos por um segundo. "Você está certa, isso foi descuidado da minha parte. Mas meu trabalho atual é cuidar da sua segurança, Srta. Maomao. Eu vou protegê-la não importa o que aconteça — não se preocupe com nada."

Era estranho para Chue. Quando até Maomao percebeu que ela estava nervosa, isso significava que havia algo grande reservado.

"Você ainda parece bem preocupada", observou Maomao.

"A Srta. Chue pode não parecer, mas ela é perfeccionista, então ela gostaria de se livrar de qualquer fonte de ansiedade", disse Chue,

falando lentamente novamente.
"Como o quê? O Homem-Urso não pode fugir agora, pode?"
"Não, de fato. Nós o amarramos de pés e mãos e quebramos seus dois braços. Isso definitivamente exclui que ele empunhe qualquer arma, mas..." Chue franziu a testa levemente.
"Parece que você foi bem completa. Que tipo de problema você acha que ele poderia fazer?"
"Em circunstâncias normais, nem mesmo a Srta. Chue seria capaz de vencê-lo, Srta. Maomao. Amarrado ou não, um urso ainda é um urso. Tudo o que é preciso é uma boa mordida e pronto." Chue imitou mastigar o ar.
"Mas há algo mais assustador do que a fúria de um tigre. É alguém com a tenacidade de uma tartaruga mordedora."
Entendi o que ela está dizendo.
"Bear-Man" interferiu no trabalho de Shikyou em mais de uma ocasião em retaliação por seu olho perdido, e se eles não o tivessem prendido

dessa vez, ele provavelmente teria feito isso de novo. E agora, ele tinha muitos motivos para odiar

Maomao também.
“Eu realmente duvido que ele consiga escapar,” Chue disse, mas seu tom não inspirou muita confiança.
“Espero que você esteja certa.”
A outra mulher largou sua faca, enquanto Maomao se ocupava esperando que nada desse errado.
A intuição de Chue, no entanto, provou estar correta.

# Capítulo 24: Uma Besta Ferida

Eles não conseguiram atravessar o deserto rochoso naquele dia, então tiveram que acampar no deserto naquela noite. Estava frio, e Maomao se enrolou em um cobertor, além de suas roupas de sempre. Sua respiração embaçava na frente dela cada vez que ela exalava, e suas orelhas ardiam tanto que ela pensou que poderiam cair.

Esta não era uma planície gramada, e o chão resistia às tentativas deles de cravar estacas, dificultando a montagem das barracas. Em vez disso, eles dormiram nas carroças.

Quando Chue viu Maomao tremendo, ela saiu para pegar mais cobertores.

Se ela conseguisse dormir, pensou Maomao, logo seria de manhã, mas o sono a iludiu. Assim que ela pensou que estava finalmente adormecendo, seus olhos se abriram novamente. Era difícil mantê-los abertos contra o frio, a fadiga e o torpor geral, mas ela se forçou. A cobertura da carroça estava tingida de vermelho.

Ainda segurando o cobertor ao redor dela, Maomao se inclinou para fora. Uma das outras carroças estava pegando fogo, línguas de fogo lambendo o ar. Os cavalos relinchavam, e os

homens corriam para apagar o fogo. O fogo era muito mais violento do que ela esperava; deve ter sido o carrinho de ração que pegou fogo.

Com todos distraídos pela carroça em chamas, ninguém percebeu a figura se aproximando de Maomao.

"Hngh?!" ela exclamou ao sentir um golpe em seu lado. Assim que ela registrou a dor, ela caiu da carroça e caiu no chão.

Ela ouviu uma voz rosnar, "Sua bruxinha..."

Ela olhou para cima para ver o Homem-Urso de um olho. Seu único olho restante estava vermelho, e sangue escorria de sua boca. Ele estava sem vários dentes da frente, mas em troca as cordas em volta de suas mãos e pés pendiam livres. Ele deve tê-las mastigado.

Seus braços quebrados pendiam frouxos ao lado do corpo. À direita, ele havia amarrado um porrete de metal — menos para se sustentar, ao que parecia, do que para usar como arma.

"Pelo menos... eu posso te matar!"

O homem-urso nem parecia mais sentir dor.

Maomao imaginou que era a mão sem porrete que havia batido nela, indicando a intenção do Homem-Urso não de nocauteá-la, mas de deixá-la consciente

para que ele pudesse atormentá-la.

Ele vai me matar.

O cobertor grosso de Maomao havia absorvido um pouco do impacto, mas ainda doía.

Ela tinha que se levantar, tinha que fugir.

O Homem-Urso avançou sobre ela. Maomao rastejou para trás e tentou se levantar, mas não conseguiu. Seu corpo ainda estava dormente e instável da queda. Se ao menos ela pudesse correr para os outros, eles poderiam fazer alguma coisa. Se ao menos...

O Homem-Urso foi mais rápido, porém, e se lançou contra ela antes que ela pudesse fugir. Seu único pensamento era proteger sua cabeça; ela cobriu o rosto e fechou os olhos com força.

Ela não tinha ideia de quanto tempo passou então. Poderia ter sido um instante, poderia ter sido meia hora.

O punho de Bear-Man nunca caiu sobre ela.

Em vez disso, ela ouviu a voz de Chue. "Perdoe-me, Srta. Maomao!"

Maomao abriu os olhos. Contra o pano de fundo da carroça em chamas, ela viu a silhueta de Bear-Man com Chue em cima dele. Algo espirrou do que ela imaginou ser seu pescoço.

"Desviei o olhar por um segundo..." Chue disse. Ela pulou de Bear-Man, e ele caiu no chão. "Desculpe, não estou mais apresentável. Você está ferido?"

"Não", Maomao disse lentamente. "Estou bem." Alívio guerreou com espanto dentro dela. O rosto de Chue estava coberto com o sangue de Bear-Man. Maomao estava feliz que Xiaohong não estava na carroça com ela. Ela ainda devia estar com seu tio.

“Eu disse a ele que deveríamos ter limpado essa ponta solta.”

Uma voz estrangulada disse, “Ya... não poderia estar mais certo...”

Chue se virou instantaneamente e pegou o punho que desceu em sua direção. Na verdade, seria melhor dizer que o punho caiu sobre ela. O braço do Homem-Urso não tinha mais ossos para suportar seus movimentos.

Maomao ouviu os ossos em seus braços já despedaçados sendo pulverizados ainda mais; até Chue pulou para trás como se para se proteger do golpe.

Os braços esmagados do homem-urso pendiam fracamente em seus lados, e sangue ainda escorria de sua boca e pescoço. Qualquer outra pessoa estaria morta há muito tempo, então como ele ainda estava vivo? Ele era como uma daquelas cobras que continuavam deslizando mesmo depois que você cortava sua cabeça.

Chue, no entanto, moveu-se prontamente para ficar na frente de Maomao. Em sua mão

esquerda, ela segurava sua faca. Ela cerrou os dentes e a enfiou no peito de Bear-Man, afundando a lâmina no espaço entre suas costelas, um pouco à esquerda do centro.

"Por favor, que este seja o fim", ela resmungou.

Esta não é a primeira vez que ela faz isso, Maomao percebeu. Chue puxou a faca de volta sem um momento de hesitação, quase profissionalmente.

Ainda assim, Bear-Man permaneceu de pé. "Ah'm... não m-m... terminei... ainda..."

Ele levantou a mão novamente, e Chue pulou para trás. Bem naquele momento, houve um baque, e uma flecha se enterrou no outro olho de Bear-Man.

"Você realmente não sabe quando parar", disse um homem com pena em sua voz. Era Shikyou. Ele levantou a mão, e suas tropas dispararam suas flechas.

Bear-Man deu um grito agudo; se houvesse palavras ali, era impossível fazer eles para fora.

Quando a voz finalmente cessou, o bandido que se autodenominava Dragão de Um Olho apareceu ali — morto, mas ainda de pé.

“Sinto muito. Ele se aproveitou do momento em que eu estava distraído pelo fogo.” Shikyou estava falando com Maomao, mas Maomao

estava mais preocupado com Chue.

“Senhorita Maomao...” Chue disse. “Você realmente deve me perdoar.” Ela estava sorrindo como sempre fazia — mas o que chamou a atenção de Maomao foi que a faca estava em sua mão esquerda.

“Senhorita Chue!” Maomao colocou a mão no ombro direito de Chue. Havia algo errado com ele. Ela olhou para baixo e, embora as sombras obscurecessem a visão, ela pensou ter visto uma descoloração escura. Ela tocou o braço direito de Chue e o achou escorregadio.

“Nossa, eu realmente sinto muito. A senhorita Chue apenas cometeu um pequeno deslize,” Chue falou lentamente. Seus olhos estavam desfocados. Quando ela se machucou? Maomao pensou que ela só tinha fechado os olhos por um instante; quantos golpes eles trocaram naquele breve tempo?

Sangue também escorria do estômago de Chue. Maomao imediatamente a pegou e a carregou para a carroça. Bear-Man estava em péssimo estado, mas Chue não estava muito melhor.

"Alguém ferva um pouco de água! E traga meus suprimentos médicos!" Maomao gritou. Ela não se importava se estava falando com Shikyou.

"S-Sim, imediatamente", ele disse.

Maomao, enquanto isso, tirou o manto de Chue. Seu braço quebrado estava praticamente rasgado ao meio, e seu abdômen estava coberto de contusões. Ambos os ferimentos eram sérios, mas Maomao precisava priorizar a verificação de seus órgãos internos.

O corpo de Chue também estava coberto por uma série de cicatrizes antigas que, à sua maneira, revelavam sua história pessoal. Algumas delas pareciam ser de ferimentos que um guerreiro

teria orgulho de levar no campo de batalha; outras eram claramente o resultado de tortura.
“Senhorita Maomao...”

“Não fale!” Maomao ordenou freneticamente.

“Oh, deixe-me... Deixe-me falar.” Chue acariciou a bochecha de Maomao com sua mão esquerda. “Minha mão direita não será mais útil depois disso, será?”

“Ainda não sabemos disso!” “Claro que sabemos. O dia acabou!”

Maomao ficou sem palavras. A mão estava, na verdade, mal presa.
Maomao lamentou a facilidade com que Chue a viu. Ela não tinha habilidade para recolocar um membro decepado. Ela poderia tentar, mas as chances eram de que dificilmente funcionaria — se não apodrecesse.
“Se você acha que pode salvá-la... então você deveria cuidar da minha mão antes da minha barriga.”
“Absolutamente não. Abdômen primeiro.”
Órgãos internos eram muito mais importantes para mantê-la viva do que seu braço. O ferimento em seu estômago era a prioridade.
“Não... Não. Sem essa mão, eu não tenho valor. Sem essa mão, esse é o fim.”
“Isso não é verdade.” Maomao pegou os

remédios que tinha consigo: coagulantes, supressores de tosse, remédios para resfriado. Qual era o sentido de tudo isso? “Minha vida seria muito mais difícil sem você, Srta. Chue, então isso não pode ser o fim. Aconteça o que acontecer, você tem que viver!”

Maomao esperou impacientemente por Shikyou com as ferramentas, água e fogo.

Do lado de fora, a outra carroça ainda estava em chamas.

“Hoo hoo hoo... Srta. Maomao, eu posso começar a pensar que você me ama,” Chue disse. Sempre aquele sotaque arrastado.

“Sim! Sim, eu te amo, então, por favor, pare de falar!”

Pelo menos se ela estava tagarelando tanto, isso sugeria que seus pulmões estavam funcionando bem.

“Isso é ótimo. Uma confissão de amor da Srta. Maomao! Vou ter que me gabar disso para o Príncipe da Lua...” Chue quase parecia inocente, infantil. “Ser amada, mesmo que por pouco tempo — isso é uma coisa maravilhosa.

Você quase... começa a pensar que significa que há um lugar ao qual você pertence.”
Maomao não disse nada; ela estava muito ocupada deslizando os dedos pelo abdômen de Chue. Havia toda a possibilidade de que uma de suas costelas tivesse quebrado e perfurado algo.
"Eu sei que você tem suas circunstâncias, Srta. Maomao. É importante não se deixar levar pelas suas emoções! Mas..." Chue acariciou a bochecha de Maomao novamente com sua mão manchada de sangue. "Você também não pode deixar isso ser uma desculpa."
Ela riu novamente. "Hoo hoo hoo!" E então, sem mais delongas, ela fechou os olhos.
Maomao piscou — e então correu para tomar o pulso de Chue. Ela ainda podia

sentir: ba-bum, ba-bum.
"Aqui", disse Shikyou. "Sua água e ferramentas."
Ela pegou os suprimentos dele. Ela agarrou uma faca cirúrgica em uma mão e pegou um

pouco de álcool desinfetante com a outra.
Não sei o que ela quer dizer com isso, pensou Maomao, mordendo o lábio, mas não vou deixá-la ir sem lutar.
Ela sentiu seus punhos cerrarem e então começou a cirurgia.

# Capítulo 25: O Pequeno Pardal Feio

A jovem Beghura — seu nome significava "pardal" — era uma garota feliz. Seu pai estava no ramo comercial e havia se casado, embora não fosse mais um homem jovem. Ele alegou que quando viu sua linda mãe, ele se apaixonou tanto quanto qualquer garoto apaixonado. E você não precisava ser o pai de Beghura para notar a beleza da mulher. Magra e alta, pele da cor da presa de um elefante, um corpo que era todo linhas fluidas e curvas suaves.

Foi, pelo que Beghura ouviu, por pura coincidência que seu pai conheceu sua mãe, que veio de outra terra. Sua mãe estava em um navio de um país vizinho chamado Shaoh. O navio naufragou em uma tempestade, e sua mãe foi resgatada pelo navio mercante de seu pai. As coisas não foram fáceis no começo,

pois ela não conseguia se comunicar. Mas o pai de Beghura falava um excelente shaohnês e acolheu sua mãe sob sua proteção. Ele lhe deu um emprego e lhe ensinou o idioma.

Ele tinha toda a intenção de mandá-la de volta para Shaoh o mais rápido possível, mas as coisas continuaram atrapalhando. Seu marido e filho estavam no navio Shaohnese com ela e morreram no naufrágio. Ela não tinha família em sua terra natal — mesmo que voltasse, não havia para onde ir.

O pai de Beghura era um comerciante, mas também era um homem completamente decente; seu negócio havia crescido pela estima que as pessoas tinham por ele. Ele nunca abandonaria essa mulher ao seu destino, sozinha no mundo como ela estava. E foi então que seu amor juvenil, tão impróprio para um homem com mais de quarenta anos, se mostrou.

A mãe de Beghura pode ter sido uma estrangeira com apenas um modesto domínio

da língua, mas era uma trabalhadora esforçada. Em pouco tempo, os criados passaram a aceitá-la como a dona da casa.
A mãe de Beghura continuou a ser uma excelente ajudante para seu pai depois que se casaram. Beghura adorava especialmente vê-los ir à igreja juntos, de mãos dadas. Os três passariam o dia de descanso rezando juntos e depois fariam uma refeição em algum lugar antes de irem para casa.
"O que eu realmente pretendia fazer, eventualmente, era adotar o filho de um parente ou algo assim", disse seu pai. No ano seguinte ao seu casamento, no entanto, Beghura

nasceu. Ela era uma menina, sim, mas seu pai, que nunca imaginou que teria um filho, ficou muito feliz. Durante dez dias após o nascimento de sua filha, ele distribuiu doces para todos que passavam por sua loja.
Sua mãe escolheu o nome Beghura. Era o nome de um pequeno pássaro, disse seu pai, um

animalzinho adorável. Beghura não se parecia em nada com sua mãe magra e adorável; ela puxou ao pai baixo e robusto. Olhos pequenos, um nariz tão abreviado que parecia ter sido quebrado — e não muito alto também. Mas o amor é realmente cego, e o pai de Beghura se gabava dela para todos em sua família.

Beghura não era o que se poderia chamar de bonita, mas pelo menos tinha algum cérebro para compensar. Ela estava andando menos de um ano após seu nascimento; em dois anos, ela era uma tagarela. Depois de três, seu pai a observava com um sorriso e se perguntava quem ela se tornaria quando crescesse.

Sim, Beghura tinha cérebro o suficiente. O suficiente para lembrar que sua mãe havia desaparecido antes que ela completasse três anos — e para lembrar como ela era pouco antes de partir.

Sua mãe desapareceu um dia, do nada. Seu pai estava inconsolável. Os funcionários, enquanto isso, estavam em alvoroço, atônitos, confusos e

desesperados para saber o que estava acontecendo.

Seu pai encomendou retrato após retrato de vários artistas e passou os dias procurando. Talvez, ele pensou, ela tivesse sido vítima de um crime. Enquanto ele procurava, no entanto, detalhes estranhos começaram a surgir.

Por um lado, parecia que informações sobre os negócios de seu pai haviam vazado. Não havia provas concretas, mas padrões suspeitos começaram a aparecer em suas importações e exportações de outros países.

Beghura herdou sua perspicácia do pai. Ele pode ter atraído o negócio com sua personalidade vencedora, mas isso não foi o suficiente para construir uma empresa mercantil. Ele não ignoraria nem a menor sensação de que algo estava errado. Ele verificou os padrões nos livros de contas dos vários anos desde que a mãe de Beghura havia chegado — e encontrou uma conexão com uma nação em particular.

Li: um país que fazia fronteira com Shaoh. Não tinha relações diplomáticas com o país de Beghura, mas ficava a leste de Shaoh, assim como sua própria terra ficava a oeste.
A mãe de Beghura havia alegado ser shaohnense, mas ela parecia mais com alguém de Li. Isso não levantou suspeitas na época; havia muitas pessoas de origens mistas em Shaoh.

"Eu encontrarei sua mãe. Juro que encontrarei!", ele disse a Beghura, e então deu a ela uma cópia das escrituras e disse para ela estudar. Sem mais nada para fazer, Beghura pediu para um dos servos ler para ela.
"Sua mãe deve ter tido algum motivo. Tenho certeza de que havia algo que a forçou a fazer o que fez", seu pai insistiu, e pela primeira vez, Beghura pensou que ele estava sendo estúpido.
Anos depois, seu pai disse que poderia ter encontrado sua mãe. Alguém que correspondia exatamente ao retrato havia sido localizado em

Li. Cheio de alegria, ele embarcou em um barco e navegou para Li imediatamente.
Beghura se arrependeu mais tarde: ela deveria ter entrado em contato com ele naquele dia. Ele deveria ter pensado que sua mãe estava morta. Os dois poderiam ter vivido uma vida perfeitamente feliz juntos.
Mas esse sonho estava destinado a não se tornar realidade. Seu pai nunca retornou.
O que acontece com as crianças que perdem seus pais? Se Beghura fosse um pouco mais velha, as coisas poderiam ter sido diferentes — mas para uma menina com menos de dez anos, não havia nada que ela pudesse fazer. Em menos de um mês, os bens de seu pai foram saqueados; não havia mais nada. Engraçado como um homem rico acaba tendo tantos parentes no momento em que morre. Beghura ficou com apenas algumas moedas de ouro, dadas a ela por um servo que sentia um mínimo de lealdade a seu pai.
Se seu pai estivesse em sã consciência, ele teria

nomeado um tutor para sua filha. Linda, sua mãe pode ter sido, mas ela deixou seu pai louco.

"Se alguma coisa acontecer comigo, vá para a igreja", ele disse, e foi isso que Beghura fez, segurando suas moedas. O pastor de lá era uma pessoa basicamente decente, e por compaixão ele tentou mandar Beghura para o asilo, mas ela sabia que era uma má ideia. No momento em que seu punhado de moedas de ouro foi descoberto, elas foram tiradas dela.

Beghura sabia qual deveria ser seu objetivo. Havia um professor na igreja que disse que desejava espalhar os ensinamentos para o leste. De fato, ele iria embora muito em breve.

"Por favor, me leve com você", disse Beghura. O professor, um homem de quarenta e poucos anos que era um tanto distante na melhor das hipóteses, disse: "Não posso ter uma criança me acompanhando". Ele era bem constituído; costumava ser guarda-costas do professor de uma igreja particularmente grande. Músculos

como os dele seriam essenciais ao ir para uma terra estrangeira cheia de hereges e descrentes.

Beghura era apenas uma criança. Sem músculos, sem poder. Ela tinha apenas uma coisa:
"Ó Senhor, você nos vê?"
Ela sabia as escrituras de cor depois de ouvi-las lidas para ela tantas vezes
—depois de pedir para que fossem lidas para ela tantas vezes. Ela conseguia recitar cada linha sem uma palavra fora do lugar, e agora ela o fazia.
A professora a ouvia em silêncio. "Por favor", ela disse novamente, "leve-me com você."
Se ela não tivesse valor, ninguém sequer olharia para ela. Ela tinha sido valiosa para seu pai porque era sua filha. Valiosa para seus servos e empregados porque era filha de seu empregador.
Então ela demonstrou que poderia ser um peão útil na campanha de evangelismo da

professora. Além disso, Beghura também era filha de sua mãe; seu rosto parecia oriental. Tudo o que ela precisava fazer era aprender a língua, e ela poderia ser de todos os tipos de ajuda na estrada.

A professora pareceu muito relutante por um longo momento, mas finalmente, misericordiosamente, ele cedeu. Talvez ele tenha percebido que Beghura não tinha mais para onde ir.

"Não serei responsabilizado, mesmo que você morra", ele disse. "Eu sei, senhor."

Então foi assim que Beghura foi para o leste com esse professor. Eles evangelizaram enquanto iam, então o progresso foi lento. Levaram um ano inteiro para atravessar Shaoh e finalmente chegar em Li. No entanto, passar por Li acabou sendo ainda mais desafiador.

Ao longo do caminho, o professor recebeu escrituras escritas em todos os tipos de idiomas. "Preste atenção às palavras", ele disse a ela. "Lembre-se delas. Aprenda cada linha,

cada letra. Isso pode salvar sua vida um dia."
O professor podia ser brusco, mas cuidava bem dela. Ele não era um homem paciente por natureza, no entanto, e mais de uma vez eles se viram perseguidos por multidões furiosas de descrentes — então isso era irritante. Às vezes, eles eram até presos e submetidos ao que equivalia a tortura.
"Malditos descrentes! Eu vou levar seus pecados contra você até o dia em que você se arrepender e crer!"
Ah, sim. A professora gostava muito de dizer isso.
Não estava claro para Beghura exatamente qual série de eventos levou esse homem a escolher Li, cheia de hereges, como seu campo missionário, mas também não importava para ela.
Embora seu grupo tivesse vindo de uma igreja, eles não tratavam sua criança serva especialmente bem. Justo; eles não tinham muito dinheiro sobrando.

Naqueles momentos, Beghura se lembrava de quem ela era: não a filha de um rico comerciante. Apenas uma pequena mendiga pirralha e uma serva.

Em vez disso, ela usava toda a sua inteligência para colocar comida na boca. Se ela visse uma mulher particularmente gentil na cidade, ela poderia começar a chorar por perto, o que às vezes lhe rendia algumas esmolas. Às vezes, ela conhecia crianças que dividiam seus lanches com ela se ela fizesse palhaçadas e as fizesse rir. Às vezes, comida de graça era colocada nas celebrações; então, Beghura comia o máximo que podia para compensar as vezes em que não conseguia comer, e se avistasse algo que se conservasse bem, ela discretamente fugia com ele.

Uma vez, quando eles estavam viajando com um grupo de artistas itinerantes, ela aprendeu luta de mãos. Ela descobriu que se observasse os artistas praticando abertamente, eles a

espancariam, então, em vez disso, ela subiu em uma árvore próxima e os espionou. Ela sabia que se pudesse fazer esses truques para pessoas ricas, eles poderiam lhe poupar algumas moedas.

O professor sempre ficava bravo quando a descobria fazendo esses truques — mas ele deve ter se sentido mal por não poder alimentá-la de forma confiável, pois ele nunca pegava os lanches e as pequenas moedas que ela ganhava.

Depois de ficarem em Li por um tempo, Beghura mudou seu nome para Maachue.

Ela teria mais chances de sobreviver, o professor disse a ela, se fingisse ser Linese.

"Disseram-me que você está indo para a capital ocidental", ele disse. "Sim, senhor."

O professor e o resto do grupo ficariam em uma vila que tinha uma das maiores igrejas de Li. Seria a base perfeita, eles disseram, para espalhar seus ensinamentos.

"Você quer que eu vá com você?" Beghura e a

professora estavam juntas há vários anos, e ele tinha um certo respeito por ela.
"Eu vou ficar bem, obrigada."
Beghura tinha doze anos agora — chegando à idade de casar em Li.
Normalmente, alguém poderia considerar que viajar sozinha fosse uma ideia perigosa. No entanto, Beghura tinha cortado o cabelo curto, e seus olhos pequenos e nariz franzido dificilmente eram bonitos. Ela se juntou a uma caravana para a capital ocidental como uma criada.
Quando chegaram, o ano havia virado, e Beghura tinha treze anos. Ela se separou da caravana e começou a viver como uma moleque de rua.
Brincar de palhaça acabou se adequando à personalidade de Beghura. Durante o dia, ela brincava e exibia sua destreza para ganhar um troco; à noite, ela dormia em uma vala de irrigação para se proteger do frio. Ela

estava vivendo assim há algum tempo quando começou a ouvir falar de uma mulher que se parecia com o retrato de sua mãe.
“Tenho certeza de que a vi na maior casa da cidade. Admito que foi só uma vez...” alguém a informou.
Escolhendo confiar nessas palavras, Beghura foi até a mansão iminente.
Era, de fato, a maior residência da capital ocidental, e eles não estavam interessados em admitir um miserável imundo como Beghura. Então, em vez disso, ela esperou que alguém saísse da casa.
“Irmãozão! Pare aí mesmo!” ela ouviu alguém gritar.
Um homem bem constituído saiu do portão. Bem, apenas um homem — apenas alguns anos depois de sua cerimônia de maioridade. Ele estava, no entanto, usando roupas muito mais bonitas do que Beghura. Suas sobrancelhas bem definidas sem dúvida o tornavam popular entre as jovens.

Ele foi seguido por uma garota — presumivelmente a dona da voz que Beghura tinha ouvido. Ela estava em idade de casar e era muito bonita, apesar do olhar penetrante em seus olhos. O amplo tecido de sua roupa era de seda, o mesmo tipo que havia passado pelas mãos do pai de Beghura há tanto tempo. Fazia tantos anos desde que ela tocou em seda, com seu brilho característico.

"Volte aqui agora mesmo! Nosso irmão mais velho é gentil o suficiente para ser seu guarda-costas. Você precisa se desculpar! Argh! Ele nunca faria isso se o avô não tivesse pedido pessoalmente."

Seguindo a jovem imponente veio outra moça mais jovem, com cabelos ruivos marcantes e olhos esmeralda. Ao contrário da primeira garota, em seus olhos havia gentileza. Beghura pensou que essa segunda garota tinha mais ou menos sua idade — então como elas poderiam ser tão diferentes? Uma era uma moleca de rua suja, a outra poderia muito bem ser uma linda

princesa.
Então, Beghura ouviu outra voz: “Yin, já chega!”
Ela não ouvia essa voz há anos — e ainda assim ela trouxe à tona cenas que ela achava que estavam perdidas no abismo de suas memórias.
“Lady You está indo para o palácio dos fundos. Pense em sua posição!”
Uma mulher apareceu — uma mulher bonita, magra e alta, com a pele da cor da presa de um elefante e um corpo todo curvas fluidas.
A garota chamada Yin começou a fazer beicinho. Beghura, no entanto, não poderia se importar menos. Ela ficou ali, perplexa, imaginando como essa beldade que deveria ter estado com ela a vida toda poderia estar aqui, agora.
"Sim, mãe", disse Yin.

Mãe. Beghura recuou. Ela conhecia essa palavra; ela estava aprendendo a língua de Li

há anos, e era isso, sem dúvida, o que significava. O que ela não sabia era por que essa garota estrangeira estava usando isso.
Ela tinha ouvido falar que sua mãe tinha um marido e um filho antes de conhecer o pai de Beghura, mas eles deveriam ter morrido no naufrágio — não é?
Havia ainda outra voz. "Mamãe!" Era uma criança, mais nova que Beghura. Nem dez anos de idade. "Eu também quero ir!"
"Dificilmente. Você e eu vamos ficar aqui e estudar. Você pode ir às compras na próxima vez."
"Aww!"
A criança agarrou-se à perna da mãe de Beghura, do mesmo jeito que a própria Beghura já havia feito.
Beghura mal conseguia processar o que estava vendo, mas um fato do qual não conseguia escapar era que todas as crianças ao redor de sua mãe eram muito mais limpas e adoráveis do que ela. Beghura tinha apenas uma penugem

na cabeça, o cabelo raspado grosseiramente com uma navalha, e ela estava usando as mesmas roupas de ou anos agora. Sem dinheiro para pagar uma pousada, já fazia muitos dias desde seu último banho e ela estava coberta de poeira. Uma criança de rua imunda, e nada mais.

Sem pensar no que estava fazendo, Beghura saiu de trás do muro onde estava escondida. Ela deu um passo, depois outro, em direção à mãe.

"Ei, tem algo... imundo ali", disse a garota chamada Yin. Ela tinha a aparência de alguém que tinha visto um pouco de lixo. Não algo sem valor — pois não era uma questão de valor — mas algo cuja própria existência era intolerável.

Beghura se lembrou de como seu pai costumava olhar quando alguém lhe trazia um pedaço de lixo de verdade e perguntava quanto valia.

"Não se incomode com coisas assim, Yin", disse o homem.

Beghura não tinha certeza de qual nuance o

homem pretendia com "não se incomode". Ela estava fixada na bela mulher.
Assim como Yin, a mulher lançou apenas um olhar para Beghura, então pegou o menino e o empurrou de volta para dentro como se nada tivesse acontecido.
Beghura não sabia o que fazer. Em algum nível, ela estava seguindo sua mãe todo esse tempo, convencida de que quando se vissem, sua mãe de alguma forma saberia quem ela era. Mas não. Não houve nem uma centelha de reconhecimento.
Por que Beghura passou todos esses anos perseguindo sua mãe? Foi para

que ela pudesse ter uma reunião alegre de mãe e filho? Não.
Ela só queria saber qual valor ela tinha aos olhos de sua mãe.
Naquela noite, Beghura entrou furtivamente na mansão. Ela tinha que saber. Ela tinha que descobrir o que ela era para sua mãe.

Ela achou simples se infiltrar na casa — talvez fossem todos aqueles anos fugindo de multidões de descrentes. Ela se moveu furtivamente de cômodo em cômodo, tentando localizar onde sua mãe estava.

Uma voz veio bem atrás dela. “Achei que tinha sentido cheiro de rato.”

Em pânico, Beghura tentou se virar, mas foi imobilizada antes que pudesse se mover.

“Um moleque de rua, veio fazer um pequeno roubo? Você vai sair com dois braços a menos do que entrou.”

Quem falou era um homem, talvez com trinta anos, embora Beghura não conseguisse se virar o suficiente para dar uma boa olhada nele.

“Eu não sou ladrão,” Beghura disse o mais educadamente que pôde. Era só o que a professora tinha dito para ela fazer — infelizmente, saiu pela culatra.

“Você é uma estrangeira, não é? Posso ouvir na sua voz.” Beghura viu seu rosto ser empurrado com força contra o chão. Então o homem a

arrastou para algum lugar onde ninguém os visse. “Você ainda é jovem. De onde você é? Shaoh? Não...
Mais para o oeste. Por que você veio aqui?”
“Minha... Minha mãe,” Beghura arfou. “Eu vim para conhecer... minha mãe!” “Sua mãe? Uma pequena vagabunda imunda como você tem uma mãe trabalhando em uma
casa como essa?” Ele deu uma risada zombeteira. Deixe-o insultá-la; Beghura não se importou. Em vez disso, ela puxou o retrato esfarrapado e desgastado das dobras de suas vestes.
“O que é isso?” o homem disse, e ele soou diferente de antes. Havia um toque de confusão em sua voz agora. Ela sentiu seu aperto relaxar um pouco. “Você é filha dela?”
Beghura não sabia a quem ele se referia. Ela sabia, no entanto, que o momento de confusão do homem lhe oferecia uma chance. A fuga não seria fácil. Seu método escolhido para explorar a abertura?

“Quatorze anos atrás, minha mãe naufragou e foi salva por meu pai. Eu sou filha dela, nascida dela depois do casamento deles.”
Diga a ele a verdade nua e crua.
“A filha dela! Hah! Ha ha... Sim, sim! Isso faz sentido. Era para haver uma filha.” O homem riu novamente. "Uma que ela abandonou porque não precisava mais dela."

As palavras ecoaram nos ouvidos de Beghura.
"Não precisava...?"
"Isso mesmo. Não precisava dela nem um pouco. Por que ela precisaria, se ela estava voltando para cá? Você? Você tinha um propósito: legitimá-la enquanto ela estava disfarçada em uma nação estrangeira. Esse é todo o valor que você já teve."
Tinha. Passado. Ela realmente não precisava mais de Beghura.
"Ela não podia exatamente te levar para casa com ela, podia? Ela tinha que fazer o trabalho dela, e você era um peso morto."

"Peso morto..." Sua cabeça latejava como se tivesse sido atingida.
Ela sabia, é claro. Ela sabia desde o momento em que sua mãe desapareceu, deixando Beghura e seu pai para trás.
"Então o que aconteceu com seu velho? Um comerciante famoso como ele provavelmente conseguiu outra esposa sem problemas, hein?"
Se ao menos ele tivesse. Se ao menos seu pai tivesse sido um homem assim. Mas não: ele tinha sido gentil e um tolo.
“Quando ele soube que minha mãe poderia estar em Li, ele saiu para encontrá-la e morreu na viagem. Sua casa entrou em colapso. Fiquei sem nada, então fui atrás da minha mãe.”
“Só com aquele retrato?” “Isso mesmo.”
“Hm.”
O homem parecia estar pensando em algo. Ele lançou um olhar avaliador para Beghura. Ela teve um pensamento: aqui, neste momento, ele estava tentando decidir quanto ela valia. Se a resposta fosse nada, então ele a descartaria

como algo sem valor.
“Sou fluente na minha língua materna, bem como em Linese e Shaohnese”, disse Beghura. “E falo várias outras línguas também.”
Lembrando das escrituras, o professor lhe dera, ela começou a recitar em uma série de línguas estrangeiras.
“Eu também sei meus números. Posso passar uma semana sem nada além de água. Posso suportar dor e tenho mãos rápidas.” Ela mostrou a ele um pouco da prestidigitação que aprendera observando aqueles artistas.
Ela faria qualquer coisa. Para sobreviver, para encontrar algum valor em sua existência. “Que idiota. Este é o que tem todos os truques,” o homem murmurou. “Tudo
certo. Vou te dar um adiamento. Vamos ver do que você é capaz. Mostre-me que você tem algum valor...” Aqui ele sorriu, uma espécie de olhar malicioso. “...e eu farei de você meu sucessor.”
Então o homem se tornou o mentor de

Beghura.

# Capítulo 26: Homem e Mulher

Quando Baryou tinha dezesseis anos, ele foi convocado por sua mãe Taomei. "O que estou prestes a dizer a você, você deve memorizar", ela disse.

Sua mãe comandava o clã Ma. O propósito do clã era proteger a família imperial — o que era outra maneira de dizer que seus homens arriscavam suas vidas e às vezes morriam. Assim, uma mulher sempre era deixada para trás, para que, acontecesse o que acontecesse, o cérebro do clã pudesse permanecer. Normalmente, a esposa do chefe da família cumpriria esse papel. Devido a circunstâncias excepcionais, no entanto, o pai de Baryou, Gaoshun, não se tornaria chefe da família. No entanto, como não havia mais ninguém qualificado, o papel coube à mãe de Baryou.

Taomei continuou contando a Baryou sobre outro dos clãs nomeados, o clã Mi, ou "Cobra". Exteriormente, era o Ma que protegia a família imperial. Mas em assuntos secretos, era o Mi que cuidava dos interesses imperiais.

“Embora nos refiramos a eles como um clã, os Mi não são constituídos por simples laços de sangue, como nós.”

Os Mi eram especialistas em reunir informações. Exatamente por essa razão, no entanto, eles nunca se identificaram publicamente.

“E embora nos refiramos a eles como um único clã, os Mi são muitos, cada um tendo o que você pode pensar como um sistema hereditário.”

“Hereditário, mãe? Significa o quê?”

“Os Mi... Como explico isso? Eu sei. Digamos que fossem dez deles. Cada um desses dez escolheria uma pessoa para ser seu sucessor. Frequentemente eles escolhem membros da família, mas se não houver ninguém adequado

para o trabalho, eles às vezes recorrem a fontes externas. Esses sucessores constituem a próxima geração do clã.
Além disso, aqueles que não são escolhidos para ter sucesso não são mais considerados parte do clã e raramente aprendem seus segredos. Na verdade, eles podem nem saber que seus parentes são parte do clã Mi."
"Mãe, posso fazer uma pergunta?" "Sim, o quê?"
"O que você está me dizendo é que o clã Mi poderia facilmente se insinuar em um dos outros clãs nomeados, não é?"

Taomei sorriu: estava claro que Baryou tinha acertado em cheio. "Exatamente. Esta é a coisa mais importante de todas. O clã Mi é gêmeo do Ma e, como tal, apenas eu e um pequeno punhado de outros sabemos sobre ele."
Baryou começou a sentir um desagradável gorgolejo no estômago. Um clã especializado em espionagem? Sim, isso certamente seria

apropriado para descobrir o que súditos e conselheiros estavam pensando.

“Outra pergunta, se me permite?” “Sim?”

“Esta mulher que será minha esposa — ela seria, por acaso, um membro do clã Mi?”

A oferta veio por meio de sua irmã mais velha, Maamei, alguns dias antes. Não poderia ser coincidência que sua mãe tivesse escolhido este momento para falar com ele sobre este assunto.

“Isso, eu não sei. Mas entenda isto: esta é uma partida que você não pode recusar.” Taomei falou firmemente, e seu filho aposentado não estava disposto a responder.

A mulher chegou vários dias depois, e Baryou descobriu que não conseguia entender nada dela.

“Olá! Maachue é o nome! Mas você pode me chamar de Srta. Chue!”

Ela estava certamente entusiasmada, Baryou observou. Quase o oposto dele.

“Senhorita Chue, você está muito perto... mas, bem, você parece ser esse tipo de pessoa, então

acho que é melhor nos acostumarmos. De qualquer forma, Srta. Chue, este é meu irmãozinho Baryou. Ele tem uma tendência a desmaiar periodicamente, mas você pode simplesmente chamar um dos criados para levá-lo para o quarto dele."
"Entendido!"
Chue fez uma reverência para Maamei, então trotou até Baryou. Em pânico, ele tentou se enfiar em um canto da sala, mas descobriu que Chue já estava atrás dele.
Ela sussurrou em seu ouvido: "Ooh hoo hoo! Acha que consegue correr? Que ingênuo. Mas então, a Srta. Chue não desgosta desse tipo de pessoa."
"Eeyikes!" Baryou gritou e desmaiou imediatamente.
Sua primeira impressão de Chue foi que ela não tinha senso de espaço pessoal e que ele nunca sobreviveria com ela.

"Olá! A Srta. Chue está aqui!" Chue falou

lentamente. "Fiz uma jaqueta de algodão bonita para você — experimente!"

"Oi! Fiz alguns pãezinhos de feijão. Opa, você está estudando? Bem, coma-os enquanto estão quentes!"
"Comprei esta tela de bambu para você, assim será mais fácil para você conversar! Se colocarmos isso entre nós, podemos ter uma conversa?"
Chue parecia estar visitando Baryou o tempo todo, e sobre praticamente qualquer coisa. Bem quando ele pensou que talvez ela fosse simplesmente uma pessoa barulhenta, ela lhe trouxe pãezinhos de feijão enquanto ele estudava para o concurso público; assim que ela pareceu estar muito perto, ele a encontrou a uma distância cuidadosamente medida.
Esta jovem, Chue, era de fato um tanto barulhenta — mas também altamente capaz. Cada lote de pãezinhos de feijão estava um pouco mais próximo do tamanho e sabor que

Baryou preferia. Seus casacos de algodão sempre pareciam perfeitamente adequados à estação e ajustados ao seu corpo. E a tela de bambu? Honestamente, foi uma grande ajuda.
"Hoo hoo hoo! Oh, Srta. Chue, você é tão útil!" Chue disse.
"Alguém normalmente diz isso de si mesmo?" Baryou refletiu por trás de sua tela. Ele não se lembrava de quanto tempo fazia desde que eles começaram a conversar através da divisória de bambu. Não poder ver o rosto da outra pessoa o deixou muito mais confortável.
Ele continuou, "Não posso dizer que acho que você ganha muito se casando comigo. Para ser totalmente franco com você, meu irmão mais novo vai herdar o clã. Mesmo se você e eu tivéssemos filhos, eles poderiam muito bem ser adotados por ele, sem nenhuma consideração especial por você. Suponho que minha irmã mais velha pode criá-los."
Quantos anos se passaram desde que ele falou por tanto tempo com alguém que não fosse um

parente de sangue?
"Adotá-los? Então a Srta. Chue não teria que criar filhos! Bem, isso parece o melhor dos mundos!"
"É isso que lhe interessa aqui?"
Baryou não conseguia acreditar no que ouvia. Eles estavam falando sobre o que aconteceria quando as crianças nascessem, mas ainda restava a questão iminente de se eles poderiam ter filhos para começar. Só de pensar nisso o fez ficar vermelho.
"Se a Srta. Maamei os trouxer à tona, tenho certeza de que ela fará um bom trabalho. Certamente é mais seguro do que eu criá-los! A senhorita Chue espera ser uma mulher muito trabalhadora."
Ele não achava que ela estava simplesmente fingindo ser corajosa — ela realmente quis dizer isso.
Baryou pensou no que sua mãe havia dito. Se Chue fosse um membro do clã Mi, ela poderia tomar seu filho como seu sucessor. Nesse caso,

deixar

Maamei criar e educar a criança seria muito apropriado.
Baryou era uma pessoa fraca. Ele não tinha coragem de ir contra alguém.
Então, quando um par chegou até ele, ele realmente não teve escolha a não ser aceitar, mesmo que fosse um casamento puramente estratégico.
“O que você diz, Baryou? Eu sou um pouco útil?” “Certamente, do seu jeito.”
Ele começou a se acostumar com essa mulher incomum, só um pouquinho.

“Posso apagar a luz? Não se preocupe, eu sei o que estou fazendo.”
Talvez essas palavras tenham deixado algo a desejar como um doce nada em sua primeira noite juntos. A parte sobre a luz, claro — mas o resto? Não era esse o tipo de coisa que o homem costumava dizer?

Por outro lado, Baryou, com sua desconfiança quase patológica de outras pessoas, nunca tinha e nunca teria praticado em outro lugar para garantir que não cometeria erros em sua primeira noite. Pior ainda, ele teve que deixar sua parceira fazer absolutamente tudo, uma situação muito desonrosa para um homem.
“Não faz cócegas, faz?”
“Claro que faz”, ele resmungou.
Sua esposa deu uma risadinha que soou muito parecida com o chilrear do pardal que lhe deu o nome — Baryou nunca poderia dizer não a isso.
“Você tem uma pele tão bonita e macia. Estou completamente com inveja!” Chue falou lentamente, mas de alguma forma ela soou mais sensual do que o normal.
Baryou fez a única coisa que podia fazer: fechou os olhos.

Mesmo depois que a criança nasceu, Chue ainda era Chue.

“É realmente como um macaco, não é? Todo mundo diz que puxou a você, Baryou, mas não sei como eles podem perceber. Nossa, dar à luz me cansou, no entanto! Foi provavelmente a terceira coisa mais dolorosa que já me aconteceu. Você pode lidar com a próxima, Baryou.”
“Eu continuo dizendo, não é assim que funciona...”
Baryou finalmente chegou a um ponto em que conseguia falar com ela sem a tela entre eles, e agora ele aceitou o bebê ranhoso e de rosto vermelho de Chue.
“Não tenha vergonha do seu próprio bebê, ok?” ela disse. “Agora, isso é simplesmente rude.”
Na verdade, ele achou difícil segurar a criança, que se sacudia

como se não tivesse ossos. Baryou ficou inquieto e estava prestes a devolvê-la a Chue, mas ela o rejeitou.
“Eu não quero mais. E se eu a segurasse por

muito tempo e ela se lembrasse do meu rosto ou algo assim?"

"Essas são as palavras de uma mãe? De qualquer forma, ela nem abriu os olhos ainda."

"A senhorita Chue não vai criá-lo. Esse era o acordo, não era?"

Depois de pouco tempo, Chue disse que tinha trabalho a fazer e saiu de casa.

Àquela altura, Baryou já estava convencido de que era de fato um membro do clã Mi. Muitas vezes, ele lembrou, os membros do clã nem sabiam da existência uns dos outros. Eles simplesmente seguiam e obedeciam seus respectivos membros da família imperial, e era isso que lhes dava sua hierarquia. Ganhar uma posição maior era uma honra dentro do clã, uma que também se aplicava aos sucessores. Chue também escolheria um dia alguém para seguir seus passos. Baryou decidiu assumir, ou pelo menos fingir, que se distanciar de seu filho era, à sua maneira, uma expressão do amor de uma mãe.

Chue era sempre uma presença animada, nunca quieta, exceto talvez quando comia e quando dormia. Então, novamente, ela estava realmente dormindo quando dormia?

Essa era a Chue de que ele se lembrava. Agora, aqui estava ela, coberta da cabeça aos pés com bandagens e deitada na cama.

Ele foi informado de que, no caminho de volta para a capital ocidental, Chue havia lutado com um bandido, e foi quando ela recebeu esses ferimentos.

Normalmente, a melhor coisa seria deixá-la deitada em silêncio e não movê-la, mas seu trabalho não permitia isso. Depois que a cirurgia terminou, eles colocaram sua esposa espancada na carroça e a levaram para casa.

O conselho estava em sessão quando Chue chegou para a casa principal, então Baryou não ouviu falar dela até depois. Apenas alguns momentos atrás, na verdade.

Havia uma jovem sentada ao lado da cama,

uma boticária. Era Maomao.
"Oh!", ambos disseram.
Baryou não tinha certeza de como prosseguir com isso. Ele quase nunca encontrava Maomao cara a cara. Normalmente, havia pelo menos uma tela ou cortina entre eles.
Foi Maomao quem quebrou o silêncio. "Chue está muito machucada. Por favor, não a estresse demais se puder evitar."

Maomao dificilmente parecia estar em um estado muito melhor: seu próprio rosto estava coberto de arranhões. Ela deve ter lutado o máximo que pôde para tratar Chue. Baryou só conseguiu abaixar a cabeça.
Ele entendeu que Chue havia deixado isso acontecer consigo mesma por causa de seu trabalho.
Ele não sabia o que era esse trabalho. Tudo o que sabia era que não havia nada que pudesse fazer.
Quase distraidamente, ele roçou a mão ilesa

dela, a esquerda. Os dedos estavam frios.
"Mmr..." Chue murmurou. Baryou quase pulou. Os olhos da esposa se abriram. Eles pareciam inchados, talvez por dormir tanto tempo.
"Bem... É meu marido", ela falou lentamente.
"Você parece pronta para desmaiar e morrer."
"Eu ouso dizer que essa é a minha fala."
"Hoo hoo hoo. Eu fiz um pequeno boo-boo. Não deveria ter sido tão suave..."
Baryou se sentiu melhor só de ouvir a voz dela. Ao mesmo tempo, ele não pôde deixar de notar o quão magra e frágil ela parecia.
"Pergunta... ok?" ela disse. "Sim, o quê?"
"Você sabe, eu... eu não vou conseguir me mover tão bem quanto antes. O que fazemos?"
Eu. Ela disse eu, não a Srta. Chue.
"Você acha que talvez eu esteja acabada? Não tenho mais utilidade? Talvez você devesse ir em frente e se divorciar de mim?"
A súbita menção de divórcio fez Baryou parar de repente. "Você está me perguntando o que fazer?"

“Essa mão direita não vai ser útil para ninguém”, disse Chue, falando lentamente novamente.
Sim, certamente tornaria algumas tarefas diárias mais difíceis. Mas, novamente... “Você não é ambidestra, Chue?”
Baryou sabia: ele a tinha visto empunhar hashis perfeitamente bem com as duas mãos. Além disso, havia todas aquelas bandeiras, flores e pombas, que ela produzia tão habilmente com a mão esquerda quanto com a direita.
“Você sempre foi dez vezes mais ágil do que eu”, ele disse. “Com apenas uma mão, você ainda será cinco vezes mais rápido.”
No tempo que Baryou levou para enrolar um pãozinho de feijão, Chue conseguiu fazer dez.
“Meu Deus! Hoo hoo hoo. Você marcou um ponto na Srta. Chue. Três vezes é

provavelmente o limite, se você me perguntar — hoo hoo hoo!”
“Não ria. Você vai agravar seus ferimentos no

estômago", Baryou disse, um pouco frenético.
"Fwoo hee hee! Que grosseria."
"Vejo que seus ferimentos não a impediram de tagarelar tanto quanto antes. Ou você levou um golpe na cabeça que tirou todas as línguas estrangeiras dela?"
"Não. Eu ainda me lembro delas, eu acho."
Estranhamente, Chue parecia estar gostando disso.
"Então não há nada com que se preocupar, não é?"
"Esse é um ponto justo. Tudo bem, então, talvez a muito prestativa Srta. Chue pudesse lhe fazer um pedido?"
"O que é?"
"Veja, a Srta. Chue está com muita fome..."
Naquele momento, seu estômago gorgolejou poderosamente. "Escute, você..."
Quando, ele se perguntou, eles começaram a compartilhar uma conversa tão familiar? Certamente seria um grande problema preencher o abismo entre ele e uma nova

esposa um pouco de cada vez.
Ele já tinha feito isso uma vez, e isso era o suficiente para ele.

# Capítulo 27: Mestre e Aluno

"Tudo bem. Bem, não se force a comer demais."

Assim que Baryou teve certeza de que Chue tinha comido sua comida, ele foi embora. Ele ficou por perto durante a refeição, talvez para o caso de poder ajudar com alguma coisa, mas Chue teve tão pouca dificuldade em usar os hashis com a mão esquerda que ele só conseguiu sentar e assistir. Chue pensou que talvez ela devesse ter parecido um pouco menos capaz, mesmo que isso o preocupasse, mas colocar comida em seu estômago vazio tinha sido prioridade.

Depois de comer, ela queria dormir. Essas eram as coisas básicas para melhorar — mas quando você tinha uma visita, bem, você tinha que adiar o sono.

Chue abriu os olhos lentamente. Seu braço poderia ter sido quase arrancado e seu estômago poderia ter sido quase esmagado até virar uma polpa, mas, no que lhe dizia respeito, seu instinto estava mais aguçado do que nunca. Um homem, com cerca de quarenta anos, estava ali na escuridão. Lu, Vice-Ministro do Conselho de Ritos.

"O que foi?", disse Chue. "Sei que você não

está aqui só para perguntar se estou me sentindo melhor. Você provavelmente veio para repreender um aluno incompetente."
"Você parou de prestar atenção? Posso ouvir seu sotaque." "Oopsie! Me desculpe muito," Chue disse com um sotaque arrastado.
Ela não conseguia se sentar. Ela tinha pelo menos uma costela quebrada, ela percebeu; eles a tinham apoiado. Tinha sido um desafio quando ela estava comendo, mas ela tinha vivido com isso. "Minha mão direita é bem inútil agora. Mas eu ainda tenho uma esquerda perfeitamente boa!"
"Não tenho utilidade para competência comprometida."
"Então, eu não tenho mais valor?" O rosto de Chue se enrugou. Aparentemente, ser três vezes mais ágil que Baryou era muito reduzido.
"Você vai escolher um novo sucessor, Mentor?"
"Você percebe quanto tempo levaria para eu encontrar e criar um neste momento?"
"Oh, certamente eu sei. Mesmo alguém com minhas habilidades precisaria de pelo menos cinco anos. Não importa o quão talentosos eles fossem, estaríamos falando de pelo menos uma década no total. Tempos difíceis!"

"Eu não coloquei todo esse esforço em você para que você pudesse ser o topo de uma onda

humana. Sua Majestade está mais investido em sua interpretação do que em qualquer outra coisa."

"Estou muito feliz em ouvir isso. Mas não poderei mais fazer minhas pequenas performances fofas, e isso é um problema! Talvez eu possa aprender algumas histórias divertidas?"

Ela teria que começar a colecionar piadas, como as que Maomao contou. "Eu não vou ser descartada?"

"Eu não posso me desfazer de você. Esse é todo o meu problema." "Sinto muito por isso!" Fala arrastada, arrastada.

"Eu quero que você encontre um candidato sucessor. Um ainda mais distinto do que você."

"Distinguido, você disse?"

Por um segundo, Chue pensou em Xiaohong. Ela era mais do que adequada para o papel, mas seria difícil afastá-la.

"Bem, com o tempo." Chue sorriu.

Foi o vice-ministro Lu que atraiu Chue para o clã Mi. Publicamente, ele era o segundo em comando no Conselho de Ritos. Era raro um membro do clã ascender tão alto no mundo — eles preferiam papéis menos conspícuos que proporcionassem maior liberdade de ação. No entanto, a morte do irmão mais velho do vice-ministro Lu resultou em sua sucessão à liderança de sua família.

Quando o vice-ministro Lu foi para a capital imperial, Chue o seguiu. Foi lá que ela conheceu Maamei e finalmente se casou com Baryou. O casamento não foi sua livre escolha. Foi fortemente influenciado pelos propósitos do vice-ministro Lu e do clã Ma.

Isso não era tão ruim, pensou Chue, contanto que ela tivesse valor. Baryou também era uma pessoa decente; na verdade, Chue achava que ele era um bom marido.

A maioria das pessoas provavelmente não ficaria tão feliz em se encontrar vivendo e servindo em uma terra tão longe do país de seu nascimento. Chue, no entanto, tinha o talento e os meios para se tornar um membro ainda melhor do clã Mi do que sua mãe. Conforme seu valor aumentava, conforme seu valor era reconhecido, isso seria demonstrado na forma de classificação.

Sua mãe fazia parte do clã Mi. Enviada para ser os olhos de Sua Majestade nas terras ocidentais, sua beleza a tornara esposa de Gyoku-ou.

"Mas isso era tudo o que a mulher era." Assim o vice-ministro Lu havia dito a Chue naquela mansão na capital ocidental há muito tempo. "Apenas um troféu, digno de ser mimado. Olhos ela pode ter sido, mas nunca recebeu nenhuma grande tarefa, e sua classificação dentro do clã é baixa."

Então ela se apressou para obter resultados. Ela foi até Shaoh, alegando que era para negócios — mas aqueles de competência comprometida eram... bem. Ela havia errado, mas quando parecia que sua identidade estava prestes a ser revelada lá em Shaoh, ela estava em um naufrágio muito conveniente. Ela decidiu se infiltrar em outro país até que as coisas esfriassem um pouco.

Durante sua estadia, Chue nasceu.

No fundo, a mãe de Chue era algo como o que se poderia chamar de uma vigarista. Ela realmente amava o pai de Chue como sua esposa, mas quando o trabalho acabou, ela os libertou. Chue e seu pai, ambos.

As informações sobre os contatos comerciais do pai de Chue, ela presumivelmente tomou como moeda de troca para voltar para Li. Foi o próprio mentor do vice-ministro Lu que a ajudou em sua fuga.

Quando a mãe de Chue voltou para o oeste capital, ela fingiu não ter nenhuma lembrança de Chue ou de seu pai. Ela se reuniu com seu marido e três filhos, e até deu à luz outra criança.

A destruição subsequente do clã Yi por Gyoku-ou, no entanto, provavelmente deveu algo à falta de habilidade de sua mãe. Ela não foi capaz de fazer o que o clã Mi deveria ter

feito, espremendo-se como uma cobra por dentro até que ele não conseguisse se mover. Como membro do clã Mi, ela estava simplesmente muito comprometida. A mãe de Chue sabia disso perfeitamente bem. Em vez disso, ela se esforçou para escolher um sucessor distinto.

Era tarde demais para seus três filhos, que foram envenenados por Gyoku-ou enquanto ela estava fora. Foi por isso que ela decidiu fazer aquele último filho: Hulan, o terceiro filho de Gyoku-ou. Ela o criaria como convinha a alguém cujo nome significava "tigre e lobo", e o usaria para refazer a capital ocidental de acordo com seus próprios projetos.

A maneira mais simples de fazer isso parecia ser expulsar o filho mais velho recalcitrante de Gyoku-ou e fazer de Hulan o assistente do segundo garoto, muito mais flexível. Era quase impossível prever o que poderia acontecer com a família se o filho mais velho ascendesse à liderança — mas o segundo mais velho? Com ele, eles poderiam esperar alguma estabilidade.

Havia outra possibilidade: talvez outra pessoa, alguém que não fosse da família Gyoku, pudesse ser colocada na capital ocidental. O pensamento ocorreu a ela. Mas então o filho mais velho descobriu o segredo de Hulan. Descobriu o que ele estava planejando.

"Aquele Mestre Shikyou com certeza é um cara

interessante, hein? Quem esperaria que ele se voluntariasse para fazer parte do clã Mi?"

Qualquer um podia ver que ele dificilmente era adequado para operações secretas. Talvez ele tivesse dado a eles o nome Shikyou para demonstrar seu comprometimento em se juntar ao clã, mas Chue achou isso quase comicamente equivocado. Se mudar seu nome fosse o suficiente para mudar sua posição na vida, eles poderiam ter criado todas as pessoas descartáveis do clã Mi de que precisassem. Agora que até Shikyou sabia que era membro do clã Mi, a estima em que a mãe menos que competente de Chue era tida provavelmente não aumentaria.
"Eu me pergunto o quão baixo o posto da Srta. Chue cairá?" "Não mais baixo que o dela." "Não, suponho que não." Chue sorriu. Sua mãe havia decidido que Chue não tinha valor — o que ela pensaria se aquela coisa sem valor estivesse para sempre acima dela? Pessoalmente, Chue realmente não se importava mais — mas seu pai havia morrido sem saber a verdade. Por ele, certamente ela poderia ter permissão para isso. Chue deve ter certeza de que ela seria para sempre mais valorizada que sua mãe, para que a mulher nunca a esquecesse — ou seu pai.
Foi por esse mínimo de vingança que Chue

jurou fidelidade à nação chamada Li.
"Mentor, haverá alguma mudança no trabalho da Srta. Chue?" “Duvido.”
“É bom saber.”
“Não é um trabalho muito fácil de entender. Você entende o que isso significa?” A expressão de seu mentor estava turva.
“Sim, senhor. A primeira e mais importante missão que me foi dada é fazer o Príncipe da Lua feliz.”
“Não entendo o que isso significa.”
Nem Chue. Encontrar alguém, ela sabia como fazer. Eliminá-los
—fácil o suficiente. Mas isso?
No entanto, ela acreditava ter feito a escolha certa protegendo Maomao, mesmo ao custo de sua mão.
“Suspiro! Espero que a Srta. Maomao dê ouvidos ao conselho da Srta. Chue!”
Seu mentor lançou-lhe um olhar estranho, mas ela fingiu não notar.

# Capítulo 28: Sono Profundo

Maomao tentava voltar do quarto de Chue para o consultório médico, mas ela estava cambaleando.

Estou tão... tão cansada.

Ela estava fatigada além da conta agora. Não tinha sido nada além de problemas desde que ela ajudou Shikyou. Primeiro ela foi confinada, depois levada em uma fuga precipitada de não sei quem, para não sei onde. Ela foi capturada por bandidos, colocada em servidão forçada e então atacada no caminho para casa.

A cirurgia de Chue foi um pesadelo. A boa notícia era que, embora pelo menos uma de suas costelas estivesse quebrada, nenhuma delas estava completamente quebrada. Não parecia haver nenhum dano em seus órgãos internos também, mas ela havia levado alguns golpes muito sérios, então Maomao se certificou de proteger a área de qualquer maneira. Nenhum ferimento grave em seu torso significava que ela provavelmente não

estava em perigo de vida.

Seu braço direito, no entanto, seria um problema. Estava em um estado lamentável; não havia como contornar isso. Ainda tinha o formato de um braço, mais ou menos, mas essa era a extensão das boas notícias. Tudo abaixo do cotovelo estava uma bagunça, os ossos quebrados e a carne quase despedaçada.

Chue era uma guarda-costas perfeitamente habilidosa, pensou Maomao, mas naquela noite, ela simplesmente estava em desvantagem. O Homem-Urso não estava pensando; ele era todo dor e raiva, e isso lhe dera a tenacidade quase imortal de uma víbora. Ela lutou contra uma fera ferida, e esse foi o resultado.

Maomao colocou os pedaços de osso de volta onde pertenciam, costurou os tendões e costurou a carne rasgada. Mal passou por cirurgia; mais como um experimento ao vivo, tentativa e erro no local. Não havia anestésico disponível

—ela fez Chue morder um lenço. Maomao fez alguém segurar o braço, mas Chue mal se encolheu durante o procedimento. Quanta dor ela

aguentaria?

Normalmente, Maomao teria prescrito repouso extensivo para um paciente na condição de Chue, mas eles não podiam continuar acampando. Melhor voltar para a capital ocidental o mais rápido possível, e foi exatamente isso que eles fizeram. Eles tinham chegado há pouco tempo.

O prognóstico de Maomao era que o braço direito de Chue seria virtualmente

inútil. Provavelmente não teria quase nenhuma sensibilidade, pelo menos do cotovelo para baixo. O máximo que Maomao poderia fazer por ela era observar o progresso do braço e garantir que ele não apodrecesse.

Eu me pergunto se os músculos vão se reconectar.

Ela tentou costurá-los da melhor maneira possível. Se tivesse feito um trabalho decente, então Chue poderia — Maomao gostava de pensar

— recuperar alguma sensibilidade na mão, mas tudo o que Maomao fez durante a cirurgia foi apenas sua tentativa de imitar coisas que viu seu pai Luomen fazer. Ela não aprendeu nada disso fazendo dissecações com os médicos.

Ela fez o que pôde. Continuar sentada ao lado de Chue não resolveria nada. Ela deixou Baryou para cuidar da esposa, com instruções de chamá-la se algo acontecesse.

Ugh. Estou tão cansada e com dores em todos os lugares.

Ela não tinha dormido nada desde o ataque. Foi difícil, mas quando pensou em todas as pessoas que estavam muito pior naquele momento, ela não conseguia descansar. Ainda assim, trabalhar até ficar exausta por esse motivo não ajudaria ninguém.

Vou dormir! Juro que vou dormir!

Ela ia para o consultório médico e... espera. Por que seus pés a estavam levando para o outro lado?

O que estava acontecendo?

Isso é culpa da Srta. Chue.

Ela e seus resmungos, como se estivesse deixando Maomao com suas últimas palavras.

Em qualquer outra circunstância, Maomao teria dito que conservar sua resistência era a coisa mais importante naquele momento.

Em vez disso, ela foi para o consultório de Jinshi.

Maomao normalmente não vinha a esta sala sem uma convocação de Chue ou de alguém, e ela descobriu que era preciso mais coragem do que esperava para bater na porta. Ela respirou fundo, depois expirou e bateu.

Ela esperou. Não houve resposta.

Ela olhou curiosa para a porta. Talvez não

houvesse ninguém em casa. Ela sentiu um pouco como se o vento tivesse sido tirado de suas velas, mas de qualquer forma, ela se virou para voltar ao consultório médico.

Exatamente naquele momento, a porta se abriu. Maomao se virou surpresa para encontrar Jinshi ali.

Ele parecia abatido. Talvez estivesse passando mais uma noite em claro — superestimando o quanto seu corpo poderia aguentar, de novo. Quantos dias

fazia desde que ele dormiu? A visão dele pode ter inspirado pena em algumas pessoas, mas para Maomao ele parecia apenas um homem que havia se esforçado demais. Seus olhos estavam inchados, sua pele seca. Seu cabelo não tinha brilho e seus lábios estavam rachados.

“Quantas noites em claro você já passou?”, disse Maomao. “Eu poderia te fazer a mesma pergunta!”

Parecia haver algo que Jinshi queria poder dizer, pois ele estendeu a mão.

Ele pegou a mão de Maomao e a puxou para dentro do escritório. Ele puxou com tanta força que ela pensou que cairia direto no chão, mas ele a pegou primeiro.

Oh!

Eles deitaram no chão, Maomao em cima, Jinshi embaixo. Havia um tapete bonito e grosso para pousar, mas mesmo assim, Maomao se perguntou se não doeu cair daquele jeito.

Depois de um momento, Jinshi disse: "Não saia correndo daquele jeito de novo." "Sinto muito."

"Tente pensar antes de agir!"

"Eu pensei. E olha o que aconteceu."

Ela sentiu uma respiração quente na cabeça e sabia que ele estava suspirando.

Ela não conseguia se mover. Ela tentou olhar para Jinshi, mas percebeu que o queixo dele estava no caminho.

"Eu te trouxe aqui porque pensei que seria seguro. Como tudo pode ter dado tão errado?"

"Porque as coisas nem sempre acontecem como planejamos. Se eu tivesse ficado na capital, o mesmo tipo de coisa poderia ter acontecido."

"É verdade."

Por que eles estavam deitados no chão, trocando o que parecia ser brincadeira?

Deveríamos pelo menos fechar a porta. E se alguém os visse? Tenho que me levantar.

Quanto tempo ele planejava ficar deitado ali segurando-a? Para ser bem direto, ela não tomava banho há dias. Ela mal tinha trocado de roupa. Devia estar com um cheiro horrível, deitada ali com uma mulher coberta de suor e poeira.

Que diabos? Ele está realmente cheirando!

"Mestre Jinshi?" "O quê?"

"Talvez você possa me deixar ir um dia desses?" "Você sempre pode me afastar."

Maomao pegou a mão de Jinshi. Parecia muito pesada, mas ele não estava especificamente empurrando-a. Era só...

Estou com sono.

Maomao mal conseguia pensar direito. Talvez fosse a liberação de toda aquela tensão, mas ela se sentia estranhamente segura. Era o carpete grosso que era tão bom? Ou era o calor de outro corpo bem ao lado dela?

"É verdade..."

Ela tentou afastar a mão dele, mas não conseguiu. Em vez disso, sua respiração gradualmente se acalmou, e lentamente, a dele também.

O que eu faço aqui?

Suas pálpebras estavam tentando fechar, mas ela sentiu que havia algo que precisava dizer a ele.

“Eu sei que você tem suas circunstâncias, Srta. Maomao. É importante não se deixar levar pelas suas emoções!”

Eu não vou me deixar levar pelas minhas emoções, ela pensou.

Ela olhou para o rosto do belo homem diante dela. Com seus olhos amendoados fechados, os cílios que os cercavam pareciam ainda mais longos do que o normal. Seus traços faciais eram perfeitamente formados, seus lábios nem muito cheios nem muito finos. Havia uma cicatriz correndo ao longo de sua bochecha direita.

Para alguém com um rosto tão bonito, ele era surpreendentemente bem construído. Aquela marca amaldiçoada ainda estava em seu flanco.

Maomao não conseguia compreender. Para conseguir o que queria, Jinshi tentou se retirar de

uma posição no auge do poder. Se seu objetivo era de fato a própria Maomao, então ela só conseguia pensar que havia algo errado com ele.

Era um calor como metal derretido. Ela não tinha certeza do que fazer com tudo isso — pois a temperatura que ela conseguia retornar não era maior do que a de água morna.

Lentamente, ela estendeu a mão em direção à bochecha de Jinshi e pressionou seu calor morno contra ela. Parecia um pouco mais frio do que sua mão. Os olhos dele estavam completamente fechados, e ele se aninhou contra a mão dela como um gatinho sendo acariciado. Ele estava dormindo — talvez ele finalmente tivesse relaxado.

Não há nada que eu possa lhe dar em troca.

Maomao aproximou seu rosto do de Jinshi. Sua respiração e a dela se misturaram. Seus lábios estavam ainda mais frios do que sua bochecha.

Pouco tempo depois, a respiração de Maomao também assumiu o ritmo uniforme do sono, e ela dormiu profundamente pela primeira vez em mais dias do que conseguia se lembrar.

# Capítulo 29: O Compromisso

O primeiro sono bom de Jinshi em dias ajudou muito a restaurar sua energia.

Ele olhou para a cama, onde Maomao estava enrolada, coberta de poeira e sangue. Ela estava tão cansada que não acordou nem quando Jinshi a pegou e a colocou na cama.

Jinshi ficou arrasado ao perceber que tinha adormecido antes dela; Maomao devia ter passado por coisas muito piores do que ele. Ele queria poder tê-la colocado na cama antes, com um cobertor macio e agradável ao redor dela.

Ela não conseguiu resistir ao seu primeiro sono em dias, e parecia tão confortável como se estivesse em um banho agradável.

Na bochecha de Maomao, Jinshi podia ver um ponto onde parecia que ela tinha sido atingida. O resto dela estava coberto de arranhões, e havia até uma marca de lâmina em seu pescoço. Ele concluiu que suas roupas encharcadas de sangue eram do tratamento de Chue gravemente ferido.

"Você está horrível", ele murmurou.

Jinshi suspeitava que se ele perguntasse a Maomao o que tinha acontecido com ela desde a última vez que a vira, ela lhe daria apenas o relato mais profissional. Não haveria nenhuma tentativa de fazê-lo se preocupar com ela ou simpatizar com

ela. Nada da untuosidade com que as damas do palácio traseiro costumavam se aproximar dele. Ela fez isso para não ser um fardo para ele? Ou simplesmente porque não via sentido em se emocionar com isso?

Se fosse o primeiro caso, então Jinshi não ficaria contente até que fizesse algo sobre essa criatura irritante e felina.

Desde que ele havia parado de tomar o remédio que lhe permitia passar por um eunuco, ele havia recuperado completamente suas funções masculinas. Ela percebeu que ele não seria nada além de uma besta se as correntes frias da racionalidade não o tivessem prendido?

"Jovem mestre?" chamou sua atendente, Suiren. Ela entrou trazendo uma muda de roupa. "Está quase na hora. Você precisa comer."

"Eu sei, eu sei." "Que tal um banho?"

Jinshi considerou. “Acho que vou passar. Não tenho tempo suficiente, não é?”

“Alguns podem dizer que não é muito higiênico se deixar coberto de sangue.”

Apesar de sua pequena piada, Suiren estava sorrindo mais do que o normal, Jinshi pensou. “Devo pelo menos preparar um pouco de água quente?”, ela perguntou.

Seu olhar pousou na cama. Mesmo que Jinshi não quisesse se lavar, ele provavelmente deveria

deixar Maomao fazer isso.

"Sim," ele disse. "E uma muda de roupa também." Sua assistente inteligente saberia exatamente a quais roupas ele estava se referindo.

"Certamente." Suiren fez uma reverência respeitosa com a cabeça.

Jinshi se espreguiçou poderosamente, então foi até a cama e ficou de pé mais uma vez. Ele se inclinou para perto, mas teve cuidado para não perturbar Maomao, que estava em sono profundo.

"Talvez eu possa me recarregar só um pouco?", ele disse, quase para si mesmo, e então ele gentilmente roçou os lábios contra a bochecha de Maomao.

Depois de se trocar e comer, ele foi para o grande salão da casa principal. Localizado em um prédio separado, ele foi informado de que era frequentemente usado para banquetes — mas hoje ele hospedava apenas um mínimo de pessoas e seus guarda-costas. Todo cuidado estava sendo tomado para que eles não fossem ouvidos.

Gaoshun e Taomei acompanharam Jinshi. Pela primeira vez, Taomei estava presente não como uma de suas damas de companhia, mas como sua ajudante de campo. Parecia um pouco estranho ter um casal de marido e mulher o flanqueando, mas ter os dois com ele era a coisa mais reconfortante que ele poderia ter esperado naquele momento.

Quando ele entrou no salão, ele descobriu que não era o primeiro a chegar. As pessoas que já estavam lá estavam sentadas em cadeiras ao redor de uma mesa.

Um deles era um homem grosseiro que se parecia muito com aquele que os havia levado para tal passeio, Gyoku-ou. Ele não tinha os pelos faciais de Gyoku-ou, no entanto. Ele tentava permanecer inexpressivo, mas não conseguia manter uma leve ruga na testa. Este era o filho mais velho de Gyoku-ou, Shikyou. Jinshi mal havia conversado com o homem, mas o observou atentamente durante toda a discussão sobre a herança. Ele havia encontrado tantos pontos de dessemelhança de Gyoku-ou quanto pontos de semelhança.

Sentado em frente a Shikyou estava um homem mais jovem — na verdade, ele mal parecia velho o suficiente para ter tido sua cerimônia de maioridade: Hulan, aquele que estava aprendendo seu ofício sob a tutela de Jinshi. Ele não se parecia em nada com seu irmão Shikyou. Humilde de atitude e tão pequeno que Jinshi quase podia acreditar que ele ainda tinha outro surto de crescimento para passar, no momento em que ele parecia... incomum. Ele estava coberto de bandagens. Era o que acontecia quando você se jogava no fogo. Eles o apagaram imediatamente, então as queimaduras não eram tão graves quanto

poderiam ter sido, mas ainda parecia doloroso.

Havia mais uma pessoa presente também. Normalmente, com os filhos mais velhos e mais novos presentes, alguém poderia esperar que essa pessoa fosse o segundo filho — mas hoje, alguém estaria errado.

Em vez disso, sentada ali sorrindo com o braço em uma tipoia, estava Chue.

Seu rosto estava coberto de cortes, e eles devem ter feito algo em seu torso também, porque a maneira como ela usava seu manto parecia terrivelmente rígida. Ela tinha uma jaqueta de algodão em volta dos ombros para evitar que ela sentisse frio. Jinshi reconheceu identifiquei-a como a jaqueta de algodão que Baryou costumava usar, embora o marido de Chue não estivesse lá.

"Príncipe da Lua! Há quanto tempo", Chue falou lentamente. Ela parecia tão perfeitamente comum que Jinshi se perguntou por um segundo se ela estava realmente machucada, mas então ele se lembrou do sangue que havia respingado na roupa de Maomao e sabia o quão sérios seus ferimentos deviam ser. Ela mal podia ter sangue suficiente. Ela podia agir despreocupadamente, mas sua capacidade de sobrevivência era outra coisa.

"Perdoe-me muito", disse Chue, "mas posso permanecer sentada?" Ela estava olhando para Taomei em busca de confirmação, preocupada

sobre como não Jinshi, mas sua sogra, reagiria. Certamente até Taomei pegaria leve com sua nora ferida.

Jinshi respondeu por ela: "Está tudo bem."

Shikyou e Hulan já estavam de pé, curvando-se respeitosamente para ele.

Shikyou foi o primeiro a falar. “Minhas sinceras desculpas, senhor, por me impor com tanta frequência a você para uma audiência.” Esse era um tipo de respeito que não estava em evidência durante as discussões sobre herança. Presumivelmente, Shikyou estava atrás de algo.

Enquanto isso, o terceiro filho, Hulan, estava sorrindo. “Príncipe da Lua, você parece estar em ótima forma. Ofereço a você minha sincera gratidão pelo seu tratamento generoso a um criminoso como eu.”

Foi Hulan, mais do que qualquer outra pessoa, que tornou suas vidas tão difíceis recentemente. Jinshi detestava deixá-lo ali parado e sorrindo, mas saber que ele sorriria tão amplamente quanto ele se matava por suas convicções era assustador.

“Ninguém disse que o que você fez foi esquecido”, Jinshi respondeu, não se permitindo soar menos do que controlado. Hulan continuou sorrindo

—mas a expressão de Shikyou ficou mais dura.

Hulan, na verdade, era o que eles estavam aqui nesta sala para discutir. Eles se reuniram para

trazer à luz o que ele estava pensando e o que ele tinha feito.

Enquanto isso, Feilong, que era de se esperar que estivesse lá, não estava —

porque havia certas coisas que eles não queriam que ele soubesse.

Jinshi fez sinal para os outros se sentarem. Shikyou e Hulan esperaram até que ele próprio se sentasse, então o fizeram.

Chue, que estava sentada o tempo todo, tinha uma bebida na mão, algo branco leitoso e fumegante. Leite de cabra, provavelmente, ou talvez uma sopa com leite de cabra. Ela estava sem sangue; era compreensível. Jinshi decidiu deixar para lá quando começou a discussão.

"Hulan. Por que você tentou matar Shikyou? Ele é seu irmão mais velho de sangue."

Não havia necessidade de nenhum preâmbulo. E Jinshi estava apenas perguntando para ouvir Hulan dizer isso.

Hulan não empalideceu; ele nem parou de sorrir. "À minha maneira, fiz o que achei que era melhor para a capital ocidental. Para a província de I-sei."

“E o que você achou melhor foi matar seu próprio irmão?” Jinshi perguntou secamente.

Shikyou estava olhando fixamente para Hulan. Ele deve ter se sentido muito em conflito sobre seu

irmão mais novo naquele momento.

“Eu pensei que você e Shikyou eram próximos,” Jinshi continuou. “Não é como se ele fosse um problema para você durante as discussões sobre a herança, é?”

“Você está certo — meu irmão disse que não precisava de herança, e que a dividiríamos como quiséssemos.”

“Ainda é verdade,” disse Shikyou. “Eu não preciso de nada. Vocês podem compartilhar o legado do velho como acharem melhor. Não tenho intenção de governar a capital ocidental. Deixo isso para você e Feilong conversarem. Mais importante de tudo, meu nome é Shikyou. Não usarei o nome de Gyoku nunca mais.”

Shikyou estava fazendo o tipo de oferta que deixaria a maioria dos segundos e terceiros filhos salivando. Para a família que governava a província de I-sei, no entanto, as coisas não eram tão simples.

"E então você acha que o irmão Feilong e eu deveríamos governar a terra juntos?

Sinto muito, mas isso é absurdo. Você acredita, irmão, que tudo vai dar certo para você simplesmente porque você se recusou a aceitar qualquer herança e qualquer dever?"

"Não vai? Feilong é um cabeça fria. Mais inteligente do que eu. Ele fará o certo por este lugar. Você pode ser seu assistente. Você pode não

ser um substituto perfeito para o velho imediatamente, mas em alguns anos, você terá este lugar funcionando."

"Alguns anos? Quando os próximos anos serão alguns dos mais difíceis?" Finalmente, Hulan parecia chateado — o jovem humilde e reservado havia desaparecido. "Eu concordo com você — nosso irmão Feilong é realmente uma pessoa calma e controlada. Se a vida tivesse permitido que ele fosse para a capital real como um burocrata, eu acho

ele teria subido muito mais alto no mundo do que você, irmão Shikyou. Mas faça dele o chefe, faça dele o rosto da capital ocidental? O que acontece então?" Ele parecia estar perguntando não apenas a Shikyou, mas a Jinshi. "Temos que lidar com as consequências do enxame de insetos, a piora da ordem pública, a escassez de alimentos — e no futuro imediato teremos que considerar a possibilidade de uma invasão por outro país. Você acha que o irmão Feilong tem força para navegar com sucesso por tudo isso?"

"Bem, ele pode simplesmente pedir ajuda ao nosso avô e tios, não pode?" "O avô é velho, e eu sinceramente duvido que ele volte da capital real.

Quanto ao nosso tias e tios, até que ponto podemos realmente confiar neles? A razão pela qual o avô deixou nosso pai no comando aqui foi

porque, não importa o que você pense sobre seus ideais, ele possuía a força necessária para manter tudo junto."

Jinshi não podia discordar disso. Se Gyoku-ou possuía uma coisa, apesar de suas crenças pessoais, era força. Sua habilidade de lidar com uma multidão, quase como um vigarista, era algo que Jinshi poderia aprender consigo mesmo.

"É verdade, as coisas podem ficar bem enquanto o avô permanecer neste mundo. E se as coisas ainda estivessem como eram antes do enxame, os outros poderiam manter a paz. Com o pai fora, no entanto, nossas tias e tios não serão tímidos em criticar a casa principal. E o irmão Feilong e eu, nenhum de nós o filho mais velho, não teremos influência para subjugar nossos parentes, que se fortaleceram administrando seus respectivos negócios nesta província. É por isso que o irmão Feilong esperou e esperou que você retornasse, irmão Shikyou. Porque você foi capaz de lutar corpo a corpo com o tio Yohda e silenciá-lo. Você tem força."

"Yohda" era um apelido que significava "filho mais novo." O mais novo dos filhos de Gyokuen era de fato a Imperatriz Gyokuyou, mas o mais novo entre os homens seria o sétimo filho, aquele que cuidava do gado. Aquele que supostamente ficou tão furioso com Shikyou que eles lutaram um duelo com aço vivo.

“Você está se contradizendo,” Jinshi disse. “Até agora você não fez nada além de elogiar Shikyou. Estou perguntando por que você iria querer matá-lo.”

Chue interrompeu, “Não é uma contradição de forma alguma!” Em sua mão estava uma fatia de pão frito macio. “Enquanto o senhor Shikyou estiver vivo, haverá alguém que o apoiará como líder. O que é um grande problema se você está tentando liderar sem ele.”

“Exatamente,” Hulan confirmou.

“De que adiantaria ter Shikyou fora de cena? Você não

disse que você e Feilong não têm poder para liderar?” Jinshi perguntou.

Com isso, Chue e Hulan sorriram, as expressões estranhamente semelhantes entre si.

“De fato ele fez,” Chue disse. “Mas o senhor Hulan — ele encontrou algo, para o bem ou para o mal. Alguém que ele queria na capital ocidental mais do que seu irmão mais velho desmotivado.”

“Correto de novo,” Hulan disse, e olhou diretamente para Jinshi. Jinshi teve um mau pressentimento.

“Entre os três filhos do Mestre Gyoku-ou, o senhor Shikyou é certamente o mais adequado para a liderança. Mas, no que diz respeito ao senhor Hulan, se houvesse outra pessoa

disponível, não haveria necessidade de se preocupar com os novos Yous. Seu objetivo, veja bem, era ajudar a capital ocidental a florescer. Se houvesse alguém com poder prático, alguém que fizesse sentido como líder político do oeste..." Chue também olhou para Jinshi.

"Tenho certeza de que teria funcionado, se eu pudesse ter me livrado do meu irmão Shikyou. A seu serviço, Príncipe da Lua, não duvido que eu e meu irmão Feilong teríamos sido excelentes ajudantes."

Com isso, Hulan saiu da cadeira, ajoelhou-se no chão e abaixou a cabeça. "Sei que peço o impossível. Mas devo pedir. Príncipe da Lua, você não ficará nesta cidade e guiará o povo da Província de I-sei? Ofereço qualquer coisa que possa ser útil neste caminho, até mesmo minha própria cabeça." Ele bateu a testa repetidamente no chão, e seus olhos estavam brilhando, brilhando tão intensamente que era quase perturbador. As queimaduras por todo o corpo atestavam a verdade do que ele disse.

Sem querer, Jinshi recuou um passo. Ele olhou para Gaoshun e Taomei, que estavam de plantão atrás dele.

Após uma pausa, Gaoshun disse calmamente: "Ouvi dizer que o clã Mi ensina a seus membros que a maior alegria é obedecer às ordens de seu mestre."

“A maior alegria...” Jinshi repetiu incerto.

“Diga apenas que você permanecerá aqui na capital ocidental, Príncipe da Lua, e eu terei prazer em arrancar minha cabeça com minhas próprias mãos!” Hulan disse.

“Eu não quero que você arranca nada”, Jinshi respondeu. Quem limparia depois?

“Chega! Pare! Você não precisa fazer isso.” Shikyou ajoelhou-se ao lado de Hulan, então imitou seu irmão pressionando sua cabeça no chão. “Você ouviu o garoto. Tudo o que ele fez, ele fez por amor à Província de I-sei. Por favor, não imagine que há necessidade de cortar sua cabeça.”

Bem, Jinshi não foi quem falou sobre cortar a cabeça de alguém, foi? Hulan se ofereceu para fazer isso sozinho.

“Irmão Shikyou. Eu não tenho nenhuma consideração especial. Se minha vida é o que é preciso para trazer o bem à capital ocidental, e daí?” Não havia hesitação nos olhos de Hulan — na verdade, ele parecia perplexo que Shikyou tentaria interceder por ele.

Chue simplesmente sentou e os observou, mas seus olhos se estreitaram em diversão. “Não importa o que você diga, você não vai conseguir falar com ele”, ela falou lentamente. “Ele foi criado para isso desde o dia em que nasceu. Vocês

dois pensam diferente. Você pode dizer a um gato para não pegar ratos, mas isso vai parar?"

"Gatos e ratos? Não seja absurdo! Por que uma pessoa jogaria sua vida por algo tão trivial? trivial?" Shikyou exigiu, olhando feio para Chue. Ela, no entanto, apenas tomou um gole de seu leite de cabra, imperturbável.

"Algo tão trivial? Se você pode dizer isso com uma cara séria, então você realmente nunca será sucessora. Eu sei que seu coração está com seu irmãozinho, mas tentar tirar o papel dele, isso é egoísmo. Devo dizer, senhor Shikyou, você realmente não tem talento para ser sucessor. Você pode jogar fora o nome Gyoku, assumir um apelido que soe desagradável e fazer muitas conexões com o submundo se quiser, mas isso não combina com você. Você está no caminho só por estar por perto, então talvez você possa se tornar uma marionete completa no palco público. Você quer proteger seu irmãozinho, é assim."

Depois que ela deixou tudo isso sair, Chue tomou outro gole de leite.

Shikyou se ajoelhou ali, atordoada, enquanto Hulan continuou a olhar para Jinshi com os olhos brilhando.

Chue não tinha terminado, no entanto. "E você, Senhor Hulan, desista já. Eu sei que você tem seu dever, mas se ele bater de frente com o dever da Senhorita Chue, você pode ter certeza de que ela

usará todos os meios à disposição para esmagá-lo como um pequeno inseto. Visto que sua existência não passa de um obstáculo para o Príncipe da Lua.”

“Uma observação interessante vinda de você, Senhora Chue. O que você pode fazer pelo Príncipe da Lua com esses ferimentos? Eles nunca vão sarar completamente. Sua classificação vai despencar.”

“Eu ainda estarei mais alto que você, Senhor Hulan. A Senhorita Chue é ágil o suficiente para fazer quase tudo que precisa com a mão esquerda. Mas sendo a gentil senhora que é, a Senhorita Chue tem uma ideia para um acordo. Um que pode até apaziguar um jovem como você. O Príncipe da Lua pode não liderar a capital ocidental, mas e se houvesse um ‘rosto’ que pudesse servir em vez disso?” Chue se virou para Jinshi e sorriu novamente. “O Senhor Shikyou tem talento, sabia? O que seu querido e falecido

pai Mestre Gyoku-ou estava tão desesperado para possuir, o Senhor Shikyou tem de sobra. Que ele não seja o bico de um pássaro, mas a cabeça de um dragão.”

Seu sorriso ficou ainda mais largo, e ela olhou para Shikyou.

“Você vai defender a capital ocidental, não vai?

Você será uma marionete brilhante, tenho certeza.”

Jinshi lançou um olhar furtivo para Taomei. Talvez ela soubesse dos negócios da nora, pois ela não disse nada. Ela parecia excessivamente interessada nos restos de comida que sobravam na mesa — e dedicada a não aprender muito sobre o pensamento do clã Mi.

Se ele soubesse que seria assim, Jinshi refletiu, ele teria se recuperado ainda mais em seu quarto.

# Capítulo 30: Crescimento

O vento que soprava era tão frio que era quase doloroso.

O tempo passou rápido. Desde seu retorno à capital ocidental, Maomao havia retomado sua vida cotidiana quase como se nada tivesse acontecido. Antes que ela percebesse, o ano havia virado, e ela tinha 21 anos.

Seus dias passaram muito como antes; ela passava seu tempo fazendo remédios no escritório com o médico charlatão, cultivando ervas medicinais na estufa e ocasionalmente visitando Jinshi para fazer exames.

Bem, talvez uma coisa fosse um pouco diferente. "Papai! Brinque comigo!"

"Vamos, seu pai está indo para o trabalho, Gyokujun. Podemos brincar mais tarde."

Ou seja, Shikyou agora estava presente na casa principal. Ele trocou sua roupa de biaoshi por roupas mais adequadas, nas quais ele realmente se parecia muito com Gyoku-ou. A semelhança era tão impressionante, de fato, que fez Maomao esperar que a população que tanto reverenciava o pai de Shikyou pudesse apoiar o filho também.

Afinal, era muito comum as pessoas fazerem julgamentos com base na aparência em vez do caráter.

Eu realmente tenho que me perguntar, por que a mudança de ideia?

Maomao não fingiu entender; ela era apenas uma boticária. Sem dúvida, houve muita discussão entre Shikyou e Jinshi.

Havia uma nova peça de mobília no consultório médico: um sofá grande. Pelo que Maomao ouviu, o estrategista esquisito era um visitante regular enquanto ela estava desaparecida. Ele o trouxe com ele, e aqui ele ficou.

Como eles conseguiram se virar com ele?

O médico charlatão deve ter entretido o estrategista o tempo todo que Maomao estava fora. As habilidades interpessoais do charlatão, Maomao refletiu, devem estar entre as mais potentes de toda Li. A única outra pessoa em que ela conseguia pensar que poderia acalmar aquela aberração era seu pai, Luomen.

"Oh! Com licença, mas você pode pegar aquele bastão para mim? "Minhas costas estão coçando", gritou Chue, que estava deitada no sofá. Seu tronco tinha sido liberado das bandagens, assim como sua mão e braço direitos. No entanto, seu cotovelo só conseguia dobrar cerca de metade do que antes, e sua mão e dedos se moviam apenas

um pouquinho. Seu braço não tinha caído, no entanto, e o fato de ela conseguir mover os dedos testemunhava que Maomao tinha se saído bem.

Os ferimentos de Chue eram tão graves que por um tempo ela não foi obrigada a fazer nenhum trabalho, mas deveria ir ao consultório médico para reabilitação física.

Mas agora ela está morando aqui!

"Sim, claro, é este que você quer? Se suas costas coçam, temos uma pomada que pode ajudar", disse o médico charlatão, entregando a Chue um bastão do comprimento perfeito.

"Oooh, você sabe, isso pode não ser uma má ideia. Ah, e não é quase hora do lanche?"

"Certamente é. Hoje eu tenho batata-doce, cozida no vapor e misturada com mel e depois assada. E adicionei um pouco de leite de cabra para completar o sabor."

A médica charlatã tinha se tornado uma verdadeira chef, pelo que valia a pena — o que era um dos motivos pelos quais Chue tinha se tornado uma presença tão regular no escritório. Era interessante notar, então, que a habilidade da charlatã de misturar remédios não tinha melhorado nem um pouco.

"Ora, minha querida charlatã, você ficou ainda melhor do que antes! Este prato vai causar uma revolução no mundo de cozinhar batatas de Li!" Chue disse, trabalhando assiduamente na pilha de batatas em seu prato. Sua mão esquerda provou ser mais do que suficiente para permitir que ela comesse.

“Senhorita Chue, você poderia ser gentil o suficiente para deixar um pouco para o resto de nós? Vou chamar os outros”, disse Maomao.

“Sim, claro”, Chue respondeu com a boca cheia de comida. Isso dificilmente a fez parecer confiável: Maomao transferiu o que restava do lanche para outro prato. O charlatão estava preparando um chá com um cheiro anormalmente forte

—folhas da região central, Maomao suspeitou. Ele finalmente tomaria um chá decente depois de passar tanto tempo fervendo raízes de dente-de-leão.

“Parece que as coisas ficaram muito mais estáveis”, Maomao comentou. Eles também estavam se sentindo mais confortáveis com o suprimento de remédios do escritório. Ainda havia alguma escassez de alimentos e outras fontes de agitação, mas eles ganharam alguma margem de manobra.

“Ah, a propósito, devemos poder voltar para a capital real em breve”, Chue falou lentamente.

“O quê?” Maomao perguntou.

“Esqueci de mencionar. Ti hee! Meu marido me pediu para contar a todos, Srta. Maomao. Minha culpa!” Chue bateu na testa com um nó da mão esquerda. Ela piscou e mostrou a língua — Maomao achou o gesto

estranhamente irritante.

“O Mestre Jinshi também vai voltar?” Maomao perguntou.

“Claro que sim! Seria difícil para ele ficar aqui por muito mais tempo, e a sucessão está bem resolvida. Para fins formais, todos vão se fechar em torno de Shikyou.”

“Isso vai funcionar?”

Para ser bem honesto, Maomao estava desconfortável. Certamente, Shikyou tinha um talento para roubar os melhores momentos debaixo do nariz das pessoas, e ele tinha aquela qualidade de “herói”. Apesar de ser muito mais carismático do que seu segundo e terceiro irmãos, ele passou anos vagando em seu lazer. Sua destreza marcial e uma rede de informações que ele só poderia ter obtido como um biaoshi seriam ativos, mas ainda parecia que faltava muita coisa.

"Você tem certeza de que ele não terá, como diz o ditado, a cabeça de um dragão e a cauda de uma cobra?"

Sua semelhança com Gyoku-ou provavelmente lhe renderia muito apoio no começo. Conforme o brilho se desvanecia, no entanto, não havia como dizer como as pessoas reagiriam a ele.

"Até mesmo uma cobra escorregadia deve fazer o que precisa fazer", entoou Chue. "Precisamos que Shikyou seja o herói da capital ocidental, e é isso que ele terá que ser."

Um herói, hein?

Pensando nisso, Maomao percebeu que talvez a razão pela qual Gyoku-ou havia dado a Shikyou sozinho entre seus filhos uma educação política era que tinha sido em Shikyou que Gyoku-ou viu a imagem heróica que ele tanto idealizou. Ele queria passar sua posição para seu filho, que era desde o começo o que Gyoku-ou havia trabalhado e aspirado ser.

“Shikyou é muitas coisas, mas ele não é estúpido. Ele foi educado o tempo todo para ser o líder aqui no oeste, e administrar uma agência biaoshi certamente lhe dá alguma experiência em gerenciar pessoas.”

“Você não acha que ele é... muito pouco sério? Muito mole?”

A personalidade de Shikyou estava em desacordo com seu nome. Ele podia agir como um vilão, mas tinha um lado mole.

“Essa é uma pergunta justa. É por isso que precisamos ter certeza de que tudo ao redor dele é sólido.”

“Mas e se as pessoas ao redor dele não confiarem nele?” Maomao perguntou.

Chue apenas sorriu e tomou um gole de chá. “Acho que Feilong não terá problemas em estar lá para seu irmão mais velho. E eles têm o Sr. Rikuson também! Além do mais,

você pode não esperar, mas Shikyou é bastante popular com seus tios." "Seus tios? Ele não brigou com aquele que tem sua idade?"

"Quanto mais você luta, mais perto você fica. Se o segundo ou terceiro filho tivesse assumido a liderança, acho que algum arrivista ambicioso poderia ter tentado derrubá-los. Tio Yohda ou algo assim."

Então foi entre um bando de homens que pareciam dar muito trabalho. "Além disso, o vice-ministro Lu ficará por aqui por um tempo para ajudar a limpar

as coisas", Chue acrescentou.

"Você quer dizer aquele cara do Conselho de Ritos? De que adiantaria deixar alguém encarregado das observâncias religiosas aqui?"

"O vice-ministro Lu ocupou muitos cargos em muitos escritórios. A maneira generosa de dizer isso seria dizer que ele é muito versátil. A maneira menos generosa, que ele é um faz-tudo, mas não é mestre em nada. Ainda assim, ele pode fazer quase tudo, então tenho certeza de que ele será capaz de lidar com as coisas aqui."

"Isso o faz soar muito como o irmão de Lahan." Tanto faz — Maomao finalmente poderia relaxar um pouco. "A questão é que podemos voltar."

Ela estava começando a se preocupar que acabaria enterrada aqui no oeste.

Ela deu um suspiro de alívio.

“Acho que o Sr. Lihaku já sabe. O Irmão de Lahan provavelmente não sabe.

Certifique-se de contar a ele, certo? Haverá muito o que preparar.” “Claro”, respondeu Maomao.

O Irmão de Lahan estava nos campos que ele havia feito destruindo o jardim da casa principal. Ele havia plantado trigo — o trigo que ele havia trazido de volta arriscando sua vida durante o enxame de insetos.

Maomao saiu do consultório médico para ir encontrar o Irmão de Lahan. Ela o encontrou andando como um caranguejo nos campos — pisando no trigo, ela presumiu.

“O B—”

Ela estava chamando por ele quando avistou duas crianças no canto de sua visão. Quem seriam senão Gyokujun e Xiaohong.

Gyokujun está dando trabalho para ela de novo? Maomao pensou que talvez as dificuldades da estrada lhe tivessem ensinado algumas lições, mas talvez não. Por que ele acha que eu o resgatei?!

Maomao tinha se tornado bastante parcial para Xiaohong, então ela tinha toda a intenção de dar um soco na cabeça do valentão mimado — mas algo estava errado.

Gyokujun estava realmente se pavoneando sobre algo, mas Xiaohong apenas olhou para ele com os olhos semicerrados. Maomao achou que a expressão parecia familiar.

"Ei! Você está me ouvindo?" Gyokujun exigiu, agarrando Xiaohong pelo colarinho.

Naquele exato momento, houve uma pancada forte. Foi a palma aberta de Xiaohong, que fez contato com a bochecha de Gyokujun. Gyokujun ficou tão assustado que perdeu o equilíbrio e caiu de costas.

Gyokujun, claramente abalado, tocou sua bochecha avermelhada. "O-O... O que você pensa que está fazendo?! Você não tem medo de mim? Você sabe que eu posso expulsar gente como você da capital ocidental!"

"Não, eu não estou com medo," Xiaohong disse e olhou para ele, ainda imperturbável. "Você... Você sabe quem é meu pai? Ele é o governante da capital ocidental,

você sabe!"

"E daí se o tio Shikyou governa a capital ocidental? Vá em frente e me denuncie. Ele não vai se livrar de mim por isso. Você deveria saber disso melhor do que ninguém, Gyokujun."

"Bem, eu vou ser o líder depois do meu pai. Então eu mesmo vou te expulsar!"

"Heh heh!" O inexpressivo Xiaohong riu de

repente. “O que é tão engraçado?!”

“Oh, eu só pensei que se gente como você fosse ser líder aqui, talvez eu fosse para a capital imperial e tentasse mirar um pouco mais alto. O que você pode fazer? Você é apenas um pequeno camarão que se esconde atrás do pai o tempo todo. Um camarão que comanda uma escorrendo ranho do nariz!”

Então, como se nada tivesse acontecido, Xiaohong simplesmente foi embora.

“S...Snnniiiifff!”

Levado às lágrimas por uma garota ainda mais nova que ele, Gyokujun ficou sem nada para fazer a não ser sentar no chão, escorrendo ranho e se debatendo com raiva.

Sinto que alguém está me observando, pensou Maomao. Ela se virou lentamente para encontrar o irmão de Lahan parado ali.

“O que você ensinou àquela garota?”, ele perguntou, dando a Maomao seu olhar mais mordaz.

“Eu? Nada...”

“Não foi nada! Você viu a expressão dela? Ela parecia exatamente com você! Ah, ela era uma criança mais doce e recatada quando a conheci!”

“Você entendeu tudo errado!”

Não importa o quanto Maomao lutasse para convencê-lo, no entanto, o irmão de Lahan não acreditaria nela. Ela gastou tanto tempo e energia

no assunto, na verdade, que se esqueceu da coisa muito importante que tinha vindo lhe dizer.

# Epílogo

A brisa salgada era maravilhosa; Maomao saboreou o vento do mar enquanto caminhava pelo convés do navio.

Eles deixaram a província de I-sei para trás e estavam a caminho de uma agradável viagem marítima. O navio em que estavam a lembrava daqueles que pegaram no caminho para cá, embora fosse ligeiramente, sutilmente diferente em forma. Mais uma vez, eles tinham três grandes navios, com alguns navios mercantes os acompanhando.

As coisas mudaram drasticamente na capital ocidental nos últimos meses. Houve um tempo em que as pessoas murmuraram que o irmão mais novo do Imperador havia assassinado Gyoku-ou para tomar conta da cidade, mas com o filho mais velho de Gyoku-ou, Shikyou, agora envolvido na política local, as impressões mudaram. Apesar de toda a conversa sobre a delinquência de Shikyou, as pessoas pareciam considerá-lo bem o suficiente. O fato de ele ser a cara do pai parecia explicar a maior parte de sua popularidade, mas talvez houvesse outro fator: a qualidade heroica que tinha sido uma performance para Gyoku-ou parecia

perfeitamente natural vinda de Shikyou.

Ainda havia problemas potenciais com provisões, mas Jinshi, o irmão mais novo do Imperador, não podia ficar na área para sempre, então foi decidido que ele voltaria para casa. O Vice-Ministro Lu estaria ocupado, sem dúvida, mas esperava que ele fizesse o melhor que pudesse.

Francamente, ele poderia achar mais fácil trabalhar com Jinshi de volta na região central.

Aqueles que tinham relutado em suprimentos para o oeste descobririam que não poderiam mais recusar com o irmão de Sua Majestade por perto. Não era o tipo de coisa em que a família Imperial normalmente se envolveria, mas Maomao podia facilmente imaginar Jinshi fazendo exatamente isso.

Não acredito que já faz quase um ano desde que chegamos aqui. Ela se perguntou o quanto a cidade imperial havia mudado. Ela esperava que todos que ela conhecia lá estivessem bem. Esqueci de comprar souvenirs... mas eles não devem estar esperando nenhum agora, não é?

Ela não teve tempo para essas coisas. Bem, ela tinha um souvenir: o âmbar-gris. Ela estava feliz por pelo menos ter algo para dar à velha senhora rabugenta. Caso contrário, nenhuma desculpa no mundo a teria poupado da

disciplina da velha senhora.

Por mais que Maomao gostaria de finalmente relaxar, o navio para casa hospedava certas pessoas com quem ela definitivamente não poderia fazer isso.

"Senhorita Chue, senhorita Chue."

"Sim? O que foi, senhorita Maomao?"

Chue estava comendo algumas passas ainda na videira, como se estivesse em uma lembrança melancólica da capital ocidental. Com a mão esquerda sozinha, ela as arrancou facilmente do cacho e as colocou na boca.

"O que esse velhote está fazendo aqui?" Maomao perguntou, enviando um olhar furioso para o velhote — ou seja, o estrategista esquisito, que estava na proa.

“Ele está aqui pelo mesmo motivo que você, Srta. Maomao — para ir para casa da capital ocidental”, Chue falou lentamente. “Ele parecia bem alegre no começo, mas no momento em que o navio partiu... bem, ele nem chegou à cabeça, o pobrezinho. Apenas esvaziou o conteúdo do estômago na doce brisa do mar.”

“Poupe-me dos detalhes. Eu posso adivinhar.”

O vômito ainda brilhava com a água do mar; Maomao começou a se sentir mal pelo ajudante que estava por perto. Havia uma

pessoa mais jovem lá também, com um balde. Junjie, esse era o nome dele — ele ajudou a cuidar de Maomao na capital ocidental.

"O Mestre Lakan deveria estar em outro navio, mas, ah, que birra ele fez! 'Dessa vez eu vou com Maomao! Wah wah!' Ele parecia pronto para usar um pouco de pólvora se não tomássemos cuidado, e — bem, você tem que saber quando dobrá-las. Mas ele vai ficar quieto enquanto estivermos navegando, então acho que você deve ficar bem."

"Onde ele vai conseguir essa pólvora?" Maomao resmungou. Ela não queria

que ninguém causasse uma explosão em nenhum navio em que ela estivesse a bordo.

Então ela disse, "Eu não sabia que Junjie estaria conosco também."

Tão jovem, e já indo para o exterior para trabalhar a fim de ganhar dinheiro para sustentar sua família. Quão filial da parte dele.

"Sim, de fato. Ele ficou mais surpreso do que ninguém ao descobrir que seu nome estava na lista de passageiros voltando para a capital. Talvez possamos deixá-lo ficar com o Mestre Lakan por um tempo — nosso querido estrategista parece se dar melhor com crianças."

Tanto para a Certa Pessoa Nº 1 em torno da qual Maomao não conseguia relaxar. Quanto à

Certa Pessoa Nº 2...

"Terminei de organizar a carga. O que você gostaria que eu fizesse a seguir?" Havia um jovem humilde com bagagem nas duas mãos. Em sua pele nua

havia manchas vermelhas que pareciam cicatrizes de queimadura.

Maomao olhou feio para ele.

"Ah, você fez isso? Então talvez você pudesse esfregar na frente de nossas cabines", disse Chue. "O Mestre Lakan não chegou ao convés antes de se soltar, e não é uma visão bonita lá embaixo. Os quartos da Srta. Maomao e o meu poderiam usar um retoque. Seja minucioso, agora!"

"Sim, senhora. Quando eu terminar, posso fazer uma visita ao Príncipe da Lua?" O jovem, cujo nome era Hulan, curvou-se educadamente.

"Do que você está falando? Há muito mais trabalho para você fazer depois disso! No momento em que terminar, as cabines, você precisará começar a limpar o convés." Chue apontou para o estrategista esquisito, que ainda estava vomitando ativamente.

"Por que... esse cara está aqui?" Maomao perguntou com indisfarçável desagrado. "'Esse cara' é tão terrivelmente duro. Por favor,

sinta-se à vontade para simplesmente me chamar de Hulan."

O jovem ainda estava sorrindo, como sempre fazia. Maomao se viu fugindo por toda a província de I-sei porque tratou Shikyou depois que ele foi atingido por um dardo envenenado — mas foi Xiaohong quem a levou até o homem ferido. E foi Hulan quem incitou Xiaohong.

Hulan foi quem tentou subjugar Shikyou por conta de uma disputa de sucessão, e arrastou Maomao para isso também. Ela tinha toda a intenção de alimentá-lo com um sanduíche de junta quando se encontrassem novamente, mas de alguma forma, ao vê-lo coberto de queimaduras da cabeça aos pés, ela não teve coragem.

"Senhorita Maomao, senhorita Maomao!"

"Senhorita Chue. Não confio em mim mesma para ficar calma perto dele."

"Oh, você não vai deixar passar dessa vez?" Chue sorriu tão largo quanto Hulan e levantou sua mão direita aleijada. Foi ela quem foi mais gravemente ferida em sua aventura, e se ela pediu temperança, não havia muito que Maomao pudesse dizer.

"Como você vê, não há mais lugar para mim na capital ocidental. Mais importante, o dever que devo executar mudou," disse Hulan.

Maomao olhou para ele, intrigada. “Eu posso ver por que eles não querem você na capital ocidental, mas o que é isso sobre seu dever?”

Hulan corou levemente e olhou para baixo. “Meu dever agora é oferecer meu corpo pelo bem do mestre que devo servir.”

“Desculpe. Não entendi.” Maomao estava se sentindo mais doente a cada minuto. Sua expressão lembrava um pouco a que "óculos de ábaco" Lahan ocasionalmente apontava para Jinshi.

"Sei que você não gosta muito de mim, Lady Maomao, mas peço que confie

em mim. Acompanhei esta viagem para cumprir meu dever ao máximo. Ofereço e oferecerei este meu corpo pelo bem do Príncipe da Lua a qualquer momento que ele pedir, pois é por sua graça que eu vivo."

Esse é um fanático esquisito.

Maomao olhou para Chue, nada impressionado. "É tarde demais para trocá-lo por Xiaohong?"

"O pensamento passou pela minha cabeça, mas infelizmente, ela é menor de idade, então não foi possível. Não consegui fazer a Srta. Yinxing concordar."

Bem, pelo menos ela tentou.

"Xiaohong! Ah, você é muito criteriosa. Há muito tempo penso que essa garota pode ser muito útil."

"E por que você envolveu essa... garota útil em sua trama?" Maomao perguntou.

"Bem, quando ouvi que ela era ainda mais adequada do que eu, como eu poderia não querer me intrometer um pouco? Nunca imaginei que ela traria você de todas as pessoas, Lady Maomao. Eu nunca quis que você se envolvesse. É verdade, eu juro. Você deve acreditar em mim!"

Hulan fez tudo soar inexplicavelmente frívolo. Ele estava começando a parecer como se um parafuso tivesse se soltado em algum lugar de sua cabeça.

"Oh! Então essa é a história." Chue parecia estranhamente preparado para aceitar o que ele disse pelo valor de face.

Maomao não tinha certeza do que Chue estava tirando do que Hulan disse, mas ela tinha outra pergunta. "Tudo bem, Mestre Hulan, diga-me: Poderia ser que você estivesse me testando o tempo todo em que estive na capital ocidental?"

Foi Hulan quem trouxe para ela os casos de intoxicação alimentar na destilaria, bem como

o VIP doente.

"Teste é uma palavra tão desagradável. Eu simplesmente trouxe você aqui pensando se você seria capaz de resolver esses problemas, Lady Maomao."

"Isso inclui a intoxicação alimentar na destilaria?" Ela queria ter certeza. Hulan não respondeu, apenas sorriu.

"Ah, a destilaria — ouvi dizer que as coisas ficaram difíceis depois disso", disse Chue, mudando de assunto habilmente. Maomao entendeu o ponto dela: por mais que ela quisesse encurralar Hulan, ela não deveria insistir muito no assunto.

Chue continuou: "Um gole de teste é muito bom, mas descobriram que eles tinham bebido seu melhor vinho até secar. Eles simplesmente beberam demais, até que não tinham o suficiente para atender seus pedidos, então misturaram coisas diluídas e inferiores."

"Coisas inferiores?" Maomao perguntou. Essa história estava começando a soar familiar.

"Isso mesmo. Foi mais ou menos quando houve toda aquela comoção sobre o vinho deles. Eles pensaram que tinham escapado impunes, mas então a intoxicação alimentar aconteceu e tudo veio à tona."

Como se estivessem no comando, Chue e

Hulan sorriram amplamente. Os dois não se pareciam em nada, mas seus sorrisos eram idênticos.

"Ele não é desesperador, veja bem, mas não é muito sutil. Ele precisa aprender de alguma forma."

"Então agora ele está trabalhando para você, Srta. Chue?"

"Você entendeu! E eu vou fazê-lo trabalhar como um cachorro. Sinta-se à vontade para fazê-lo fazer qualquer tarefa servil que você quiser, Srta. Maomao."

"Estou ansioso para trabalhar com você", disse Hulan, estranhamente otimista para alguém que havia sido exilado de sua casa. Maomao soltou um longo suspiro e se virou, deixando Hulan pensando no que fazer com o estrategista esquisito, cujo conteúdo do estômago estava atualmente formando um arco-íris no céu.

Maomao estava cansada de olhar para qualquer um deles, então ela voltou sua mente para considerar onde mais ela poderia estar naquele momento — e então ela avistou uma plataforma de vigia no alto de um dos mastros.

"Com licença, eu poderia ir até lá?" ela perguntou a um marinheiro próximo. "O que você faria lá em cima? Seria perigoso para você, senhorita." "Eu estava apenas curiosa."

"Curiosa? Vocês, tipos centrais, gostam de lugares altos?" Ele lançou um olhar duvidoso, mas o que ela se importava? Se ele tivesse insistido, ela poderia ter pensado melhor na ideia, mas o marinheiro trouxe uma corda. "Aqui, uma tábua de salvação. É perigosa, então certifique-se de amarrá-la bem em volta de si."

"Oh, muito obrigada." Ela ficou realmente surpresa com a prontidão com que o homem atendeu ao seu pedido. Ela amarrou a corda em volta da cintura e começou a subir até chegar ao mirante, que ficava na metade do mastro. Ela estava prestes a subir na plataforma quando percebeu que alguém a havia alcançado antes.

"O que você está fazendo aqui, Maomao?" ele perguntou.

“Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta, Mestre Jinshi.” Lá estava Jinshi, sentado na plataforma do mirante.

“Eu? Eu só... Sabe. Eu estava tentando fugir de alguém bem problemático.”

“Mestre Basen? Não, isso não faria sentido... É o Mestre Hulan?” A expressão de Jinshi escureceu: bingo.

“E o que o traz aqui?” ele perguntou.

“É um dia tão lindo que eu queria estar lá

fora, mas tenho tentado encontrar algum lugar onde o estrategista esquisito não esteja vomitando."

Em outras palavras, ambos estavam lá pelo mesmo motivo. "De qualquer forma, sente-se."

"É um pouco apertado." "Conviva com isso."

Maomao sentou-se, efetivamente ombro a ombro com Jinshi. O que mais ela poderia fazer? Era apertado. Talvez eles só a deixassem subir aqui porque outra pessoa tinha feito isso primeiro.

"Finalmente estamos indo para casa," Jinshi refletiu.

"Tem sido uma rota muito tortuosa", disse Maomao. "Não diga isso. Não quando finalmente estou de bom humor."

Jinshi olhou para o céu: azul com nuvens brancas e fofas. A imagem da paz, como se nada de ruim pudesse acontecer.

"As coisas vão estar movimentadas quando voltarmos para a capital", disse Maomao. "Isso é certo. Tenho certeza de que o trabalho está se acumulando lá, e apoiar uma

terra distante como a Província de I-sei da capital real não vai ser fácil." No entanto, a expressão de Jinshi transmitia que isso teria que ser feito.

O perfil de seu rosto era quase perfeito,

marcado apenas por um único traço, uma única cicatriz. Provavelmente nunca desapareceria, mas, novamente, Maomao lembrou, Jinshi parecia estranhamente afeiçoado a isso.

Isso me faz pensar em tudo o que aconteceu com o clã Shi.

Deve ter lembrado Jinshi também, cada vez que ele se olhava no espelho ou tocava sua bochecha.

Maomao sabia muito bem que esse homem, Jinshi, sentia profundamente suas responsabilidades.

Ele não precisava que ela o lembrasse de que haveria muito trabalho a fazer quando chegassem em casa. O que a levou a dizer algo tão insensível?

Ela não conseguia pensar em muito mais para falar, no entanto, então ela se aventurou: "O que você mais quer fazer quando voltarmos para a capital, Mestre Jinshi?"

"O que eu quero fazer?" Jinshi ponderou. Ele ponderou tanto que começou a franzir a testa, inclinar a cabeça e hrmmm.

Eu realmente não acho que ele precisa pensar tanto nisso. Maomao não quis dizer muito com a pergunta.

"Você realmente precisa pensar tanto nisso, senhor?"

Maomao conseguia pensar em todos os

tipos de coisas que ela queria fazer quando voltassem: colher ervas medicinais, compor alguns medicamentos, experimentar os efeitos de algumas novas drogas. Todos os tipos de coisas.

"Ah, é só que... tenho certeza de que há uma panóplia de coisas que não quero fazer esperando por mim, e tudo o que consigo pensar é como vou lidar com elas."

"Ahhh... Sabe, eu me lembro deles dizendo algo sobre haver uma nova consorte em potencial."

Quem era ela mesmo? A filha adotiva de Gyoku-ou? Maomao não conseguia deixar de se sentir um pouco mal pela garota agora que Gyoku-ou, que a havia enviado para o palácio traseiro, estava morto.

"A Imperatriz Gyokuyou tem lidado com esse assunto em meu nome.

Trazendo-a de volta, não duvido." "Trazendo-a de volta, senhor?"

"Você não sabia? A Imperatriz Gyokuyou é famosa — ou talvez eu devesse dizer infame — por seu jeito com as pessoas. Durante seu tempo no palácio traseiro, ela praticamente redesenhou o mapa de poder entre as mulheres do Imperador."

Maomao pensou em seu tempo dentro dos

muros do palácio traseiro. Agora que Jinshi mencionou, ela se lembrava de Gyokuyou frequentemente tomando chá com consortes médias e baixas, atraindo-as para sua facção.

"Não acredito que a posição da Imperatriz vá mudar", disse Jinshi.

Maomao havia enviado algumas cartas enquanto estava na capital ocidental, mas naturalmente hesitou em enviar qualquer coisa para uma personagem tão augusta quanto a própria Imperatriz. Ela não tinha ideia de qual era a situação atual de Gyokuyou.

"Disseram-me que tanto o jovem príncipe quanto a princesa estão indo muito bem", disse Jinshi.

"É bom ouvir isso."

Maomao estava mais perto da princesa do que do jovem herdeiro aparente.

A menina curiosa deve estar ficando grande agora. "Você gostaria de visitá-los quando voltarmos?"

"Eu poderia? Imperatriz Gyokuyou tentou, ahem, me ‘explorar’ várias vezes.”

“Sabe de uma coisa? Esqueça que eu disse alguma coisa,” Jinshi respondeu imediatamente. Então ele disse, “O que eu quero fazer? Sabe, tem uma coisa...”

“O que é isso, senhor?”

A mão de Jinshi roçou a de Maomao, se

acomodando contra ela, enfatizando o quanto sua mão era maior que a dela.

“É isso que você queria fazer?” Maomao perguntou. “Tem outras coisas também.”

“Ah, é mesmo?”

“Mas eu não posso.” Seus olhos se voltaram para a figura vomitando no convés. “Estou

me contendo o máximo que posso. Não é fácil.”

Maomao já estava bem familiarizada com os sentimentos de Jinshi — e ela sabia que ele não precisava mais fingir ser um eunuco. Era um pouco estranho estar empoleirado ali tão perto dele. Mas ao mesmo tempo... não era tão desagradável. "Eu sei que você tem suas circunstâncias, Srta. Maomao. É importante não

se deixar levar pelas suas emoções! Mas você também não pode deixar que isso seja uma desculpa."

Por que ela parecia pensar nas palavras de Chue sempre que estava com Jinshi?

O que ela sentia por Jinshi não era, ela suspeitava, uma paixão ardente. Ela não conseguia responder a ele com os mesmos sentimentos que ele trazia a ela, mas ao mesmo tempo, não havia muitas pessoas no mundo

com quem ela pudesse se sentir tão segura.

Ela estava começando a descobrir quais eram seus próprios sentimentos e começou a acreditar que deveria aceitá-los. Poderia ter sido legal se não tivesse sido a dama de companhia palhaça que lhe deu aquele empurrão final, mas o que você ia fazer?

O que eu vou fazer?

A mão de Maomao ainda estava contra a de Jinshi. Nada mais tinha acontecido, o que estava bom para ela, mas agora ela não tinha certeza de quando puxar sua mão.

"Maomao," Jinshi disse. "Sim, senhor?"

Ao mesmo tempo em que ela se virou para olhar para o rosto de Jinshi, ela viu o rosto de Jinshi descendo em direção ao dela.

O toque de seus lábios era tão leve, tão casual, que por um segundo ela não sabia o que tinha acontecido.

A princípio, ele não disse nada.

"O quê? Você está envergonhado?" ela exclamou, quando percebeu que ele tinha ficado vermelho até mesmo com esse beijo mais casto.

"Não, ahem, eu só... eu me contive, e eu pretendia continuar me contendo..."

Antes que ela pudesse se conter, Maomao exclamou, "Contenção! Você não se continha tanto antes!"

“Eu não...” Jinshi pareceu se lembrar de algo, e ficou sério.

Presumivelmente ele estava pensando em “antes”, quando ele a forçou a um beijo, e ela virou o jogo e lhe deu um gostinho do próprio remédio.

“Não se preocupe, senhor. Não vou te dar o troco dessa vez.” “Er... Não foi isso que eu...”

“Você preferia que eu fizesse?”

Jinshi franziu os lábios e olhou para Maomao. “Eu achava que você me desprezava.”

Dessa vez foi a vez dela não dizer nada. Em vez disso, ela desviou o olhar.

Acho que não o desprezo... desprezo?

Se não, então é claro que ela não tentaria trazê-lo de volta. Mas mesmo assim, ela não conseguia aceitar as palavras de Chue tão sinceramente a ponto de realmente dizer isso naquele momento.

“Bem?”

“Bem, o quê, senhor?”

“Você sabe perfeitamente bem!”

“Por favor, não grite. E se o estrategista esquisito nos notasse? Você quer que ele suba aqui, vomitando enquanto sobe?”

“Urk. Não, eu... eu não quero.”

Jinshi ficou em silêncio. Maomao também

olhou silenciosamente para o convés. Mas ela não tirou a mão.

Há muitas pessoas voltando conosco que não estavam aqui quando saímos, ela pensou. Para começar, o estrategista esquisito não estava no navio deles, mas eles também tinham vários dos amigos fazendeiros que o Irmão de Lahan havia recrutado.

Maomao sinceramente sentiu por eles; eles tinham sofrido muito.

Foi só então que ela percebeu algo.

"Sabe, eu não vejo o Irmão de Lahan em lugar nenhum", ela disse.

"O Irmão de Lahan? Ele deveria estar aqui. Todas as pessoas envolvidas com a agricultura deveriam estar neste navio", disse Jinshi.

Então Maomao pensou de novo. Ela tinha dito ao Irmão de Lahan que eles estavam retornando para a região central?

Não... Eu me distraí assistindo Xiaohong se defender e isso tirou o assunto completamente da minha mente.

Ainda não fazia sentido. Mesmo que Maomao tivesse esquecido de contar a ele, certamente

alguém teria.

“Espere... Ele não disse alguns dias atrás que iria verificar os campos nas aldeias?” Maomao perguntou.

“Ele deve ter voltado. Verificamos todos na lista de passageiros do navio.”

“Isso é verdade; bom ponto. Tenho certeza de que não o deixamos para trás. Mas talvez devêssemos verificar a lista novamente, só para ter certeza absoluta.”

“Boa ideia. A propósito, qual é o nome do irmão de Lahan?”

Houve uma longa pausa. Maomao sentiu sua mão começar a suar, e seu único consolo foi que a de Jinshi também.

Jinshi e Maomao olharam para a terra, agora bem distante. O navio não voltaria ao porto agora.

Eles ouviram gaivotas gritando acima. Maomao pensou ter visto, fracamente, a imagem do irmão de Lahan pairando no ar.

Algum tempo depois, eles finalmente souberam o nome do irmão de Lahan, ao mesmo tempo em que souberam que ele não estava no navio com eles. Quanto ao irmão de Lahan, de volta às terras ocidentais, ele ainda não havia percebido que havia sido deixado para trás.

# Notas do tradutor – The Apothecary Diaries vol. 12

**Uma palavra e uma oração**

Ó Senhor, você nos vê?
—Chue

Olá, e obrigado por ler The Apothecary Diaries volume 12! O arco do capitel ocidental pode estar chegando ao fim, mas vai nos dar mais uma chance de examinar um estudo de caso em tradução.

Neste volume, Chue ensina a Maomao uma linha das escrituras. Em japonês, diz: "Kami yo, watashi-tachi wo mite imasu ka?" Gramaticalmente, a frase é bem simples, mas fazê-la soar bem na tradução não foi, como sempre, uma tarefa fácil.

Vamos começar dividindo-a em forma clássica de lista de vocabulário. Todas as palavras nesta frase são comuns e usadas com frequência.

kami: deus, Deus ou deuses
yo: uma partícula enfática, quase como um ponto de exclamação verbal
watashi-tachi: nós, nós (literalmente, "eu" mais um marcador de plural)
wo: uma partícula que marca o objeto de uma frase; a palavra que vem antes de
wo é o objeto do verbo
mite imasu: presente progressivo (“-ing”) forma do verbo miru (“ver”)
ka: uma partícula interrogativa, semelhante a um ponto de interrogação verbal

A tradução desta frase gira em torno de dois pontos cruciais: a tradução de kami e de miru. Ambas as palavras são, novamente, comuns, mas a maneira como escolhemos representá-las em inglês afetará a maneira como o leitor as ouve em sua própria cabeça.
Como observado acima, kami é uma palavra comum, mas tem uma ampla gama de significados. É frequentemente associada a

divindades e espíritos xintoístas, mas foi apropriada para outras tradições; por exemplo, os cristãos japoneses às vezes

se referem a Deus como kami-sama. Aqui, a equipe de tradução teve que recorrer ao seu pensamento como leitores, porque a tradução adequada de kami neste caso está relacionada ao que sabemos do mundo de The Apothecary Diaries.

Sabemos que a capela em que Chue e Maomao se encontram está localizada no "oeste" e que a fé praticada ali parece ter vindo de mais a oeste ainda, talvez de Shaoh ou até mesmo de além. Na medida em que Li parece ser inspirado por pelo menos alguns elementos da China antiga, as terras a oeste podem corresponder a locais do Oriente Próximo, como a Pérsia. Ou seja, lugares com algum conceito de monoteísmo — algo que pode não ser nativo de Li, com base na variedade de cerimônias religiosas que vimos personagens como Jinshi realizarem.

Não estou sugerindo que podemos fixar paralelos exatos do mundo real para os vários países em The Apothecary Diaries, simplesmente que há boas razões para pensar que a religião associada a esta capela é monoteísta — e, portanto, há bons motivos para traduzir kami no singular. Certamente, alguém poderia simplesmente usar "Deus". Acabamos com "Senhor" por algumas razões. Uma era a sensação de que os praticantes dessa religião, seja ela qual for, podem preferir se dirigir à divindade com um título de honra em vez do nome da divindade — "Deus" soa um pouco direto, enquanto "Senhor" tem um tom mais respeitoso. A outra razão era uma metaconsideração: não importa como traduzíssemos essa linha, para leitores ingleses (especialmente os dos EUA), ela sempre flertaria com o som do título da pedra de toque cultural de Judy Blume para um romance para jovens adultos, Are You There, God? It's Me, Margaret. Escolher "Senhor" em vez de "Deus"

ajudou a diminuir essa semelhança pelo menos um pouco.
E quanto a miru, então? Em japonês, miru é o verbo básico de visão.
Corresponde a uma ampla gama de palavras em inglês, incluindo "look", "see" e "watch", entre outras. Aqui está no presente progressivo, indicando uma ação contínua. Portanto, a primeira coisa que me veio à mente foi "Você está nos observando?" — uma construção progressiva mais natural em inglês do que, digamos, "Você está nos vendo?" ou mesmo "Você está olhando para nós?". No entanto, "Você está nos observando?" tem um certo tom de "Big Brother", enquanto o japonês claramente envolve não apenas olhar, mas, por força de olhar, reconhecer a existência da coisa que é observada.
Foi por isso que sentimos que "ver" era uma escolha mais apropriada aqui, pois "ver alguém" tem uma gama semelhante de significados em inglês: não apenas reconhecer

visualmente que uma coisa está lá, mas (pelo menos em alguns contextos) reconhecer o significado de sua existência. Como observado acima, "Você está

nos vendo?" soa um pouco estranho, mas "Você nos vê?" é perfeitamente natural, ao mesmo tempo em que transmite a natureza ativa e contínua da visão. Finalmente, escolhemos capitalizar "Você" como uma forma de enfatizar o caráter possivelmente monoteísta dessa fé. Esta é apenas uma dica para o leitor, é claro, já que, em princípio, o Y maiúsculo não soa diferente de y quando falado em voz alta. Foi assim que chegamos à nossa tradução: "Ó Senhor, você nos vê?" É uma frase simples com uma textura complexa, espero que seja tão bem compreendida em inglês quanto em japonês.
Até a próxima, leia bastante e divirta-se!

Tradução feita por fãs